



SINGED SERIES
BOOK ONE

BITTER HEAT

MIA KNIGHT



Tradução: Ari
Revisão: Dani
Formatação: Skye

Aviso

Essa tradução é realizada pelo grupo Serpents Wildbooks. Nosso grupo não possui fins lucrativos, este é um trabalho voluntário e não remunerado.

Traduzimos livros com o objetivo de acessibilizar a leitura para aqueles que não sabem ler em inglês, sendo esses livros sem previsão de publicação no Brasil.

Nós não aceitamos doações de nenhum tipo e proibimos que nossas traduções sejam vendidas!

Também deixamos expresso aqui que, caso algum dos livros lançados sejam comprados por editoras no Brasil, o livro em questão será retirado do nosso acervo.

Não faça distribuição dos livros em grupos abertos, blogs e/ou Tik Tok.

Estejam cientes que o download é exclusivo para uso pessoal e privado!

Índice

Sinopse

Ela era a madeira. Ele era a chama. Depois disso, eles seriam cinzas.

Uma reviravolta cruel do destino deixa Jasmine Hennessy presa em uma cabana remota com seu pior pesadelo — seu ex-marido, James Roth, que ela não vê há cinco anos. Ele não está agindo como o homem com quem ela se casou, mas ela realmente o conheceu?

Uma noite juntos dá início a uma série de eventos que ameaçam sua liberdade enquanto Roth busca vingança contra aqueles que o arruinaram sete anos atrás. Ele está determinado a trazê-la de volta ao mundo que ela deixou para trás, onde o dinheiro é rei, a reputação é tudo e as pessoas matam para manter seus segredos.

Capítulo 1

“ Jasmine ?”

Ela se virou de sua contemplação do mundo nevado lá fora para ver que Kaia estava finalmente acordada. A mulher mais velha estava deitada em uma cama de hospital. Os cabelos grisalhos em suas têmporas estavam úmidos de suor, e sua figura robusta parecia ter encolhido no intervalo de seis horas. Uma bandagem grossa aparecia na parte superior de sua camisola de hospital, cobrindo uma incisão recente no meio de seu peito. Jasmine foi até o lado de Kaia e agarrou sua mão.

"Como você está se sentindo?"

Kaia fez uma careta. "Como se eu tivesse levado um coice no peito de um cavalo."

Sua boca se curvou em um sorriso pálido. "Você passou pela cirurgia como uma campeã. Tudo vai ficar bem agora."

Os olhos de Kaia brilharam com lágrimas. "Quais são as chances de que depois de todos esses anos pedindo para você me visitar, na primeira vez que você vem, eu tenha um ataque cardíaco?"

Ela bloqueou a imagem mental de como havia encontrado Kaia esta manhã. "Era para ser, eu estou aqui para ajudar."

Kaia procurou seu rosto. "Você está bem?"

Ela soltou uma risada abafada. "Você está me perguntando isso? Você é quem fez uma cirurgia de coração aberto."

"Jasmim."

A voz simpática de Kaia fez seus olhos arderem. Ela desviou o olhar e limpou a garganta. "Estou bem. Só estou feliz que você esteja bem."

"Eu sei que você deveria voltar para Nova York, mas você pode ficar um pouco mais?"

O pânico que a perseguiu o dia todo subiu pela garganta dela e ameaçou sufocá-la. "Eu faria, mas..." Ela encontrou o olhar suplicante de Kaia. "Eles o chamaram."

As sobrancelhas de Kaia se franziram.

"Não posso estar aqui quando ele chegar." Apesar de seus melhores esforços para manter sua merda sob controle, suas palavras começaram a tropeçar umas nas outras. "Já faz cinco anos. Não posso... Se ele me vir, ele vai—"

Kaia agarrou sua mão com uma força surpreendente. "Ele não virá."

Ela piscou. "Do que você está falando? Claro que ele vai."

"Ele não vai." Kaia fechou os olhos como se não conseguisse mantê-los abertos nem mais um segundo. "Você sabe que nunca fomos próximos."

Ela sabia. Foi a única razão pela qual decidiu vir em primeiro lugar. "Tenho certeza de que quando ele ouvir que você teve um ataque cardíaco..."

"Ele me visitou uma vez desde que foi para a faculdade. Ele não vai voltar, nem para uma emergência. Prometa que vai ficar, pelo menos até eu me recuperar."

Ela não podia negar Kaia quando ela parecia tão assustada e frágil. "Ok, eu vou ficar."

O alívio de Kaia era óbvio quando ela se remexeu nos travesseiros e soltou um suspiro de dor.

"Você precisa de uma enfermeira?" ela perguntou enquanto corria para o botão de chamada.

"Não, não," Kaia murmurou. "Estou bem. Você deveria ir embora agora antes que a neve piore."

Automaticamente, seu olhar voltou para a janela. Flocos brancos flertavam com o vidro fosco antes de caírem inocentemente. Duas horas atrás, ela ligou para a única pousada da cidade, mas estava lotada. Ou

ela tinha que voltar para a remota cabana de Kaia na montanha ou dormir no hospital. Ela não gostava de nenhuma das opções.

“Senhora?” Uma enfermeira apareceu na porta. “O horário de visita acabou. Você pode voltar amanhã.”

Ela assentiu e olhou de volta para Kaia para ver que ela tinha adormecido. Quando ela se abaixou e beijou a bochecha envelhecida de Kaia, a mulher mais velha fez um som urgente e estendeu a mão para ela.

“Ela vai ficar bem”, disse a enfermeira quando ela hesitou. “Foi um longo dia para vocês duas. Vocês deveriam descansar um pouco.”

Jasmine saiu do quarto com as pernas trêmulas que a levaram para além das portas da UTI. Ela se encostou na parede, fechou os olhos e soltou um suspiro trêmulo. Tinha sido um dia longo e exaustivo, mas tinha acabado. Kaia ficaria bem. Era tudo o que importava.

Ela estava tão esgotada que mal conseguia pensar. Enquanto estava ali, tentando descobrir o que fazer em seguida, o som de um soluço abafado capturou sua atenção. Várias portas abaixo, um médico tentava consolar um homem que tinha lágrimas escorrendo pelo rosto. O desespero impotente do homem fez seu coração bater forte no peito. Suas emoções aumentaram, mas ela as reprimiu implacavelmente e voltou sua atenção para uma enfermeira empurrando um velho cacarejante em uma cadeira de rodas pelo corredor. Ela seguiu o progresso deles até que a enfermeira alterou seu curso para evitar um homem grande parado no meio do corredor. Seu olhar se voltou para o homem, voltou para a enfermeira e então voltou para ele. Ela estava longe demais para distinguir as feições do homem, mas não precisava. Seu sexto sentido lhe disse quem ele era — seu pior pesadelo. Ela se afastou da parede e seguiu na direção oposta em um ritmo rápido até dobrar a esquina. Mesmo quando sua mente lhe disse que ela estava exagerando, ela começou a correr.

Um grupo de enfermeiras ao redor de uma mesa olhou para cima enquanto ela passava rapidamente. Uma delas a chamou, mas ela não parou. Ela desviou da equipe médica, correu por corredores desertos e empurrou as portas duplas. Ela não parou até chegar a um corredor escuro.

Quando ela derrapou até parar, as luzes piscaram, revelando uma ala em construção com lonas plásticas no chão, um andaime e baldes de tinta alinhados contra a parede. Ela se abaixou e colocou as mãos nos joelhos enquanto ofegava. Talvez não fosse ele. Os únicos detalhes que ela conseguia discernir daquela distância eram um homem grande com cabelo escuro. Isso foi o suficiente para fazê-la disparar. Deus não seria cruel o suficiente para adicioná-lo em cima de todo o resto, seria?

“Ainda está fugindo de mim, Jasmine?”

Aquela voz muito familiar reverberou em seus ouvidos. Deus *era* cruel pra caralho. Em todos os diferentes cenários em que se enfrentaram, um corredor de hospital deserto nunca passou pela sua cabeça. Nos melhores cenários, ela estava em uma festa parecendo um milhão de dólares nos braços de um homem que não conseguia tirar os olhos dela. Em vez disso, ela estava vestida com uma velha camiseta da faculdade e jeans, não tinha um pinga de maquiagem e não tinha escovado o cabelo antes de levar Kaia às pressas para o hospital.

“Fingir que não existo não vai funcionar.”

A provocação a fez se virar, mas ele estava mais perto do que ela esperava. Ela teve que se impedir de recuar diante do tamanho dele. Seu tamanho a fazia se sentir feminina, delicada e protegida antes, mas aqueles dias já tinham acabado. Se não fosse pelo terno por baixo do sobretudo aberto, ele poderia ser

confundido com um jogador de futebol, um peão de fazenda ou um trabalhador da construção civil. Suas roupas eram sob medida, uma indicação de quão longe ele havia chegado na vida. Mas apenas se ela estivesse vivendo em uma caverna e não tivesse visto seu rosto estampado em revistas ou no noticiário. O sucesso de James Roth foi bem documentado pela mídia, que não se cansava de sua história de pobreza à riqueza.

Os olhos dela se ergueram e colidiram com os dele, um preto líquido deslumbrante que capturou seu interesse desde o início. Ele era racialmente ambíguo com características fortes da origem nativa americana de Kaia e seu pai alemão e dinamarquês. A barba cheia era nova, assim como o mais leve toque de prata em seu cabelo, embora ele não tivesse chegado aos quarenta. Apesar de sua aparência refinada, algo nele ainda era áspero nas bordas. Antigamente, esse poder bruto a atraía para ele, mas agora, ela examinava seu ex-marido através de um conjunto de olhos cansados. Ele era absolutamente assustador. O que diabos seu eu de vinte e três anos estava pensando? Roth não era o tipo de homem que ela queria encontrar em um beco escuro... ou em um corredor deserto.

“Você é a última pessoa que eu esperava ver aqui.”

O tom desapaixonado dele a tirou do horror atordoado. Fazia cinco anos desde que ela o viu, e isso era tudo o que ele conseguia dizer? O peito dela queimava de raiva, mas ela guardou e vestiu a máscara que havia cultivado aos olhos do público quando era criança. Se ele quisesse bancar o frio e não afetado, então ela faria o mesmo.

“Eu poderia dizer o mesmo sobre você.” Foi preciso um esforço considerável para soar tão blasé quanto ele, mas ela conseguiu. “Kaia não achou que você viria.”

“O que você está fazendo aqui, Jasmine?”

“Visitando.”

Os olhos dele se estreitaram. “Desde quando você e minha mãe são tão próximos?”

“Eu sempre mantive contato com ela, mesmo depois de...” Ela parou de falar e deu de ombros. “Eu ligo para ela de vez em quando para saber como ela está. Ela sempre me convida para uma visita, mas essa foi a primeira vez que aceitei. Estou feliz por ter estado aqui por ela hoje.”

Ele não respondeu. Ele apenas ficou ali, olhando para ela. Ela conhecia as táticas. Seu pai era um mestre manipulador, afinal. Roth estava tentando intimidá-la com seu silêncio. Não ia acontecer. O choque inicial de vê-lo a fez perder a cabeça, mas ela estava no controle agora, e ela poderia lidar com ele.

“Por mais que eu queira participar de uma competição de encarar, tenho lugares para estar”, ela disse alegremente. “A única razão pela qual ainda estou aqui é porque Kaia não achou que você viria, mas você está aqui agora, então eu vou...”

Ela deu um passo para o lado e congelou quando ele se moveu com ela. Ela o encarou por um momento antes de dar outro passo. Novamente, ele se moveu para bloqueá-la.

“Roth”, ela disse em tom de advertência.

“Você sabe quanto tempo eu esperei por esse momento?”

O tom sussurrante dele arranhava os nervos tensos dela como uma lixa.

Ela recuou. “Eu não vou jogar esse jogo com você.”

Ela procurou desesperadamente por uma estratégia de saída enquanto ele invadia seu espaço.

“Quem disse que estou jogando um jogo?”

“Você está sempre jogando um jogo! Tudo o que você faz é calculado. Você é um mestre do xadrez, conduzindo as pessoas para onde você quer antes de tirá-las.”

“Algumas pessoas acham que a vida é um jogo. Eu sempre soube que é uma guerra.”

Seu controle quebrou quando ela tropeçou no plástico sujo coberto de respingos de tinta. “Foda-se, Roth! Saia do meu caminho.”

“Seu rosto está em todos os noticiários desde que seu pai morreu.”

Ela parou de repente, as mãos se fechando em punhos ao lado do corpo. “Não fale sobre meu pai.”

Ele inclinou a cabeça para o lado, sentindo o cheiro de sangue como o predador que era.

“Você resolveu as coisas com ele, não é?”, ele perguntou suavemente.

“Não é da sua conta”, ela disse com os dentes cerrados.

“Ah, acho que sim.”

Ela não estava preparada para a mão que envolveu sua garganta ou para a maneira como ele a puxou para cima, forçando-a a ficar na ponta dos pés. Seu coração disparou em sua garganta enquanto ela agarrava seu pulso enorme com ambas as mãos.

“Você acha que eu esqueci o que ele fez comigo?”

O tom clínico dele fez os pelos da nuca dela se arrepiarem.

“Isso foi há sete anos.”

Sua expressão impassível derreteu-se em uma de fúria selvagem. “Ele continuou até o dia em que morreu, porra.”

Ela não queria acreditar. “Não, ele—”

Os dedos dele apertaram a garganta dela, interrompendo sua negação. Ele se inclinou, tão perto que seus lábios estavam a meros centímetros de distância.

“Você está me chamando de mentiroso, princesa?”

A energia maligna que emanava dele fez suas têmporas latejarem.

“Se você não me deixar ir, eu vou gritar.”

“Faça isso”, ele convidou com um sorriso frio que não alcançou seus olhos. “Tenho certeza de que suas irmãs adorariam ver nossos nomes ligados na mídia.” Ele se inclinou e pressionou seus lábios contra a orelha dela. “Você não está em Nova York com seus guarda-costas ou sua família para se esconder atrás. Você está no Colorado no meio de uma tempestade de neve sem ter para onde ir. Não me provoque.”

A ameaça combinada com sua respiração quente soprando sobre a concha de sua orelha a fez estremecer. Sua barba raspou contra sua bochecha quando ele se afastou. Sua proximidade, o aperto firme em sua garganta e a determinação em sua expressão embaralharam seus pensamentos. Ela não era páreo para ele, e o brilho satisfeito em seus olhos lhe disse que ele sabia disso. Enquanto ela tentava pensar em uma maneira de sair disso, seus olhos se desviaram dos dele e pousaram na cicatriz em seu lábio superior. A barba cobria outra cicatriz em sua bochecha, mas ela ainda podia ver a ponta dela aparecendo na parte inferior de sua mandíbula.

“Ele subornou você para me deixar?”

O olhar dela voou de volta para o dele. “O quê?”

Um músculo se apertou em sua mandíbula. “Ele prometeu te dar sua herança se você me deixasse?”

Ela estava tão atordoada que não conseguia nem responder. Ela observou emoções turbulentas passarem pelo rosto dele e viu o lampejo de impaciência antes que os dedos dele apertassem sua garganta.

“Responda-me”, ele disse, palavras cheias de ameaça.

As unhas dela cravaram no pulso dele. O aperto dele na garganta dela estava quase machucando. Ele não estava machucando ela. Ainda.

“Foda-se, Roth.” Ele a enganou tão mal que, mesmo agora, a vergonha de saber o quão ingênua ela tinha sido a consumia. Ele queria lembrar os velhos tempos? Foda-se.

“Eu não estou brincando, Jasmine. Responda-me.”

Ela deu um soco no peito dele. Não havia muito poder por trás disso, mas ela ainda esperava alguma reação. Ele não lhe deu nenhuma. Ele apenas a observou com olhos que pertenciam a um ceifador. Ela queria gritar na cara dele e dar uma joelhada nas bolas dele, mas era impossível com o jeito que ele a segurava.

“Não, ele não me subornou”, ela disse com os dentes cerrados.

“Então por quê?”

“Eu não quero falar sobre isso!”

“Você vai,” ele decretou. “Ninguém está aqui para te salvar de mim.”

“Eu te deixei porque me recusei a ser mais um peão!”

“É isso que você acha?” ele perguntou enquanto seus olhos se moviam sobre o rosto dela.

“É o que eu sei.”

“Você não sabe de nada.”

“Se você não me deixar ir, juro por Deus que vou—”

Ele a empurrou para trás. Ela caiu contra a parede com força suficiente para fazê-la grunhir. Sua mente ficou em branco com o choque quando ele colocou seu corpo duro como pedra contra o dela. Sua jaqueta fofa a impediu de descobrir se ele ainda tinha abdômen, mas seu jeans e roupa íntima térmica não fizeram nada para protegê-la de sua metade inferior. Ele soltou seu pescoço e deslizou sua mão em seu cabelo emaranhado. Agarrando-o, ele forçou sua cabeça a inclinar para o lado, expondo sua garganta para ele. Uma coxa grossa pressionada entre suas pernas, forçando-as a se separarem.

“Roth, pare!”

Ele a mordeu. Enquanto sua mente processava a dor, seu grito estridente ecoou pelo corredor. Ela levantou a mão para arranhar o rosto dele, mas ele agarrou seu pulso e o puxou para baixo enquanto chupava forte o suficiente para fazê-la se debater contra ele. A nuca dela era uma zona erógena que ele havia descoberto no início do relacionamento. Ele recuperou o local como se não estivessem separados há anos. A mão livre dela se torceu em seu terno enquanto seus olhos se fechavam e seu corpo pegava fogo.

“Não”, ela sussurrou com a voz rouca.

Ele segurou a bunda dela e a puxou para cima da coxa, criando uma fricção que a fez sibilar.

“Se você não tivesse corrido para seu pai, você ainda seria minha.”

A raiva e o ressentimento que ela sentia por ele desmoronaram sob uma onda de luxúria. Ela estremeceu contra ele como uma viciada, alternadamente querendo arrancar seu rosto enquanto também ansiava por senti-lo dentro dela. Ele daria a ela aqui, agora mesmo — áspero, sujo, cru — do jeito que ela precisava. Ela veio para o Colorado para deixar tudo para trás e esquecer só por um tempinho. Roth a

deixaria tão saciada que ela não sentiria nada. A química deles tinha sido explosiva desde o começo, mas ela tinha sido inocente demais para saber como combater o que estava acontecendo entre eles. Ele usou a curiosidade dela para apresentá-la a fantasias obscuras e eróticas que nenhum Hennessy que se preze deveria ter.

Fios do cabelo de Roth roçavam em seu queixo. Ele estava usando colônia, algo familiar que ela sentiu no funeral. Roth nunca costumava usar colônia ou ternos sob medida e era mais propenso a usar botas de trabalho com jeans e uma camisa de botões. No começo, seu pai se divertiu com a recusa de Roth em se conformar. Isso foi antes de ele descobrir sobre o caso deles. Ela pensou que estava indo contra a corrente ao se casar com um homem que não tinha nascido em seus círculos, mas ela estava errada. Roth era tão implacável quanto seu pai. Levou apenas alguns anos para que ele se desse ao luxo de se vestir e cheirar como os homens do calibre de seu pai.

Quando ela ficou sem ossos, ele rosnou em aprovação. Ela o queria tanto que podia sentir o gosto dele na boca. Corpo e mente entraram em choque. Ela tinha que parar com isso antes que cometesse um erro monumental do qual se arrependeria. O que seu pai pensaria se pudesse vê-la agora? Isso acabou com sua excitação e trouxe de volta toda a merda que ela estava tentando esquecer.

“Você tem que parar”, ela sussurrou.

Ele a ignorou e se aproximou mais. Ela estava perdendo a luta. Em um último esforço para manter um resquício de seu amor-próprio, ela proferiu a única coisa que sabia que causaria uma reação dele.

“Jamie, por favor.”

Ele ficou rígido contra ela e levantou a boca de sua pele. Dizer seu apelido evocou memórias que ela havia enterrado há muito tempo. Ninguém tinha permissão para chamá-lo pelo primeiro nome, então ela lhe deu um apelido ridículo e o provocou impiedosamente sobre isso. Isso parecia ter acontecido há uma vida.

“Eu quero ir para casa,” ela sussurrou, a voz grossa de lágrimas enquanto suas emoções a dominavam. Semanas de estresse a pegaram, deixando-a esgotada e lutando para manter a compostura. Era demais.

A coxa entre suas pernas recuou tão abruptamente que ela tropeçou como um potro recém-nascido. Antes que ela pudesse encontrar o equilíbrio, uma mão robusta algemou seu pulso e começou a arrastá-la de volta pelo caminho que ela tinha vindo.

“O que você está fazendo?”

“Temos que ir embora agora antes que fiquemos presos na neve.”

Ela arrastou as botas contra os ladrilhos em um esforço para atrasá-lo. “Eu não vou a lugar nenhum com você!”

“O aeroporto está fechado até amanhã, não há onde ficar na cidade, e a neve está caindo grossa e pesada. Vamos para a cabana.”

“Você pode ir para a cabana. Eu vou ficar aqui.”

“Eles vão te expulsar.”

“Vou dormir na sala de espera.”

“E a chance de ser reconhecido? Uma foto como essa pode acabar na primeira página de amanhã. Já consigo ver a manchete: Herdeira sem-teto de Hennessy.”

“Eu não me importo!” Ela culpou seu tom lamentável pelo fato de que aquele tinha sido um dia infernal. “Quem você pensa que é? Você não pode—”

“Eu posso fazer o que eu quiser.”

“Não comigo!”

“Vamos ver sobre isso.”

Ela teve uma vontade louca de pular nas costas dele e bater na cabeça dele. “Por que você está aqui? Kaia não esperava que você viesse.”

“Eu não ia, mas decidi ser um bom filho pela primeira vez na vida.” Ele lançou a ela um olhar ilegível. “Nunca pensei que encontraria minha esquiva ex-esposa. Acho que essa viagem não foi à toa.”

“Como você pode ser tão frio?” Ele nem se deu ao trabalho de agir preocupado com Kaia. “Sua mãe teve um ataque cardíaco! Você nem me perguntou como ela está!”

“Fui informado de que ela sobreviveu à cirurgia.”

“E isso é informação suficiente para você?”

“Sim.”

“Você deveria ser grato por ter uma mãe que se importa com você.”

“Você acha?”

“Sim! Ela é uma mulher doce que vive sozinha nas montanhas. Ela disse que você só visitou uma vez desde que saiu de casa.”

“Por um bom motivo.”

Ele virou a esquina, arrastando-a descaradamente atrás de si. Uma enfermeira saiu de um quarto com um prontuário na mão e parou de repente quando os viu.

“Briga conjugal”, Roth disse com uma facilidade que a chocou.

“Estamos divorciados!” Jasmine retrucou e finalmente levantou os pés porque o barulho horrível que seus sapatos faziam no piso acordaria todos os pacientes no chão.

“Roth, me deixe ir!”

“Você tem medo de mim?”

Sim. “Não!”

“Então com o que você tem que se preocupar? Amanhã, voltaremos para a cidade, e você pode ir embora.”

Uma noite. Algumas horas... Ela poderia fazer isso, certo?

Roth parou no balcão da UTI. A enfermeira que lhe disse que o horário de visita havia acabado olhou para cima com uma carranca, mas sua expressão mudou quando ela deu uma boa olhada nele.

“Posso ajudar?” ela perguntou.

“Minha mãe é Kaia Roth”, ele afirmou.

A enfermeira olhou para Jasmine antes de dizer: “Ela está descansando. Você pode voltar amanhã. Discutiremos os cuidados que ela vai precisar nas próximas semanas.”

Ele assentiu e continuou pelo corredor. Ela tentou bolar um plano, mas sua mente estava assustadoramente em branco. Ele a puxou para dentro do elevador. Quando as portas se fecharam, ela olhou para o reflexo delas. Ele se elevava sobre ela, ricamente vestido e intimidador em suas roupas finas, enquanto ela parecia uma adolescente suja.

“Não consigo fazer isso”, ela disse.

"Você pode."

“Tudo bem. Eu não *quero* fazer isso.”

“Engula isso.”

O elevador parou, permitindo que um médico entrasse. Ela debateu se deveria pedir ajuda. Como se Roth pudesse ler sua mente, ele apertou seu abraço nela, um aviso claro para não testá-lo. Ela queria empurrar, mas estava muito cansada.

O elevador abriu no térreo. Ele a puxou para fora e parou em frente às portas duplas que levavam ao estacionamento.

“Chaves”, ele disse secamente.

"O que?"

Ele enfiou a mão por baixo da jaqueta dela e no bolso da calça jeans.

"Que diabos?" ela gritou e arranhou o pulso dele.

Ele segurou o olhar irado dela enquanto pescava. Os nervos dela estavam completamente destruídos quando ele retirou a mão e levantou as chaves da caminhonete de sua mãe. Ele sabia exatamente o que estava fazendo. O toque era uma ferramenta poderosa, e ele a estava usando impiedosamente contra ela, levando-a ao seu limite.

“Foda-se. Eu vou ficar aqui”, ela disse e se virou.

Ele passou um braço em volta da cintura dela e a levantou do chão. Ela uivou enquanto ele a carregava pelas portas duplas para a neve. A temperatura fria a deixou sem fôlego. Flocos brancos e fofos caíram em sua boca escancarada. Ele caminhou pesadamente pela neve até encontrar a caminhonete de Kaia, o que foi um feito e tanto, já que estava quase irreconhecível coberta de branco. Ele destrancou a porta do motorista e a empurrou para dentro. Ela rastejou pelo banco enquanto ele subia atrás dela.

“E-eu não vou a lugar nenhum com-com—” ela tagarelou.

“Cale a boca”, ele disse enquanto girava a chave na ignição e ajustava o assento para caber atrás do volante.

Quando ela alcançou a maçaneta da porta do lado do passageiro, ele agarrou sua jaqueta e a puxou para encará-lo. Suas respirações saíam em nuvens brancas e se chocavam no ar entre eles.

“Você me deve, Jasmine.”

Algo dentro dela estalou, e um momento depois, ele se sacudiu para trás. Tardamente, ela registrou que sua palma estava latejando e percebeu o que tinha feito. A pele escura dele não mostrava a marca da mão dela, mas a promessa de retribuição em seus olhos confirmou que ela o havia golpeado. Ela não se importava. Depois de um dia infernal de medo e preocupação, a intimidação dele a havia levado ao limite.

“Eu te devo uma?” Ela estava tão furiosa que mal conseguia falar. “E-eu terminei meu noivado por você! Eu fui deserdada e não falei com m-minha família por anos por sua causa! Eu desisti de *tudo* por você!”

Ela não percebeu que agarrou punhados do casaco dele ou que tentou sacudi-lo enquanto se desfazia.

“Você se casou comigo pelo meu nome. Você me *usou* .”

Sua voz quebrou enquanto o passado a enchia de mortificação e dor. Uma lágrima escorreu por sua bochecha, mas ela estava muito irritada para se importar que estava revelando um buraco em seu escudo

para um homem que se aproveitava da fraqueza.

“A única razão pela qual você me segurou foi para irritar meu pai. Vocês dois estavam envolvidos nessa batalha que não tinha nada a ver comigo, então eu fui embora. Você disparou depois do divórcio. Você é o magnata que sempre quis ser.”

Ela olhou para as próprias mãos enfiadas no rico tecido do sobretudo dele e as deixou cair.

“Eu não te devo nada, Roth. Você me custou tudo.”

Ela passou a manga sobre a bochecha e, mais uma vez, estendeu a mão para a maçaneta da porta. Um puxão firme em sua jaqueta lhe disse que ele não iria desistir.

“Vamos terminar isso na cabana”, ele disse sem inflexão.

“Não há nada para terminar”, ela disse para a janela fosca.

“Suas lágrimas dizem o contrário.”

“Foi um longo dia.”

“Você pode descansar quando chegarmos lá.”

Ela virou a cabeça e olhou para ele através das lágrimas. “Eu não quero ficar perto de você.”

“Que merda.” Ele engatou a marcha do caminhão. “Coloque o cinto.”

Capítulo 2

A pequena cidade do Colorado estava fechada durante a noite. As ruas estavam desertas, e havia halos alaranjados e nebulosos ao redor dos postes de luz enquanto a tempestade tentava engolir tudo em seu caminho. Ela ajustou as saídas de ar, embora o ar não esquentasse o suficiente para tirar o frio de seus ossos. A velha caminhonete de Kaia podia ter um motor que ainda estava forte, mas isso era tudo o que tinha a seu favor. O veículo carecia muito de confortos como aquecimento e assentos confortáveis. Ela levantou o capuz e inclinou o corpo para longe dele enquanto deixavam para trás todos os sinais de civilização e seguiam para a rodovia aberta.

Ela descansou a testa contra a janela fria e fechou os olhos. Sua viagem impulsiva para o Colorado estava se tornando um desastre. Ela não podia dizer que foi um fracasso completo, já que ela havia salvado a vida de Kaia, mas qualquer esperança de ganhar um pouco de paz interior sobre a morte prematura de seu pai havia desaparecido. A proximidade de Roth a irritava, lembrando-a de quão crédula e ingênua ela tinha sido.

Ele te subornou para me deixar?

Enquanto a pergunta dele ecoava em sua mente, ela se perguntou que jogo ele estava jogando. Ele sabia exatamente o que a fez ir embora. Aquela noite em Londres tinha se repetido em sua mente em um loop infinito pelos últimos cinco anos. Ela podia citar cada palavra que ele havia dito naquela noite. Estava marcado em sua alma. Naquela noite, ele não destruiu apenas o casamento deles, mas ela também. Ela foi embora desiludida, humilhada e uma casca de ser humano. Ela passou os anos desde então meticulosamente se recompondo, fortalecendo seus escudos para que nenhum homem pudesse usá-la como ele tinha feito... e

levou minutos para ele destruir esse progresso. Ela nunca havia cogitado um cenário em que ele a prendesse contra a parede e a mordesse. Ela estremeceu, e dessa vez, não era de frio. Como aquele maldito calor entre eles ainda poderia estar queimando? Depois de tudo que ele tinha feito com ela, como ela poderia sentir algo por ele além de raiva e ressentimento? Ela não esperava que ele também estivesse com raiva. Roth era frio como pedra e sempre estava no controle, mas hoje ele demonstrou mais emoção do que ela já tinha visto, exceto na noite em que o deixou.

Sete anos atrás, Roth abalou seu mundo perfeito até o âmago quando a convenceu a apostar nele. Quando seus olhos se encontraram pela primeira vez, algo se acendeu dentro dela, reconhecendo-o como alguém especial e único na vida. Que monte de besteira. Ela estava tão loucamente apaixonada por ele que desistiu de tudo — sua família, direito de nascença e noivo. Roth era um tornado, aparecendo do nada e arrastando-a para seu mundo antes de desaparecer, deixando-a espalhada em pedaços. O casamento deles durou pouco e foi cheio de escândalos públicos e traumas emocionais. Graças ao fato de Roth ter alcançado recentemente o cobiçado status de bilionário, seus nomes ligados em qualquer capacidade seriam notícia nacional. Ela queria evitar o escrutínio da mídia a todo custo e manter o escândalo onde ele pertencia — no passado.

O caminhão deu uma guinada para a direita, tirando-a de seus pensamentos e jogando-a contra a porta. Ela sibilou e sentou-se. Em algum momento, Roth havia saído da rodovia e agora estava navegando pela íngreme estrada da montanha. Os faróis refletiam na neve que caía constantemente ao redor deles, limitando sua visibilidade. Ela havia suado balas navegando pela estrada traiçoeira em plena luz do dia, então como ele conseguia fazer isso na calada da noite era incompreensível para ela. Ela agarrou o cinto de segurança enquanto o som da neve esmagando sob os pneus enchia a cabine. Ela se inclinou para frente, tentando desesperadamente ver através do branco rodopiante.

“Devíamos dar meia volta”, ela disse.

“Estamos bem”, ele disse em um tom plácido.

“Roth, está ficando mais pesado. Não consigo nem ver o guarda-corpo!”

“Eu tenho dirigido por esta estrada a minha vida toda. Eu conheço cada curva.”

“Você não vai para casa há anos”, ela disse com os dentes cerrados enquanto o caminhão avançava pela neve cada vez mais profunda.

“Silêncio.”

“Roth—” Seus dentes estalaram quando o caminhão balançou violentamente para a esquerda, quase a estrangulando com o cinto de segurança.

Ele trocou de marcha e desacelerou o caminhão para um rastreamento. Ela podia senti-lo flexionando sua vontade impenetrável enquanto eles subiam a montanha, determinados a chegar ao seu destino. Em uma parte distante de sua mente, ela sabia que voltar não era uma opção. Ela sentou-se muito quieta, cautelosa em distraí-lo. A estrada estreita e sinuosa mal era grande o suficiente para dois carros passarem um pelo outro e cheia de curvas fechadas e trechos onde nada os protegia de cair do lado. Os poucos guarda-corpos que existiam estavam mutilados ou faltando pedaços de carros que derraparam neles.

Quando o caminhão começou a deslizar, ela conteve um grito e se segurou com força. Roth virou para o deslizamento e quando os pneus encontraram tração, trocou de marcha novamente e seguiu em frente.

“Estaremos lá em breve.”

Ele parecia imperturbável e completamente no controle, e ela esperava que ele não estivesse fingindo. Ela o ajudou mentalmente a dirigir enquanto subiam. Sua ansiedade aumentou conforme a neve ficava mais pesada.

“Estou surpresa que você esteja aqui sozinho,” ela disse, incapaz de suportar o silêncio. Ela estava prestes a perder a cabeça.

“O que você esperava?”

“Assistente pessoal, guarda-costas.”

“Depende da natureza do meu negócio.”

“Não precisa trazê-los quando você vier visitar sua mãe doente?”

“Não.”

Ela lançou-lhe um olhar furioso e rangeu os dentes enquanto ele mudava de marcha novamente.

“Suas irmãs sabem que você está aqui?” ele perguntou.

Ela franziu os lábios e não respondeu.

“Eu não pensei assim.”

Ela envolveu os braços em volta de si mesma enquanto uma rajada de vento batia na caminhonete. Fios de ar gelado vazavam pelas janelas e acariciavam seu rosto.

“Era para ser uma viagem rápida. Eu não esperava nada disso”, ela disse, sua voz tremendo enquanto o ar que vazava das aberturas ficava consideravelmente mais frio.

“Você não deveria ter vindo aqui sozinha.”

“Por que?”

Ele olhou para ela, as luzes do painel deixando seus olhos com um verde assustador. “Agora você não tem ninguém para te salvar.”

“Não tenho medo de você.”

Sua atenção voltou para a estrada. “Diz a mulher que correu por um hospital para me evitar.”

“Você é a última pessoa que eu queria ver.”

“Eu percebi isso quando você correu para seu pai em vez de falar comigo.”

Ela abriu a boca para se defender.

“Nós conseguimos.”

Ela mal conseguia enxergar a cabana através da neve, que agora caía em camadas pesadas.

“Graças a Deus”, ela disse.

“Tenha cuidado. A neve é funda.”

Ele não estava errado. Quando ela saiu do carro, suas botas desapareceram no pó branco. Ela se preparou contra o vento gelado e seguiu o caminho que Roth fez até a varanda. Ela deu uma pisada rápida nos pés para tirar o máximo de neve possível antes de correr para dentro. Sua mão bateu no interruptor de luz. Nada aconteceu.

“Acabou a energia”, ele disse.

Isso foi um pesadelo. “O-o que vamos fazer?”

“Vou ligar o gerador.”

Ele levantou a gola do seu sobretudo estiloso, que definitivamente não foi feito para enfrentar esses elementos brutais, e bateu a porta ao sair. Ela tirou o telefone do bolso e ligou a lanterna. A cabana parecia

um freezer. Sua jaqueta grossa e roupa íntima térmica não ajudavam em nada contra a temperatura ártica. Por que ela pensou que vir para as montanhas era uma boa ideia? Ela cambaleou até a lareira, a respiração se materializando em uma pequena nuvem enquanto ela começava a acender o fogo do jeito que ela tinha observado Kaia fazendo. Ela jogou pinhas na lareira e fez um esforço para amassar jornais, mas suas mãos não estavam funcionando direito. Ela pegou o isqueiro e clicou algumas vezes antes que o papel pegasse fogo. Quando Roth voltou, ela estava adicionando lenha. Suas mãos trêmulas pairavam sobre as chamas escassas, tão perto que ela corria o risco de ser chamuscada.

Roth sacudiu uma quantidade considerável de neve e acendeu as luzes, o que fez com que a cabana parecesse mais um lar e menos uma caverna com correntes de ar.

“Ela não tem muito combustível para o gerador”, ele disse. “Temos o suficiente para fazer o aquecimento funcionar, mas não muito mais. Teremos que pegar mais quando formos para a cidade amanhã.”

Em vez de se aquecer perto do fogo, ele desapareceu no quarto da mãe, mas ela estava com frio demais para se importar com o que ele estava fazendo. Quando o gelo derreteu na frente dela, ela se levantou e virou as costas para o fogo. A casa de Kaia era um quarto em formato de A com um loft. A cabana era velha, mas Kaia era uma faz-tudo e fazia um bom trabalho em mantê-la. Uma parede de vidro deixava entrar o máximo de luz, e tinha vistas incríveis da cordilheira, que ela tinha visto em seu primeiro dia aqui. Não havia um pinga de neve quando ela chegou dois dias atrás, mas quão rápido tudo isso mudou. Parecia o auge do inverno em vez de outubro. A neve batia no vidro em redemoinhos furiosos enquanto o vento uivava ao redor da casa. Ela estava em um filme de terror. Cabana remota? Certo. Sem eletricidade? Certo. Estradas bloqueadas? Certo. Homem assustador com intenções duvidosas? Porra, cheque duas vezes. Ela deveria ter se arriscado no hospital.

Roth saiu do quarto da mãe com uma mochila sobre um ombro. Ele a jogou no chão antes de abrir uma porta sob as escadas, revelando um armário de armazenamento. Ele saiu com uma braçada de suprimentos, que incluíam um rifle, velas, lanternas e cobertores. Ele jogou tudo no sofá antes de se aproximar do fogo. Ela se afastou para o lado para não esbarrar nos ombros dele e bateu os pés porque suas pernas estavam dormentes.

“Você deveria mudar”, ele disse.

Embora ela detestasse ficar longe do fogo, ela entendeu que trocar suas roupas úmidas era imperativo. “Alguma chance de água quente?” ela perguntou e ficou satisfeita que seus dentes não estavam mais batendo.

“Sim.”

Ela ficou tão aliviada que o teria abraçado se ele não fosse um bastardo. Ela foi até o loft, que tinha uma cama e uma pequena área de estar, pegou roupas limpas e se trancou no minúsculo banheiro. Ela abriu a torneira até que estivesse quente e gemeu de alívio quando pisou sob o jato escaldante. Um banho quente depois deste dia agitado era exatamente o que ela precisava, embora assim que ela desligou a água e o vapor se dispersou, o frio começou a aparecer novamente. Antes que ela terminasse de passar loção nos braços, ela já estava tremendo de novo. O antigo sistema de aquecimento de Kaia levaria horas para aquecer a cabine. Ela choramingou enquanto se vestia com três camadas de roupa e saía do banheiro.

Roth sentou-se em frente à lareira com seu telefone. Pela sua expressão de desgosto, era óbvio que ele não tinha sinal. Não eram boas notícias. Ela foi até o loft e colocou seu gorro e luvas antes de mergulhar sob as cobertas. Estavam úmidas de frio. Ela enterrou o rosto na fronha gelada enquanto uma porta se fechava lá embaixo. Roth provavelmente precisava de um banho mais do que ela depois de estar na neve.

Ela se enrolou como uma bola e desejou que os lençóis aceitassem o calor do seu corpo, mas isso não estava acontecendo. Ela arriscaria a hipotermia em vez de sentar-se ao redor de uma fogueira com seu ex-marido. Conforme os minutos passavam, ela percebeu que sua roupa íntima térmica não estava fazendo nada. Na verdade, qualquer calor que ela recuperasse ao trocar para roupas secas estava evaporando. Quando ele saiu do banheiro, seus dentes estavam batendo.

“Jasmine, desça aqui!”

“E-eu estou—” Ela tentou dizer “bem”, mas isso estava além dela. Ela estava miserável. O som do vento assobiando só aumentou sua crença de que iria congelar até a morte.

Não havia porta para o loft, apenas uma grade que dava para o primeiro andar, então ela não recebeu um aviso. Em um minuto, ela estava tremendo sob as cobertas, e no próximo, ela estava sendo erguida no ar. Ela gritou e chutou antes que seu estômago pousasse no ombro dele.

“M-me coloque no chão!”

“Eu passei os invernos dormindo em frente à lareira”, ele disse enquanto a carregava para baixo e a colocava no sofá que ele havia movido para a frente da lareira. “Você vai congelar lá em cima.”

“Eu estava bem nas outras n-noites,” ela gaguejou enquanto estendia as mãos para as chamas.

“Nas outras noites, a cabine já estava quente e a temperatura não estava na casa de um dígito.”

Ela virou a cabeça para explodi-lo e piscou. O terno e o sobretudo elegantes tinham sumido, e em seu lugar estavam jeans manchados e gastos e uma jaqueta forrada de lã cáqui surrada com uma flanela xadrez por baixo. Roth passou de magnata a homem das montanhas tão rápido que ela ficou sem palavras. Enquanto examinava a roupa, que incluía botas de neve bem gastas, ela teve que admitir que isso era mais impressionante para ela do que qualquer terno feito sob medida. Ela cresceu em torno de ricos empresários. Ela conhecia a colônia que eles usavam, as mulheres com quem se casavam, os carros em que eram conduzidos e o que os fazia funcionar, mas nada disso a interessava. Ela tinha uma apreciação por qualquer um que trabalhasse com as mãos, e as roupas práticas e sem frescuras eram mais intrigantes para ela do que qualquer terno de dez mil dólares.

“Onde você conseguiu essas roupas?” ela perguntou.

“Eles eram do meu pai.”

“Achei que você tivesse dito que ele faleceu quando você era criança.”

“Ele fez”, ele disse enquanto se sentava no sofá ao lado dela.

“Kaia guardou as roupas dele todos esses anos?”

“Sim.”

Ela se afastou para que não se tocassem. No entanto, ela sentiu um cheiro dele e uma estranha agitação. Ele tinha usado o sabonete líquido de orquídea negra dela. Por que ele não tinha usado o sabonete Irish Spring da mãe? Apesar do fato de que ele usou um produto feminino, uma corrente oculta de cedro e sempre-viva mudou o cheiro para algo masculino e atraente.

“Diga-me o que aconteceu hoje.”

Ela enrolou uma colcha velha em volta dos ombros. “Esta manhã, ela estava fazendo pão de milho. Tomei um banho e, quando saí, ela estava de bruços no chão.”

A lembrança do terror que sentiu quando encontrou Kaia a fez se mexer inquieta. Era semelhante a como ela encontrou seu pai. O dia todo, ela andou de um lado para o outro na sala de espera do hospital, preparada para mais notícias ruins. O fato de Kaia ter sobrevivido foi nada menos que um milagre.

“Eu sabia que levaria muito tempo para uma ambulância chegar. Não sei como fiz isso, mas consegui pegá-la e colocá-la no caminhão”, disse ela.

“Adrenalina.”

Ela assentiu. “Eu não sabia se era um derrame ou ataque cardíaco. Ela mal conseguia falar. Estava nevando, e eu não conseguia enxergar muito bem. Não dirijo um carro com câmbio manual há anos. Fiquei preocupada que não chegaríamos lá a tempo...” Ela estremeceu e puxou a colcha mais perto de si. “Quando chegamos lá, me disseram que ela precisava de uma cirurgia de coração aberto.”

Quando o som do vento aumentou para um rugido, ela encolheu os ombros como se isso pudesse protegê-la da tempestade. Dois dias atrás, ela viu a neve cair com um sorriso no rosto. Na época, ela interpretou isso como um sinal de que tudo ficaria bem. Coisas ruins aconteciam, mas as estações ainda mudariam, e ela tinha que se mover com isso. Agora, o branco implacável a fazia estremecer. Se ela tivesse tentado voltar para a cabana sozinha, ela teria congelado até a morte. Ela não sabia nada sobre geradores e teria se encolhido em frente à lareira, rezando para não sofrer queimaduras de frio.

“Você manteve a cabeça fria e fez o que tinha que fazer.”

Ela olhou para ele por cima da borda da colcha, então rapidamente desviou o olhar. As roupas e a luz quente brincando sobre seu rosto o faziam parecer mais acessível e pé no chão, o que era uma mentira danada.

“Era para eu estar aqui quando ela precisasse de alguém”, ela disse.

“Você salvou a vida dela.”

O calor que se dane. Ela se levantou, incapaz de suportar a proximidade dele ou sua tentativa de bancar o filho grato. Nem uma hora atrás, ele havia admitido livremente que não tinha certeza se viria em auxílio de Kaia, apesar do fato de ela ter tido um ataque cardíaco. Ela não seria manipulada para sentir o que ele quisesse.

“Aonde você vai?” ele perguntou.

“Comida”, ela retrucou enquanto se dirigia para a cozinha com a colcha enrolada em volta dela como uma capa.

Ela ligou o fogão a gás e encheu uma chaleira com água quente. Por que não pensou em fazer chá antes? Ela abriu o forno, que se lembrou de desligar depois de colocar Kaia na caminhonete, graças a Deus. Ela foi forçada a tirar a colcha para poder fatiar o pão de milho. Roth apareceu na entrada, mas ela o ignorou e trocou a chaleira barulhenta por uma panela de chili. Ela fez duas xícaras de chá de hortelã, mas não ofereceu a segunda a ele. Ela deixou no balcão e foi mesquinha o suficiente para dar a ele a caneca mais castradora que Kaia tinha — um urso bobo e sorridente. Ele teve que tomar goles entre duas orelhas redondas. Ela não tinha certeza se a masculinidade dele aguentaria o golpe, mas isso não era problema dela. Ela tomou seu primeiro gole e foi inundada de calor. Felicidade.

“Você recebeu sua herança ou ele te enganou no final e te deixou sem nada?” ele perguntou, interrompendo seu momento de tranquilidade.

Os olhos dela cortaram para ele por cima do copo. Ele se encostou na parede, composto e à vontade com a caneca de urso na mão. Ela ficou irritada ao ver que, combinada com a roupa dele, a xícara não parecia tão ridícula quanto ela esperava. Ela ignorou a pergunta e mexeu o chili.

“Você não gostou dos termos do fundo dele”, ele supôs quando ela não respondeu. “Você não recebeu sua parte, embora tenha voltado e interpretado a filha perfeita. É por isso que você veio para o Colorado. Você está foragida de novo.”

O maxilar dela doía de tanto cerrar os dentes. Ela cometeu um erro monumental quando confiou suas esperanças e medos a ele. Ela lhe entregou todas as armas que ele precisava para dissecá-la e manipulá-la.

“Não é de se espantar que ele tenha cortado você. Maximus é o bastardo mais frio que eu conheço,” ele disse.

Ela se virou para encará-lo com uma colher de pau coberta de chili na mão. Ela a empurrou na direção dele e não se importou que o chili respingasse no chão. “Não fale dele desse jeito!”

Ela levantou a colher quando ele se aproximou. Ele parou um pouco fora do alcance do golpe e colocou a caneca vazia de urso no balcão com uma finalidade que ela não gostou. Quando ele se inclinou para frente, ela se preparou para bater nele, mas ele não tentou alcançá-la. Em vez disso, ele a espetou com olhos que brilhavam com raiva acumulada.

“Seu pai não era nenhum santo”, ele disse.

“Eu sei que.”

“Ele publicamente te renegou e humilhou.”

“Meu noivado rompido arruinou sua parceria com Parker Baldwin. Ele perdeu milhões.”

“Não dê desculpas para ele.”

“Estou acostumada com os negócios em primeiro lugar.” Ela lhe lançou um olhar penetrante. “Eu acho que você, mais do que ninguém, entenderia isso.”

Eles se entreolharam, o passado pulsando no ar entre eles.

“Meu pai mudou”, ela disse calmamente.

“Duvido disso.”

“Ele fez, mas não importa agora. Ele se foi.”

“Está apenas começando”, ele rebateu. “Vamos ver como Colette e Ariana lidam com Hennessy & Co sem a orientação dele.”

Ela levantou o queixo. “Minhas irmãs estão cuidando da empresa há anos. Elas ficarão bem.”

“Ele não deixou uma parte da Hennessy & Co para você?”

Ela franziu a testa. “Por que ele faria isso? Não estou envolvida na empresa desde os meus vinte e três anos.”

“Isso não significa que você não saiba de nada.”

Ela levantou uma sobrancelha. “Não foi você quem me disse que eu não era boa em negócios?”

“Você tinha a mente certa, não o coração certo.”

“O que diabos isso significa?”

Ele apontou para ela. “Bem ali.”

"O que?"

"Muita emoção."

Ela ficou surpresa que a colher de pau não quebrou sob a pressão que ela exerceu. "Você também não é tão sóbrio."

"Depende do tópico."

"Certo." Negócios e sexo eram as únicas coisas que o faziam mostrar suas verdadeiras emoções. Todo o resto não piscou em seu radar.

Ele apoiou o quadril contra o balcão e cruzou os braços sobre o peito. "Você segue as regras e não tem coragem de tirar dos outros. Suas irmãs têm."

O fato de ele admirar as irmãs dela enviou uma pontada de ressentimento através dela. Se Roth tivesse vindo da família certa, ele teria sido recebido de braços abertos pelo pai dela. Em vez disso, o pai dela havia destruído os negócios de Roth e tornado suas vidas um inferno para separá-los.

"O que ele deixou para você?" ele perguntou.

Ela copiou sua postura indiferente com os braços cruzados sobre o peito. "Você não gostaria de saber?"

Seus olhos escureceram. "Sim, eu faria."

"Você está obcecada pela confiança dele."

"Todo mundo está curioso."

"Você é a última pessoa em quem eu confiaria."

"O chili está fervendo."

Ela girou e tirou a panela do fogo antes que queimasse. "Saia daqui! Você está me distraindo."

Ela pegou um armário, deixando-o abrir perto o suficiente do rosto dele para fazê-lo recuar. Depois que ele saiu da pequena cozinha, ela fez outra xícara de chá. Ela deixou a colcha no balcão para poder levar o chá e a comida de volta para a sala de estar. Roth tinha acendido o fogo, então ela se sentou e se aqueceu no calor antes de comer. Ela não percebeu o quanto estava com fome até dar a primeira mordida. Ela estava na metade da refeição quando ele se juntou a ela. Ele se sentou na extremidade oposta do sofá e apoiou as botas na lareira elevada. Eles comeram em silêncio. Ela voltou para mais alguns segundos e fez outro bule de chá. Quando terminou, ela se aninhou em seu canto do sofá com a colcha enrolada em volta dela. Agora que ela estava limpa, alimentada e aquecida, ela relaxou.

O som do fogo crepitante acalmou seus nervos fritos e bloqueou a tempestade que rugia lá fora. Ela silenciosamente desejou que a Mãe Natureza se acalmasse para que ela pudesse sair dali. As mulheres tinham a obrigação de ajudar umas às outras, certo?

Ela enrijeceu quando Roth voltou da cozinha e se acomodou ao lado dela. O maldito sofá era muito pequeno e não tão confortável. Como tudo que Kaia possuía, era velho e precisava desesperadamente de uma atualização. Pelo canto do olho, ela viu Roth virado em sua direção. Ele apoiou o joelho na almofada entre eles e colocou o braço ao longo do encosto do sofá.

Ele não disse nada.

Ele prosperava no desconforto dos outros. Ela podia sentir os olhos dele se movendo sobre ela. Ela se irritou interiormente e tentou fazer uma expressão indiferente, mas estava fora de prática. Roth sabia como irritar as pessoas e estava fazendo um ótimo trabalho usando essa habilidade nela agora.

“Pare com isso”, ela disse quando não aguentou mais.

“Parar o quê?”

“Olhando para mim.”

“Me faz.”

Ela virou a cabeça e olhou nos olhos dele. Ela não conseguia lê-lo nem um pouco. Ela havia perdido dois anos tentando entrar na cabeça dele antes de perceber que nunca o entenderia. Como ela poderia, quando ele categorizava tudo em termos de lucro e perda? Ela não era capaz de ser tão brutalmente calculista quanto ele. Memórias daquela noite em Londres se infiltraram em sua mente, e ela desviou o olhar.

“Fale-me sobre Thalia Crane.”

Sua cabeça girou tão rápido que ela sentiu uma pontada de dor no pescoço. Ela não podia ter ouvido direito... mas sua expressão calma e expectante dizia que ela não estava tendo um pesadelo. Ele sabia. Oh. Meu. Deus. Sua necessidade de fugir era tão forte que seus olhos se moveram para a porta.

“Você não irá longe”, ele disse calmamente.

Capítulo 3

E ele cobriu o rosto dela com as mãos e gemeu. Não, isso não podia estar acontecendo. Ela balançava para frente e para trás como se estivesse presa em uma oração fervorosa — e estava. Se Deus a fizesse desaparecer em uma nuvem de fumaça ou simplesmente a matasse, ela seria eternamente grata. Qualquer coisa para salvá-la disso.

“Você fez sucesso escrevendo sobre nosso caso, o escândalo, sobre sermos rejeitados, sobre nossa vida sexual—”

Ela abaixou as mãos para declarar: “É *vagamente* baseado em nós”.

“A cena virgem é posição por posição na nossa primeira vez.”

Ela envolveu as mãos em volta da garganta porque podia senti-la fechando. “V-você *leu* ...?”

Ele bateu os dedos no encosto do sofá enquanto sua boca se curvava em um sorriso zombeteiro. “Todos os quatro.”

A bile subiu. “Algumas cenas somos nós, mas...”

“Aquele cena no beco éramos nós. Foi quando descobrimos que você tem uma queda por fazer isso em público—”

“Roth!” Ela estava dividida entre esmurrá-lo para fazê-lo calar a boca ou se trancar no quarto de Kaia e congelar até a morte. Ela não gostava de nenhuma das opções. Sua cabeça parecia que ia explodir. “Se você lê os livros, sabe que Rex, o cara que te *representa*, entrou e saiu da série, então,” ela disse com ênfase pesada, inclinando-se para ele para fazer seu ponto, “não. somos. Nós. *Obviamente* .”

“Acho que eles podem voltar a ficar juntos no quinto livro.”

“Eles não fazem isso”, ela disse com os dentes cerrados.

“Você terminou?”

Era o que ela estava escrevendo antes de seu pai morrer. “Não.”

“Suas irmãs sabem sobre seu pseudônimo?”

“Não.”

“Alguém sabe?”

“Menos de cinco pessoas no planeta”, ela disse com os dentes cerrados.

“Agora seis.”

“Te odeio.”

“Nos livros, você me ama.”

Suas costas ficaram eretas como uma vara. “Cale a boca, porra.”

“Eu sou parcial com o primeiro livro. Ele tem as melhores cenas de sexo, se é que posso dizer.”

Ela irrompeu do sofá e se levantou, com as mãos em punho ao lado do corpo. “Cale a boca, ou juro por Deus que vou atirar em você!”

O fato de Roth ter lido os livros, que documentavam a maior parte do caso deles e mais um pouco... Os sentimentos dela por ele eram em preto e branco. Assim como suas preferências sexuais e fetiches. Ela não se conteve quando escreveu. Por que ela faria isso? Ela tinha a proteção de um pseudônimo, e ela não contaria a ninguém sobre isso. Nunca. E agora... ela não conseguia lidar com isso.

“Se você atirar em mim, estará matando um dos personagens principais.”

Ela soltou um grito estrangulado enquanto se afastava dele. O banheiro era o único santuário na cabana além do quarto de Kaia. Impulsivamente, ela entrou no quarto e bateu a porta. Ela girou a fechadura antiquada e estava a caminho da cama quando a porta se abriu.

Ela se virou e gritou: “Saia!”

Ele se encostou no batente da porta. “Só para você saber, nenhuma das fechaduras funciona.”

“Mas as portas sim, então saia.”

“Se alguém deveria ficar chateado, sou eu. Você nunca pediu minha permissão.”

Ela ficou boquiaberta. “Com licença?”

“O cara tem minha constituição, meu rosto, minhas palavras e meu histórico. Estou surpreso que ninguém mais tenha descoberto. Esses livros estão em todo lugar. Em breve, isso será transformado em um filme, e então todos saberão.”

“Baseei os personagens e situações em coisas reais, mas todo o resto é inventado. Ninguém suspeita de nada.”

Ele a examinou com olhos semicerrados. “Quanto disso é verdade?”

“O que você quer dizer?”

Quando ele veio em sua direção, ela olhou ao redor em busca de uma arma, mas a única coisa na sala espartana que valia a pena atirar nele era uma lâmpada velha ou uma Bíblia. Porra.

Ele parou a dois pés de distância. Ele não parecia mais divertido. Ele estava mortalmente sério.

“Eu não te traí.”

O sangue dela gelou. “O quê?”

“No livro, você deixa seu marido porque descobriu que ele estava te traindo. Eu não te traí.”

Oh, Deus. Isso não podia estar acontecendo. “Os livros são ficção,” ela disse através dos lábios dormentes.

“Mas você se divorciou de mim, assim como a mulher do livro.”

Ele não estava se esquivando do passado deles, ele estava mergulhando de cabeça. Maldito seja por ser tão confrontador. Esse era o pior pesadelo dela. “Eu não sabia quando comecei a série que o casal não ficaria junto. Traição era só uma forma de separá-los.”

“Você quer dizer nós.”

Ela rangeu os dentes. “Os personagens começaram como nós, mas agora são coisas deles.”

“Então você não foi numa festa de sexo depois que me deixou?”

“O que aconteceu depois não é da sua conta.”

Os músculos dela ficaram tensos enquanto ele a apertava, bloqueando o resto do ambiente e intimidando-a com seu tamanho.

“Você sempre será da minha conta”, ele rosnou.

“Isso é tudo o que eu sempre fui para você.”

“O que isso significa?”

Ela tentou andar ao redor dele, mas ele agarrou seu braço. Quando ela lutou, ele a sacudiu de um jeito que fez seus dentes tremerem.

“Pare de correr e fale comigo!” ele gritou.

Ela nunca o tinha ouvido gritar antes. O som de seu estrondo enfurecido a assustou.

“Fale!” ele ordenou.

Ela o empurrou o mais forte que pôde, ganhando liberdade no processo ao forçá-lo a dar um passo para trás, o que a apaziguou um pouco antes de ela revidar.

“Eu não quero falar. Não tem sentido nisso! Acabou.”

“Ainda assim, aqui estamos.” Ele abriu bem os braços. “E não há ninguém por perto para te salvar.”

“Não preciso que ninguém te salve de mim. Eu posso lidar com você sozinha.”

“Você pode?” ele perguntou suavemente.

“Sim.” Ela não tinha escolha.

Os limites do quarto eram um pouco íntimos demais para sua paz de espírito, e estava congelando. Ela levantou uma mão até a bochecha e soltou um som de desgosto quando não conseguiu senti-lo. Ela passou por ele e voltou para o fogo. Não haveria santuário, não esta noite. Se ele quisesse trazer o passado à tona, ela não poderia evitar. Seu conhecimento íntimo da série Thalia Crane dela era a cereja do bolo desse sundae de pesadelo. Ele sabia de tudo. Ele tinha o poder de destruí-la profissionalmente e espetá-la emocionalmente, mas ela não se importava mais.

Ela se enrolou novamente na colcha, colocou os pés debaixo do corpo e se recostou no braço da cadeira. Enquanto ele recuperava seu assento na extremidade oposta do sofá, ela olhou para as chamas e desejou poder ser consumida por elas. A luz do dia chegaria em breve. A tempestade passaria e tudo isso acabaria.

“Você tinha que saber que esse dia chegaria”, ele disse.

Ela balançou a cabeça. “Não.”

“Você pensou que poderia me evitar para sempre?”

“Por que iríamos nos esbarrar? Eu não faço parte do seu mundo.”

“Você ainda faz manchetes.”

“Só quando meu pai me forçou a comparecer a funções e...” *E durante seu funeral*. Tinha sido um circo midiático.

Como se estivesse seguindo a linha de pensamento dela, ele disse: “Você foi fotografada com Lincoln no funeral do seu pai”.

Ela lançou-lhe um olhar descontente antes de olhar novamente para as chamas.

“Mateus também.”

“É esperado.” Ela foi fotografada com todos os empresários e políticos importantes de Nova York.

Ele puxou a colcha para chamar a atenção dela, como se ela fosse capaz de ignorar sua bunda.

“Ele está interessado em você?”

“Quem?”

“Qualquer um deles.”

“Isso não é da sua conta.”

“Eles são das famílias certas”, ele disse em um tom enganosamente uniforme. “Homens que sua família aprovaria.”

“Não, Roth,” ela disse enquanto o vento aumentava lá fora. Ela puxou as cobertas mais apertadas em volta de si.

“Quanta da brincadeira com outros caras nos livros é real?”

A parte sensata dela sabia que não deveria provocá-lo, mas ela não se importava mais. Ele esperava que ela vivesse a vida de uma solteirona depois de se divorciar dele?

Ela lhe deu um sorriso provocador. “O que você acha?”

“Para o seu bem, espero que isso não seja verdade.”

Sua voz pode ser gentil, mas as emoções que emanavam dele eram tudo menos isso.

“Pense o que quiser”, ela disse, dando de ombros.

Roth sabendo sobre seu alter ego, Thalia Crane, poderia ir para os dois lados. Se ele lesse os livros, ele sabia uma fração das façanhas lascivas que ela teve após o divórcio. Ela viveu imprudentemente por um tempo e não se arrependeu. Ela tentou manter uma cara séria enquanto imaginava Roth lendo algumas das cenas de sexo mais picantes. A série tinha sido um sucesso. Uma divorciada tentando construir uma nova vida, encontrar a si mesma e deixar todo mundo entrar no drama ao longo do caminho.

“Você é melhor do que isso”, ele disse.

“Não, não sou. Posso ser uma Hennessy de sangue, mas nunca vivi de acordo com os padrões deles. Depois do divórcio, percebi que estava livre. Pela primeira vez na minha vida, não tinha ninguém para impressionar e nenhuma expectativa a cumprir. Então fiz o que queria. Me joguei fora por um tempo.”

Ela espiou para ver como ele estava reagindo. Ele *não estava* satisfeito. Se ele podia ser honesto, então ela também podia. E daí se ela transava com um bando de caras? Ela não era esposa de ninguém, e não estava comandando uma corporação de um milhão de dólares como suas irmãs. Ele disse que não tinha sido infiel durante o casamento, mas eles tinham passado a maior parte do tempo separados, então como ela poderia ter certeza? Além disso, ela tinha certeza absoluta de que ele não tinha vivido a vida de um monge desde o divórcio, então quem era ele para julgá-la?

“Como você descobriu que sou Thalia Crane?” ela perguntou.

Ele não respondeu imediatamente. Ela levantou as sobrancelhas para ele, expectante, enquanto ele continuava a encará-la.

“Roth?” ela perguntou.

“Meu assistente.”

Ela estremeceu. “O quê?”

“Ela leu seus livros sob o comando de Minnie Hess.”

“E como ela saberia meu outro pseudônimo?”

“Eu disse a ela.”

“Por que?”

Ele deu de ombros. “Minha assistente é uma leitora ávida. Em todo momento livre que ela tem, seu nariz está em um livro. Eu disse a ela para ler seu trabalho.”

“Você estava tentando me promover?” Ela não conseguia acreditar.

“Ela perguntou o que você fazia para viver, e eu disse a ela que você é escritora e dei a ela seu pseudônimo. Quando Thalia Crane se tornou popular, ela o pegou e reconheceu as semelhanças nos estilos de escrita e nossa história. Ela me deu a série sem me dizer nada. Dois meses atrás, eu estava em um voo e o abri. Levei menos de duas páginas para perceber que era você.”

Quão aleatório foi isso? Se sua assistente não fosse uma leitora, ele não saberia. “Você pediu para ela não...?”

“Ela não revelará sua identidade.”

Ela esfregou a mão no rosto. “Oh, meu Deus.”

“Você não conseguirá manter isso em segredo por muito tempo.”

“Por que não?”

“Você aparece regularmente na lista de bestsellers. É só uma questão de tempo até que alguém que você conhece descubra. Por quanto tempo você acha que consegue manter sua identidade em segredo?”

“Para sempre.”

“Por que você deixou de escrever como Minnie Hess?”

“Eles não estavam vendendo, e eu queria escrever algo mais...” Ela apertou os lábios enquanto procurava a palavra certa. “Adulto.”

“Thalia é adulta, tudo bem.”

Ela lançou-lhe um olhar repressivo. “Comecei a escrever como Thalia quando você se mudou para Londres, e eu ainda estava na faculdade. Eu estava... explorando.” Ela estava romantizando sua vida como uma idiota ingênua, mas a série havia se transformado em outra coisa. Os livros lhe deram uma âncora quando sua vida virou de cabeça para baixo.

Ela o estudou furtivamente. Se seus leitores pudessem ver a inspiração para seu anti-herói, Rex, eles entenderiam por que ela arriscou tudo por ele. Roth ainda exalava apelo sexual. Seu tamanho não era apenas para aparência. Quando eles faziam sexo, ele usava cada centímetro de seu corpo para perfurá-la. Ele era um bastardo, mas ainda era sexy pra caralho. Ele não poderia ter engordado ou perdido um olho ou algo assim? Merda.

Ela suspirou e se aninhou nas almofadas e fingiu que elas eram recheadas com penas em vez de planas como panquecas. "Você estava certo."

"Sobre o quê?"

"Eu não fui feita para o mundo dos negócios. Eu teria trabalhado com minhas irmãs e seguido a liderança delas se você não tivesse aparecido e me dito para seguir minha paixão. Essa é uma coisa boa que saiu do nosso casamento, então... obrigada."

"Você construiu uma carreira a partir da nossa vida sexual."

Ela lhe deu um sorriso açucarado. "Vou colocar você nos agradecimentos do próximo livro."

"Faça isso. Eu tenho uma base de fãs."

O sorriso dela derreteu em um olhar penetrante. Os olhos dele se moveram sobre ela com uma intimidade que a fez querer dar um tapa nele.

"Você precisa de mais material?" ele perguntou.

"Eu vou passar."

"Por que você veio aqui, Jasmine?"

"Por que você continua me perguntando isso? Eu queria uma mudança de cenário."

"Não é isso. O que aconteceu em Nova York?"

"Nada aconteceu—" ela começou, mas a mentira ficou presa na garganta, e ela parou. Ela respirou fundo uma vez e depois outra. Algo escorreu pelo seu rosto. Ela levantou uma mão trêmula até a bochecha e olhou para as pontas dos dedos molhados.

"Jasmim."

Pelo canto do olho, ela o viu alcançá-la. Ela tropeçou em seus pés com a colcha enrolada em volta dela. Ela colocou alguma distância entre eles enquanto tentava enfiar suas emoções de volta na caixa onde elas pertenciam. Ela não podia desmoronar aqui. Ele era a última pessoa que ela queria que a visse assim, mas a tristeza não se importava onde ela estava. Ela queria sua libra de carne.

"Jasmim."

Quando ela sentiu a mão dele se fechar em volta de sua nuca, ela se afastou bruscamente.

"Não me toque!" ela sibilou enquanto enxugava as lágrimas quentes que escorriam pelo seu rosto.

Ela tremia, mas não era de frio. A dor ameaçava partir seu coração em dois.

"Jasmim."

Quando ele apareceu na frente dela, ela recuou.

"Eu não..." Ela engoliu em seco e tentou novamente. "Eu não *quero* —"

Sua garganta fechou e ela abaixou a cabeça para esconder o rosto enquanto a emoção tomava conta. Quando ele a abraçou, ela lutou contra ele, mas ele ignorou suas lutas e a puxou contra seu peito. Ela cerrou os dentes para se impedir de fazer um som, mas sua respiração irregular estava longe de ser calma. Ele segurou a parte de trás da cabeça dela, os dedos passando por seu cabelo úmido enquanto ele massageava. Ela agarrou punhados de sua jaqueta enquanto lutava pelo controle.

"Apenas respire."

"E-eu não posso," ela sussurrou.

A perda que ela não se permitiu sentir a atingiu com força total. Quando o primeiro soluço escapou, ela tentou abafar o som contra o corpo dele. Ele a pegou e a carregou de volta para o sofá enquanto ela se

agarrava a ele, lutando contra suas emoções pela supremacia. Ele se acomodou no sofá com ela em seu colo e abriu o zíper de sua jaqueta. A bochecha dela pousou em seu ombro largo coberto de flanela macia. Ela balançou a cabeça enquanto lutava contra a maré que ameaçava puxá-la para baixo. Um som agudo escapou. Mesmo para seus próprios ouvidos, o som lamentável estava cheio de mágoa e desespero. Ele fez um som suave que ela nunca o tinha ouvido fazer antes e pressionou o rosto dela contra sua garganta. O cheiro familiar dele adicionou mais turbulência ao seu já potente coquetel emocional.

Ela tentou novamente. “Eu não quero—”

“Você não sabe o que quer.”

“Sim”, ela disse, sua veemência arruinada por um soluço.

“Você não consegue o que quer da vida. Você consegue o que precisa.”

“Mas—”

Ele segurou o lado do rosto dela e pressionou o polegar contra os lábios trêmulos dela. “Silêncio.”

“Você não pode—”

A mão dele mergulhou sob o queixo dela e levantou o rosto dela para o dele. A boca dele pousou na dela, e ela parou de respirar. O beijo foi gentil e calmante e tão diferente dele. Mais lágrimas escorreram dos olhos dela. Ele estava tentando confortá-la. Ele sabia quantas vezes ao longo dos anos ela desejou que ele tivesse feito isso? Segurado ela no colo e agido como se ele se importasse? A respiração dela engatou. Ele soltou um ronco calmante e quebrou o beijo. Ele beijou o canto da boca dela, sua bochecha molhada e então sua testa.

“Pare”, ela sussurrou.

Ele correu os dedos pela bochecha dela, traçando o progresso de uma lágrima antes de beijá-la novamente. Suave, lento e muito curto.

“Fale comigo, Jasmine.”

Eles se encararam por um longo minuto antes que ela estendesse a mão. Ele não a impediu enquanto ela passava as pontas dos dedos pela barba dele. A tristeza se agitava em seu peito enquanto ela acariciava seu rosto severo. Cada instinto que ela possuía lhe dizia para manter suas cartas perto do peito e não deixá-lo entrar, mas ela precisava desabafar. Isso a estava comendo viva.

“Ele teve outro derrame”, ela sussurrou.

“Sim.”

A mão dela saiu do rosto dele e fechou-se em punho contra o peito.

“Ele entrou em coma. Os médicos não achavam que ele acordaria.” Seu lábio tremeu, e ela engoliu em seco. “Os advogados chegaram, e ele... ele me nomeou executor.”

Ela não conseguiu terminar, mas percebeu que não precisava quando ele disse: “Porra”.

“Ele disse que se isso acontecesse, ele não queria viver daquele jeito, e eu... eu não queria que ele sofresse.” Ela abaixou o rosto, tão culpada que não conseguia nem encará-lo. “Talvez eu devesse ter esperado um pouco mais. Não sei se—”

“Você respeitou os desejos dele. Você tomou a decisão certa. Ele ficaria orgulhoso de você.”

Ela engoliu em seco enquanto mais lágrimas deslizavam por suas bochechas. “Espero que ele saiba que eu estava lá. Eu não queria que ele ficasse sozinho.”

“Você estava lá. Isso é tudo que importa.”

Quando ela cobriu o rosto com as mãos, ele a puxou de volta para si, e dessa vez, ela o deixou. Depois de ser ignorada por seu pai workaholic durante a maior parte de sua vida, ela finalmente conseguiu um no final dos seus vinte anos... e agora ele se foi novamente. O choque de não apenas perder seu pai, mas também ser forçada a tomar a decisão de mantê-lo em suporte de vida a traumatizou. Suas irmãs lhe deram as costas, deixando-a para lidar com sua morte e funeral sozinha. Ela não tinha tempo para lamentar, não com tantas coisas para fazer. Mesmo depois do funeral, ela ficou presa em um estado de negação em choque.

Tudo o que ela estava guardando saiu em uma maré imparável. A fachada de aceitação e força desmoronou. Ela soluçou contra o peito dele enquanto a tristeza e a culpa se acumulavam em um crescendo excruciante e então diminuía lentamente, deixando-a vazia e drenada. Ela ouviu o batimento cardíaco constante dele enquanto se acalmava.

“Eu liguei para sua mãe. Ela sempre foi tão legal comigo. Ela me convidou para vir aqui, então eu disse sim, e então esta manhã, ela...” Ela engoliu em seco. “E-eu estava tão preocupada que ela...”

O medo de que, mais uma vez, ela teria que lidar com a morte de uma figura parental a destruiu. O estresse adicional de encarar seu ex-marido a levou ao limite, deixando-a sem escudos para se esconder.

“Ela vai ficar bem”, ele disse.

Ela assentiu e sussurrou: “Sinto muito”.

“Para que?”

Ela fungou e passou a mão sobre a flanela úmida. “Molhando sua camisa.”

“Não se preocupe com isso.”

Ela queria dormir, queria tanto que sua cabeça latejava, mas sua mente não desligava. Tantas coisas a esperavam em Nova York, coisas que não podiam ser adiadas para sempre, e aqui estava ela nas montanhas chorando no ombro do ex-marido. O lado prático de seu cérebro lhe dizia que ela precisava se livrar de Roth e colocar uma distância muito necessária entre eles. Mas ela finalmente estava aquecida. E os braços dele ao redor dela eram bons. Bons o suficiente para ela ficar exatamente onde estava.

“Não consegui dormir mais do que algumas horas desde que ele faleceu”, ela disse, sua voz tão atordoada quanto se sentia. “Estou cansada de estar cansada. Vim aqui para fugir...”

Quando ela prendeu a respiração, ele acariciou o lado do rosto dela.

“Você está bem”, ele disse gentilmente.

“Eu não estou.”

“Você ficará.”

O cheiro dele a provocou. Ela acariciou seu pescoço e então provou sua pele. Era sua imaginação, ou o batimento cardíaco dele gaguejou? Isso a encorajou a colocar a boca em seu pescoço. Ela chupou gentilmente, sem pressa, cuidando da área com beijos antes de se sentar para examinar sua obra.

“Jasmim.”

Sua mente estava nublada de tristeza e exaustão, mas a fome escura no rosto dele despertava a dela. Este homem a machucou mais do que qualquer outro homem no planeta. Era uma vez, ela teria sacrificado tudo por ele, e agora... agora, ele era um estranho, alguém com quem ela tinha uma química incrível. Seus sentimentos voláteis por ele se misturavam com sua solidão aflita.

Ela descansou a testa contra a dele e se rendeu. “Foda-me.”

Os olhos dele perfuraram os dela. “Por quê?”

“Porque estou cansado de pensar.”

Ele não se moveu. Ela segurou seu rosto e se mexeu em seu colo e sentiu a crista dura de seu pênis entre suas pernas. Sua boceta se apertou. Ela sabia como era estar embaixo dele, sabia que ele poderia torcê-la até secar e deixá-la tão satisfeita que ela não conseguia pensar.

“Uma noite”, ela murmurou.

Ele não parecia nem um pouco um amante. Ele parecia selvagem e bravo. A boca dela se curvou no canto enquanto ela acariciava seu rosto sinistro.

“É isso que você quer?” ele rosnou.

“O que eu quero,” ela sussurrou enquanto se deixava cair no abismo, “é uma noite em que eu não me preocupe com o que me espera em Nova York. Eu quero uma noite em que eu não tenha que pensar em quem eu sou ou o que é esperado de mim.” A mão dela deslizou pelo pescoço dele, entre os peitorais, pelo abdômen e pousou na virilha esticada. “Eu quero uma última noite para tirar você do meu sistema e não me sentir culpada por isso.”

“Eu não sou nobre,” ele resmungou. “Se você me deixar te ter, eu te levo.”

“Pegue,” ela desafiou enquanto envolvia sua mão em volta dele. “E não ouse me deixar pensar.”

Capítulo 4

Ele agarrou o rosto dela, inclinou-o do jeito que queria e a beijou. Dessa vez, não havia nada de doce nisso. Sua mente ficou em branco quando ele aplicou pressão em suas bochechas, forçando sua boca a abrir para aceitar sua língua, que invadiu com um impulso sensual que fez seus mamilos formigarem. Ele tinha gosto de pão de milho amanteigado e algo intrinsecamente dele, que fez cócegas no fundo de sua mente e evocou memórias de seu passado.

Ela caiu nele. Não havia necessidade de pensar, não havia necessidade de criar estratégias ou se preocupar porque ele sabia o que estava fazendo. Nessa arena, nenhum homem poderia se igualar a ele. Ela descobriu isso depois do divórcio. Ele a ensinou a amar selvagememente e não guardar nada. Ele disse que ela poderia deixá-lo ir com ele e ser quem ela quisesse ser... e então ele a abandonou.

Ela não estava prestando atenção no que sua mão estava fazendo sobre sua virilha até que ele a afastou. Ele manteve sua boca ocupada, bebendo dela tão profundamente que ela se sentiu bêbada. Ela cantarolou quando ele abriu o zíper de suas calças e então envolveu sua mão em volta dele. Isso também parecia inatamente familiar. Ela não o tinha esquecido de jeito nenhum. Não do gosto dele, do tamanho de suas mãos ou do pau que a transformava em uma mulher. Ele era o maior que ela já teve, e ele sabia o que fazer com ele. Roth se colocou em um pedestal, e mesmo que ela implorasse a outros homens para derrubá-lo, eles não o fizeram. Não era justo, mas nada disso importava agora.

A mão dele fechou sobre a dela, dizendo sem palavras exatamente o que ele queria, como se ela pudesse esquecer. Quando ele desfez o casaco dela, a corrente de ar frio a fez enrijecer, mas isso foi esquecido um momento depois, quando a mão grande dele fechou sobre o seio dela. Ele apertou e soltou,

fazendo o sangue dela correr quente. Quando ele apertou o mamilo dela, ela soltou um gemido, e o pau dele pulou na mão dela. Ela sorriu e sabia que ele sentiu porque ele afastou a mão dela.

"Não aguenta?", ela provocou, as palavras arrastadas como se ela realmente estivesse bêbada por ele.

Ele puxou a jaqueta dela, forçando os braços dela para trás enquanto ele a tirava, deixando-a com dois suéteres. Suas bocas se separaram para que ele pudesse rasgar os suéteres sobre a cabeça dela e jogá-los. Ela curvou os ombros contra o frio e envolveu os braços em volta de si mesma, agora vestida com um sutiã de renda, ceroulas e jeans. Arrepios surgiram em sua pele. Ela não tinha certeza se eram do frio ou de Roth, que a puxou para frente com um aperto forte em sua bunda e enterrou o rosto entre seus seios. Ela apoiou as mãos no encosto do sofá e olhou para a visão erótica.

"Sem regras."

A voz dele estava abafada pela pele dela, mas ela ainda a ouvia.

"O que?"

Ele virou a cabeça para a esquerda e lambeu o mamilo dela através da renda.

"Você está me dando rédea solta. Eu posso fazer o que eu quiser com você. Sem parar, não importa o que aconteça," ele disse entre lambidas que dificultavam o foco.

"Sim, tanto faz", ela disse impacientemente e agarrou um punhado de cabelo dele.

Ela pensou ter visto um lampejo branco quando ele sorriu e então fechou a boca em volta do mamilo dela e chupou. Ela inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos enquanto ele enviava choques elétricos através dela a cada puxão. Uma das mãos dele deslizou ao longo da costura do jeans dela, entre a bunda dela, e então pressionou contra sua boceta dolorida. Ela balançou os quadris, montando nos nós dos dedos dele, sentindo o material se amontoar para dar a ela o atrito de que precisava.

Ele trocou para o outro mamilo e começou o processo novamente. Acariciar, beijar, chupar. Ela passou as mãos pelos cabelos dele enquanto ele tentava sua mente para longe de qualquer coisa séria e responsável e criava uma realidade focada no prazer carnal. Era assim que sempre tinha sido com ele. Ele era o mestre e ela, a escrava disposta.

O corpo dela se curvou enquanto ele chupava forte o suficiente para causar hematomas. "Roth!"

Ela o empurrou para as almofadas e puxou seu cabelo. Quando ela estava prestes a bater nele, ele a soltou. Ela gemeu quando ele lambeu seu mamilo inchado e se moveu para seu pescoço. Com precisão infalível, ele se agarrou ao mesmo ponto que tinha no hospital enquanto sua mão deslizava sobre sua barriga trêmula. Ela respirou fundo quando ele desabotoou sua calça jeans e afundou a mão no espaço apertado. Dois dedos mergulharam, e ela abriu as pernas para dar acesso a ele.

"Totalmente molhada para mim", ele disse contra o pescoço dela.

"O que você vai fazer sobre isso?" ela perguntou enquanto ele brincava com seu mel. Ele não estava estimulando-a, apenas explorando, e ela não estava satisfeita.

"Eu vou comer."

Ele se levantou sem aviso, levantando-se sem esforço com ela em seus braços antes de jogá-la no sofá e mandar tudo derrapando para trás com um pé calçado. Ela observou atordoadas enquanto ele jogava colchas, edredons velhos e cobertores aleatórios no chão em uma cama improvisada em frente à lareira antes de arrastá-la sem cerimônia para fora do sofá. Ela pousou na pilha, que não oferecia muito amortecimento.

"Ai, seu idiota!" ela rosnou e gritou quando ele agarrou seus tornozelos e a derrubou de costas.

Ele a sacudiu para fora de seus jeans e ceroulas e arrancou sua calcinha de renda combinando. Ela abriu a boca para estalar, mas esqueceu o que ia dizer quando ele se ajoelhou e a arrastou em sua direção. Seus olhos estavam treinados em sua boceta enquanto ele a levantava e deslizava um travesseiro sob sua bunda. Seus olhos se moveram para os dela enquanto ele acariciava suas coxas. Ele começou em seu joelho e então viajou lentamente para cima, mãos ásperas raspando deliciosamente sobre sua pele sensível. Ela cedeu à compulsão de abrir suas coxas e viu sua boca se curvar em um sorriso satisfeito. Filho da puta.

Ele se inclinou e beijou uma polegada abaixo do umbigo dela. Ela se mexeu inquieta embaixo dele. Ele beijou sua coxa, lambendo tão perto do que estava pingando para ele.

“Porra, Roth.”

Ele passou o braço em volta da coxa esquerda dela antes de colocar a mão na boceta dela e abri-la. Ela olhou para baixo, para o comprimento do corpo dela, enquanto ele a estudava.

“Tão bonita,” ele murmurou enquanto abaixava a cabeça. “Bonita, rosa e lisa para mim.”

O primeiro toque da língua dele fez os dedos dos pés dela se curvarem.

“Você tem o mesmo gosto.” Os dedos dele cravaram na coxa macia dela enquanto ele voltava para outro gosto. “Putá merda.”

Ele sempre gostou de fazer sexo oral nela. Só quando ela começou a namorar outros caras é que percebeu que nem todos os homens gostavam de fazer sexo oral em mulheres, o que era mais do que ridículo. Se alguém achasse que lamber sua gatinha era nojento, nada de boquete para eles. Simples. Saíram pela porta.

A mão livre de Roth vagou sobre o corpo dela. Ele acariciou sua barriga antes de viajar para seus seios. Ele os amassou rudemente enquanto a comia. Ela plantou um pé no chão e levantou a bunda do travesseiro. Ele rosnou, e ela olhou para baixo. Seus olhos colidiram, os pretos dele refletindo o fogo e uma luxúria animalesca que fez seu útero se apertar em antecipação. Ele iria fodê-la com tanta força. Ela não podia esperar. Ela fechou os olhos e o deixou brincar. A barba dele criou uma fricção áspera com a qual ela não estava familiarizada e descobriu que estava totalmente a fim.

Ela podia sentir seu orgasmo crescendo. Sua respiração ficou irregular e irregular. Ele beliscou seu mamilo. Ela se sacudiu e agarrou um punhado de cobertores em preparação.

Alguns dias eu queria nunca ter visto você.

Os olhos dela se abriram quando o fantasma das palavras dele ecoou em sua cabeça — assim como aconteceu nos últimos cinco anos. O orgasmo dela desapareceu junto com a névoa carnal em que ela estava flutuando. Que porra ela estava fazendo?

Ela imediatamente tentou sair de baixo da boca dele. O braço musculoso circulando a parte superior da coxa dela flexionou, mantendo-a no lugar enquanto a mão em seu seio apertava dolorosamente. Ela deu um tapa, mas ele não aliviou o aperto.

Ele levantou a cabeça e olhou para ela. “Que porra é essa?”

“Terminei.”

Seus olhos se estreitaram. “Você não está dando as ordens.”

Ela rolou sobre as mãos e joelhos. Ele rolou com ela, então ele ficou de costas embaixo dela. Ele agarrou os quadris dela e a segurou no lugar quando ela tentou rastejar para longe.

“Pare, Roth!”

“Você não está no controle,” ele disse em tom de conversa enquanto a posicionava sobre seu rosto. “Você me deu permissão para fazer o que eu quero, e é isso que eu vou fazer. Agora seja uma boa menina e se espalhe.”

"Foda-se!"

Ele agarrou a bunda dela com um aperto de tornozelo que a fez gritar. "Estou me saciando", ele sibilou enquanto a puxava para baixo, para sua boca aberta. "Sem pensar, sem amanhã. Só isso ."

Sua mente ficou em branco quando ele apertou a boca em seu clitóris. A porra da barba dele estava deixando-a louca. Ela gemeu e cravou as unhas na pilha de cobertores. Porra. Ele era tão bom e estava nessa posição... Ela balançou, e o aperto forte dele em sua bunda imediatamente começou a acariciar em encorajamento. Ela enterrou o rosto nos cobertores que cheiravam a naftalina e ofegou descontroladamente. Ela dobrou uma perna para cima e montou em seu rosto.

Seu clímax chegou tão de repente que ela não teve tempo de se preparar. Seu corpo ficou tenso como uma corda de arco. Sua mão afundou em seu cabelo enquanto ela bombeava seus quadris contra sua boca até que aquela tensão terrível a deixasse. Ela gemeu e se inclinou para o lado. Roth se recusou a abandonar sua posição e rolou com ela novamente para que eles estivessem em sua posição original, ela de costas com ele entre suas pernas. Ela sibilou quando ele continuou a brincar com seu clitóris, que estava latejando.

"Porra, pare, eu terminei", ela bufou.

“Nem perto”, ele disse antes que suas mãos e boca desaparecessem.

Ele ficou de pé sobre ela enquanto se despiu. Ela observou com os olhos pesados enquanto ele tirava o paletó, a camisa xadrez e depois o jeans. Ele era a definição de um homem. Com ombros largos, abdômen definido e braços e pernas definidos, ele era superdimensionado por toda parte. Ele não era perfeito, no entanto. Ele tinha pequenos cortes e cicatrizes pelo corpo, mas isso o tornava Roth. Ele tinha um peito peludo e uma trilha que levava ao seu pênis, que estava em posição de sentido. Seu corpo sempre foi lindo, mas algo sobre ver a luz do fogo brincando sobre sua pele e o fundo do barulho uivante a fez pensar que ele parecia um gladiador de outra vida... e ele iria conquistá-la. Mesmo que ela tivesse tido um orgasmo, ela estava faminta por mais. Ela o queria dentro dela.

Ele estendeu a mão. Curiosa, ela a pegou e permitiu que ele a puxasse para cima. Ele sentou, beijou seu monte e lambeu o sulco entre sua coxa e pélvis antes de olhar para cima.

"Venha aqui."

Enquanto ela afundava em seu colo, uma mão foi até sua bunda e a colocou onde ele a queria, com uma perna de cada lado dele. Ela sibilou quando os dedos dele deslizaram para dentro dela. Ele cobriu seu pau com ela enquanto segurava seu olhar.

“Agora, me dê essa buceta.”

O sangue dela pulsava em suas veias enquanto ela se levantava com as mãos dele segurando sua bunda, então se abaixava. Ela apoiou as mãos nos ombros dele e deixou a gravidade fazer seu trabalho. Ela mostrou os dentes enquanto se trabalhava nele. A expressão de dor e satisfação selvagem dele reacendeu sua luxúria.

Quando ela o trabalhou todo dentro dela, ele deu um beijo carinhoso em sua têmpora. Ela inclinou a cabeça para trás. Ele aproveitou o convite e beijou a curva de sua mandíbula.

“Tudo começa e termina aqui para nós”, ele rosnou contra o ouvido dela enquanto suas mãos a levantavam e então a abaixavam em seu pênis.

“O que?”

“No momento em que te vi, eu soube que faria o que fosse preciso para ter você debaixo de mim. Isso foi antes de eu saber que você era uma Hennessy.”

Ela não conseguia se concentrar nas palavras dele, não quando ele a estava fodendo. Lento e gentil, tão diferente do jeito que ele tinha sido no passado.

“Não esperava que você fosse virgem. Não esperava que você combinasse comigo tão bem.”

Ela envolveu os braços em volta do pescoço dele e ignorou suas mãos orientadoras e começou a fodê-lo do jeito que ela precisava. As mãos dele cravaram em seus quadris com força suficiente para fazê-la parar.

“Que porra é essa, Roth?”

“Este é o meu show.”

Ele lambeu seu pescoço suado e então a levantou e abaixou novamente. O som de sua boceta molhada fez suas unhas cravarem em sua pele.

“Nunca pensei que te traria aqui de novo, então vou aproveitar. Você não vai dormir hoje à noite.”

Ela mordeu o ombro dele. “Pare de brincar!”

Ele a empurrou. Ela caiu de costas com ele agachado sobre ela, mãos plantadas em ambos os lados do corpo dela. Ele deslizou de volta e bombeou forte o suficiente para fazê-la ofegar. Os cobertores não ofereciam nenhuma barreira entre ela e o chão, e ele sabia disso. Ele rolou os quadris, e os olhos dela se cruzaram quando ele foi mais fundo do que nunca.

“Você sabe quantas vezes eu imaginei você assim?” Ele se inclinou e agarrou sua garganta. “Você vai me sentir amanhã, princesa.”

Ele começou a se mover do jeito que ela sabia que ele podia. Duro e áspero. Puta merda, ele estava a partindo em pedaços, mas ela não se importava.

“Não importava quanto tempo demorasse para eu te alcançar. Eu sabia que conseguiria, mais cedo ou mais tarde.”

“Eu te odeio”, ela ofegou enquanto ele levantava suas coxas e empurrava ainda mais fundo.

“Você não sabe odiar.”

Ela cravou as unhas nas costas dele e teve certeza de que tirou sangue enquanto ele acelerava as estocadas. Sua boceta estava pegando fogo, e ela se sentiu machucada e perto de bater quando seu clímax chegou. Sua visão brilhou em branco, e ela mordeu seu ombro musculoso para ajudá-la a passar pelo prazer-dor. Ele não diminuiu o ritmo. Lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto ela olhava para cima para encontrar os olhos dele nela, os lábios afastados dos dentes enquanto ele a fodia.

“Meu nome”, ele exigiu.

“Roth”, ela disse com a voz rouca.

Seus olhos queimaram. “Seu nome para mim.”

Ela hesitou e então gritou quando ele se esfregou contra ela.

“Jamie!”

Ele se afastou, montou em seu peito e segurou seu queixo.

“Abra”, ele ordenou.

Quando ela não obedeceu, ele agarrou suas bochechas, forçando seus lábios a se separarem. Duas estocadas foram tudo o que ele precisou para gozar. Jatos de branco leitoso voaram sobre seu rosto, em sua boca e deslizaram por seu queixo. Eles se encararam enquanto ele continuava a se acariciar. Era um movimento dominante que ele começou quando eles estavam namorando. Naquela época, isso a chocou muito... e então ela começou a desejar isso.

A expressão dele era mais suave, mas ainda alerta, e cem por cento focada nela. Sua intensidade ainda estava lá, apenas guardada no momento. A vista fenomenal era complementada pelo cheiro que a cercava. Colônia cara, suor e aquela mordida que era unicamente dele. Se estivessem em um momento diferente de suas vidas, ela teria provocado seu pau ainda sensível e o chupado até que ele estivesse duro novamente. Ele ficou agachado sobre ela. O que ele estava esperando?

"Você é pesado", ela disse.

Ele se mexeu, e quando ela levantou a mão para enxugar o rosto, ele agarrou seu pulso para detê-la. Seus olhares se encontraram enquanto ele se inclinava e dava um beijo suave em seus lábios. Quando ela tentou se afastar, ele agarrou seu cabelo para mantê-la parada. Ela fechou os olhos e cedeu. Quando ele se afastou, ele enxugou seu rosto com um cobertor fino antes de se deitar de lado e aconchegá-la contra ele.

Seu corpo estava quente e pesado. Ele havia lhe dado exatamente o que ela precisava. Não havia pensamentos sobre consequências ou responsabilidades e não havia mais necessidade de correr.

"Descanse", ele ordenou.

Ela tremeu e se moveu contra ele. "Preciso da minha jaqueta."

"Eu vou te manter aquecida. Durma."

"Mas-"

Uma mão agarrou seu cabelo e puxou sua cabeça para trás. Sua boca pousou na dela. A gentileza se foi como se nunca tivesse existido. Ele a beijou forte o suficiente para fazer seus lábios pulsarem.

"Seu corpo está acelerado. Vou te dar algumas horas para se recuperar antes de te foder de novo."

"Mas-"

Ele começou a deitá-la de costas.

"Ok, ok."

Ele jogou sua perna pesada sobre as duas dela enquanto seu braço a prendia contra ele. Embora fosse um aperto sufocante, era reconfortante mesmo assim. Em casa, ela tinha um cobertor pesado que entorpecia seus sentidos para que ela pudesse desligar sua mente hiperativa, mas isso era melhor. Com o fogo em suas costas e seu rosto enterrado contra a cavidade de sua garganta, suas pálpebras caíram. Ela estava quentinha, pegajosa, exausta e contente pela primeira vez em semanas. Ela respirou seu almíscar e esfregou seu rosto contra sua pele, sem saber pressionando um beijo sobre seu coração antes de suspirar e soltá-lo.

E

sua boceta estava queimando. Ela lutou, mas seus braços estavam presos e suas pernas estavam bem abertas. Ela teve um momento de trégua antes de ser espetada. Ela soltou um grito gutural.

"É isso que eu quero ouvir, princesa."

Os olhos dela se abriram de repente, mas nada fazia sentido. As paredes estavam coloridas em luz laranja, e um homem grande a segurava. Ele a estava fodendo profundamente, balançando seus quadris contra um chão implacável e dizendo coisas que ela não conseguia processar.

“Mostre-me esses lindos olhos.”

Ela olhou para o homem e tentou ver seu rosto, mas ele estava envolto em sombras. A dor estava se transformando em prazer, mas ela não conseguia entender o porquê.

“Seu corpo conhece o meu. Você fica molhada só com a minha voz.” O hálito quente do homem flutuou sobre seu rosto. “Porra, sim, me enrole bem apertado.”

“Quem é você?” ela sussurrou enquanto lutava para encontrar forças para se libertar.

“Seu deus. Lembra, Jasmine?”

Ela jogou a cabeça para frente e para trás enquanto ele batia em sua buceta ardente e finalmente chegou ao clímax, gritando seu nome e segurando-a no lugar enquanto ele se plantava profundamente. Ela deu um tapa em seus ombros enquanto ele a cobria como um enorme cobertor suado. Ela voltou a dormir com ele ainda dentro dela.

E

la acordou de bruços. Um homem a estava fodendo por trás. Suas panturrilhas se levantaram quando ele se plantou fundo o suficiente para fazê-la gritar. Seu rosto estava virado para o fogo ardente. Ela sabia exatamente onde estava, por que e quem a estava fodendo. Quando ela se mexeu embaixo dele, ele deu a ela seu peso para mantê-la no lugar.

“Quero ficar de joelhos”, ela disse.

Ele pressionou sua bochecha contra a dela. “Você acordou dessa vez, princesa?”

“Pare de me chamar assim.”

Ele riu enquanto descobria a nuca dela e a mordia.

“Deixe-me levantar”, ela exigiu.

“Eu gosto de você do jeito que você é.”

“Você vai gostar mais da vista se me deixar subir.”

O peso dele desapareceu, e seu pau deslizou para fora da buceta inchada dela. Ela se mexeu cautelosamente, sentindo cada dor em seus músculos enquanto ficava de quatro e apoiava a bochecha em um travesseiro.

A mão dele acariciou a bunda dela antes que seus dedos roçassem o quadril esquerdo dela. “Você tem tatuagens agora.”

“Diversas.”

“Por que?”

Sua boca se curvou. “Porque eu posso.”

“Por que um tsuru de papel de origami?”

“Os guindastes são um símbolo de boa sorte e paz”, ela disse enquanto olhava para as chamas saltitantes. “O origami me representa como escritora e minha vida e sonhos escritos na página. É um casamento entre quem eu sou e o que eu quero da vida.”

“E isto?” Ele apalpou a videira de flores delicadas que ia do quadril até as costelas do lado direito dela.

“Eram só por diversão.”

“Nunca pensei que você faria uma tatuagem.”

Esse era o ponto principal. “Eu queria ter certeza de que não ficaria tentado a voltar.”

“De volta para quê?”

“Ser um Hennessy.”

“Você é um Hennessy.”

“Não é verdade. Não posso usar os vestidos que todos esperam que eu use sem mostrar uma tatuagem. Fiz de propósito. Não me importo mais.” Ela suspirou enquanto ele agarrava seus quadris e pressionava a cabeça de seu pênis contra ela. “Parei de jogar o jogo e saí. Não sou ninguém agora.”

“Você sempre será um Hennessy e, portanto, digno de notícia.”

Ela gemeu no travesseiro enquanto ele a invadia. Embora inchada e dolorida, ela ainda estava faminta por mais. Ele despertou algo ganancioso e incivilizado que nunca seria saciado. Ninguém tinha sido capaz de satisfazer suas necessidades obscuras, então ela tomaria o máximo que pudesse. Uma vez que eles saíssem daqui, ela voltaria ao nada.

“Dolorida?” ele perguntou em seu ouvido.

"Sim."

"Bom."

Ele empurrou suas dobras inflamadas, forçando seu rosto no travesseiro.

“Diga-me que você gosta disto.”

“Sim”, ela disse com os dentes cerrados.

“Você deseja isso?”

"Sim", ela engasgou enquanto ele a fodia para frente.

Ele a puxou de volta para seu pau, e os dedos dos pés dela se curvaram. Ele a agarrou pelos cabelos e puxou enquanto mudava de posição, perfurando para baixo e fazendo os olhos dela cruzarem.

“Ninguém nunca vai te dar do jeito que você precisa.”

Quando ele mordeu seu pescoço novamente, ela gritou enquanto ele bombeava seus quadris. Ele soltou seu cabelo e a agarrou pelos ombros para segurá-la no lugar enquanto a fodia. Ela se contorceu sob ele e caiu de bruços quando ele gozou e usou sua força considerável para se alojar o mais fundo possível. Ele ofegou em seu cabelo antes de deixar seu rosto cair ao lado do dela.

Seu corpo estava uma bagunça trêmula e pulsante, mas era muito bom. Fazia anos que ela não ficava tão completamente destruída. Seus olhos caíram quando ele rolou para longe dela. Ela gemeu em reclamação sonolenta enquanto ele a puxava contra seu peito e a acariciava por trás.

“Você alimenta meus demônios”, ele disse asperamente.

“Você criou o meu.”

Ele a apresentou ao espectro mais obscuro do sexo, e ela o adotou com entusiasmo e facilidade sem limites. Ser usada acalmou algo quebrado e perdido dentro dela.

A mão dele deslizou sobre o corpo dela, e ela se arqueou preguiçosamente em seu toque. Ela deixou sua mente flutuar neste universo alternativo. Não havia tempo aqui, nem consequências. Apenas as necessidades básicas de prazer, fome e calor.

“Eu sempre me perguntei o que faria quando te alcançasse,” ele disse enquanto acariciava sua pele. “Você nunca faz o que eu espero.”

“Bom. Eu não gostaria que ninguém pensasse que me pegou.”

A mão dele se abriu sobre o estômago dela. “Você nunca se casou de novo.”

“Não.”

Ele beijou o lado do pescoço dela. “Tenho certeza de que você teve ofertas.”

“Claro.” Ser uma Hennessy, mesmo ilegítima, garantia um suprimento infinito de pretendentes querendo pôr as mãos no dinheiro de seu pai.

“Por que você não fez isso?”

“Eles querem meu nome, não eu.”

“Você acha?”

“Sim.”

Ela pairou à beira do sono, mas não sucumbiu. Sua mente estava nublada, mas ainda funcionando. Ela aproveitou o calor intenso do fogo e imaginou que estava deitada em uma praia se bronzeando em vez de em uma cabana remota no meio de uma tempestade de neve.

Ela observou as chamas devorarem os blocos de madeira. Ela era a madeira. Ele era a chama. Depois disso, eles seriam cinzas.

“Valeu a pena?” ela perguntou calmamente.

A foda crua teve o efeito desejado. Ela foi drenada de toda emoção, o que a deixou lúcida o suficiente para examinar o relacionamento catastrófico deles objetivamente sem que seu coração interferisse.

“O quê?” ele perguntou.

“As longas horas, as noites sem dormir... Seu rosto estava na capa da *Forbes* há alguns meses e agora na *Business Weekly*. Você conseguiu. Está satisfeito?”

“Não.”

Sem hesitação em sua resposta.

Ela descansou a bochecha contra o bíceps dele e suspirou. “Nunca será o suficiente.” Ela hesitou antes de dizer, “Papai teve três derrames. Ele quase se matou tentando ser o melhor.”

“Ele é uma lenda.”

“É por isso que você está se esforçando?” Parecia um objetivo tão vazio, mas ela cresceu cercada por pessoas como Roth a vida toda. Eles estavam perseguindo algo intangível. Quando alcançavam um objetivo, imediatamente passavam para o próximo. Sem comemorações, sem pausas, sem vida. Ela viu seu pai sofrer no final. Apesar de seus sentimentos por Roth, ela não queria o mesmo para ele. “As pessoas se tornam lendas apenas quando estão mortas.”

“Mas seus legados continuam vivos.”

“Você é igualzinho a ele.”

Ele ficou tenso. “Eu não sou como Maximus.”

Ela ignorou sua negação. “Estávamos destinados a fracassar.”

"Não."

“Eu estava noiva”

“Um casamento arranjado.”

“É esperado. É o que minhas irmãs têm, e elas são felizes.”

"Você não estava."

Roth lhe apresentou algo que ela não sabia que estava perdendo. Ela seguiu o caminho que seu pai havia traçado para ela: escolas particulares, faculdade, especialização e até mesmo com quem ela se casaria. Era esperado que durante suas férias de verão e feriados, ela estivesse na Hennessy & Co, observando e aprendendo. Ela não estava infeliz até conhecer Roth. Ele a fez se sentir corajosa, rebelde e aventureira. Ela jogou sua moral e medos ao vento e mergulhou de cabeça em um caso tórrido com o anel de outro homem em seu dedo. Ela não estava pensando nas consequências, apenas em si mesma e no que queria, e isso terminou em desastre para todos eles. Ela perdeu sua família e senso de identidade. Roth perdeu seus negócios e foi forçado a ir para o exterior, onde trabalhou como um louco para reconstruir o que perdeu. Seu pai levou um grande golpe financeiro quando seu noivado rompido destruiu sua parceria com Parker Baldwin, de quem ele era amigo há décadas. Todos eles pagaram um preço, e por quê?

“Eu estava contente com o que tinha e para onde estava indo. Depois que me formasse, Ford e eu nos casaríamos. Eu deixaria a Hennessy & Co quando engravidasse. Essa é outra coisa em que você e meu pai concordaram. Eu não estava tendo o desempenho que ele queria na empresa, então ele achou que era melhor eu me tornar mãe. Pelo menos então eu seria útil.”

“Ele é um filho da puta.”

“Como você disse, é sobre legados. Casar com Ford teria fortalecido os laços do papai com os Baldwins, mas o noivado rompido quase prejudicou a empresa. Mesmo que papai tenha me renegado, seu relacionamento com Parker nunca mais foi o mesmo.” Ela suspirou. “Não sei por que sou do jeito que sou.”

“Não há nada de errado com você.”

Ela estendeu a mão para trás e deu um tapinha na bochecha eriçada dele. “Você é doce.”

"Eu não sou."

“Não, você não é,” ela concordou antes de retirar a mão. “Mas foi legal da sua parte dizer isso.”

“É a verdade.” Os braços dele apertaram-na. “Você não teria sido feliz casada com Ford.”

“Ele é um bom homem.”

“Você ficaria entediada até a morte.”

Talvez, mas eles nunca saberiam.

“Fale-me sobre os livros.”

Ela estava relaxada demais para ficar na defensiva. “Você estava em Londres. Eu tinha acabado de me formar na faculdade e não conseguia um emprego porque meu pai estava sendo um babaca... Você me disse para seguir a carreira de escritora em tempo integral, então eu segui. Escrevi sobre nós. Publiquei o primeiro livro sob Thalia Crane, e foi um sucesso. Mal podia esperar para te contar. Usei o dinheiro do livro para ir para Londres e...” Sua voz sumiu quando as memórias começaram a vir à tona.

Não sei se vale a pena.

O eco da voz fria dele proferindo aquelas palavras a fez enrijecer. Mesmo enquanto ela se preparava para rolar para longe, a mão dele foi até sua boceta. Quando ela agarrou seu pulso para puxá-lo para longe, seus dedos saqueadores esfregaram habilmente.

“Sem amanhã. Sinta-me,” ele murmurou.

A respiração dela falhou quando ele sentiu seu pulso.

“Eu...” Ela tentou reunir seus pensamentos, mas eles desapareceram tão rápido quanto surgiram.

Ele a empurrou de costas enquanto ele estava deitado de lado. Uma coxa grande deslizou entre as dela e colocou sua perna sobre a dele, dando a ele acesso ilimitado. Ela olhou para o teto de vigas abertas enquanto ele esfregava seu clitóris, beijava seu pescoço e massageava seu seio. Droga, ele era bom. Não demorou muito para seu corpo se inflamar por ele. Ela agarrou um punhado de seu cabelo e puxou.

"Faça-me", ela rosnou.

Ele obedeceu, levantando a coxa dela e deslizando seu pau grande para dentro dela. Ele balançou lentamente. O ângulo provou ser mais do que ela podia suportar. Ela implorou para ele se apressar, mas ele manteve seu ritmo irritantemente lento até que ela atingiu o clímax, e mesmo depois, ele continuou enquanto ela choramingava e tentava voltar a dormir.

“Estou cansada”, ela resmungou.

Ele beijou o queixo dela. “Eu não me importo de te foder enquanto você dorme.”

"Se apresse."

“Estou levando meu tempo. Isso.” Ele empurrou fundo, e ela arfou. “É bom demais para parar.”

Parecia durar para sempre. Ela se entregou a isso e não conseguia acreditar quando ele a empurrou para mais um clímax e finalmente gozou com ela. Ele jogou um braço sobre ela e colocou seu rosto contra o dela.

“Que horas são?” ela perguntou com a voz rouca.

"Cinco."

“Eu deveria me levantar”, ela disse, mas não fez nenhum movimento para fazê-lo.

“Ainda está nevando. Vou dirigir e verificar a estrada em uma ou duas horas. Durma.”

Capítulo 5

E l e acordou do lado dela com o fogo nas costas. Ela abriu um olho. A luz do sol entrava na cabana, marcando um novo dia. Ela estava sozinha no ninho de cobertores. Preparando-se para a dor que certamente sentiria, ela se sentou. Não havia som na casa, mas ela não estava alarmada. Ela usou o sofá como apoio enquanto lentamente se levantava e enrolava um dos cobertores duros ao redor de si. A caminho do banheiro, ela parou em frente à grande parede de vidro para olhar para o mundo coberto por um branco cintilante e intocado. O vento havia parado, e um céu azul sem nuvens se estendia sobre a cordilheira branca. Era como se a noite do inferno nunca tivesse acontecido. Olhando para seus pés descalços, que estavam quentinhos, ela jurou que nunca mais tomaria o aquecimento central como garantido.

Uma vez no banheiro, ela pisou sob o jato de vapor e lavou tudo. Ela estava assustadoramente calma. Roth realizou o que a natureza não tinha sido capaz de fazer. Ele reorientou a atenção dela para algo tangível e carnal e a esvaziou para que ela pudesse começar de novo.

Embora o pequeno espelho fosse pequeno demais para mostrar qualquer coisa além de seu rosto, ela sentia cada marca em seu corpo. Ele a havia usado bem e cumprido sua promessa porque ela ainda podia senti-lo. Ela pegou emprestado o roupão fofo de Kaia e estava a caminho do loft quando sentiu uma corrente de ar desagradável. Aparentemente, o loft ainda não estava aquecido. Roupas não eram vitais no momento, então ela desviou para a cozinha e tomou aspirina enquanto procurava algo para comer. Ela decidiu fazer um sanduíche de queijo grelhado e ficou satisfeita em encontrar um estoque de sopa de tomate também.

Ao ligar o fogão para esquentar a panela, ela olhou para o micro-ondas, que estava piscando zeros. Ela foi em busca de sua bolsa e pegou seu telefone, que havia desligado antes de seu voo para o Colorado. Quando ela o ligou, uma enxurrada de mensagens de texto, e-mails e mensagens de voz a saudou. Ela ignorou tudo isso e se concentrou no horário, 8:30. Ela ligou para o hospital para verificar Kaia e foi prontamente informada de que não poderiam divulgar nenhuma informação, pois ela não era parente. Ela desligou e tentou ligar para Roth antes de perceber que não tinha o número dele.

"Merda."

Enquanto a manteiga chiava na panela, ela colocou a sopa de tomate no micro-ondas e ouviu a primeira mensagem de voz.

"Garota, vou plantar um dispositivo de rastreamento na sua bunda", Sunny falou lentamente.

Seus lábios se contraíram enquanto ela colocava o coordenador de segurança que herdou do pai no viva-voz enquanto tirava os pratos dos armários.

"Você corre muitos riscos. Não pode mais fazer isso. Não é seguro." Sunny suspirou. "Eu sei que você precisa de tempo, mas não pode fugir assim. Você os abandonou em uma boutique e depois desligou seu telefone para que não pudéssemos rastreá-la? Você sabe quem você é? Droga, Jas, você vai me custar meu emprego. Lyle está no meu pé desde que você desapareceu. Ele me demitiu, a propósito, então obrigada por isso."

Jasmine revirou os olhos. Ela lidaria com Lyle quando voltasse.

"Espero que esteja bem. Deixe-me enviar pelo menos um cara até você. Ou melhor ainda, deixe-nos buscá-la. Me ligue de volta."

Se não fosse pela morte do pai, que a jogou de volta aos holofotes, não haveria necessidade de guarda-costas. Ela não estava apenas tentando lidar com a morte do pai, mas também tinha seguranças em seu rosto pedindo uma rotina diária. Ela se sentia sufocada e presa, e foi por isso que correu para o Colorado para uma maldita pausa.

Não é de surpreender que a próxima mensagem de voz tenha sido de Lyle, seu cunhado.

"Eu não sei onde você está, mas quando você chegar em casa, eu vou te dar uma surra", Lyle retrucou. "Porra, Minnie, isso não é um jogo, e você não pode mais sair. Se você está emotiva ou algo assim, vá a um terapeuta ou vá a um spa de merda. Não saia sem nos avisar. Você não pode nem me mandar uma porra de mensagem de texto? Eu estou na porra de Amsterdã. Estou até a bunda em reuniões. Você não acha que eu tenho coisas mais importantes para me preocupar? Porra."

Ela podia ouvir vozes e telefones tocando ao fundo e o imaginou andando de um lado para o outro enquanto falava com ela.

“Colette me contou sobre o testamento de Max e como ela reagiu. Eu não sabia. Precisamos ter uma reunião de família.” Ele suspirou. “Me ligue de volta no minuto em que receber isso. Estou preocupado com você, sua merdinha. Eu te amo.”

Ela era adolescente quando sua irmã mais velha, Colette, se casou com Lyle. Ele era da família certa, um magnata por direito próprio e uma versão mais ousada do pai dela. Mas, diferente do pai dela, a família significava algo para Lyle. Mesmo quando estavam afastados, Lyle manteve contato com ela. Ele não tinha medo do pai dela e era um dos poucos que sabia sobre Thalia Crane e tinha muito orgulho dela. Ele tinha uma apreciação pela arte que não era percebida pelas irmãs dela.

Decidindo ter pena dele, ela ligou enquanto mordida seu sanduíche. Ele atendeu no meio do primeiro toque.

"Eu vou te matar."

Ela mastigou alto no ouvido dele e não disse nada.

“Que porra é essa?”

Ela sorriu. Nada como um irmão mais velho para fazê-la querer agir como uma irmã mais nova malcriada. “Olá para você também.”

“Onde diabos você está?”

“Ainda estou nos Estados Unidos.”

“Você sabe que nos fez passar por um inferno.”

Ela duvidava que suas irmãs se importassem tanto, mas não tinha vontade de discutir. “Estou bem.”

“Pare de dizer isso. Todos nós sabemos que você não está. Como diabos você pode estar depois do que ele despejou em você?”

“Bem, agora estou.” Uma noite de sexo sujo pode fazer milagres na perspectiva de vida de alguém. “Voltarei para Nova York em breve.”

"Quão breve?"

“Em algum momento hoje, eu acho? Ainda não tenho certeza.”

“Como você pode não saber—?” Ele se interrompeu porque não queria saber a resposta. “Tudo bem. Precisamos nos preparar para alguma coisa?”

Ela virou um sanduíche na frigideira. “Tipo o quê?”

“Se você raspou a cabeça, fez uma tatuagem no rosto ou decidiu ficar bêbada e se despir em um lugar público?”

"Não."

Roth não era de beijar e contar. Ninguém descobriria sobre isso. Uma vez que eles fossem embora, eles deixariam de existir um para o outro. Ele voltaria a ser o rei do mundo dos negócios, e ela voltaria a ser uma escritora anônima.

“Colette e eu faremos um jantar em família hoje à noite. Deveríamos conversar antes de você fugir para o campo.”

Ele a conhecia tão bem. “Ótimo.”

“Vejo você hoje à noite.”

Ele nunca deixou de fechar um acordo. “Ótimo.”

Ela desligou e apoiou o quadril no balcão enquanto mergulhava o sanduíche na sopa. A comida acalmou seu estômago e a fez se sentir humana novamente. Quando seu pai faleceu, ela colocou sua vida em espera e não a retomou desde então. Seu desejo de escrever foi extinto junto com sua capacidade de se importar com qualquer coisa. Depois de tomar uma decisão que mudaria tanto sua vida para seu pai, ela ficou com medo de tomar qualquer outra, então não o fez e ficou no limbo. O treino com Roth a tirou de seu estado catatônico e despertou seu espírito de luta. Ao simplesmente dizer a ela que ela tomou a decisão certa, Roth aliviou o peso que ela carregava há semanas. Ele não a absolveu de toda a culpa — ninguém poderia fazer isso — mas ela conseguiu lidar com o fato de ter obedecido aos desejos de seu pai, e pronto.

Ela havia sobrevivido a Roth. Ela tinha alguns ferimentos de batalha, mas eles eram do tipo delicioso que desapareceria. Agora, ela não teria que olhar por cima do ombro ou se preocupar em encontrá-lo novamente no futuro. Se eles se esbarrassem, ela tinha certeza de que Roth seria civilizado.

Ela chutou o último sanduíche para fora da panela e estava tomando chá quando notou um brilho estranho no ar. Ela se esgueirou em direção à janela e olhou para o céu sem nuvens enquanto partículas prateadas caíam como confetes na neve intocada e brilhante. Ela estava tão focada no estranho fenômeno que não percebeu uma figura vindo em sua direção até que ele passou bem na frente de seu rosto. Ela saltou para trás da janela com um grito abafado antes de reconhecer Roth. Ele estava agasalhado e carregando um rifle com uma facilidade que a desconcertou. Ele arrastou-se pela neve profunda e deu a volta até a porta da frente. Ela foi até a entrada da cozinha e observou enquanto ele entrava, deixando rastros de neve para dentro da casa. Ela enrolou o roupão mais apertado em volta de si. Só de olhar para ele, ela sentiu frio. Ele apoiou o rifle no canto e tirou o pó de sua jaqueta de lã.

“Está tudo bem?” ela perguntou.

“Sim.”

“O que há com a arma?”

“Uma precaução. Eles estão apenas começando a limpar as estradas. Devemos conseguir sair em duas horas.”

“Você ligou para o hospital?”

“Eles disseram que ela está bem.”

“Ótimo.” Ela hesitou e então perguntou: “Sou só eu ou é neve brilhante?”

“É chamado de pó de diamante, luz refletida em cristais de gelo. Acontece em dias ensolarados quando a temperatura cai para valores negativos.”

Seu olhar voltou para a janela. Ela queria dar uma olhada mais de perto, mas não estava disposta a deixar a cabine quente. “É incrível.”

“Não quando você está andando por aí com ele.” Ele passou a mão pelo cabelo úmido. “Você cozinhou alguma coisa?”

“Fiz sanduíches de queijo grelhado e esquentei sopa.”

Quando ela voltou para a cozinha, ouviu o som de passos pesados atrás dela. Quando ela pegou outro prato, dois braços a prenderam contra o balcão e um corpo grande pressionou contra suas costas.

“A noite acabou, Roth”, ela disse calmamente enquanto ele enterrava o rosto em seu cabelo molhado.

“Você cheira a limpo”, ele murmurou.

“Eu tomei banho.”

“Eu prefiro você sujo.”

As mãos dele seguraram a bunda dela antes de viajarem até a faixa frouxamente amarrada. Quando a mão dele deslizou por baixo do robe dela, ela pulou, jogando a cabeça dele para trás. Ele xingou enquanto ela se virava.

“Suas mãos parecem gelo! Você não usou luvas?”

Ele olhou para ela. “Se eu tivesse luvas, eu as usaria, porra.”

“Você precisa ir até o fogo.”

“Por que você não me aquece em vez disso?”

Ele a impulsionou para cima do balcão. Ela gritou quando ele enterrou o rosto na curva do pescoço dela.

“Você é louco! Sai de cima de mim!”

Ele abriu as pernas dela e se moveu entre elas. Ela bateu no peito dele enquanto as mãos dele deslizavam por baixo do robe dela e se moviam sobre a carne dela.

“Você está congelando,” ela choramingou e cobriu as bochechas e orelhas dele com os braços. “Seu idiota. Você vai ficar doente.”

“Não fico doente há anos.”

“Hoje pode ser seu dia de sorte”, ela retrucou.

“Eu cresci aqui. Eu conheço meus limites.”

Quando ele pressionou o nariz frio contra a bochecha dela, ela se encolheu.

“Me aqueça, princesa.”

“Sério, Roth, você precisa—”

Dois dedos frios a penetraram, e ela engasgou com a sensação polarizadora. “Oh, meu Deus.”

“Eu esperava poder te foder até te acordar”, ele disse contra o ouvido dela.

“Roth, você precisa—”

“Veja, minha mão já está quente. Sua boceta emite mais calor que o fogo.”

Ele despertou sua curiosidade e luxúria. Ela poderia aquecê-lo? Bem, se não o fizesse, ele estaria em apuros. Ela segurou seu pescoço úmido, e ele se pressionou contra ela, dizendo-lhe sem palavras para continuar. Hmm... Ela empurrou contra seu peito, mas ele não se moveu.

Ela levantou uma sobrancelha. “Você quer um boquete ou não?”

Levou menos de dez segundos para tirá-la do balcão e colocá-la de joelhos na frente dele. Ela se mexeu desconfortavelmente, e um segundo depois, o casaco de lã dele caiu no chão, revelando outra camisa de flanela, esta azul. Ela se ajoelhou no estofamento, desfez o jeans dele e não ficou surpresa ao encontrá-lo flácido.

“Pobre bebê”, ela disse e pressionou sua bochecha contra ele enquanto arrulhava.

“Jasmine”, ele disse com os dentes cerrados.

Pela primeira vez desde que ele a localizou no hospital, ela estava no comando. Ela olhou para cima enquanto envolvia sua mão em volta do pau dele e estalava sua língua.

“Talvez você tenha sofrido de congelamento”, ela refletiu.

“Por que você não coloca sua boca em mim e nós descobriremos?”

Ela riu enquanto massageava suas bolas. Quando ele estremeceu, seu humor brincalhão morreu.

“Sério, Roth, você deveria ir para a frente do fogo—”

Ela não terminou a frase porque ele agarrou seu pau e enfiou na boca dela. Quando ela tentou recuar, ele a segurou no lugar. Ela olhou para ele e o encontrou observando-a com foco predatório e a laser.

“Chupe-me”, ele ordenou.

Tudo bem. Se ele queria pegar pneumonia porque queria um boquete em vez de se aquecer na frente do fogo, esse era o problema dele. Ela segurou suas bolas, que pareciam ferro frio, e usou a boca para persuadir seu pau a sair do esconderijo. As mãos geladas dele afundaram em seu cabelo e, quando ele começou a se alongar, ela puxou seu jeans para baixo e passou as mãos por mais de sua pele gelada.

Ele desfez o roupão dela e o tirou dos ombros dela. Ela tirou a boca dele para segurá-la.

“Pare, Roth!”

“Não quero que você cheire como ela”, ele rosnou.

Ela desistiu, já que ele deixou claro que iria arrancar tudo se ela não obedecesse. “Você é um valentão!”

Ele segurou o rosto dela com uma mão e redirecionou a boca dela de volta para seu pau. “Você gosta de valentões.”

“Eu não,” ela murmurou e franziu a testa quando viu a pele dele coberta de arrepios. Talvez uma pequena conversa suja ajudasse a afastar aquele resfriado terrível.

“Eu sempre amei seu pau,” ela respirou, deixando seu hálito quente passar por ele. Veias pulsavam sob sua mão enquanto ela beijava a cabeça dele e se sentava para lamber sua barriga inferior. Ela pressionou seu corpo nu contra suas pernas e estremeceu enquanto absorvia o frio.

“Você se masturbou comigo enquanto eu dormia, não foi?”

“Duas vezes”, ele disse com uma voz gutural que fez os seios dela formigarem.

“Você sabe quanto tempo levou para lavar o esperma do meu cabelo?”

Ele plantou suas botas de trabalho em ambos os lados dela enquanto ela o trabalhava. As mãos dela acariciavam suas coxas musculosas, que não pareciam mais troncos de árvores congelados. Ela lambeu ao redor de sua virilha, beliscando aqui e ali enquanto a mão dele flexionava em seu cabelo.

Ela olhou para o comprimento poderoso dele para ver seu peito se movendo em dobro sob sua camisa. Sua mão deslizou para baixo de seu corpo e entre suas pernas abertas. “Você está certo, Roth. Eu ainda posso sentir você.”

Ele a arrancou dos joelhos e a jogou no balcão. Ele deslizou para dentro dela com um gemido cheio de dor e alívio. Os braços dela o envolveram enquanto ele estremeceu.

“Por que você se sente tão bem?” ela sussurrou contra seu pescoço e arranhou suas unhas em suas costas, querendo soltar sua besta. “Eu odeio que você me dê o que eu desejo.”

Ele começou a se mover. Golpes profundos e poderosos que fizeram as paredes internas dela tremularem ao redor dele. Ela encostou o rosto nele e respirou seu almíscar, que cheirava a seu sabonete líquido e um toque de sempre-viva.

“Tenho sonhos molhados com você”, ela confessou, e o ritmo dele vacilou. “Você é meu pesadelo favorito.”

Ela balançou contra ele para fazê-lo se mover novamente e sorriu quando ele soltou um gemido gutural. Ela agarrou a parte de trás do pescoço dele e puxou o lóbulo da orelha com os dentes antes de dar uma mordidinha.

"Eu odeio que você seja do mundo do meu pai, que você se importe com o mercado de ações, fundos de hedge e investidores. Eu queria que você fosse normal, um cowboy que batesse o ponto e voltasse para casa para foder meus miolos."

Ele agarrou os cabelos dela e puxou o rosto dela para longe do seu pescoço para poder perfurá-la com um olhar ameaçador que continha a promessa de violência.

"Vaqueiro?"

Ela deu a ele um sorriso convencido. "Eu quero um bom cavaleiro."

Ele apertou seu abraço, fazendo os olhos dela lacrimejarem. "Não fale comigo sobre outros homens."

"Você sabe que houve outros. Você leu os livros," ela disse roucamente e ignorou seu aperto pungente. "De que outra forma eu poderia lidar? Você me mostrou quem eu realmente sou e então me deixou."

"*Você me deixou*", ele sibilou.

"Fiz o que era melhor para nós dois."

"Você não sabe o que é melhor para mim."

Uma lágrima escorreu por sua bochecha enquanto seu aperto brutal fazia seu couro cabeludo formigar. Ele parecia homicida, mas ela não se importava.

"Você desbloqueou algo obscuro em mim que eu não sabia que tinha," ela ronronou enquanto acariciava os lados dele. "Eu digo a eles o que eu quero, mas eles não me dão cru do jeito que eu preciso. Você me dá sem pedir. Não é justo."

Ela sentiu uma dor considerável ao chegar perto o suficiente para pressionar seus lábios contra os dele.

"Por que você simplesmente não me amou?" ela sussurrou.

Ele a puxou para trás até que ela ficasse deitada no balcão. Ele juntou as pernas dela e as apertou contra o peito enquanto começava a penetrá-la com estocadas fortes que faziam seu corpo arquear em um esforço para aliviar a dor. Ele a golpeou com tanta força que ela gritou.

"Venha, Roth!" ela implorou.

"Eu virei quando estiver muito bem e pronto," ele rosnou. "Seu trabalho é pegar o que eu te dou."

As mãos dela arranharam o balcão enquanto ele acelerava as estocadas. O som agudo das bolas dele batendo contra a bunda dela acompanhou os gemidos dela e a respiração áspera dele enquanto ele se plantava fundo.

Sua cabeça balançou de um lado para o outro. "Roth, eu não—eu não posso—"

"Você tem que fazer isso. Ninguém está aqui para te salvar."

Seu corpo se curvou enquanto ela cavalgava a crista da dor e do prazer e então explodiu no final. Ele a cavalgou através de seu orgasmo e não diminuiu o ritmo enquanto perseguiu seu próprio clímax. Ela se contorceu no balcão. Seu corpo era uma bagunça dolorida e latejante, e ela não tinha certeza de quanto mais poderia aguentar. Com o que restava de suas forças, ela se sentou, segurou os dois lados do rosto dele e o

beijou. Ela o beijou do jeito que costumava fazer, antes que ele destruísse seu mundo e a fizesse se sentir como um nada.

Ele bateu em casa. Quando ela estremeceu e tentou se afastar, ele agarrou sua nuca, mantendo seus lábios selados enquanto gozava. Ela sentiu o jorro quente de sua semente e quando ele a soltou, ela pressionou beijos em sua bochecha e pescoço enquanto ele ofegava. Ela passou as mãos por sua flanela úmida e sorriu. Aparentemente, foder poderia salvar alguém, mesmo que estivesse congelado.

“Não usamos nada”, ela disse calmamente. “Estou tomando a injeção, mas não estamos usando preservativos.”

“Estou limpo.”

Ela também, mas... "Você não se importa se eu estiver sob efeito de alguma coisa?"

"Não importa."

Ele deu um passo para trás, deixando-a no balcão, com as pernas abertas e completamente expostas.

“O que você quer dizer com isso não importa? Como poderia não importar? Você não está preocupado que eu jogue um processo de paternidade em você?”

Ele fechou o zíper das calças. “Não.”

Ela pegou algumas toalhas de papel para se limpar antes de pular para baixo. Ela não conseguia acreditar na atitude arrogante dele. Para alguém que era obcecado em construir um império, ela teria pensado que ele seria mais paranoico sobre ficasdas.

“Não entendo”, ela disse enquanto ele pegava um dos sanduíches e dava uma mordida.

“Não se preocupe com isso.”

Ela cruzou os braços. “Por que você é tão casual sobre isso?”

“Eu não sou casual.”

“Você é. Você não falou sobre controle de natalidade antes de ficar comigo, e também não perguntou se eu estava limpa.”

“Presumi que você teria dito algo se não estivesse limpo.”

“E o controle de natalidade?”

“Você sempre esteve em alguma coisa.”

“Mas você não sabia disso.”

Ele terminou o sanduíche e foi pegar a sopa.

“Roth!”

"O que?"

“O que você não está me contando?”

Ele olhou para ela por cima da tigela. “Seria impossível você engravidar.”

"Por que?"

“Fiz uma vasectomia.”

Houve um breve silêncio na cozinha enquanto ela tentava digerir isso. “Você fez vasectomia? Por quê?”

“Eu acho que isso é óbvio.”

Então ele não engravidaria todas as mulheres que ele fodia? Ele realmente transava tanto a ponto de ter que ser cortado? Enquanto ela tentava processar essa informação, um pensamento cruzou sua mente que

a fez ficar muito quieta. "Quando?"

"Quando, o quê?"

"Quando você fez a vasectomia?"

Ela o observava de perto o suficiente para vê-lo enrijecer. Algo gelado e afiado cortou seu meio enquanto sua intuição apitava.

"Você fez vasectomia quando nos casamos?" ela perguntou sem emoção.

"Sim."

Ela sentiu como se tivesse levado um soco. Seus ouvidos começaram a zumbir, e o ar saiu de seus pulmões.

"Não quero filhos", disse ele.

Por vários segundos, ela não reagiu. Ela não conseguia. Ele tinha acabado de lançar uma bomba nuclear em um mundo que ela estava tentando reconstruir e dizimou as fundações em escombros. Ela pensou que tinha ganhado alguma perspectiva e paz com as decisões que tinha tomado com seu pai e agora o encerramento com Roth, mas com algumas palavras, ele a empurrou de volta para as águas árticas de seu passado.

Quando ela conseguiu respirar além do gelo que se formava ao redor de seu coração, ela começou a ir em direção à saída. Ela tinha que se afastar dele. Anos de negligência, humilhação e fúria surgiram do nada. Seus olhos ardiam com lágrimas. Foda-se ele. Foda-se ele *com força*. Eles estavam divorciados há anos, e ele ainda encontrava novas maneiras de machucá-la.

Quando a mão dele se fechou em volta do braço dela, ela se afastou violentamente.

"Não me toque, porra", ela disse com uma voz letalmente baixa que tremia de raiva.

"Nós nunca conversamos sobre ter filhos."

Ela levantou uma mão. "Não."

Ele a agarrou novamente, e ela perdeu o controle. Ela atacou com cada grama de fúria bombeando por suas veias. A cabeça de Roth virou para o lado quando a palma da mão dela estalou sua bochecha. Ele olhou para ela enquanto seus dedos cravavam em seu braço, mas ela não vacilou. O desconforto físico não podia competir com a dor que irradiava de seu peito.

"Eu cuidei disso", ele disse entre dentes cerrados.

"Cuidou disso para quem?" ela sibilou. "Você? Você está tão ocupado tentando se proteger de mim que nunca percebeu que eu nunca usaria um bebê contra você! Tenho mais respeito próprio do que prender um homem que não quer ficar comigo. Deixe-me ir, Roth, ou juro por Deus—"

"Não teve nada a ver com você."

Ela balançou novamente, mas dessa vez, ele pegou a mão dela e puxou para baixo. Isso não a deteve. Ela pisou no pé dele, mas ele ainda estava usando aquelas botas de trabalho enormes, então não causou impacto. Quando ela tentou dar uma joelhada nas bolas dele, ele a empurrou contra a parede e a prendeu ali com uma mão em volta da garganta dela. Ainda assim, ela lutou. Ela estava totalmente fora de controle e não se importava.

"Eu te odeio!" ela gritou.

"Pare, Jasmine!"

Ela não parou até estar exausta. Quando a raiva desapareceu, deixando apenas dor em seu rosto, ela caiu contra a parede com lágrimas escorrendo por suas bochechas. Ela sacrificou tudo por ele enquanto ele a segurava à distância.

“Eu nunca tive a intenção de ter filhos”, disse ele.

“Tudo bem”, ela disse. “Tire as mãos de mim.”

A mão dele apertou em volta da garganta dela. Ele estava adicionando novas marcas às que já havia deixado, mas ela não se importava. Nada mais importava.

“Olhe para mim.”

“Deixe-me ir.”

“Não até você olhar para mim.”

Ela levantou o rosto e olhou para ele com toda a fúria violenta pulsando por ela. Ele parecia tão impassível e intocado como sempre. Como ela conseguiu se convencer de que ele se importava com ela?

“Agora, deixe-me ir”, ela disse com voz rouca.

“Fale comigo.”

Era tão absurdo ouvir essa fala dele que ela soltou uma risada sem humor. A faca que ele havia cravado em seu coração afundou ainda mais. “Agora você quer conversar? Depois de tomar decisões sobre nosso futuro sem falar comigo? Foda-se, Roth.” A risada desapareceu tão rápido quanto apareceu. “Você odiava tanto meu pai que fez uma vasectomia para que não tivéssemos filhos?”

“Não teve nada a ver com seu pai. Eu só não quero filhos.”

“Imagino que não tenha nada a ver comigo também? Você continua me mostrando que nunca tivemos um casamento de verdade. Eu era apenas um suporte para te levar aonde você queria, e quando não consegui, você me abandonou.”

“Você deixou—”

“Eu nem fui um fator na sua tomada de decisão! Você construiu uma vida da qual não queria que eu fizesse parte. Você não queria filhos comigo; você não queria dividir uma casa comigo.” Ela respirou fundo. “Eu não acredito que você ainda está me machucando.” Ela fechou os olhos e empurrou o braço dele com mãos frias e trêmulas. “Me solte.”

Quando ele abaixou a mão, ela cedeu antes de se segurar. Ela ofegou contra a parede e reuniu a força e a dignidade que lhe restavam antes de encontrar o olhar dele.

“Como você se sentiria se eu dissesse que amarrei minhas trompas porque não queria que seu sangue contaminasse a linha Hennessy?”, ela perguntou com a voz rouca.

Sua expressão não mudou, mas a energia na sala sim.

Ela levantou o queixo. “Exatamente. Agora você sente uma pequena fração do que eu sinto.”

Ela saiu da cozinha e se trancou no banheiro. Ela ligou o chuveiro, entrou e caiu de quatro. A água fumegante atingiu sua carne fria, mas ela acolheu a picada. Estava acabado. Eles finalmente eram cinzas.

Capítulo 6

Depois que ela tomou banho para se livrar de seu último lapso monumental de julgamento, ela domou seu cabelo emaranhado, que balançava em volta de seus ombros machucados. Ela enfrentou o loft frio para trocar por um suéter de gola alta que cobriria todos os sinais de depravação e maquiagem de bolo em seu rosto para que ela não parecesse tão abatida quanto se sentia. Sua jaqueta de couro cor de amora, cachecóis, gorro e botas de cano curto não eram defesa contra o dia frio do Colorado, mas teria que servir.

Quando ela desceu a escada com sua bagagem, ela encontrou Roth parado na frente da grande janela panorâmica. Quando ele começou a ir em sua direção, ela se preparou para bater em seu rosto, mas tudo o que ele fez foi pegar sua bolsa, que ela largou. Quando ele saiu para o caminhão, ela arrumou o melhor que pôde e jogou os lençóis sujos na máquina de lavar e começou uma carga. Se ela estivesse falando com o idiota, ela o teria lembrado de jogá-los na secadora quando ele trouxesse Kaia para casa. Como estava, ela desviou o rosto e passou por ele, virando-se de lado para não tocá-lo, já que ele estava parado na porta como um chefe indígena. Ela queria admirar o pó de diamante, mas o frio penetrou em suas roupas e tirou seu fôlego, então ela correu para o caminhão.

A viagem montanha abaixo não foi nada parecida com a noite passada. Era incrível a diferença que algumas horas podiam fazer. O mundo ao seu redor brilhava com uma inocência pura que ela desejava poder voltar. Em outras circunstâncias, ela teria gostado do lindo cenário, mas a proximidade sufocante daquele babaca tornou a viagem de uma hora um inferno. Ela precisava tanto se afastar dele que sua pele coçava. Ele mentiu e a traiu de tantas maneiras que a fez girar a cabeça. A pior parte era que ela queria ter filhos com ele. Ela tinha fantasiado sobre ter um filho que se parecesse com ele ou uma garota com os olhos dele. O fato de ele ter roubado até mesmo esse sonho dela a fez querer arrancar o rosto dele. Se possível, isso doeu mais do que qualquer coisa que ele disse a ela em Londres, porque mostrou, em termos inequívocos, que ele nunca imaginou um futuro com ela. O relacionamento deles tinha sido uma farsa.

Quando ele estacionou no hospital, ela abriu a porta antes que ele parasse completamente. Ela correu em direção às portas, determinada a se despedir de Kaia e sair dali, mas os passos largos de Roth rapidamente a alcançaram. Eles entraram no hospital com espaço suficiente entre eles para uma maca passar. Quando entraram no elevador, ela ficou parada no canto com os braços em volta de si. Como na viagem de carro, nenhum dos dois falou. Quando chegaram à UTI, a enfermeira os acompanhou até o quarto de Kaia. Ela ouviu com meia atenção enquanto a enfermeira discutia o plano de cuidados de Kaia.

Quando ela entrou, o rosto de Kaia se iluminou, mas quando seus olhos passaram por ela e foram para Roth, seu rosto ficou branco como a morte.

“James?” Kaia sussurrou.

Jasmine contornou a cama e observou enquanto mãe e filho se encaravam. Conforme o silêncio se estendia, o olhar da enfermeira foi de Kaia e Roth para ela. Jasmine deu de ombros para mostrar que também não sabia o que estava acontecendo. Ela se casou com um membro do clã Roth, mas sabia muito pouco sobre a dinâmica deles. Nem Kaia nem Roth jamais explicaram seu relacionamento muito distante, e ela nunca se intrometeu.

Roth não reagiu nem um pouco ao ver as mudanças que o tempo havia causado em sua mãe. Sua expressão era tão impassível quanto sempre.

“E-eu não pensei que você viria”, Kaia disse com a voz trêmula.

“Se eu não pudesse, teria enviado alguém”, Roth respondeu friamente.

Jasmine não conseguiu se conter. “Mandar alguém?”

Quando Roth olhou para ela, ela baixou o olhar para a barba dele.

“Alguns negócios não podem esperar”, disse ele.

Ele poderia ser gêmeo do pai dela. Divorciar-se de Roth foi a melhor coisa que ela já fez. Ela se salvou de uma vida inteira sendo ignorada e implorando por migalhas de afeição.

Os olhos de Kaia se encheram de lágrimas enquanto ela olhava a roupa de Roth. “Você está usando as roupas dele?”, ela perguntou com a voz trêmula.

Roth olhou para sua mãe como se ela fosse um estoque que não estava se comportando da maneira que ele queria. “Eu não tive escolha.”

O olhar atordoado de Kaia se voltou para ela. “Vocês dois conversaram?”

“Não,” ela disse brevemente e se inclinou para beijar a bochecha de Kaia. “Estou feliz que você esteja bem. Agora que ele está aqui, estou voltando para Nova York.”

Kaia lançou um olhar cauteloso para Roth e agarrou sua mão. “Tem certeza de que não pode ficar?”

Um médico entrou e apertou a mão de Roth. Este era o momento dela sair dali.

“Não, sinto muito, mas você pode me visitar quando estiver recuperada,” ela disse apressadamente. “Você se cuida, ok?”

“Não sei como retribuir”, disse Kaia, segurando-se no braço dela.

“Não precisa,” ela disse e deu um tapinha na mão de Kaia. “Fique boa logo, ok?”

“Eu vou.”

Jasmine passou pela equipe médica e saiu pela porta. Ela se concentrou na saída e não respirou fundo até que as portas duplas da UTI se fecharam atrás dela. Enquanto ela andava rapidamente pelo corredor e pegava seu celular, ela entrou em uma sala de espera vazia e discou para Sunny.

“Garota”, Sunny começou.

“Tragam-me um avião”, ela ordenou.

O tom de Sunny instantaneamente se tornou formal e direto. “Absolutamente, Srta. Hennessy. Onde você está?”

“Eu sou-”

O telefone foi arrancado de suas mãos. Ela girou e viu Roth olhar para a tela antes de segurá-lo no ouvido.

“Isso não será necessário”, ele disse e desligou.

“O que diabos você está fazendo? Devolva!”

Ele tocou na tela e suas sobranceiras se juntaram. “Você falou com Lyle Caruso esta manhã?”

Ela estava tonta de raiva. “Isso não é da sua conta! Pare de mexer no meu telefone!”

“Você contou a ele sobre nós?”

Ela cerrou os dentes. “Não existe *nós*. Agora, me dê meu telefone.”

Ele a encarou por trinta segundos inteiros antes de começar a tocar na tela. Ela perdeu o controle e se lançou contra ele. Ele agarrou a mão dela e a torceu para trás, forçando-a a se curvar para evitar que ele a quebrasse.

Ele pressionou a boca contra o ouvido dela. “Não me provoque, Jasmine.”

“Eu não estou te pressionando! Eu só quero ficar longe de você.”

Ele a soltou. Ela esfregou o ombro latejante e mostrou os dentes quando o viu ainda mexendo no telefone dela.

“Juro por Deus, se você não—”

Ele guardou-o no bolso e disse: "Partiremos em trinta minutos".

“Não preciso de carona para o aeroporto. Vou chamar um táxi.”

“Eu já tenho um avião.”

Ela olhou para ele. “Você vai deixar Kaia?”

“Ela vem conosco. Tenho uma enfermeira pronta para cuidar dela até que ela se recupere.”

Ela balançou a cabeça para clareá-la. “Ok, ótimo, mas eu vou para Nova York.”

"Eu também vou."

Os alarmes soaram em sua mente. “Você mora em Londres.”

“Mudei minha sede de volta para Nova York.”

Ela teve a sensação de cair. “Achei que você estava indo bem no Reino Unido.”

“Sim, mas minha intenção sempre foi voltar, e agora voltei.”

Que porra é essa? A cidade não era grande o suficiente para os dois. As irmãs dela sabiam? Claro que sabiam. Por que não contaram a ela?

“Estou surpresa que você queira voltar para Nova York”, ela disse fracamente

“Por quê? Porque seu pai e seus parceiros de negócios me expulsaram da cidade?”

Não adiantava enrolar. “Sim.”

“Eles não podem me tocar agora.”

Seu estômago se revirou. “Obrigada pela oferta, mas posso voltar para Nova York sozinha.”

“Partiremos em trinta minutos”, ele disse novamente.

O olhar dele foi além dela, e um momento depois, a porta se abriu. Ela se virou, esperando que fosse um médico ou algum tipo de agente da lei. Os dois homens na porta definitivamente tinham algum tipo de treinamento, mas não eram policiais. Vestidos com ternos, sobretudoos e até óculos de sol combinando, eles não poderiam parecer mais diferentes. Um dos homens tinha pele de alabastro, cabeça calva e sobrancelhas loiras. O outro tinha cabelo penteado para trás, barba cheia e pele escura que a fez pensar que ele era do Oriente Médio. O moreno estendeu uma bolsa de couro para Roth.

“Mude de roupa, senhor”, disse o guarda com um sotaque que ela não conseguiu identificar.

Roth pegou a bolsa e disse: “Não a deixe ir embora.”

Ela observou seu progresso através do vidro enquanto ele andava pelo corredor e desaparecia de vista. Ela olhou para os guardas que tinham as mãos cruzadas sobre a cintura. Suas expressões eram impossíveis de ler com os óculos escuros escondendo seus olhos.

“Saia do meu caminho”, ela disse.

Eles olharam um para o outro e depois novamente para ela.

Ela se aproximou deles e colocou as mãos nos quadris. “Vocês sabem quem eu sou?”

“Jasmine Hennessy-Roth”, disse o loiro, também com um sotaque que ela não reconheceu.

Suas mãos se fecharam em punhos. “Só Hennessy.”

Os guardas deram de ombros como se não se importassem.

“Eu te pago mil dólares se você me emprestar seu telefone”, ela disse.

Nenhuma reação.

"Dois mil."

Nenhuma reação.

"Dez."

"Roth disse para mantê-la aqui. Você não vai a lugar nenhum, senhora."

"Eu poderia mandar prendê-lo por sequestro."

Eles deram de ombros, imperturbáveis pela ameaça de problemas legais, e por que estariam? Roth os resgataria. Porra. Ela afundou em uma cadeira enquanto uma dor de cabeça tensional ameaçava. Ela estava fisicamente machucada, cansada e presa. Ela só queria sair. Ela enterrou o rosto nas mãos e respirou fundo.

"Posso pegar alguma coisa para você, senhora?"

Ela não precisava olhar para cima para saber que era o do Oriente Médio.

"Aspirina e água", ela murmurou.

Ela ouviu a porta abrir e fechar e lutou contra a vontade de gritar. Ela estava voltando para Nova York. Era tudo o que importava, certo? Mais algumas horas com Roth e ela nem teria que falar com ele. Esses guardas estariam lá e Kaia também. Ela poderia fazer isso.

"Aqui."

Ela olhou para cima e pegou a água gelada e a aspirina do guarda. "Obrigada."

"De nada."

Ela engoliu os comprimidos e metade do frasco antes de colocá-lo no assento vazio ao lado dela. "Qual é seu nome?"

"Você pode me chamar de Mo."

"E de onde você é?"

"Peru."

Ela assentiu e olhou para o pálido perto da porta. "E você?"

"João."

"E você é de onde?"

"Dinamarca."

Interessante. "Há quanto tempo você está com Roth?"

"Já faz quatro anos."

Ela assentiu e observou os rostos das pessoas que passavam pela sala de espera. Seus rostos estavam contraídos de estresse e preocupação. Depois de passar uma semana em um hospital cuidando de seu pai, ela não estava feliz por estar de volta. O clima severo era o mesmo em todos os hospitais.

"Sinto muito pelo seu pai."

Seu olhar voltou para os guardas que a observavam atentamente. Ela inclinou a cabeça. "Obrigada."

Ela não ficou sentada por muito tempo. Não quando sua bunda, coxas e buceta estavam inchadas e doloridas. Ela andava de um lado para o outro, os dedos coçando por uma caneta. Escrever era sua ioga. Isso a mantinha sã, organizava seus pensamentos e a ajudava a escapar da realidade quando era demais para ela lidar. Ela queria se perder em uma história onde o mundo do personagem fizesse sentido e ela estivesse no controle. Depois de passar a maior parte de sua vida seguindo as regras de todos, escrever era o único lugar em que ela era livre.

Uma mulher vestindo uma parka branca com capuz forrado de pele chamou sua atenção. Ela tinha certeza de que a mulher não era local, e isso tinha mais a ver com sua aparência exótica do que com a bolsa de grife em seu ombro. Ela tinha uma pele morena linda com um lábio escarlate e cabelo escuro preso em um rabo de cavalo. A mulher olhou através do vidro, parou no meio do caminho e então sorriu. Jasmine olhou para trás para ter certeza de que a mulher estava olhando para ela. A mulher abriu a porta, empurrou os guardas para o lado e caminhou até ela com a mão estendida e um sorriso de megawatt. Boas maneiras a forçaram a apertar a mão da mulher sem saber quem diabos ela era.

“Eu sou Sarai, uma grande fã”, disse a mulher, com olhos castanhos escuros brilhando.

Ela olhou para os guardas e depois de volta para Sarai. “Uh, ok.”

Sarai se inclinou para frente e piscou. “Thalia.”

O coração dela pulou uma batida. “Você é assistente dele?” ela adivinhou.

“Sim.”

Ela não sabia como reagir. Essa mulher era fã do trabalho dela e tinha dado seus livros para Roth para que ele descobrisse que sua ex-esposa escreveu uma série erótica baseada no relacionamento deles. Essa mulher sabia mais sobre ela do que sobre sua própria família. Ela retirou a mão e assentiu.

“Posso pegar seu telefone emprestado?” ela perguntou.

Sarai enfiou a mão no bolso. “Claro. Tem mais alguma coisa que eu possa fazer por você? Devemos sair em uns quinze minutos.”

Ela lhe deu um sorriso tenso. “Veja, esse é o problema. Não quero ir embora em quinze minutos. Quero voltar sozinha para Nova York.”

Sarai parou no meio da entrega do telefone e o escondeu atrás das costas. “Roth deu instruções explícitas.”

“As instruções dele não me afetam.” Ela estendeu a mão. “Quero fazer meus próprios arranjos.”

Sarai lhe deu um sorriso ofuscante e profissional. “Ele deve estar disponível em breve para falar com você sobre suas preocupações.”

Ela estreitou os olhos. “Não quero perturbá-lo.”

“Tenho certeza de que ele não se importaria”, disse Sarai suavemente.

O telefone de Sarai tocou. Ela levantou um dedo e deu a Jasmine um sorriso de desculpas enquanto se virava e atendia em uma língua estrangeira. Johan murmurou algo baixinho, e Mo balançou a cabeça.

Isso era uma besteira total. Ela andou até os guardas que a olharam com desprezo. Quando ela os pressionou experimentalmente, eles ficaram tensos.

“Eu não acho que você deveria estar—” Mo começou em um tom ofendido.

Ainda falando ao telefone, Sarai enganchou um braço no dela e a levou para longe da saída. Ela encerrou a ligação e sorriu para ela.

“Então, em que ponto você está no quinto livro? Todo mundo está falando sobre isso.”

Ela abriu e fechou a boca. Ela nunca tinha falado com um leitor cara a cara, e isso era desconcertante em vários níveis. Seu trabalho era privado e sagrado para ela. Era a única coisa que era só dela, mas essa mulher estava falando sobre isso tão casualmente como se estivessem discutindo o clima e não algo que viesse de sua alma. Ela não sabia como se sentir sobre essa mulher.

“Eu também adoro seus romances de fantasia para jovens adultos como Minnie Hess. Você acha que vai completar essa série também?” Sarai perguntou.

“Não sei.”

“Foi a coisa mais difícil que já fiz dar aqueles livros para Roth e esperar que ele descobrisse por si mesmo. Nossa! Esperei mais de seis meses. Nunca pensei que ele os leria e então ele leu, graças a Deus.”

“Por que você fez isso?” ela perguntou sem rodeios.

Sarai piscou. “São sobre ele. Ele deveria saber, certo?”

“Se eu quisesse que ele soubesse, eu mesmo teria contado a ele.”

Sarai procurou os olhos dela por um momento, e então os dela se arregalaram. “Você não queria que ele soubesse?”

“Não!”

Ela cobriu a boca com a mão. “Mas... ninguém mais descobriu?”

“Não!”

Sarai pareceu horrorizada, mas isso não a acalmou. Ela desenrolou o braço do assistente dele e se afastou.

“Eu pensei... eu pensei que a série era uma nota de amor para ele,” Sarai disse fracamente. “Eu pensei que era romântico.”

Ela se virou. “Não era para ele; era para mim. E como poderia ser para ele quando me divorciei dele?”

“Mas o personagem de Roth ainda está na série, um personagem coadjuvante. Eu pensei...”

Ela queria jogar alguma coisa. “Isso é só ficção!”

“Mas... mas os livros seguem sua vida tão de perto. O quarto livro terminou com você e seu pai consertando seu relacionamento depois de todos esses anos...” Sarai pressionou uma mão contra o peito enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. “Sinto muito em saber que ele faleceu. Isso é tão trágico. Vocês dois se tornaram tão próximos, viajando e até mesmo morando juntos. Não consigo imaginar como você deve se sentir por perdê-lo tão repentinamente.”

Jasmine olhou para ela. “Você está me perseguindo?”

Sarai deu a ela um sorriso culpado. “Isso é ruim?”

“Sim! Que diabos?”

“Não consigo evitar. Romance é meu prazer culpado, e você escreveu um dos meus favoritos. Releio sua série pelo menos uma vez por mês, e vejo você postar nas redes sociais de vez em quando. Se eu acompanho sua vida pessoal, isso melhora a experiência de leitura porque sei de onde você tira sua inspiração.”

Ela nunca tinha ficado sem palavras até esse momento. Ela ainda estava tentando lidar com o choque de conhecer um super fã que sabia sua verdadeira identidade e os detalhes de sua vida pessoal quando Roth entrou na sala. Ele estava vestido com um sobretudo chique com gola alta e um cachecol preto. Ele estava de volta à aparência que era, o grande empresário mau sem coração. Quando ele olhou para ela, ela desviou o olhar.

“Estamos prontos. Vamos lá”, ele disse.

Todos esperaram que ela se movesse primeiro. Ela passou por Roth, que então assumiu a liderança e foi em direção ao elevador. Os olhos de Sarai iam e voltavam entre ela e Roth como se estivesse assistindo a uma partida de tênis. Quando ela notou o olhar penetrante de Jasmine, ela olhou para o teto.

Quando saíram do hospital, dois SUVs estavam esperando por eles. Ela esperou que ele subisse na parte de trás de um antes de ir para o outro. Ela ficou satisfeita em encontrar Kaia já sentada com sua enfermeira.

“Estou feliz que você venha conosco”, disse Kaia.

Ela tentou dar um sorriso tranquilizador para Kaia, mas tinha certeza de que era mais uma careta enquanto subia no banco de trás e rezava para que esse fosse o maior pesadelo de todos e que ela acordasse logo. Johan subiu no banco do motorista e ajustou o espelho até poder vê-la. Ele achava que ela iria fugir?

Kaia e a enfermeira conversaram durante todo o caminho até o aeroporto enquanto ela fechava os olhos e tentava relaxar antes de ser trancada em um espaço confinado com Roth por várias horas. A falta de sono, o frio implacável e sua dor, em geral, intensificaram sua dor de cabeça tensional. Ela se sentia doente e dolorida. Tudo o que ela queria era uma cama e ficar longe de todas essas pessoas.

Eles pararam em uma pista de pouso particular. Ela não gostou quando começou a nevar porque se recusou a ficar presa ali. Foda-se. Ela embarcou no avião e imediatamente implorou à aeromoça por mais aspirina, que ela conseguiu antes de encontrar um assento vazio. Ela tomou o ginger ale e os analgésicos e deu uma olhada rápida no jato. Era luxuoso, quente e feito em tons neutros suaves. Ela não se importou. Ela tinha viajado em dezenas de jatos. Tudo o que importava era roubar o assento mais distante de Roth. Infelizmente, o avião não era um 747, então os únicos oito assentos disponíveis foram divididos em conjuntos de quatro que ficavam de frente um para o outro. Os guardas, Kaia e a enfermeira ficaram nos assentos de trás, o que deixou apenas os quatro da frente, dois de cada lado do avião com mesas entre eles. Roth e Sarai estavam sentados um de frente para o outro com seus laptops abertos. Sarai tinha um iPad na mão e estava revisando sua agenda. Ela não teve escolha a não ser sentar na cadeira do outro lado do corredor. Ela aceitou o cobertor que a aeromoça ofereceu com um sorriso trêmulo e se encolheu contra a janela. Ela abaixou a persiana, colocou o cobertor sobre a cabeça e tentou bloquear o mundo.

"O que está errado?"

Ela não precisava abrir os olhos para saber quem a estava incomodando. Ele era a ruína de sua existência, o cara que fez carreira torturando-a. Ela lhe mostrou o dedo do meio por baixo do cobertor e silenciosamente disse para ele ir para o inferno. Quando o cobertor desapareceu, ela gemeu e cobriu a cabeça.

"Vá embora!"

"O que você tem?"

“Você. Você é o que há de errado comigo. Me deixe em paz,” ela murmurou.

Duas semanas atrás, ela enterrou o pai. Ontem, ela levou a mãe dele às pressas para o hospital durante um ataque cardíaco e depois passou a noite fazendo sexo com um ex que ela não via há cinco anos. Duas horas atrás, ele despertou um passado que ela achava que tinha aceitado e então a forçou a embarcar em um avião com ele e sua comitiva. A pergunta mais adequada era: o que havia de *certo* com ela? Absolutamente nada.

“Você está doente?” ele persistiu.

“Sim, estou farto das suas tretas.”

Ela ouviu um som de engasgo e percebeu que sua cadeira estava encostada na de Kaia. Ela engoliu a sujeira que queria vomitar nele e manteve o rosto virado.

“Ela pediu aspirina mais cedo”, Johan interrompeu.

“Você está com dor de cabeça?” Roth perguntou.

Por que diabos ele agiu como se se importasse? “Sim, eu tenho uma enxaqueca do inferno. Me deixe em paz.”

O cobertor voltou a cobri-la. Ela se encolheu embaixo dele como uma criança em uma barraca. Ela não se importava com sua aparência, não quando sua cabeça estava ameaçando se abrir. Enquanto os motores aceleravam, ela cobriu os ouvidos com as mãos, mas não adiantou nada. Assim que estavam no ar, ela apoiou o apoio para as pernas e se esticou, virando o corpo para longe de Sarai e Roth. Felizmente, ela não conseguia mais ouvi-los por causa do zumbido ensurdecedor do avião. Ótimo.

U

ma mão sacudiu-a para acordá-la. Ela gemeu e deu um tapa nela. Ela estava aquecida e confortável, e isso era tudo o que importava.

"Jasmim."

Aquela voz a arrancou de um sono sem sonhos e a trouxe de volta à realidade desagradável. Ela abriu um olho e viu a caneca furiosa de Roth pairando sobre ela.

“Aterrissamos em quinze minutos.”

Droga, não foi um sonho ruim. Ela se sentou e tocou no cabelo, que estava uma bagunça. A enxaqueca tinha passado, mas ela estava tão cansada que se sentia de ressaca. Semanas de pouco sono finalmente a tinham afetado, e ela precisava de sua cama AGORA. Ela esfregou os olhos, então se lembrou de que estava usando maquiagem, então cambaleou até o banheiro. O espelho muito claro mostrou que seu rímel estava borrado, e ela definitivamente tinha se revirado na cama durante o cochilo. Depois de fazer o melhor que pôde para se tornar apresentável e usar um dos pequenos frascos de enxaguante bucal para se refrescar, ela se sentiu um pouco melhor quando saiu. No caminho de volta para seu assento, ela viu Kaia espiando pela janela. Ver Kaia alerta e ativa deu um impulso ao seu humor sombrio.

Ela parou ao lado de Roth e estendeu a mão. “Meu telefone.”

Ela sentiu o olhar curioso de Sarai quando Roth tirou o telefone dela do bolso do peito e o entregou. Ela ligou o telefone quando o avião começou a descer. Ela ignorou todos os ruídos de chilrear enquanto mandava uma mensagem para Lyle para avisá-lo que havia pousado. Enquanto o avião taxiava, ela ligou para Sunny.

“Você está me matando”, disse Sunny.

“Eu sei. Acabei de pousar. Você pode me pegar em—”

O telefone foi arrancado de sua mão. Antes que ela pudesse desatar o cinto de segurança, Roth disse a Sunny que seus serviços não seriam necessários e desligou.

“Qual é o seu problema?” ela retrucou.

“Temos transporte esperando”, disse ele.

“Tudo bem. Siga seu caminho. Não deixe que eu te segure.”

“Nós vamos deixar você lá.”

“Não, você não é.”

Ele colocou o telefone dela de volta no bolso do peito. Ela se levantou do assento, pronta para esmurrá-lo com um travesseiro quando a aeromoça veio até ela.

“Você se sente melhor, senhorita?”

Ela engoliu sua raiva. “Uh, sim, obrigada,” ela disse roucamente.

Ela se afastou para dar passagem a Kaia, que precisava desembarcar primeiro. Enquanto ela juntava suas coisas e se certificava de que nada havia caído de sua bolsa, Roth saiu com Johan e Mo em seus calcanhares, deixando-a com Sarai, que colocou uma grande bolsa de trabalho sobre o ombro.

O sorriso no rosto da outra mulher chamou sua atenção. “O que é tão engraçado?”

“Nada.”

“Jasmim!”

O grito de Roth a deixou com os dentes cerrados. O sorriso de Sarai se transformou em um sorriso aberto que a irritou. Ela lançou um olhar mordaz para Sarai antes de sair do avião e encontrar dois Bentleys esperando por eles. Ela ignorou o carro ao lado do qual Roth estava e tentou embarcar no que tinha Kaia, Johan e sua enfermeira, mas Sarai sentou no último assento.

“Jasmine, vamos”, disse Roth impacientemente.

Ela foi até ele enquanto o outro carro se afastava. “Me dá meu telefone agora.”

“Entrem.”

“Sra. Hennessy?”

Ela interrompeu a disputa de olhares com Roth para encontrar Mo segurando a porta traseira aberta para ela. Tudo bem. Quanto mais rápido ela entrasse, mais rápido ela chegaria em casa e se afastaria dele de uma vez por todas. Ela se acomodou no banco de trás e afundou nos assentos de couro amanteigados enquanto Mo se sentava ao volante. Ela estava prestes a relaxar quando Roth entrou no banco de trás com ela.

“Sente-se na frente”, ela ordenou.

Ele a ignorou e atendeu o telefone. Pelo menos havia um console enorme entre eles. Ela ficou tentada a ligar a TV no encosto do assento de Mo, mas estava cansada demais para ficar mexendo nos botões.

Essa foi a mais longa transa de uma noite da história. Ela fechou os olhos e tentou bloqueá-lo. Não muito mais... Eles pegaram trânsito (nenhuma surpresa), e quando Mo pediu seu endereço, ela olhou para Roth, que estava em sua terceira ligação. Ela deu com relutância. Sua perna começou a balançar conforme eles se aproximavam de seu apartamento em Chelsea. Se eles conseguissem ir um pouco mais longe, ela poderia pular do carro e andar os últimos quarteirões...

O telefone dela caiu no colo dela. Ela olhou para Roth, que parecia estar absorto na ligação. Ela desbloqueou o telefone e viu que tinha quarenta e duas mensagens de voz, mais de cem chamadas perdidas e duzentas mensagens não lidas. *Porra*. Ela verificou a mensagem de Lyle primeiro. Ele disse que a esperariam em duas horas. Ela olhou para o trânsito quase parado e deu de ombros. Ela chegaria quando

chegasse. Sua próxima mensagem foi para Sunny para avisá-la que ela estaria em seu apartamento em trinta minutos e precisaria de transporte para Midtown, onde suas duas irmãs moravam.

A maior parte de suas mensagens eram de amigos da faculdade ou antigos conhecidos que estavam oferecendo suas condolências pela morte de seu pai e perguntando como ela estava. Ela não respondeu porque o ato de simpatia deles era uma manobra para obter informações privilegiadas sobre o fundo de seu pai, sobre o qual ela e suas irmãs tinham ficado em silêncio. A especulação do público sobre como Maximus havia dividido sua fortuna de um bilhão de dólares entre suas três filhas a deixou doente, então ela não leu um jornal ou entrou nas redes sociais desde que seu pai foi para o hospital. A segurança vigilante manteve a maioria dos paparazzi invasivos afastados, mas isso não os impediu de gritar perguntas ofensivas para ela quando podiam. Ela foi apelidada de Hennessy escandalosa e selvagem. Ela não tinha uma fita de sexo, mas romper seu noivado com Ford Baldwin por um virtual desconhecido tinha sido a mesma coisa. Apesar de seu mestrado em administração, todos presumiram que ela era uma cabeça de vento, e ninguém queria vê-la se juntar às suas irmãs na Hennessy & Co. Não que ela se importasse. Ela sabia a que direitos havia desistido há sete anos e estava contente com o caminho que havia escolhido. Todos presumiram que ela vivia às custas do pai porque ninguém sabia que ela tinha uma carreira de escritora ou que ela era muito bem-sucedida na área que havia escolhido.

O ronco baixo de Roth estava dando nos nervos dela. Quando ela abriu a janela, buzinas barulhentas, pessoas gritando umas com as outras nas calçadas e marteladas de canteiros de obras a cumprimentaram instantaneamente. Ela relaxou um pouco. Eles não estavam mais em uma cabana remota nas montanhas, e ela não dependia dele porque a Mãe Natureza decidiu descarregar sua fúria gelada pelo estado ou porque ele tinha conhecimento de geradores quando ela não tinha. Não. Eles estavam de volta à cidade, onde havia táxis, lojas e testemunhas se ele tentasse alguma coisa. Não que ele tentaria. Ele estava de volta ao trabalho no momento em que pousaram. Ele estava em seu elemento — negociando e negociando — assim como seu pai.

Quando Mo parou na calçada em frente ao seu prédio, ela pulou do Bentley. Ela ficou tão aliviada que quis agarrar um dos estranhos que passavam rápido e dar um abraço nele. Mo tirou suas malas do porta-malas e colocou na calçada. Ela não gostou quando Roth saiu do banco de trás.

“Eu peguei!” ela disse enquanto pegava suas coisas.

Roth pendurou a mochila no ombro e agarrou a alça da mala cor de rosa.

“Não preciso da sua ajuda”, ela disse e tentou tirar a mochila do ombro dele.

Ele arrancou a mão dela da alça e a rebocou em direção ao prédio.

“Juro por Deus, Roth, eu vou—”

Ela parou quando três homens encostados na parede correram para frente com câmeras. Oh, merda. Ela virou o rosto e ouviu buzinas de carros tocando. Mais dois homens correram pela rua em direção ao trânsito com suas câmeras erguidas, desesperados para tirar uma foto.

“Sra. Hennessy, Sra. Hennessy! Você tirou férias com parte do dinheiro que herdou?” alguém gritou.

“Há algo que você possa nos contar sobre o testamento do seu pai? Ele deixou tudo para suas irmãs? Como isso faz você se sentir?” outro homem disse enquanto saltava na frente delas.

“É isso...?” perguntou um dos homens.

“É. Sr. Roth, você voltou para os Estados Unidos agora que Maximus Hennessy morreu? Você voltou para continuar de onde vocês dois pararam?”

Roth a puxou para baixo do abrigo de seu braço enquanto Mo abria caminho até a porta. Os flashes da câmera e as perguntas ofensivas tinham a intenção de irritá-los para que os paparazzi pudessem tirar uma foto suculenta. Eles disputaram posição e até os seguiram para dentro do prédio. Ela ficou de costas para eles até o elevador chegar, e Roth a empurrou para dentro. Mo manteve os paparazzi no saguão enquanto as portas se fechavam.

“Você mora em um prédio sem segurança? O que diabos você está pensando?” Roth retrucou.

“Achei que eles já teriam perdido o interesse”, ela disse enquanto se encostava na parede.

“Onde está sua equipe de segurança?”

“Eles estão a caminho”, ela disse e lançou-lhe um olhar feroz. “Eles teriam chegado mais cedo se eu tivesse meu telefone.”

O elevador parou no andar dela. Ela saiu e se virou para ele.

“Você não precisa vir comigo.”

A expressão hostil dele disse a ela que ele não estava entregando as sacolas. Ela rangeu os dentes enquanto caminhava para seu apartamento e destrancou a porta. Ela se virou para ele e estendeu as mãos.

“Obrigada por todas as fodas,” ela disse com um sorriso plástico. “Espero não te ver por mais cinco anos.”

Ele a empurrou para o lado e entrou.

“Você não pode entrar aqui!” ela gritou.

Ele bateu a porta e, com um estalar de dedos, trancou a porta. Ele deixou a mochila dela cair com um baque alto. O brilho faminto em seus olhos fez o coração dela pular na garganta.

“Você não—”

Ele agarrou o rosto dela com as duas mãos e a puxou para frente. Quando suas bocas colidiram, ela bateu as mãos contra o peito dele e empurrou, mas ela não era páreo para ele. Ele a encostou contra uma parede de tijolos expostos. Ele a beijava com uma intensidade diferente de tudo que eles compartilhavam no Colorado. Ele abriu o zíper da jaqueta dela e agarrou seus seios macios. Ela agarrou os pulsos dele e puxou desesperadamente. Ela não podia deixá-lo tomá-la novamente. Ele permitiu que ela puxasse suas mãos para baixo. Ela sentiu um momento de alívio antes que os dedos dele desfizessem sua calça jeans.

Ela afastou a boca da dele. “Não, Roth.”

Ele beijou o queixo dela e puxou a gola alta para baixo para poder alcançar sua garganta.

“Não vou jogar o seu jogo”, ela disse com os dentes cerrados.

Ele mordeu o pescoço dela enquanto puxava sua calça jeans para baixo.

“Porra, Roth, *pare* !”

Ela soltou um grito indignado quando a mão dele mergulhou entre suas pernas.

“Você não pode fazer isso!”

Ele a prendeu na parede com o ombro, o rosto a menos de uma polegada de distância. Os olhos dela lacrimejaram de raiva e necessidade.

“Estou fazendo isso”, ele disse com uma voz gutural.

“Por que?”

“Porque eu preciso.”

Ele se ajoelhou e forçou as pernas dela a se abrirem o máximo que ela podia com o jeans em volta dos joelhos. Ela tentou se virar de lado para se proteger dele, mas o aperto de aço em suas coxas alargou sua postura para abrir espaço para ele.

“Por favor, Roth...”

Sua voz morreu quando a luxúria tomou conta. A visão dele de joelhos diante dela era uma fantasia que ela nunca pensou que veria novamente. Ele fechou os olhos enquanto se banquetava. Ele não iria descer sobre ela para que ela pudesse tomá-lo. Ele fez isso porque amava o gosto dela. O êxtase em seu rosto a deixou quente, fraca e estúpida. Quando suas coxas estavam tremendo, ele se endireitou. Ela fechou os olhos contra a visão dele. Mesmo com a autoaversão caindo em cascata através dela, ela não se moveu quando ouviu o som do cinto dele saindo dos passadores ou o raspar do zíper. Ele segurou sua bunda e a levantou na ponta dos pés. Quando ele deslizou para dentro dela, ela reprimiu um gemido. Ela queria abrir as pernas, mas não podia, não com o jeans em volta das botas de cano curto.

"Você estragou tudo, me deixando provar seu gosto de novo", ele sussurrou contra a têmpora dela.

Ela mostrou os dentes. “Esta é a última vez.”

A risada sombria dele fez o corpo dela ficar arrepiado.

"Isso é!"

Ele deslizou até o punho e ficou lá, forçando-a a se ajustar ao seu tamanho. A boceta dela tremulou ao redor dele.

“Você sente isso, princesa? É você se entregando a mim.”

O vizinho do outro lado do corredor abriu a porta. Ela enrijeceu, mas Roth não parou. Ele a fodeu bem devagar enquanto dois homens começaram a conversar. Parecia que eles estavam bem do lado de fora da porta dela, a menos de dois metros de onde Roth a estava fodendo.

Ele a observava, avaliando cada emoção que passava pelo rosto dela. Ela olhou para ele, odiando-o, mas querendo isso dele. As mãos dele deixaram a bunda dela, permitindo que a pele dela raspasse contra o tijolo a cada estocada, adicionando mais sensação aos seus sentidos sobrecarregados.

“Sim, minha gata deu à luz. Oito gatinhos. Você quer um?” um homem perguntou do lado de fora da porta dela.

“Que cores você tem?” perguntou outro homem.

“Todos os tipos. Você quer ver?”

“Quer um gatinho?” Roth sussurrou enquanto ela se mexia inquieta contra ele.

Ela levantou a mão e cravou as unhas na nuca dele. “Não, eu quero que você acabe comigo.”

Os olhos dele caíram para os lábios dela. “Peça-me gentilmente.”

"Foda-se."

Ele uniu as mãos e as prendeu sobre a cabeça dela. Ele a apertou, limitando seus movimentos, enquanto acelerava. O fato de ele estar transando com ela em pé com as pernas dela presas o fez se sentir maior do que nunca. Era bom demais. Ele se ajustou e a atingiu bem direitinho. Ela soltou um suspiro estrangulado. As vozes no corredor pararam.

“Você quer que eles ouçam você?” Roth murmurou.

"Eu não me importo!" ela disse em voz alta, não se importando com nada além do seu clímax.

Ela se empinou contra ele e inclinou a cabeça para trás enquanto buscava a felicidade. Ela soltou um gemido desesperado que ninguém confundiria com nada além de uma mulher em agonia.

“Roth!”

Sentindo que ela estava perto, ele deu a ela o que ela precisava, esfregando sua bunda contra os tijolos com força para persuadir seu corpo usado em outro orgasmo. Ela abafou seu grito contra seu peito enquanto ele acelerava, fodendo-a sem piedade até que ele gozou. Ela perdeu o fôlego quando ele caiu contra ela com o rosto enterrado em seu cabelo. Quando ele soltou suas mãos, elas caíram para os lados dela e, por um momento, ficaram assim. Não havia vozes no corredor. Ou eles tinham ido embora, ou estavam em seus apartamentos se masturbando

Quando seu cérebro voltou a funcionar, ela o empurrou. “Agora vá embora.”

Roth se retirou dela, fazendo com que seu esperma deslizasse pela perna dela e pingasse em seu jeans, outro lembrete de que ele não precisava de camisinha porque estava atirando em branco. Auto-aversão e raiva a rasgaram.

“Dê um passo para trás”, ela ordenou.

O telefone dele começou a tocar.

“Veja, é o mundo real te chamando. Tchau.”

Quando ele deu um passo para trás, ela puxou o jeans para cima com uma careta. Roth olhou para o telefone antes de guardá-lo no bolso sem atender. Ele fechou o zíper da calça e passou a mão pelo cabelo desgrenhado.

Os olhos dele encontraram os dela. “Coloquei meu número no seu telefone. Use-o.”

Ela cruzou os braços e apontou o queixo para a porta.

Ele deu a ela um olhar longo e pensativo. “Você não vai conseguir me evitar.”

“Por favor, vá embora”, ela disse.

Ela não achou que ele fosse, mas ele finalmente fez. Quando a porta se fechou atrás dele, ela pulou para frente para deslizar a trava. Ela olhou pelo olho mágico para ter certeza de que ele realmente tinha ido embora antes de descansar o rosto contra a porta e gritar.

Capítulo 7

A cavalaria tinha chegado quando ela saiu do chuveiro. Ela vestiu um robe e olhou pelo olho mágico antes de deixar entrar quatro guardas e Sunny. Quando os guardas a avistaram, eles imediatamente desviaram os olhos enquanto Sunny balançava a cabeça e a apontava de volta para o quarto.

“Seu pai teria um ataque cardíaco se pudesse ver você agora”, disse Sunny.

Jasmine resmungou enquanto pegava um Yoo-hoo da geladeira e ia para o quarto. Ela não ficou totalmente surpresa quando Sunny a seguiu. Ela secou e estilizou o cabelo, então se sentou em um banquinho em frente à penteadeira.

Sunny estava descansando na porta aberta. Ela era uma mulher negra de quase sessenta anos, uma ex-fuzileiro naval que havia criado sua própria empresa de segurança antes de vendê-la. Ela passou um ano em um cruzeiro antes de sair da aposentadoria e se tornar a coordenadora de segurança do pai. Vestida como um mordomo em um terninho preto, ela usava tranças enroladas em um coque chique na cabeça com mais de quinze centímetros de altura.

“Você não pode ficar aqui. Não é seguro,” Sunny disse.

"Eu sei."

“O que é isso no seu pescoço?”

Ela levantou a gola do robe. “Nada.” Quando Sunny começou a ir em sua direção, ela levantou as duas mãos. “Não é nada, eu juro.”

“Alguém colocou as mãos em você.”

“Não sem minha permissão.”

Sunny inclinou a cabeça para o lado. “Você foi para algum resort BDSM ou algo assim?”

Ela deu de ombros e tentou parecer casual. “Algo assim.”

Quase morrer de frio nas montanhas estava longe de ser um resort, mas a história de BDSM era melhor do que admitir que ela tinha ficado com o ex várias vezes. Porra. Ela olhou para si mesma no espelho enquanto começava a aplicar a maquiagem. Seu ego estava ferido. O fato de ter cedido a ele tão facilmente a deixou doente. Os últimos cinco anos não lhe ensinaram nada? Ela era uma empresária bem-sucedida por direito próprio, então por que ela permitiu que ele—

“Da próxima vez que você quiser privacidade para resolver seu problema, talvez eu possa contratar algumas guardas femininas para que você não se sinta tão constrangido”, disse Sunny.

"Não há necessidade."

"Por que?"

"Terminei."

Sunny bufou. “Claro. Eu sei o que você escreve.”

Sunny estava a par do segredo de Thalia, embora nunca tivesse lido nenhum dos livros. Sunny entendeu a essência, no entanto, e guardou suas opiniões sobre isso para si mesma. Sunny estava trancada tão firmemente que Jasmine não conseguia determinar se ela era gay, hétero ou assexual. A mulher nunca falava sobre parceiros ou expressava qualquer interesse em qualquer sexo.

“Quer dizer, não vou tirar férias. Aprendi minha lição”, ela emendou.

As sobrelanceiras de Sunny se ergueram. “É isso mesmo?”

“Sim, é isso mesmo,” ela disse enquanto terminava de aplicar sua base. “Depois disso, eu vou voltar para o Tuxedo Park, então você não precisa se preocupar.”

“Vai levar meses até que o interesse em você diminua”, disse Sunny e então deu de ombros. “E talvez nem mesmo assim.”

Os movimentos rígidos das mãos dela fizeram com que a sombra bronze dos olhos ficasse um pouco mais pesada do que ela queria, mas ela decidiu continuar.

“Quem foi o homem que atendeu seu telefone?” Sunny perguntou.

Ela fez uma careta quando foi pega em sua mentira. Ela debateu se deveria contar a verdade e então se lembrou dos paparazzi lá embaixo. Eles estragaram tudo. Agora ela teria que contar à família sobre Roth,

o que não ia ser bem recebido. Ela sacudiu seu pincel de maquiagem irritadamente.

“Era James”, ela disse casualmente, esperando que Sunny não reconhecesse seu primeiro nome.

Menos de dois segundos depois, ela ouviu: “James *Roth* ?”

Sunny estava perto do pai há tempo suficiente para conhecer esse nome muito bem. Ela suspirou enquanto aplicava rímel. “É.”

Sunny não estava mais encostada na parede. Ela estava em pé, ereta e em alerta máximo.

“Visitei a mãe dele no Colorado. Ela teve um ataque cardíaco enquanto eu estava lá. Roth a trouxe de volta para Nova York para cuidar dela enquanto ela se recupera”, ela disse enquanto escolhia um batom vermelho escuro matte.

“E ele atendeu seu telefone?” Sunny perguntou cuidadosamente.

“Ele insistiu que eu voltasse com eles.” Ela se levantou e evitou o olhar dissecante de Sunny enquanto ia até o armário. “Estarei pronta em quinze.”

Depois que Sunny foi embora, ela soltou um longo suspiro. Sunny conseguia somar dois e dois. Os ferimentos não eram de um resort BDSM, mas de Roth, o que a tornava um clichê para ficar com seu ex. Inferno. Ela foi até seu armário e desenterrou um vestido preto com gola alta e calçou botas de cano alto e adicionou alguns acessórios. Os paparazzi estavam aqui para uma foto, então ela daria a eles uma que esperançosamente ofuscasse a de Roth. Ela pegou uma das poucas bolsas de grife que ainda possuía e um casaco antes de entrar na sala de estar.

Os guardas imediatamente se levantaram. Ela não disse uma palavra enquanto caminhava até a porta. Eles se reuniram ao redor dela, e dessa vez, quando ela encarou os paparazzi, ela manteve a cabeça erguida e esperou que eles tirassem uma foto muito melhor. O sol estava se pondo quando ela entrou em um SUV e se acomodou ao lado de Sunny, que falou em seu fone de ouvido. Ela mandou uma mensagem para Lyle dizendo que estava a caminho e se preparou para encarar suas irmãs, que ela não via desde o funeral.

O que deveria ter levado dez minutos sem trânsito levou quase quarenta. Ela desceu do SUV em frente à Hennessy Tower, um prédio de vidro que subia em espiral em direção ao céu. Sunny e dois guardas a acompanharam, mas não havia necessidade, já que a equipe não permitia que os paparazzi se aproximassem a menos de quinze pés de qualquer pessoa que entrasse no prédio. Houve alguns flashes dos paparazzi abatidos, mas nada comparado ao circo em seu apartamento. Os trabalhadores da Hennessy Tower inclinaram a cabeça quando ela passou pela porta giratória e cruzou o enorme saguão. O operador do elevador a cumprimentou com um sorriso antes de selecionar o último andar.

O elevador se abriu em uma entrada que rivalizava com a Capela Sistina, guardada por vários seguranças que se afastaram para ela. Ela passou por uma mini cachoeira e um lago de carpas antes de dobrar a esquina e encarar a grande sala de estar. Era tudo o que se esperaria de uma casa que vale mais de cinquenta milhões. Um piano branco estava no canto da sala, junto com obras de arte caras nas paredes. Os móveis creme com acabamento em ouro eram personalizados, assim como tudo na cobertura de dois andares habitada por Colette, Lyle e sua governanta e cozinheira. Todos que estavam descansando em frente à lareira dourada viraram a cabeça quando ela parou na soleira.

“Tia Minnie!”

Duas crianças correram em sua direção. Ela se ajoelhou e caiu de bunda enquanto Bailey e Kye se lançavam contra ela.

“O tio Lyle disse que você está encrencada”, Bailey sussurrou em seu ouvido.

“O que há de novo?” ela sussurrou de volta.

Bailey arregalou os olhos, que eram do mesmo azul-gelo dos da mãe. “Você vai ficar de castigo?”

“Talvez,” ela disse gravemente e então deu um tapinha na bunda do garotinho que estava agarrado a ela. “Como está meu garoto?”

“Sinto sua falta”, ele disse contra o pescoço dela.

Seu coração derreteu. Ela se levantou com Kye em seus braços e encarou um formidável júri olhando para ela com vários graus de desaprovação. Suas irmãs, Colette e Ariana, estavam lado a lado. Ela era mais alta do que a média, com 1,70 m, mas pequena em comparação com suas irmãs, que eram mais altas do que ela, com 1,80 m. Elas eram loiras bombásticas com olhos azuis glaciais. A semelhança entre elas era incrível, considerando que tinham mães diferentes.

Colette era dez anos mais velha que ela e era distante, rígida e inflexível — a versão feminina do pai. Ela era a CEO da Hennessy & Co e tinha florescido no papel para o qual tinha sido preparada desde o nascimento. Maximus juntou Colette a Lyle Caruso, um brilhante gestor de fundos de hedge e italiano apaixonado. Colette e Lyle eram um casal poderoso de Nova York frequentemente aparecido em capas de revistas. Eles estavam casados há mais de uma década, então ela imaginou que Colette não era tão frígida entre os lençóis quanto parecia em sua vida cotidiana. Eles quase se divorciaram no ano passado quando Colette se recusou a ter filhos, mas ela cedeu quando se lembrou do contrato de casamento. Afinal, era sobre legados, e não amor.

Colette usava um vestido de casaco branco com botões dourados na frente e um cinto preto alto em volta da barriga inchada. Apesar de estar grávida de seis meses e em sua própria casa, ela ainda usava saltos depois de um longo dia. Colette era uma defensora da formalidade, assim como seu pai. Era uma das razões pelas quais Jasmine havia tirado um tempo para se tornar apresentável. Lyle, por outro lado, usava calças pretas e uma camisa sem gravata. Sua cabeça estava raspada nas laterais enquanto ele deixava a parte de cima longa e penteada para trás.

Sua outra irmã, Ariana, era oito anos mais velha que ela e era a COO da Hennessy & Co. Ariana era tão inteligente quanto Colette, mas tinha amolecido depois de ter Bailey e Kye. Seu pai, Rami Khan, era um magnata brilhante do software. Ele era um homem quieto, mas não menos poderoso que os outros na sala. Ele usava um colete de lã e tinha óculos dourados de Harry Potter empoleirados no nariz.

“Desculpe o atraso”, ela anunciou.

“Estou feliz que você tenha vindo”, disse Colette.

Ela duvidou, mas guardou esse pensamento para si mesma.

“Que diabos, Minnie?” Lyle retrucou.

“O quê?” ela perguntou enquanto Ariana lhe lançava um olhar severo por sua linguagem.

“O que você está fazendo com Roth?” Lyle exigiu.

O sorriso caiu de seus lábios. “Do que você está falando?”

“Tem uma foto sua e dele em um site de fofoca. Colette foi marcada nela. É verdade?”

Seu estômago revirou. Ela sabia que teria que tocar no assunto esta noite, mas esperava que fosse fácil para eles e não ter que discutir Roth assim que entrasse. Todos estavam olhando para ela, esperando

uma explicação. Até Kye e Bailey a observavam, percebendo que algo significativo estava acontecendo, embora não entendessem.

“Fui ao Colorado para ver Kaia. Ela teve um ataque cardíaco enquanto eu estava lá, então Roth veio de avião”, ela disse.

Lyle abriu os braços. “E? Como ele acabou com o braço em volta de você no seu prédio?”

“Nós voamos de volta juntos, e ele estava me protegendo dos paparazzi.”

“E é isso?” Lyle insistiu.

“Sim.”

“Você sabia que ele voltou?”, perguntou Colette.

Ela desviou o olhar para a irmã mais velha e levantou uma sobrancelha. “Ele deixou cair essa informação antes de voltarmos. Por que você não me contou?”

“Eu não queria te chatear.”

“Eu preferiria ouvir isso de você do que dele.”

“Você mal está na cidade. Não pensei que você o encontraria,” Colette disse com um delicado encolher de ombros.

Antes que Jasmine pudesse explodir, Ariana falou. “Você está bem?”

“Claro,” ela disse desdenhosamente e beijou Kye na bochecha. Se eles realmente se importassem, não teriam ido embora quando ela precisou deles.

“Vamos comer,” Lyle disse enquanto se aproximava e lhe dava um abraço. “Vai ficar tudo bem,” ele disse calmamente.

Ela lançou-lhe um longo olhar. “Como queiras.”

Rami tirou Kye dela e conduziu seus filhos na frente deles.

“Você não consegue fazer nada sem virar manchete, consegue?”, ele provocou.

“Tenho que manter minha reputação”, ela disse e lhe deu um abraço. “Como você está, Rami?”

“Ocupado, é claro”, ele disse e colocou um braço sobre o ombro dela enquanto a conduzia para a sala de jantar formal.

Ela tinha um relacionamento melhor com seus cunhados do que com suas irmãs. Maximus as criou para serem generais femininas no mundo empresarial dominado por homens. Elas foram criadas aos olhos do público e ensinadas desde cedo a nunca demonstrar emoção, pois era uma fraqueza e poderia ser explorada. Lyle e Rami, por outro lado, eram muito mais casuais sobre demonstrar afeição e não sentiam a necessidade de ser super machos.

Ela sentou-se à mesa e pegou a taça de vinho que a esperava. Os garçons saíram com uma culinária asiática artisticamente preparada. Ela não ficou surpresa com as perguntas educadas que suas irmãs lhe fizeram. Elas queriam discutir negócios e conhecidos mútuos com os quais ela não dava a mínima.

Ela voltou sua atenção para sua sobrinha e sobrinho, que eram muito mais interessantes. Kye e Bailey estavam ansiosos para contar a ela tudo o que tinham visto e aprendido nas semanas em que ela esteve fora. Bailey estava aprendendo francês e alemão e alternava entre eles enquanto falava. Kye gostava de espanhol e falava frases quebradas. Sua sobrinha e sobrinho foram a principal razão pela qual ela se preocupou em vir quando ainda estava em carne viva por seu encontro com Roth. As crianças eram calorosas e amorosas e ansiosas para contar a ela sobre suas vidas cheias de viagens, observações e educação. Ariana e Rami

estavam definitivamente seguindo o mesmo currículo em que ela foi criada, além do internato. Sua sobrinha e sobrinho iriam frequentar uma escola particular em Nova York, o que significava que ela poderia vê-los com mais frequência.

Enquanto os adultos discutiam as oscilações do mercado, ganhos de capital e investidores, ela se concentrava nas crianças. Ela nunca tinha se conectado com suas irmãs, mas as crianças eram um farol em seu mundo, de outra forma, sombrio.

“Mamãe disse que você sente muita falta do papai”, disse Bailey.

Ela piscou para conter a onda instantânea de lágrimas. “Ela está certa.”

Bailey pressionou uma mão contra sua bochecha, compaixão irradiando de seus olhos. “Vai ficar tudo bem. Papai está em um lugar melhor.”

Ela assentiu enquanto uma lágrima deslizava por sua bochecha. “Sim, ele é.”

“Senhorita Papa,” Kye interrompeu.

Ela o puxou para perto dela e beijou o topo de sua cabeça. “Eu também, baby.”

“Você vai voltar para o castelo?” Bailey perguntou enquanto se ajoelhava na cadeira.

Sua boca se curvou. “Sim.”

Bailey olhou para a mãe antes de se inclinar para frente. “Posso ir?”

“Acho que ela tem uma agenda apertada para você.”

“Mas se você disser a ela que está triste, ela pode me deixar ir com você.”

Bailey estava definitivamente aprendendo a arte da negociação rapidamente. Ela era lógica e persuasiva e não tinha nem cinco anos.

“Venha também!” Kye disse alto antes que sua irmã o silenciasse.

“Eu estive fora por um tempo. Tenho trabalho a fazer, mas se sua mãe deixar, eu te pego em uma ou duas semanas,” ela disse.

Bailey suspirou e afundou-se novamente em seu assento, braços cruzados. “Quero ver os cavalos.”

“Você vai.”

“Quero vê-los *agora* .”

Ela deu um tapinha no nariz da sobrinha. “Seja boazinha e você vai. Sem fazer beicinho.”

Depois do jantar, ela brincou com Kye e Bailey antes de Ariana declarar que era hora de dormir. Ela beijou as crianças antes de Rami levá-las dois andares abaixo para a cobertura. Lyle se trancou em seu escritório enquanto ela e suas irmãs, por acordo mútuo, se acomodaram na grande sala de estar.

Quando Jasmine olhou para o fogo, lembranças dela e Roth transando em frente a uma fogueira semelhante a invadiram antes de Colette pigarrear.

“Você não respondeu às minhas mensagens”, ela disse.

Jasmine voltou sua atenção para sua irmã enquanto os restos das chamas dançavam em seus olhos. “Não sei sobre o que temos que conversar.”

Colette e Ariana se entreolharam. Elas estavam tão em sincronia uma com a outra que não era necessário falar. Crescer sob duas irmãs talentosas e lindas não tinha sido fácil. Ela estava sempre dez passos atrás e, não importa o que acontecesse, ela nunca a alcançaria. Roth a libertou do molde Hennessy. Ela parou de tentar ser a filha e funcionária perfeita e decidiu ser ela mesma. Suas irmãs jogavam um jogo de apostas altas para o qual ela não foi feita. Ela estava feliz por ter saído antes de se casar com Ford e ficar presa em

um mundo onde o dinheiro era rei e a imagem era tudo. Quando ela rompeu o noivado, suas irmãs ficaram tão bravas quanto o pai. Suas irmãs não se aproximaram durante o afastamento e, quando ela se reconciliou com o pai, Colette e Ariana concordaram, mas não sem compartilhar muitos olhares longos. Ela sempre foi uma estranha.

“Essa notícia com Roth é... inesperada”, disse Ariana, obviamente tentando aliviar a tensão na sala.

Sua boceta pulsava. Ela cruzou os tornozelos e fechou as mãos no colo.

“Você acha que é uma coincidência que ele tenha voltado para Nova York depois que papai faleceu?”, perguntou Colette.

Ela piscou. “O quê?”

“Ele voltou logo depois do funeral.”

Ela franziu a testa. “Claro, é uma coincidência. O que mais poderia ser?”

Colette e Ariana se entreolharam novamente.

Ariana sentou-se para frente. “Reagimos mal quando o testamento foi lido. Queríamos que você soubesse que não guardamos nenhum ressentimento sobre sua herança.”

“Não acredito nisso nem por um segundo”, ela disse. Depois de lidar com Roth, sua paciência estava no nível mais baixo de todos os tempos. Ela não estava interessada em suas besteiras educadas.

A irmã dela visivelmente enrijeceu. Estava claro que eles não esperavam que ela fosse tão direta.

“Eu não sabia que ele me nomeou como executora”, ela disse, olhando diretamente para Colette. “E eu não sabia que herdaria os bens restantes dele. Eu nunca pedi nada.”

Colette baixou o olhar enquanto Ariana se mexia desconfortavelmente.

“Você saiu depois que o testamento foi lido”, Jasmine continuou. “Você me forçou a tomar essa decisão sobre o papai sozinha. Você não estava lá quando ele faleceu.” Sua respiração ficou presa, e ela olhou para o fogo enquanto lutava para manter a compostura. “Seja honesta por uma vez. Você estava chateada.”

“Você tem razão.”

Colette sentou-se na beirada do sofá, as panturrilhas pressionadas juntas e anguladas para o lado como uma realeza. Se ela não tivesse visto Colette vomitar antes, ela poderia suspeitar que sua irmã não era humana. Ela nunca demonstrou fraqueza, mas no momento, algo estava diferente sobre ela.

“Eu não esperava que você fosse a executora ou única herdeira”, disse Colette, a voz hesitando incerta enquanto ela procurava por palavras. “Eu reagi horivelmente.” Colette inclinou a cabeça. “Sinto muito, Minnie.”

“Eu não lidei melhor com isso”, Ariana acrescentou. “Peço desculpas.”

Jasmine não reagiu. Ela não tinha certeza do que era mais chocante. Ver Roth ou receber um pedido de desculpas de suas irmãs.

Ninguém ficou mais surpreso com o testamento de seu pai do que ela. Antes que ela pudesse aceitar o fato de que o destino de seu pai estava em suas mãos, o advogado anunciou que ela havia herdado seus bens restantes, avaliados em mais de trezentos milhões de dólares. Enquanto ela tentava compreender tudo isso, Colette e Ariana saíram da sala e a deixaram para lidar com a decisão de desligar o suporte de vida de seu pai e fazer os arranjos do funeral sozinha. De pé ao lado do caixão de seu pai, ela nunca se sentiu mais sozinha. Os colegas de seu pai deixaram claro que ela não estava à altura de suas irmãs. Nenhuma

quantidade de tempo enterraria o escândalo que ela causou, e ele ressurgia toda vez que ela o fazia. Apesar de sua reconciliação com Maximus, ela não esperava nada. Maximus era um homem duro que nunca voltava atrás em seus decretos. Suas irmãs mantiveram Hennessy & Co funcionando depois que ele adoeceu, e elas trabalharam duro enquanto ela trilhava seu próprio caminho. Ela não achava que merecia nada, mas em algum momento, Maximus mudou de ideia e não contou a nenhum deles sobre isso.

“Recebemos cartas”, disse Colette.

“Cartas de quem?” Jasmine perguntou enquanto passava a mão sobre o olho.

“Pai”, disse Ariana. “Nós dois ganhamos uma. Escrita há seis meses, elas foram entregues há alguns dias. Ele explicou suas razões para fazer de você sua única herdeira.”

Jasmine se inclinou para frente. “O que ele disse?”

“Tenho certeza de que você tem uma carta esperando por você na propriedade dele explicando isso”, disse Colette e esfregou as têmporas.

Estava claro que a gravidez a afetou. Normalmente estoica, decisiva e direta, Colette parecia estranhamente cansada.

“Você está bem?” ela perguntou.

“O médico disse que ela deveria ficar em repouso na cama,” Ariana explicou enquanto esfregava a parte inferior das costas de Colette. “Você precisa se deitar.”

“Eu vou em breve.” Colette tentou manter sua postura ereta. “Nós deixamos você com um fardo pesado que você não pediu, e eu sinto muito. Eu não sei como podemos compensar isso. Eu não estava pensando claramente.”

Jasmine olhou para suas mãos enquanto suas emoções se agitavam.

“Você o perdoou depois que ele te renegou e esteve lá quando ele realmente precisou de você”, Colette disse enquanto esfregava sua barriga. “Você deu a ele os melhores anos de sua vida.”

A boca de Jasmine tremeu quando a tristeza aumentou novamente, tão forte que ela não conseguia respirar fundo.

“Você fez a coisa certa, Minnie,” Ariana disse. “Você não o deixou sofrer. Você o deixou ir.”

Ela enterrou o rosto nas mãos enquanto as lágrimas vinham. Vozes suaves e femininas murmuravam confortavelmente enquanto suas irmãs se acomodavam de cada lado dela. Colette a inclinou para o lado, em seu colo, o que só a fez chorar mais. Mãos se moveram por seus cabelos enquanto as lágrimas que ela pensou ter se livrado no Colorado fizeram outra aparição. A tristeza fez até mesmo as pessoas mais endurecidas lhe oferecerem conforto. Primeiro Roth e agora Colette. No que o mundo estava se transformando?

“Recebemos nossa herança anos atrás, quando ele dividiu suas ações restantes da Hennessy & Co entre Colette e eu. Você nunca disse nada”, disse Ariana.

“Por que eu faria isso?” Jasmine perguntou com a voz rouca.

“Você é um Hennessy.”

Ela nunca se sentiu como uma Hennessy de verdade. Ela não personificava os traços que tornavam sua família tão respeitada e reverenciada na sociedade. A única coisa que ela tinha feito era causar problemas com os parceiros de seu pai e manchar o nome da família com escândalos. E por quê? Um homem que nem a amava. Ela não merecia nada pelo que seu pai ou irmãs tinham trabalhado tanto.

“Ariana e eu recebemos muitas bênçãos do papai. Você recebeu o mínimo. Deixar suas propriedades para você foi a maneira dele de honrá-la”, Colette disse calmamente.

“Eu tenho dinheiro”, ela sussurrou.

“Ele nos disse isso também”, disse Ariana.

As lágrimas pararam de correr por suas bochechas. “O quê?”

“Não sei por que você manteve isso em segredo. Você nos deixou pensar que não tinha emprego. De onde veio o nome Thalia Crane, afinal?”, perguntou Colette.

Ela se levantou de um salto e encarou suas irmãs com as mãos nos quadris. “Isso não era dele para contar!”

“Ele estava orgulhoso de você.”

“Ele prometeu!”

Colette e Ariana se entreolharam. Suas expressões sombrias se fundiram em sorrisos.

“O quê?” Jasmine rosnou.

“Você o fez xingar de mindinho?”, perguntou Ariana.

Ela olhou feio para a irmã. “Se você contar para Rami, eu te mato.”

“Ele já sabe.”

Jasmine cerrou os dentes. Seu anonimato estava sendo destruído. Nesse ritmo, o mundo inteiro saberia sua identidade até o fim do ano.

“Então você é uma escritora,” Ariana disse com um encolher de ombros. “Qual é o problema?”

“O grande problema”, ela enfatizou com os dentes cerrados, “é que eu sou a nova *Cinquenta Tons* e já causei danos suficientes.”

Ariana acenou com a mão. “Você é uma artista.”

“Comprei o box set”, Colette acrescentou. “Vou ler a série quando estiver de licença-maternidade.”

Jasmine cobriu o rosto com as mãos e gemeu.

“O quê? Estou tentando dar apoio!” Colette disse defensivamente.

“Você vai arrancar os olhos depois de ler isso”, Jasmine previu.

Colette deu de ombros. “Você não sabe disso.”

“Olhe para você!”

Colette olhou para si mesma. “O quê?”

“Você é você !”

“O que isso significa?”

“Você está usando pérolas e a Sra. Straitlaced. Você não consegue lidar com isso.”

Colette levantou o nariz no ar. “Vamos ver sobre isso.”

Jasmine andou em direção à vista da cidade iluminada à noite. “Isso não está certo.”

“Não seja tão dramática, Minnie. Seu sonho de ser escritora se tornou realidade. O que importa o que pensamos?”

“Não”, ela murmurou, embora fosse uma mentira.

Ela respeitava suas irmãs pelo que elas eram e pelo que elas realizaram. Ela preferia que elas acreditassem que ela não fez nada do que ler os escritos de sua alma e zombar deles. Era uma das razões

pelas quais ela havia escondido sua identidade. A escrita era somente dela... ou tinha sido antes de Sarai e seu pai decidirem contar ao planeta inteiro.

Ela caminhou em direção a um espelho dourado pendurado na parede para ver o dano que sua última sessão de choro havia causado em seu rosto. Ela parecia horrível. Ainda bem que ela tinha óculos escuros na bolsa.

“Papai estava muito orgulhoso de você”, disse Colette.

Ela suspirou. “Eu sei.”

Mesmo quando estavam afastados, Maximus manteve um olho nela. Ele acompanhou sua carreira de escritora, estava ciente do sucesso de Thalia Crane e foi notificado imediatamente quando ela deixou Roth e pediu o divórcio. Quando ela veio até ele em busca de ajuda, ele já sabia de tudo.

“A série é sobre...?” Ariana começou antes que Colette a silenciasse.

“Sim, é sobre Roth e eu.” Era uma causa perdida agir como se não fosse. Seria óbvio para suas irmãs se elas lessem os livros. “E eu acabei de descobrir que ele também sabe.”

O horror da irmã resumiu como ela se sentiu quando ele jogou aquela bomba nela. Ela nunca tinha passado tempo com as irmãs. Elas geralmente estavam ocupadas demais para isso. Elas obviamente tinham limpado suas agendas para a noite, o que mostrava o quanto essa conversa significava para elas. Semanas de culpa e solidão se esvaíram.

“Ele sabe?” Ariana engasgou.

“Sim.”

“Como ele descobriu?”

“A assistente dele me leu como Minnie Hess e então consultou Thalia Crane, já que ela é uma leitora ávida de romances, viu as similaridades entre o estilo de escrita e a história, e juntou tudo. *Então*,” ela disse com prazer, “ela deu os livros de presente para ele, e ele leu, porra.”

Ariana cobriu a boca com as mãos enquanto Colette girava seu colar de pérolas.

“Por que ela faria isso?”, perguntou Colette.

Ela bateu palmas. “Exatamente!” Ela levantou as duas mãos. “Ela acha que eu escrevi a série como um bilhete de amor para ele ou algo assim. Ugh!” Ela cruzou os braços e bateu o pé irritadamente.

“Você fez?”, perguntou Ariana.

“Claro que não!”

“Como ele reagiu?”, perguntou Colette.

Ela deu de ombros. “Ele ficou mais lisonjeado do que qualquer outra coisa, eu acho.”

“Bem, pelo menos isso é alguma coisa.” Colette inclinou a cabeça para o lado. “Ele é...? Ele disse alguma coisa sobre nós?”

Jasmine franziu a testa. “O que você quer dizer?”

“Sobre o pai ou a empresa?”

“Não. Por quê?”

Colette e Ariana se entreolharam antes de voltarem a atenção para ela.

“Estávamos nos perguntando se ele causaria algum problema agora que voltou”, disse Ariana.

“Por que ele faria isso? A briga dele era com o papai, não com você.”

Colette se mexeu desconfortavelmente e então fez uma careta.

“Por que você deveria estar em repouso na cama? Há algo errado?” ela perguntou enquanto caminhava de volta para suas irmãs.

“Ela tem pressão alta”, Ariana disse enquanto chutava os saltos de Colette e forçava sua irmã de volta contra as almofadas. “Se você não relaxar, vou contar para Lyle.”

“Por que você não contou a ele?” Jasmine perguntou.

“Estou no meio de algo no trabalho. Quando terminar, vou relaxar e me preparar para o bebê”, disse Colette irritada.

Jasmine estava sentada em uma mesa de centro dourada em frente às suas irmãs.

Colette olhou para ela pensativamente. “Papai estava orgulhoso de você ter conseguido na sua própria arena.”

Jasmine assentiu. Ele já havia mencionado isso a ela antes.

“Ele disse que você não tem medo do fracasso e é por isso que você conseguiu seguir em frente e se tornar um sucesso.”

“Não estou ganhando milhões”, Jasmine disse defensivamente.

“Se sua trajetória de vendas e lançamentos de livros permanecerem consistentes, você deverá atingir esse número nos próximos três anos”, disse Colette.

“Você vai parar de fuçar na minha merda?” ela retrucou e balançou a cabeça. “Você é igual a ele.”

“Menos de dez por cento dos escritores vivem de seus ganhos, então sua renda é impressionante. Você construiu algo do nada, assim como o vovô.” Colette esfregou a barriga enquanto olhava para o fogo. “Eu gosto de regras.”

“Eu sei que sim”, Jasmine disse e lançou um olhar perplexo para Ariana, que deu de ombros.

“Eu sei como o jogo funciona. Eu também conheço os jogadores e meu lugar na hierarquia. Eu estou no topo”, disse Colette. “Papai disse que eu não vou para frente se eu tiver muito medo de cometer erros.”

Jasmine inclinou a cabeça para o lado enquanto examinava a irmã. “Esses hormônios da gravidez estão te afetando.”

A boca de Colette se fechou em uma linha fina. “Lyle acha isso engraçado.”

“Eu posso ver o ponto dele. Você não é você mesmo.”

“Não, não estou. Eu odeio isso. Não consigo pensar direito. Estou apenas reagindo sem pensar, e isso é tão diferente de mim.”

“Vai passar,” Ariana acalmou, dando tapinhas em sua coxa. “Logo, Polara estará aqui, e tudo valerá a pena.”

“Polara?” Jasmine ecoou com as sobrancelhas levantadas.

“Sua segunda sobrinha.”

“Polara?” ela disse novamente.

“O que há de errado com Polara?” Colette perguntou bruscamente.

“Polara não é um nome comum. Só o ouvi uma vez em um livro de fantasia de David Eddings.”

“E a personagem é uma mulher forte?”, Colette retrucou.

“Sim.”

Ela relaxou. “Claro que sim. Polara é um nome foda.”

Enquanto ela tentava conter um sorriso, Ariana olhou para ela sobriamente.

“Nós realmente lamentamos pela forma como agimos. Você não recebeu nada do papai, nenhum dinheiro ou o apoio dele com Roth ou sua carreira. Nós deveríamos ter esperado que ele fizesse algo assim por você.”

“Mas não preciso do dinheiro e não quero administrá-lo”, disse ela.

“Temos pessoas que vão monitorar isso para você. Você não precisa se preocupar com isso”, disse Colette, soando muito mais como ela agora que estavam falando sobre negócios. “Se você quiser vender uma das propriedades dele, nos avise primeiro. Podemos querer comprá-la de você.”

Ela soltou um longo suspiro. “Ooookay.”

“Você nos perdoa?”, perguntou Colette.

“Sim.”

Ela não precisava pensar sobre isso. Ela não esperava um pedido de desculpas ou mesmo um reconhecimento do que elas tinham feito. A família delas nunca discutia assuntos delicados, mas parecia que a morte do pai delas tinha afetado suas irmãs também. O peso que ela tinha carregado para o Colorado e de volta aliviou consideravelmente.

“Você vai voltar para o Tuxedo Park?” Ariana perguntou

“Sim.”

Colette suspirou enquanto finalmente relaxava nas almofadas. “Você vai ficar bem aí sozinha?”

“Sim. Foi difícil estar lá depois que ele faleceu, mas acho que vou ficar bem agora.” Ela franziu os lábios. “Acho que preciso me livrar do meu lugar em Chelsea.”

“Você não deveria ter conseguido aquele lugar. Eu disse para você ficar na minha casa em—” Colette começou, mas parou quando Jasmine acenou com as mãos.

“Eu não queria ficar no Upper East Side.”

“Por que não?”

Ela olhou feio para a irmã. “Não quero ver todos os meus colegas de classe e ter que responder perguntas sobre por que não sou casada ou não tenho filhos quando vou até a cafeteria.”

“Você quer que cuidemos do seu apartamento em Chelsea?” Ariana perguntou.

Ela suspirou. “Sim. Acho que não quero voltar com os paparazzi lá. Provavelmente vou sair da cidade hoje à noite. Tenho muito trabalho para fazer de qualquer maneira.”

“Avise-nos se decidir viajar”, disse Colette lentamente, as pálpebras tremulando enquanto ela lutava para permanecer acordada. “Agora somos só nós. E faremos o mesmo para mantê-la informada sobre nosso paradeiro, especialmente se quiser estar lá para o parto.”

“Sim, eu quero estar lá”, ela disse imediatamente.

“Então está resolvido”, disse Colette enquanto finalmente cedeu e fechou os olhos. “Não saia sem segurança. Você tem que tomar precauções agora.”

“Eu vou. Vou sair agora”, ela disse e se levantou. Ela foi até Colette, que imediatamente tentou se sentar. Ela pressionou suas costas para baixo e beijou sua bochecha. “Descanse um pouco.”

Colette apertou o rosto entre as duas mãos. “Sinto muito, Minnie.”

Ela engoliu em seco. “Eu sei.”

“Eu não tenho sido uma boa irmã para você,” ela disse calmamente. “Não é de se espantar que você tenha ido para o Colorado. Nós nunca estivemos lá por você, não é?”

"Parar."

Colette soltou um suspiro trêmulo. "É por isso que eu nunca quis engravidar. Estou começando a me importar com as pessoas."

Jasmine sorriu. "A rainha da neve está derretendo."

"Eu sou quem eu tenho que ser," Colette disse severamente enquanto beijava sua bochecha. "Mas eu quero fazer melhor por Polara do que minha mãe fez por mim. Você nunca teve uma mãe, mas você é melhor com crianças do que eu. Por quê?"

"Você acha que tem que fazer alguma coisa. Você não tem. Tudo o que você tem que fazer é ouvir. Eles farão o resto."

Colette procurou os olhos. "Eu trabalhava com o papai todos os dias, mas não sabia nada sobre ele. Eu não fazia perguntas; eu apenas seguia ordens. Você tinha um relacionamento diferente com ele. Ele mudou quando ficou doente, e eu não tive tempo de vê-lo quando assumi a empresa. Você tirou o melhor dele. Eu tinha inveja disso."

Ela não sabia como responder à franca honestidade da irmã.

"Eu teria feito qualquer coisa por ele, mas ele confiou a vida dele a você. Eu também não lidei bem com isso, mas sei por que ele fez isso", ela sussurrou.

"Por que?"

Os olhos de Colette lacrimejaram. "Porque eu não teria segurado a mão dele quando ele cruzou."

Uma lágrima escorreu pela sua bochecha.

"Eu não saberia que terno ele queria usar em seu caixão."

Enquanto o rosto de Colette se enrugava, Jasmine a abraçou. Colette não fez nenhum som, mas Jasmine sentiu seu corpo estremecer enquanto ela chorava. Ariana observou com uma mão sobre a boca e esfregou as costas de Colette.

"Agora me sinto mal", Colette anunciou enquanto enxugava o rosto com a manga. "Como as pessoas lidam com as emoções o dia todo?"

"Pratique," Jasmine disse secamente enquanto a ajudava a se levantar. "Vamos te levar para a cama."

Era uma medida de quão exausta ela estava quando Colette os deixou colocá-la na cama como se fosse uma criança pequena.

"Eu nunca a vi assim", confessou Ariana enquanto voltavam para a grande sala de estar.

"Eu também não. É assustador."

Ariana deu-lhe um abraço. "Nós lhe enviaremos alguns e-mails sobre assuntos de negócios, mas prometemos deixá-la sozinha para que você possa escrever."

"Tudo bem. Mantenha-me informado sobre Colette."

"Vai fazer."

Quando Ariana saiu, ela foi até o escritório de Lyle e bateu na porta.

"Entre."

Jasmine entrou e o encontrou sentado em uma mesa enorme com o horizonte da cidade atrás dele.

Ele levantou uma sobrancelha quando viu o rosto dela. "Presumo que vocês fizeram as pazes?"

Ela se jogou em uma cadeira em frente à mesa dele. "É. Sua esposa está na cama."

Ele franziu a testa e encolheu os ombros para trás, a manga da camisa. "São nove horas."

Ela se inclinou para frente e sussurrou: "Ela desabou."

Ele franziu a testa. "O que diabos isso significa?"

Ela fingiu chorar e deu um tapa na mesa dele. "Tipo, em cheio." Quando ele sorriu, Jasmine retrucou, "O que diabos é tão engraçado?"

"O bebê está mudando ela."

"Foi por isso que você insistiu que ela engravidasse?"

Ele se recostou no assento com um sorriso arrogante e não respondeu.

"Você está doente."

Ele deu de ombros. "Então vocês resolveram isso? Vocês estão bem?"

"Melhor do que nunca." Ela balançou a cabeça. "Parece que o mundo virou de cabeça para baixo desde que papai morreu."

"A morte muda as perspectivas das pessoas." Sua expressão ficou séria. "Vocês falaram de negócios?"

"Eles vão cuidar das contas. Não tenho interesse no dinheiro. Tudo o que eu sempre quis foi a propriedade rural, de qualquer forma. Eu tenho o que preciso."

"Bom." Ele juntou os dedos. "Você tem mais alguma coisa para me dizer?"

Ela ficou tensa. "O que você quer dizer?"

"Sobre Roth."

"E ele?"

"Ele é seu ex-marido."

"Eu sei que."

"E você se divorciou dele."

"Então?"

Seus olhos se estreitaram. "Ele está de volta a Nova York."

"Isso não tem nada a ver comigo."

Ele inclinou a cabeça para o lado. "Roth se saiu bem."

"Ver o rosto dele nas revistas me disse isso."

"Ele tem as mãos em tudo. Imóveis, fundos de hedge, ações..."

"Bom para ele", ela disse friamente.

"Fique longe dele", Lyle avisou.

"Esse é meu plano. Vou ao Tuxedo Park hoje à noite."

"Garota esperta."

Quando ela se levantou e se virou para sair, ele estalou a língua para chamar a atenção dela. Quando ele apontou para sua bochecha, ela fez um grande show revirando os olhos enquanto ia até ele e beijava sua bochecha.

"Eu sei que estamos ferrados e não ligue, mas você sabe que nos importamos, certo?" ele murmurou.

"Sim", ela disse. "Entrarei em contato." Ela estava quase saindo do escritório quando se virou. "Você vai deixar ela dar o nome de Polara ao seu filho?"

Ele deu de ombros. "Ela pode fazer o que quiser, desde que me dê um herdeiro."

"Vocês têm um casamento estranho."

“Todos os casamentos são estranhos.”

Ela balançou a cabeça enquanto saía do escritório dele. Sunny e seus guardas estavam em uma sala fora do hall de entrada. Eles se levantaram quando ela se aproximou. Ela colocou seus óculos escuros enquanto eles entravam no elevador.

“Quero ir ao Tuxedo Park hoje à noite”, ela disse a Sunny.

“Você precisa de alguma coisa do seu apartamento?”

“Quando puder, peça para alguém entregar tudo na propriedade. Não voltarei.”

Sunny assentiu e falou em seu fone de ouvido enquanto as portas se abriam para o saguão. Havia mais paparazzi agora do que quando ela chegou. Eles estavam muito longe para ela ouvir suas perguntas claramente, mas ela ouviu o nome de Roth ser mencionado várias vezes. Aquela foto idiota deles estava chamando a atenção que ela não queria ou precisava. Merda.

Ela entrou no SUV no meio-fio, fechou os olhos e desligou tudo enquanto ele se afastava da Hennessy Tower. Sua mente se encheu de estática branca, e ela não tentou mudar de canal ou entender como estava se sentindo agora. Ela queria chorar muito e deixar tudo sair, mas não conseguia. Não até que estivesse em seu quarto no Tuxedo Park. Ela respirou fundo e desejou dormir, mas estava muito ligada.

Nas últimas vinte e quatro horas, ela teve duas mudanças monumentais em sua vida. A primeira foi a bomba que Roth soltou sobre sua vasectomia. E a segunda foi essa reviravolta inesperada com suas irmãs.

O tempo que passou com Roth no Colorado foi um acaso. Tudo estava contra ela — a tempestade de neve, a falta de eletricidade e o fato de estar emocionalmente ferrada após a morte do pai. Ela não iria lamentar suas escolhas porque já estava feito. Ela o tinha fodido pra caramba, e ele provou de uma vez por todas que eles nunca tiveram um relacionamento de verdade. Um marido que fez vasectomia era alguém que não queria um vínculo permanente com a esposa. Ela o tinha vencido ao iniciar o divórcio. A única razão pela qual ele lutou foi a necessidade de provar que o pai dela estava errado. Bem, foda-se ele. Ele a tinha humilhado pela última vez. Eles tinham acabado. Eles não andavam nos mesmos círculos, então não havia razão para ter outro incidente como o do Colorado. *Coloquei meu número no seu telefone. Use-o.* Ela pegou o telefone e o encontrou em Roth, sem primeiro nome. Seu polegar pairou sobre o nome dele. Mesmo que ela o excluísse, ele ainda poderia enviar uma mensagem para ela, então ela o bloqueou. Ele podia ligar ou mandar mensagem o quanto quisesse, mas ela nunca saberia, e era assim que ela queria. Se ele quisesse uma foda gostosa, então ele poderia conseguir de qualquer mulher que escolhesse. Ela não estava disponível.

A cidade de Nova York foi rapidamente deixada para trás. Sem trânsito, a viagem de uma hora até o Tuxedo Park levaria ainda menos tempo. Ela conhecia bem a rota, pois havia sido levada da vila até a cidade inúmeras vezes. O Tuxedo Park ficava a 40 milhas de Midtown, mas os dois lugares não poderiam ser mais diferentes se tentassem. O Tuxedo Park era um condomínio fechado com um guarda 24 horas que só permitia o acesso de moradores e seus convidados. Não havia lojas, postos de gasolina ou bancos dentro dos muros do Tuxedo Park. A vila estava presa em um túnel do tempo onde o crime era inexistente, os moradores deixavam suas portas destrancadas e a maioria das pessoas andava de bicicleta para todos os lugares. Era um refúgio no meio de um mundo caótico.

Maximus havia banido sua assistente pessoal, Elena Rogan, para Tuxedo Park quando ela engravidou. Jasmine não se lembrava muito de sua mãe desde que ela morreu em um acidente de carro quando tinha três anos. De acordo com Maximus, a autópsia revelou que ela estava grávida de outro homem.

Maximus suspeitou que fosse um dos funcionários e dispensou todos eles imediatamente. Em vez de levar Jasmine para Nova York, ele a deixou em Tuxedo Park, onde a equipe da casa a criou, e ela frequentou a escola particular local antes de ser enviada para um internato quando tinha dez anos.

Ambas as irmãs eram o subproduto dos casamentos de Maximus com mulheres famosas. A mãe de Colette era filha de um magnata do petróleo, enquanto a mãe de Ariana era uma supermodelo. Maximus insistiu em ser muito prático com Colette e Ariana. Elas cresceram em seus escritórios para que ele pudesse ensiná-las a assumir quando chegasse a hora delas. Nascida oito anos depois de Ariana, Jasmine foi um constrangimento indesejado desde o primeiro dia.

Ela cresceu com os pecados da mãe sobre os ombros. Ela tentou ser a melhor em tudo e falhou todas as vezes. Maximus sempre olhou para ela de forma diferente. Não ajudou que ela fosse uma réplica de sua mãe — morena e curvilínea com olhos castanhos claros. Ela se destacou como um polegar dolorido ao lado de suas irmãs altas e loiras. Ela foi apelidada de ovelha negra antes de falar sua primeira palavra e nunca foi capaz de fugir do título. A única vez que ela chegou perto de deixar seu pai orgulhoso foi seu noivado com Ford Baldwin... e isso terminou no escândalo da década.

O fato de Maximus tê-la reconhecido como uma das suas em seu testamento era nada menos que espantoso. Ninguém poderia ter previsto isso, muito menos ela. Ele a havia tornado rica além de seus sonhos mais loucos. Ela não precisava trabalhar mais um dia em sua vida se não quisesse. Ela poderia realmente culpar suas irmãs por reagirem da maneira que reagiram? Maximus sabia como elas reagiriam e escreveu cartas explicando sua decisão. Suas irmãs não apenas respeitaram sua decisão, mas também se desculparam e se abriram sobre seus sentimentos. Elas respeitavam sua profissão e queriam ser uma família de verdade. Ela sentia muita falta de Maximus, mas algo lindo e inesperado havia surgido disso, e ela nutriria as sementes que ele plantou.

Quando o SUV parou, ela saiu do seu estupor. Um dos seus guardas abriu a porta, e ela pegou a mão dele enquanto descia. Sua governanta Thea estava na porta aberta da casa. Jasmine lhe deu um sorriso pálido e um abraço apertado.

“Você está bem? Quer comer?” Thea perguntou.

“Não, obrigada. Só cama para mim.”

Thea colocou o braço em volta da cintura dela como se estivesse ferida e a acompanhou escada acima até seu quarto.

“Quanto tempo você vai ficar, senhorita?” Thea perguntou.

“Eu nunca mais vou embora”, ela murmurou. Ela foi até o banheiro da suíte e lavou o rosto antes de tirar as botas e o casaco. As cobertas estavam dobradas para trás, então ela deslizou para dentro. “Deixe, Thea”, ela murmurou enquanto a governanta carregava suas botas e casaco para o armário. “Está tarde. Você não precisava vir aqui só por minha causa.”

“Claro que sim. Você sabe o que quer para o café da manhã?”

“Café.”

“E?”

Ela olhou para ela com maldade. “Mais café.”

Thea beijou-a na testa. “Farei isso. Bem-vinda de volta.”

Capítulo 8

Quatro anos atrás

Fazia três anos desde que ela viu seu pai. Ela estava tão nervosa que não conseguia comer há dois dias. Ela ficou surpresa que de todos os imóveis que ele possuía, Maximus tinha se estabelecido no Tuxedo Park. Ele nunca gostou do lugar, especialmente depois que sua mãe o habitou.

Seus sapatos rangiam no piso de madeira polida enquanto ela cruzava o salão principal e se virava em direção à biblioteca. Uma das portas estava entreaberta. Ela parou um pouco antes da entrada e tentou controlar seu estômago embrulhado.

Fazia um ano que ela tinha deixado Roth. Ela queria seguir em frente, mas ele não assinou os papéis do divórcio. Ela sentiu como se houvesse uma corda em volta do seu pescoço. Ele exigiu vê-la, mas ela recusou. Ela estava desesperada para romper laços com ele a qualquer custo. Seu pai era o único homem poderoso o suficiente para fazer isso acontecer.

Ela respirou fundo, fechou os olhos e bateu levemente na porta.

"Entre."

Ela manteve os olhos baixos enquanto entrava na porta. Estava meio convencida de que o guarda no portão havia dado o nome errado ao pai dela, e essa era a única razão pela qual ela havia tido acesso.

Maximus não gritou ao vê-la. Houve apenas um silêncio zumbidor, o que foi pior.

"Você vai ficar aí parado?"

Ela se encolheu. Só o som da voz dele a fez se sentir mal. Levou alguns segundos para que suas pernas funcionassem. Ela parou a vários metros da mesa dele e manteve os olhos baixos. Ela estava derrotada, exausta, humilhada e desesperada para passar por isso sem vomitar no tapete caro dele.

"Eu pedi o divórcio", ela sussurrou.

Ela encolheu os ombros, esperando a enxurrada de insultos, mas Maximus não disse nada.

"E-ele não vai assinar", ela continuou.

"O que você quer de mim?"

Ela engoliu em seco. "E-eu esperava que você pudesse convencê-lo a concordar."

"Se você quer alguma coisa, olhe para mim."

Ela reuniu a pouca coragem que tinha e olhou para cima. A mudança na aparência dele foi chocante. Ele teve seu primeiro derrame logo depois de renegá-la. Quando ela tentou visitá-lo no hospital, ela foi mandada embora. Desde então, ela ouviu que ele teve vários outros problemas de saúde que o forçaram a deixar a Hennessy & Co, mas nada a preparou para sua transformação. Ele havia perdido uma quantidade significativa de peso, seu cabelo estava de um branco ofuscante e seu rosto tinha manchas senis por todo o corpo. Seu cabelo estava ficando ralo e os músculos do rosto não estavam funcionando direito. Ele envelheceu uma década em menos de três anos. No entanto, seu olhar estava tão penetrante como sempre.

"Agora, Jasmine", ele disse, "pergunte-me".

Ele podia parecer velho, mas ainda soava como um sargento instrutor.

"Você pode me ajudar com Roth?" ela perguntou.

“Ajudar você como?”

Ela deu de ombros e então fez uma careta, sabendo o quanto ele odiava gestos inúteis como aquele.
“Perguntar a ele?”

“Você acha que ele vai assinar se eu *pedir*?”

Ele estava brincando com ela, fazendo-a se sentir estúpida. Seu lábio inferior tremeu, e ela quebrou suas regras ao olhar para seus dedos trêmulos entrelaçados na frente dela. Ela esperava que ele não notasse a lágrima que escorregou de seu olho e desapareceu no carpete grosso.

Ela abriu a boca, fechou-a e então deu um passo para trás. Ela tinha cometido um erro. Outro. Depois de tudo o que ela tinha feito, ele não iria ajudá-la a sair daquela confusão. Ele queria vê-la se afogar.

“Não se preocupe. Sinto muito por ter incomodado você,” ela disse e se virou.

Ela correu para a porta enquanto seu rosto se contorcia e as lágrimas começavam a escorrer pelo seu rosto.

"Jasmim."

Ela não parou. Ela passou pela porta da biblioteca e correu. Ela estava cansada dos jogos manipuladores de todos. Roth estava certo. Ela não foi construída para esta vida, e ela não pertencia aqui. Mas onde isso a deixava?

Ela estava tentando destrancar a porta do carro quando as chaves foram arrancadas de sua mão. Ela abriu a boca para gritar com o guarda, mas congelou quando viu seu pai parado ali. Instantaneamente, ela desviou o rosto e começou a limpar as bochechas, mortificada novamente.

“O que ele fez com você?” ele perguntou.

A pergunta a pegou desprevenida. Tanto que ela olhou para ele. “O quê?”

“Ele abusou de você?”

Ela balançou a cabeça.

Os olhos dele se estreitaram. “E você terminou com ele?”

“Eu não pediria o divórcio se não fosse.” Foi a coisa mais atrevida que ela já disse a ele.

Ele não se intimidou. “Eu cuido disso.”

Ela não conseguia acreditar no que ouvia. "V-você vai?"

“Mas há condições.”

Claro que havia. Seu estômago deu um nó. “O que são?”

“Você não o verá mais. Nunca mais.”

“Eu não quero.”

“Você concorda em me visitar várias vezes por mês.”

“Perdão?” Ela tinha certeza de que não tinha ouvido direito.

“Precisamos de tempo.”

"Com licença?"

Ele arrastou os pés, o primeiro sinal de desconforto que ela já viu nele.

“Acho que o que dizem é verdade. Ficar velho, doente e fraco força você a olhar as coisas de forma diferente.” Ele limpou a garganta e olhou além dela, para o longo caminho de cascalho até os enormes portões de ferro forjado. “Tenho muitos arrependimentos no que diz respeito a você. Eu deveria saber que o que fiz te empurraria para ele.”

De todos os cenários que ela havia imaginado, um em que seu pai demonstrava algum remorso pela forma como a tratou no passado nunca lhe passou pela cabeça.

“Se você quiser, pode morar aqui.”

Ela olhou para a casa de sua infância, um castelo feito de pedra com torres e arcos de tijolos, e então de volta para ele. “Morar aqui?”

Ele juntou as mãos atrás das costas e levantou o queixo. “Quanto tempo você acha que consegue ficar naquele lixão em Boston?”

Ela ficou gelada com o choque. “Como você sabe?”

“Sempre tive alguém te observando.”

“Por que?”

“Você é minha filha.”

“Ah, agora sou sua filha?” ela perguntou sarcasticamente.

“Você sempre será.”

“Não foi isso que você disse.”

“Você destruiu minha amizade com Parker e me custou milhões. Para quê? Um homem que só queria negociar seu nome. Como você não viu que ele estava apenas usando você?”

As palavras dele desencadearam uma avalanche de dor. Ela fechou os olhos e passou a mão no rosto. “Quantas vezes você vai jogar isso na minha cara?” ela sussurrou.

“Essa é a última vez que você vai ouvir isso.”

Ela abriu os olhos e olhou ao redor da propriedade histórica. Tudo era verde e tranquilo. Ela tinha esquecido o quanto amava este lugar. “Você me deixaria viver aqui?”

“Você precisa de um lugar tranquilo para trabalhar agora que sua carreira está decolando.”

Ela olhou de volta para ele. “Carreira?” Não, ele não podia saber...

Ele lançou-lhe um olhar firme com olhos conhecedores. “Você acha que pode passar alguma coisa por mim?”

“Você sabia?” ela engasgou.

“Conheça e leia, Thalia.”

Ela se sentiu fraca. Ele leu em detalhes sobre o caso dela com Roth. Ele leu a cena anal, a foda dela em um beco...? Ela se sentiu doente de vergonha. “V-você não tinha o direito!”

“Você publicou, não foi?”

“Sim, mas...” Ela não conseguia entender essa catástrofe.

“Vou almoçar em dez minutos. Você vai ficar, e nós discutiremos o próximo passo.”

“Próximo passo?”

“Seu último livro fez de você um best-seller. Conheço alguém que trabalha em uma editora—”

“Não!”

“Não, o quê?” ele retrucou.

“Não quero que você se envolva na minha carreira.”

“Por que?”

“Porque...” Suas mãos se agitaram enquanto ela tentava encontrar uma razão pela qual ele deveria ficar fora de seus negócios. “Eu preciso fazer isso sozinha. Estou *fazendo* isso sozinha. Preciso saber que sou

boa o suficiente! Preciso de algo que seja só meu.”

“Você está sendo infantil.”

“Assim seja.”

Ele deu de ombros. “Tudo bem. Vamos entrar.”

Ela não se moveu. “Não sei se...”

Sua expressão endureceu. “Você não tem escolha. Se você quer o divórcio, eu posso fazer acontecer, mas você me dá o que eu quero.”

“Para eu te visitar?” Ela balançou a cabeça, incapaz de acreditar que essa era a condição dele. Ela e o pai não tinham um relacionamento e ela estava cautelosa em se aproximar dele. “Por quê?”

“Sou um velho doente e miserável... e um pai terrível. Você foi fácil comigo no seu livro.”

Ela engoliu em seco.

“Ainda tenho tempo”, ele disse calmamente. “Posso mudar nossa história, e seria bom ter companhia.”

“Você me quer por perto?”

Ele fez uma careta. “Eu não acabei de dizer isso?”

“Hum, eu acho...”

“Adivinha?” ele perguntou impacientemente.

Ela deu a ele um sorriso trêmulo. “E-eu acho que podemos começar com visitas?”

Ele deu um breve aceno e começou a voltar para a casa. Ela andou atrás dele antes de notar seu andar desajeitado. Ela andou ao lado dele, observando-o atentamente, pronta para estender a mão se ele precisasse de ajuda.

“Muita coisa mudou”, ela disse.

“O karma me pegou”, ele disse mal-humorado. “Meu médico disse que eu não deveria ter sobrevivido ao meu segundo derrame, então fui forçado a me aposentar. Agora tenho muito tempo livre, o que me forçou a refletir sobre outros aspectos da minha vida em que falhei. Eu odeio isso.”

Ela mordeu o lábio inferior. “Você... você realmente leu o livro?”

“Sim.”

Ela esperou que ele continuasse, mas quando ele não o fez, ela perguntou: “E?”

Um lado dos lábios dele se curvou em um sorriso. “Você tem mais de mim em você do que eu pensava.”

Capítulo 9

J asmine olhou fixamente para fora das janelas de vidro de chumbo de 25 pés no lago Tuxedo. Era uma bela manhã sem uma nuvem no céu. A superfície vítrea da água refletia as folhas laranja nas árvores. Embora seu entorno fosse sereno, ela era tudo menos isso. Ela se sentou no canto do sofá enorme, queixo no joelho, enquanto contemplava seu dilema.

O livro não estava indo bem. Seria mesmo um livro se a maldita coisa consistisse em algumas cenas e nenhum enredo? O tão aguardado quinto livro de sua série de best-sellers tinha uma data de lançamento provisória para vários meses a partir de agora. Ela havia escrito os primeiros capítulos quando Maximus teve seu derrame. Depois do funeral, ela tentou continuar de onde parou, mas a ideia que ela queria perseguir não tinha mais nenhum apelo. Ela tentou esboçar novas ideias, mas nada funcionou, então ela desistiu e aceitou a oferta de Kaia para visitá-la.

O lábio de Jasmine se curvou enquanto ela pegava seu café e tomava um gole. Ir para o Colorado tinha fodido ainda mais com sua cabeça. Apesar de seus melhores esforços, aquele filho da puta tinha se infiltrado em sua mente. Não ajudou que seu personagem estivesse realmente *na* porra da história, e ela teve que dar a ele algum tipo de resolução. A única despedida que ela queria dar a ele era uma sangrenta. Ela realmente escreveu uma cena em que ele foi "acidentalmente" morto. Isso a fez se sentir um pouco melhor, mas se ela tentasse eliminá-lo, sua base de fãs surtaria. Talvez ajudasse se ela escrevesse uma cena em que ele revelasse sua vasectomia? Então seus fãs entenderiam a mentalidade da heroína quando ela o empurrou de um penhasco. Ela pousou a xícara, pegou seu lápis e o inclinou para frente e para trás nas páginas vazias de seu caderno. Por que ela não tirou Roth da série depois que ela e o personagem se divorciaram dele? Porque os malditos leitores amavam sua bunda, é por isso. Eles achavam que ele era resgatável. Ele não estava, e ela não deixaria que a convencessem a dar a ele um bom final. Se ela não pudesse matá-lo, ele tinha que sair do palco o mais rápido possível... Talvez uma prostituta enlouquecida o tirasse das mãos dela.

O fato de sua vida real ter influenciado muito a série a fodeu profundamente. No quarto livro, ela se reconciliou com o pai e apimentou isso com algumas escapadas sexuais fictícias. E agora? A heroína se reúne com o pai, que então morre? Isso foi deprimente. Ninguém queria ler essa merda.

Ela estava de volta ao Tuxedo Park há três semanas e não tinha passado do capítulo um. A lógica lhe disse para dar à heroína uma conclusão feliz que fosse ficção completa e absoluta, mas ela não conseguiu. Ela não conseguia escrever merda feliz quando sua alma estava negra, esfarrapada e pingando sangue. Todos esperavam que a série tivesse um final feliz. Era esperado, já que começou como um romance, mas... nem todo mundo conseguiu HEAs. *Ela* não conseguiu. Sim, ela conseguiu sua casa de infância e agora era rica o suficiente para comprar um país, mas ela estava feliz? Porra, não. Mas ela também não podia arruinar a série inteira escrevendo um final realista. Ela esfregou as têmporas. Ler era sobre escapismo. Foi por isso que ela se apaixonou por livros quando criança. Ela não podia fazer isso com seus leitores. Ninguém queria ver um personagem pelo qual eles estavam torcendo desistir no final. Então, o que diabos ela faria? Ela já havia enviado um boletim informativo explicando que haveria um atraso no lançamento devido a alguns problemas pessoais e uma morte na família. Houve uma onda de apoio, mas também alguns e-mails sarcásticos e irritados de fãs que estavam esperando *há uma eternidade*. Todos queriam um encerramento. Ela também. Ela só não sabia o que isso significava.

Ela se levantou. Mais um dia sem nenhuma entrada de diário ou esboço. Ah, bem. Ela se virou para encarar seu santuário e parou para saborear a maneira como a luz da manhã iluminava seu cômodo favorito na casa. A biblioteca parecia saída de *A Bela e a Fera*, com duas lareiras, seu próprio terraço de pedra e um recanto de leitura no segundo andar com escadas que subiam até o teto. Deixada por conta própria em um mundo onde não tinha ninguém, não era de se admirar que ela tivesse se tornado uma amante de livros. Ela se perdeu em histórias para escapar do mundo real, que frequentemente era cruel. Ela começou a escrever

aos oito anos de idade e secretamente submeteu seu trabalho a publicações e revistas. Todos a rejeitaram e com razão. Ela era uma novata e ainda estava aprendendo. Ela escreveu durante toda a escola e publicou seu primeiro livro aos vinte anos sob o pseudônimo de Minnie Hess. Naquela época, ela estava orgulhosa de sua conquista e contou à sua família, que não ficou nada impressionada. Apesar das vendas fracas, ela continuou a escrever e conquistou uma pequena base de fãs enquanto escrevia romance e fantasia. Não foi até que ela explodiu sua vida e se casou com Roth que ela realmente teve algo sobre o que escrever... e ela escreveu. Foi irônico que escrever a história deles como Thalia Crane deu a ela o dinheiro que ela precisava para deixá-lo.

Ela saiu da biblioteca com sua xícara de café na mão e entrou na cozinha enorme que tinha sua própria lareira. Ela encheu sua xícara e pegou uma barra de proteína. Quando voltou para a biblioteca, ela subiu as escadas para o segundo andar, que ela havia reivindicado como seu escritório. Ela disse a Thea para tirar um tempo de folga na esperança de que ficar completamente sozinha incitaria sua musa.

Ela bateu o lápis na página vazia novamente. Ela estava seguindo a mesma rotina que tinha produzido dois best-sellers. Café, escrever em seu diário para limpar seu paladar mental, esboçar algumas ideias e então escrever. Mas nada aconteceu. Seus dedos não digitaram. Eles pairaram sobre as teclas brancas, imóveis. Pela primeira vez em sua vida, não havia palavras. Palavras eram a única coisa com que ela podia contar, e agora até elas a haviam abandonado.

Ela se forçou a digitar. Ela escreveu mesmo sabendo que as palavras na tela seriam apagadas. Não estava certo. Nada estava certo, e ela não entendia o porquê. Não havia nada com que se preocupar. Ela tinha uma casa, nenhuma preocupação financeira, e as coisas estavam melhores do que nunca com suas irmãs. Na semana passada, Ariana, Rami e as crianças saíram para o fim de semana, e se divertiram muito. Colette mandou mensagem algumas vezes e até ligou uma vez para saber como ela estava. Não havia notícias de Roth. Ele não conseguia contatá-la, mas ainda assim... Nem Colette nem Ariana o mencionaram, e isso foi bom. Se ao menos ela não tivesse que lidar com ele em sua história, tudo ficaria bem.

Quando seus olhos se cruzaram de encarar o cursor imóvel, ela se recostou. Ela estava tendo o pior caso de bloqueio criativo de todos os tempos, e não sabia como sair dele. A pressão de produzir algo que agradaria os fãs sem vender sua alma no processo fez suas têmporas latejarem. A personagem era ela, mas não era. Ela deveria ser capaz de separar os dois, mas eles estavam intrinsecamente ligados.

Seu olhar desviou-se para a enorme mesa do pai no andar de baixo. Deus, ela sentia falta dele. Colette estava certa. Ela levou a melhor sobre ele. Ela manteve sua palavra e o visitou com frequência. Levou anos para construir um relacionamento e aprender a confiar nele, mas foi uma das melhores coisas que ela já fez. Reparar seu relacionamento com o pai curou feridas que ela nem sabia que tinha e fez uma grande diferença em seu trabalho. Ano passado, quando a saúde dele piorou, ela se mudou. Surpreendentemente, eles desenvolveram uma rotina que ela passou a amar. De manhã, eles se encontravam na biblioteca. Ele trabalhava em sua mesa enquanto ela ia para a dela no segundo andar. Ele latia para ela se não ouvisse digitação. Seu pai pode não entender ou aprovar seu trabalho, mas ele viu o efeito que isso teve sobre os outros. No final, ele a apoiou, e isso era tudo o que importava.

Ela visitou a cozinha mais uma vez, dessa vez para pegar uma garrafa de água e uma barra de granola. Ela pegou sua jaqueta e gorro e vestiu ambos antes de sair. O frio a revigorou enquanto ela caminhava ao longo do lago. A propriedade histórica era uma obra-prima da virada do século, situada em uma península de três acres com vista para o Lago Tuxedo. A casa foi construída no início dos anos 1900 e

recebeu atualizações modernas, mantendo o design original intacto, o que a fazia parecer um castelo. Quando criança, ela se imaginava como a princesa e se perguntava quando seu príncipe encantado a salvaria. Ford não era uma má escolha, mas ele não a pediu em casamento. Na verdade, ele nem a pediu em casamento. Seu pai disse que ela se casaria com ele e pronto. Ela gostava bastante de Ford. Ela cresceu perto dele e o considerava um amigo. Ela ficou feliz em descobrir que ele seria seu marido. Casamentos arranjados não eram incomuns em seu mundo, e ela estava ansiosa para começar outra vida. Ela esperava se encaixar melhor com os Baldwins do que com sua própria família, mas então Roth apareceu. Ele foi a primeira pessoa a demonstrar interesse nela. Ele a perseguiu, e ela se apaixonou por ele como uma tonelada de tijolos. Garota tola.

Árvores centenárias se erguiam acima dela. Folhas flutuavam ao redor dela enquanto ela caminhava penosamente sobre as pilhas crocantes. Ela passou pela casa de hóspedes de dois quartos e continuou pela estrada vazia, estreita e sinuosa. Toda vez que andava, ela pensava em ter um cachorro, mas ela se conhecia muito bem. Ela viajava sempre que a vontade a levava, e não seria justo com o cachorro se ela estivesse constantemente saindo. Maximus a acompanhou em sua última viagem. Sua mobilidade não estava tão boa, e ela podia ver que as tarefas diárias estavam se tornando uma luta. Ela estava planejando reduzir as viagens e ficar mais em casa, caso ele precisasse dela. A manhã em que o encontrou de braços na cozinha ainda a assombrava. Ela respirou fundo e andou mais rápido.

Ela viveu em Tuxedo Park durante a maior parte de sua vida e amava assistir às mudanças das estações. A vila nunca perdeu sua magia para ela. A propriedade foi avaliada em oito milhões, uma quantia irrisória para suas irmãs ou seu pai. Ela teria tentado negociar com suas irmãs para ficar com a propriedade, mas não havia necessidade. Ela agora era dona dela.

Quando um caminhão passava, ela acenava e recebia uma buzina em troca. Ela bebia água enquanto caminhava, tentando encontrar inspiração no cheiro das folhas, nas cores do outono ou no som dos pássaros cantando nas árvores. Nada funcionava. Como era possível que ela tivesse tudo e nada ao mesmo tempo?

Maximus não havia deixado uma carta para ela. Ele provavelmente pensou que dar uma herança a ela era o suficiente, mas ela teria valorizado mais um adeus pessoal. Por que ele não deixou?

Perder tempo era um pecado no livro do pai dela, e nisso eles concordavam. Ela era uma escritora de merda, e ela só tinha que seguir em frente. O que quer que saísse teria que servir.

Ela correu de volta para casa e se jogou na cadeira. Colocou as mãos nas teclas e forçou os dedos a se moverem. Palavras apareceram na tela. Ela pausou, apagou e substituiu essas palavras por outras. Quando essas palavras não funcionaram, ela abriu o dicionário de sinônimos para inspiração e digitou mais. Ela olhou para a tela, listou algumas ideias, jogou o lápis, girou na cadeira e xingou.

Eram quase oito horas quando ela ouviu a porta da frente bater. Apenas um punhado de pessoas tinha o código do portão, então ela olhou para as portas abertas da biblioteca e esperou. Thea apareceu em um roupão com um casaco por cima.

Ela se levantou. “O que está acontecendo?”

“Onde está seu telefone?”

Ela olhou ao redor. “Não tenho ideia. Por quê?”

“Colette e Ariana estão tentando falar com você.”

“Há algo errado?”

“Eles disseram que precisam de você em Nova York. Sunny está enviando um carro para buscá-lo.”

O batimento cardíaco dela acelerou quando ela percebeu a preocupação de Thea. “Ela disse mais alguma coisa?”

“Não, senhorita.”

Quando sua carona chegou, ela tinha destruído a biblioteca. Ela olhou embaixo de cada papel, tirou cada almofada do sofá e olhou em cada gaveta, mas ainda não encontrou nada.

“O que você está fazendo?” Thea perguntou.

“Procurando meu telefone.”

Ela desistiu e foi até a cozinha pegar aspirina e um chá de hortelã para a viagem. Ela abriu o micro-ondas para esquentar sua água e parou quando viu seu telefone no prato de vidro. Quando ela colocou seu telefone no micro-ondas? Ele estava completamente morto, nenhuma surpresa. Ela atendeu seu telefone nas primeiras duas semanas. Houve ligações de advogados, contadores e suas irmãs. Havia também documentos legais para assinar e números para discutir. Com a ajuda de suas irmãs, o processo não foi tão doloroso quanto poderia ter sido. Elas cuidaram de seu apartamento em Chelsea depois que suas coisas foram entregues à propriedade. Com sua preocupação com seu livro, não foi surpreendente que ela tivesse perdido o controle de seu telefone.

Ela não se preocupou em trocar o agasalho. Era tarde, ela estava cansada e parecia urgente. Talvez fosse relacionado ao bebê. Ela entrou no SUV e conectou o telefone para carregá-lo.

Depois que ela retornou ao Tuxedo Park, ela convenceu Lyle de que não precisava de segurança na propriedade. Ninguém era admitido na vila sem a permissão de um morador. Com menos de mil pessoas na comunidade, nada passava despercebido. Lyle não gostou, mas finalmente concordou. Sunny retirou seus homens e disse a ela para chamá-la sempre que precisasse de uma escolta, o que funcionou melhor para todos. Ela poderia escrever em paz sem ter guardas patrulhando o terreno e chamando a segurança se ela deixasse o Tuxedo Park.

Assim que sua bateria ficou cheia o suficiente, ela ligou e imediatamente ligou para Ariana, que não atendeu. Nem Colette. Ela franziu a testa e mandou uma mensagem para elas no grupo de texto.

Eu: O que está acontecendo?

Enquanto esperava por uma resposta, ela foi para as redes sociais como Thalia Crane. Ela vasculhou as mensagens e notificações. Todos estavam animados, enviando votos de melhoras, esperando... Ela os tranquilizou dizendo que estava lá, enquanto rangia os dentes mentalmente. Ela não tinha ideia do que o maldito livro era sobre.

Ariana: Você está a caminho?

Eu: Sim. O que está acontecendo?

Ariana: Conversaremos quando você chegar. Estamos na casa da Colette.

As mensagens enigmáticas eram estranhas, mas ela não estava muito preocupada. Se fosse uma emergência real, eles diriam para ela ir ao hospital. Sua mente voltou para o livro. Ela peneirou ideias em seu filtro mental e não conseguiu nada. Ela sincronizou seu manuscrito com seu telefone e passou o resto da viagem massacrando tudo o que escreveu naquele dia. Quando chegaram à Hennessy Tower, ela estava além de irritada. Ela estava completamente perdida e não tinha ideia do que faria. Seu prazo estava se aproximando, todos esperavam um ótimo final e ela não tinha nada além de uma tela em branco. Desta vez,

ela não estava com vontade de agir de forma fria, calma e controlada, então foi uma coisa boa que não houvesse paparazzi por perto.

Durante a viagem de elevador, seus dedos batiam inquietos na coxa enquanto ela contava as palavras em uma frase que não conseguia tirar da cabeça. Ela repetiu a frase três vezes antes que o grande hall de entrada de Colette aparecesse diante dela. Ansiosa por uma distração do trabalho, ela entrou na cobertura e dobrou a esquina para a grande sala de estar.

Suas irmãs estavam em pé na frente da lareira. Ariana segurava as mãos de Colette e falava com ela com urgência. Quando Ariana a viu, ela parou de falar, e ambas se viraram. Um raio de medo a percorreu quando viu o rosto manchado de lágrimas de Colette.

“O que está acontecendo? É Polara?” Jasmine perguntou enquanto corria para frente.

Colette não respondeu. Ela apenas ficou ali parada com lágrimas escorrendo silenciosamente pelo seu rosto.

“O quê?” Jasmine exigiu e pressionou as mãos sobre a barriga. “Ela está bem? O que aconteceu?”

“Não é o bebê”, disse Ariana.

Seus olhos estavam injetados de sangue e ela parecia sombria, como se alguém tivesse morrido.

“O que diabos está acontecendo?” ela exigiu. “Você está me assustando!”

“Cometi um erro terrível”, sussurrou Colette.

“Erro? Você?”

Colette engoliu as lágrimas. “Um erro terrível. Não sei o que fazer... Eu não queria você envolvida, mas não acho que haja outra maneira, e eu...”

“Você o quê?” ela retrucou impacientemente. “Desembucha, Colette!”

Colette olhou para ela com olhos cansados, derrotados e cheios de vergonha. “Ele vai nos destruir,” ela sussurrou e balançou.

Jasmine envolveu Colette com os braços antes que ela caísse. Com a ajuda de Ariana, elas a acomodaram no sofá. Colette agarrou seu braço com força.

“Não tenho o direito de perguntar, Minnie, mas não sei o que fazer. Por favor, me ajude.” Sua voz estava rouca, como se estivesse reprimindo um grito.

“Não entendo do que você está falando!”

“É Roth”, disse Ariana.

O coração dela pulou uma batida. “O que tem ele?”

Colette estava completamente assustada e quase incoerente de pânico.

Ela apertou os joelhos de Colette para fazê-la se concentrar. “Fale comigo. Conte-me o que aconteceu.”

Colette virou o rosto como se não suportasse encará-la. “Dois anos atrás, decidi fazer alguns investimentos que meu pai não aprovou. Fiz isso apesar dos avisos dele. Eles fracassaram, então investi mais para compensar a diferença, mas também não lucrarmos com eles.”

Jasmine olhou para Ariana, que olhava para o fogo com uma expressão preocupada.

“Perdi tanto dinheiro que vendi algumas ações. Um ano depois, mais investimentos fracassaram, então vendi mais...” Colette engoliu em seco e balançou a cabeça. “Fui uma idiota.”

“Eu não entendo.”

“Ele comprou as ações”, Colette sussurrou trêmula.

“Quem...?” Seu sangue virou lama gelada em suas veias. “Não, ele não fez isso.”

“Ele fez.” O lábio inferior de Colette tremeu. “Roth tem uma participação controladora na Hennessy & Co. Eu vendi algumas ações para parceiros separados pensando que eu sempre poderia comprá-las de volta. Eu pensei que teria tempo... Eu não pensei que ele de todas as pessoas iria comprá-las, mas ele comprou e eu não sei se é uma aquisição hostil, mas o que mais poderia ser? Ele nos odeia, certo? Especialmente depois do que o papai fez com ele.”

Colette parecia mais uma criança perdida e assustada do que uma CEO durona. Jasmine não sabia o que dizer. Roth tinha uma participação controladora na Hennessy & Co? Por quê?

Ela olhou para o escritório do cunhado. “Onde está Lyle?”

“Não!” Colette se levantou. “Ele acha que eu não consigo lidar com isso, mas eu consigo! Só preciso de mais tempo.”

Jasmine seguiu sua irmã, que andava de um lado para o outro com as mãos na boca, como se fosse vomitar.

“Colette, acalme-se. Isso não pode ser bom para o bebê.”

“Lyle nos diria para desistir, e eu não posso fazer isso.” Colette colocou as mãos nos ombros. “Eu sei que não tenho o direito de pedir, mas ele não fala com nenhum de nós. Ligamos para o consultório dele, tentamos marcar consultas... Hoje, sentei-me na sala de espera. Eu disse que aceitaria qualquer tempo que ele tivesse, mas ele se recusou a me ver.”

“Ela chegou em casa há duas horas”, disse Ariana, com a voz estranhamente tensa.

O pensamento de Colette, grávida e desesperada, sentada na sala de espera o dia todo aqueceu seu sangue. Aquele filho da puta. Que jogo ele estava jogando?

“Não sei mais o que fazer, Minnie. Você poderia falar com ele?”, perguntou Colette.

Jasmine abriu a boca, fechou-a e então disse: “Não tenho influência sobre ele. Nem sei se ele vai falar comigo.” E ela havia bloqueado o número dele.

“Você era casada com ele”, Ariana disse enquanto colocava um braço em volta de Colette e a levava de volta para o sofá. “Você o viu no Colorado. Isso conta para alguma coisa.”

Não para ele.

“Ele disse alguma coisa sobre isso na última vez que você o viu?” Colette perguntou enquanto esfregava as mãos trêmulas sobre o estômago.

“Não.” Ele não disse nada. Tudo isso foi posto em movimento enquanto eles estavam na cabana, ela tinha certeza disso. Mesmo enquanto ele a fodia, ele estava planejando ir atrás de sua família. Seu estômago balançou de vergonha e fúria. Ela pensou que era ela quem o estava usando quando era o contrário. De novo. Ele conseguiu tirar mais um quilo de carne dela, e ela permitiu. Sua garganta coçou com a necessidade de rugir de frustração. Ele estava sempre um passo à frente dela, sempre puxando as cordas...

“Não sei o que ele planeja para a Hennessy & Co. Não sei como ele convenceu os outros sócios a vender. Não sei o que está acontecendo. Não podemos perder o controle da nossa própria empresa”, disse Colette ansiosamente, deslizando para a frente até ficar na ponta do assento. “Papai me confiou isso. Ele acreditava que eu poderia lidar com isso, e eu...”

Ela bateu no peito enquanto seu rosto se contorcia em um de desamparo abjeto. Roth havia destruído a confiança de Colette e estava no processo de quebrar seu espírito.

“Eu posso fazer isso”, disse Colette ferozmente. “Eu sei que fui uma idiota. Meu orgulho atrapalhou. Esta empresa é tudo para mim. É minha vida, o direito de nascença dos nossos filhos. Eu não posso—eu não posso perder isso.”

Ela acariciou o cabelo de Colette para trás enquanto sua garganta se fechava. “Sinto muito.”

“Por que você se desculpa? A culpa é minha.”

Não, a culpa estava nos ombros dela. A única razão pela qual Roth estava mirando na Hennessy & Co era por causa dela. Maximus destruiu os negócios de Roth na esperança de mostrar a ela que Roth estava usando para seu nome. Mas Roth não cedeu e foi para o exterior para reconstruir sua riqueza para voltar e arruiná-los.

O jeito como suas irmãs a encaravam fez seu coração disparar no peito. Elas estavam olhando para ela em busca de ajuda. Elas achavam que ela poderia consertar isso, que ela poderia de alguma forma alterar seu curso, mas... Roth podia desejá-la, mas nada vinha antes dos negócios. Ela havia aprendido essa lição cinco anos atrás. Se ele se importasse com ela, ele não iria atrás de sua família, ele não teria feito uma vasectomia e ele não a teria deixado para trás. Ele tinha feito todas essas coisas e muito mais. Mas havia uma coisa que ele não havia levado em consideração.

“Posso comprar as ações de volta”, ela decidiu.

Levou menos de trinta segundos para ela se decidir. Ela podia não estar envolvida com a Hennessy & Co, mas era o legado de sua família. Sabendo o quanto sua família havia investido nisso, sabendo que era reconhecido e respeitado no mundo todo, ela sacrificaria tanto quanto suas irmãs para protegê-lo e mantê-lo, até mesmo abrindo mão dos milhões que havia herdado um mês atrás.

Colette estremeceu. “Não foi por isso que pedimos que você viesse aqui, Minnie. Só fale com ele. Queremos negociar com ele.”

Se ele quisesse negociar com as irmãs dela, ele teria feito isso. Ele as queria aos seus pés.

“Só faça com que ele se encontre conosco, Minnie”, Ariana insistiu.

Ela esfregou suas têmporas latejantes. “Eu posso tentar.”

Colette deixou o rosto cair nas mãos. “Isso é tudo culpa minha.”

“Não é.” A pressão que Colette estava sofrendo para produzir resultados incríveis deixaria qualquer um louco. O fato de ela ser uma mulher em um campo dominado por homens e também filha de uma lenda não ajudava em nada. Ela não tinha dúvidas de que Colette se recuperaria... se Roth não a destruísse primeiro.

Jasmine olhou ao redor da cobertura vazia. “Onde estão todos?”

“Rami e Lyle estão viajando. Tenho uma babá com as crianças”, disse Ariana.

“Lyle sabe sobre seus problemas financeiros?” ela perguntou o mais delicadamente possível.

A espinha de Colette se endireitou. “Não, ele não quer. Não quero que ele pense que não consigo lidar com isso sozinha. Ele tem seus próprios negócios com os quais se preocupar. Este é meu.”

“Se ele descobrir que você não contou a ele, ele vai ficar puto.”

“Certo,” Ariana murmurou.

“Ele não vai descobrir porque não vamos contar a ele”, disse Colette com os dentes cerrados.

Jasmine olhou para a cidade enquanto suas irmãs discutiam. Qual era o objetivo final de Roth? Destruir o nome Hennessy? Declarar guerra a uma das famílias mais ricas e poderosas de Nova York? Talvez fosse para ser que Maximus tivesse dado o dinheiro a ela para que ela pudesse pagar seu ex e se livrar dele de uma vez por todas.

Ela não percebeu o quanto estava com frio até que as mãos quentes de Colette envolveram as dela.

“Se você não consegue fazer isso”, disse Colette calmamente, “podemos encontrar outra maneira”.

“Não.” Ela encarou suas irmãs que estavam sentadas lado a lado no sofá. “Eu ligo.”

“Você tem o número dele?”

Ela assentiu e enfiou as mãos nos bolsos. “Descanse um pouco. Eu entro em contato com você se eu entrar em contato com ele.”

Antes que pudessem dizer mais alguma coisa, ela se afastou e entrou no elevador com pernas que pareciam gelatina.

Capítulo 10

“Para onde?” perguntou o motorista.

Ela olhou pela janela enquanto eles se afastavam da Hennessy Tower. “Ainda não tenho certeza. Só dirija.”

Depois de dois quarteirões, ela pegou o telefone. Desbloqueou o número dele e esperou que uma enxurrada de notificações ou mensagens de voz aparecessem. Nada aconteceu. Foi anticlimático.

Seu olhar voltou para a janela. Ela queria bater o punho contra o vidro até que ele se estilhaçasse. Ela pensou que tinha terminado com os jogos corporativos, mas Roth estava puxando-a de volta para o meio da confusão. Ele pensou que ela era ruim nos negócios porque não tinha coragem de se comportar como ele, mas ele estava errado. Ela faria o que fosse preciso para manter seu legado familiar vivo, mesmo que isso significasse sacrificar cada centavo que tinha para lutar contra ele. Era uma vez, ele partiu seu coração. Isso não era o suficiente para ele. Ele continuou cortando-o em pedaços menores. Ele queria que ela o odiasse? Missão cumprida.

Ela encontrou o nome dele em seus contatos. Seu dedo pairou sobre a tela. Ela enterrou seus sentimentos, tocou em seu nome e colocou o telefone no ouvido. Ele tocou uma, duas, três vezes. Talvez ele não atendesse a ligação dela, assim como suas irmãs. Ela era apenas um pedaço de bunda para ele de qualquer maneira—

“Jasmim.”

A mão em seu colo fechou-se em um punho. “Onde você está?”

“Meu escritório.”

“Preciso falar com você.”

Nenhuma resposta. Ela esperou e então puxou o telefone para verificar se ele ainda estava na linha.

“Roth?”

“Eu estarei aqui.”

“Onde é seu escritório?”

Ele recitou um endereço que ela conhecia muito bem. O escritório dele ficava em frente à sede da Hennessy. Filho da puta.

"Vejo você em dez minutos", ela disse e desligou.

Ela deu o endereço ao motorista que parecia aliviado por ter um destino. Ela enfiou o telefone na bolsa e fechou os olhos enquanto se preparava para o confronto. Suas emoções espumavam dentro dela. *Negócios não são pessoais*. Ela rangeu os dentes enquanto as palavras do pai passavam por sua mente. Porra, não eram. Roth estava indo atrás da Hennessy & Co e Deus sabe o que mais. Seus olhos arderam com lágrimas furiosas. Ele era um bastardo sem coração.

Quando o carro parou, ela se recostou. “Me dê um momento”, ela disse quando o motorista se preparou para sair do carro.

“Sra. Hennessy?”

“Um minuto,” ela repetiu e respirou fundo. Ela abafou suas emoções. Se ela demonstrasse fraqueza, ele teria a vantagem. Ele não era seu ex-marido, amigo ou inimigo. Ele era um ninguém, um idiota sem rosto que estava mexendo com sua família. Ela tinha várias centenas de milhões à disposição, e ele não esperaria isso. Dinheiro era o que ele queria. Era o que ele ansiava. Ela daria a ele o que ele queria, garantiria que Hennessy & Co voltasse para as mãos de sua irmã, e então daria o fora daqui.

Alguém bateu no vidro. Ela abriu os olhos e viu um segurança desconhecido observando-a. Ela abriu um pouco a janela.

“O Sr. Roth está esperando você”, ele disse.

Quando ela destrancou a porta, ele estendeu a mão para ajudá-la a sair do veículo.

“Eu vou acompanhá-la”, ele disse.

Ela olhou para as calçadas vazias do distrito comercial. Deviam ser quase onze horas. Ela olhou para o prédio do pai do outro lado da rua e sentiu seu equilíbrio oscilante se estabilizar. Ela nunca seria uma CEO, mas ainda era uma Hennessy. Maximus Carlsbad Hennessy não criou mulheres fracas. Ele construiu um legado que viveria por gerações, e cabia a ela garantir que isso acontecesse.

Ela levantou a cabeça enquanto entrava no prédio. Os passos deles ecoavam assustadoramente no saguão vazio. O guarda não disse uma palavra enquanto apertava o botão para o quadragésimo quinto andar. O elevador era tão suave que ela não sentiu que ele parasse. Eles passaram por uma bela área de recepção cheia de flores frescas, então caminharam por um longo corredor ladeado por escritórios com paredes deslizantes de vidro fosco. O guarda a levou até a suíte executiva e bateu nas portas duplas.

"Entre."

Ela se preparou enquanto o guarda abria a porta. Roth estava sentado atrás de sua mesa com o cenário deslumbrante da cidade de Nova York atrás dele. A vista combinada com seu escritório palaciano deixou todos saberem imediatamente quem estava no controle aqui. O piso branco, a mesa de café expresso e as paredes eram os tons neutros perfeitos para destacar as plantas, estátuas e obras de arte estrategicamente colocadas. Ela não precisava perguntar a ele para saber que tudo nesta sala era de primeira linha.

A porta se fechou atrás dela enquanto ela caminhava em sua direção. O paletó do terno dele estava pendurado nas costas da cadeira. A gravata de seda azul-marinho estava frouxa em volta do pescoço. Ele

parecia estiloso e caro e um magnata de cada centímetro.

“Você finalmente usou meu número”, ele disse e encolheu os ombros para trás da manga da camisa para olhar o relógio. “Podemos foder aqui ou na minha cobertura.”

Ela parou morta em seu caminho a alguns metros da mesa dele. “Eu não estou aqui para foder.”

Ele deu de ombros. “Achei que você precisava de mais material para seus livros.”

“Não fale do meu trabalho!” Ela queria derrubar o computador dele da mesa e cuspir na cara dele. Em vez disso, ela sufocou suas emoções e se concentrou em sua missão. “Estou aqui porque você comprou uma ação controladora da Hennessy & Co.”

Ele a examinou friamente. “O que tem?”

“Estou aqui para negociar.”

Os olhos dele passaram por ela. “É isso mesmo?”

Seu temperamento ameaçou se libertar da coleira. “Você deixou minha irmã grávida esperando no saguão o dia todo?”

“Sou um homem ocupado.”

“Ainda assim, aqui estou eu.”

“Achei que você queria transar.”

Ele estava tentando fazê-la se sentir barata, e estava funcionando. Claramente, a trégua que eles tinham no Colorado tinha acabado oficialmente. Ele estava mostrando a ela o quão pouco ela importava para ele. Seu estômago balançou. A vontade de se virar e ir embora era avassaladora, mas ela tinha algo com que ele não estava contando. Ele não sabia sobre sua herança. Ela era a única esperança de suas irmãs. Pelo menos ela tinha ido mais longe do que suas irmãs e realmente o conheceu cara a cara.

“Quero recomprar as ações”, ela disse.

“Eles não estão à venda.”

“Tudo tem um preço.”

“Algumas coisas não têm preço”, ele disse enquanto juntava os dedos. “Como ter Colette Hennessy Caruso sentada no meu saguão o dia todo.”

“Seu filho da puta,” ela disse e deu um passo à frente antes de se conter. Ele estava deliberadamente a antagonizando. Para fazê-la andar? Ela se forçou a pensar através da névoa vermelha.

“As ações”, ela disse roucamente. “Quanto?”

“Colette ficou arrogante. Ela assumiu riscos, o que é bom, mas assumiu muitos de uma vez e não recuou quando o primeiro punhado não valeu a pena. Nós nunca pedimos emprestado. Você não quer ficar em dívida com ninguém. Sua arrogância a deixou imprudente.”

Ela rangeu os dentes. “Ela sabe que cometeu um erro.”

“Ela não tem permissão para cometer erros, não quando bilhões estão em jogo.”

“Pagarei o dobro do que você pagou pelas ações.”

Seus olhos se estreitaram por um breve segundo antes de ele dar de ombros. “Não estou interessado.”

“Claro que sim”, ela retrucou enquanto seus nervos se esticavam ao ponto de ruptura. Ela não conseguia suportar estar na presença dele. Ele mexia tanto nela, e nada disso era bom. Vê-lo a lembrou de todos os erros que ela havia cometido. Ela sentiu como se não conseguisse respirar fundo, como se ele estivesse sugando todo o ar. Ele era tóxico. Ela queria pegar as ações de volta e ficar longe dele.

“Eu tenho o que você quer”, ela disse.

“Você?”

“Eu aceito.” Nisso, ela não tinha dúvidas. O que ela estava oferecendo não era nada para se desprezar.

“Eu vou passar.”

Ele queria jogar duro. “Você não perguntou quanto eu tenho.”

“É irrelevante.”

Que porra é essa? Ela enrijeceu quando ele se levantou. Como ela pôde ter esquecido o quão grande ele era? Ele a encarou do outro lado da mesa enquanto passava a mão pela camisa, chamando a atenção para seu corpo, um corpo com o qual ela estava intimamente familiarizada. O último encontro deles no apartamento dela tremeluziu nas bordas de sua mente, mas ela resolutamente empurrou as memórias para a terra onde elas pertenciam. Ela queria desviar o olhar porque aquele olhar investigativo lhe disse que ele sabia o que ela estava pensando. Filho da puta.

“Você sabe há quanto tempo estou esperando por esse momento?”

Um arrepio percorreu sua espinha.

“Vingança. Ouvi dizer que é um prato que se come frio. Apropriado que o inverno está chegando, hmm?” Ele enfiou as mãos nos bolsos. “Sete anos atrás, seu pai me destruiu, e ele teve ajuda.”

A realização chegou. “Oh, meu Deus,” ela sussurrou.

Ele começou a andar pelo escritório. Roth sempre se destacou na multidão, e não era apenas seu tamanho que atraía olhares para ele. Era sua confiança que assegurava às pessoas que ele poderia realizar qualquer empreendimento que propusesse. Ele sempre foi intimidador, mas agora estava um passo além disso. O homem com quem ela se casou não existia mais. Ele era o controle personificado, completamente desapaixonado e focado no resultado final.

“Eles pensaram que me dariam uma lição e me mostrariam meu lugar.”

Ele pronunciou a última palavra, saboreando-a.

“E agora estou de volta para colocá-los nos seus.”

Se ele estivesse falando a verdade, suas irmãs eram apenas uma das muitas que ele achava que mereciam punição. Ele estava prestes a desencadear uma onda de terror entre a elite de Nova York, e ninguém estava seguro. Ele estava desequilibrado.

Ele voltou para a linha de visão dela quando se empoleirou na frente da mesa. Ele estava perto demais para o conforto, mas agora não era hora de ser melindroso.

“Minhas irmãs são inocentes”, ela disse.

“Eles têm uma dívida.”

“Que dívida?”

“Do seu pai.”

Mesmo que ela esperasse que algo assim saísse da boca dele, ela ainda não conseguia acreditar. “Isso é loucura! Você está gastando milhões de dólares para se vingar de alguém que está morto! O que há de errado com você?”

“Ninguém leva a melhor sobre mim, Jasmine.”

“Mas ele não fez isso! Você está aqui.” Ela acenou com as mãos para abranger seu grande escritório e a vista. “Não importa o que ele fez para te atrasar, porque você conseguiu apesar de tudo isso.”

“Não é o suficiente”, ele disse calmamente.

“O que você quer? Sangue?”

Ele não disse nada; ele apenas a observou. Ela estava olhando para um completo estranho.

“O que você vai fazer com Hennessy & Co?”

“Ainda não decidi.”

"Mentiroso."

“Suas irmãs são meninas grandes. Elas podem lidar com qualquer coisa que eu jogue nelas.”

Seu coração afundou. “É esse o seu plano? Humilhá-los?”

“Preocupada, princesa?”

Sua mão fechou-se ao lado do corpo. “Não me chame assim.”

Ele se levantou e caminhou em sua direção. Os músculos dela travaram contra o impulso de correr. Quando ele parou a um pé dela, ela sentiu o cheiro de sua colônia. Nenhum homem tão mau quanto ele deveria cheirar tão atraente. Ele era o diabo encarnado. Ele deveria cheirar a sangue e suor.

“Lyle e Rami lutarão com você”, ela disse.

Ele inclinou a cabeça para o lado. “Eles ainda não foram avisados?”

Porra. Ele captou cada detalhe como um maldito cão de caça.

“Eles te contaram, mas não os maridos? O que eles achavam que você poderia fazer?”

Os olhos dela arderam com lágrimas furiosas. “Você não vai escapar dessa.”

“Maximus me deu sete anos de treinamento de sobrevivência. Eu posso lidar com qualquer coisa que sua família decida jogar em mim.” Ele estendeu a mão e tocou as pontas do cabelo dela.

“Foda-se, Roth.”

Ela deu um tapa na mão dele e se virou. Ela não ia entrar no jogo dele. Assim que ela estendeu a mão para a maçaneta da porta, ele falou.

“Quanto você está disposta a sacrificar, Jasmine?”

Seus dedos tremeram, coçando para fechar em volta da maçaneta de metal brilhante e dar o fora dali, mas os rostos de suas irmãs passaram por sua mente. Ela se virou para encará-lo. Por que ela se sentia como se estivesse sendo levada para uma gaiola invisível?

"Você provou seu valor no Colorado. Nosso tempo na cabana me lembrou como é ter uma prostituta que gosta do que você está dando a ela", ele disse.

Ela sentiu o sangue fugir do seu rosto.

“Se você quiser salvar o legado da sua família, posso estar disposto a negociar se você me der o que eu quero.”

Ela não esperou para ouvir o que mais ele tinha a dizer. Ela saiu do escritório dele com pernas que pareciam de madeira. O segurança estava no final do corredor perto da área de recepção, mas a caminhada do escritório de Roth parecia o comprimento de um campo de futebol. O guarda pegou o elevador até o saguão com ela e destrancou as portas da frente do prédio. Quando ela pisou na calçada, as primeiras gotas de chuva caíram. Seu guarda veio com um guarda-chuva, que ela acenou para longe. Ela subiu e olhou para frente.

“Tuxedo Park,” ela disse e cobriu a boca enquanto lutava contra a vontade de vomitar. Era ok para um homem ser sexual, mas no momento em que uma mulher reagia tão apaixonadamente, ela se tornava

uma prostituta. Foda-se ele. Ela nunca mais o deixaria tocá-la.

O celular brilhou em seu bolso. Ela o tirou e viu a mensagem de texto de Colette.

Collette: Você entrou em contato com ele?

Seus dedos trêmulos pairavam sobre a tela. Essa era a primeira vez que lhe pediam algo, e ela não conseguiu. Ela piscou para afastar as lágrimas para poder digitar.

Eu: Tenho uma reunião com ele amanhã.

Esperançosamente, a mentira branca daria a Colette pelo menos uma boa noite de sono antes que ela contasse a novidade. O medo cobria suas entranhas. Lyle e Rami teriam que ser informados. Eles poderiam lutar contra Roth, mas Colette estava certa. Seus cunhados eram mais propensos a dizer a eles para se retirarem da empresa. Não era como se eles precisassem do dinheiro e com suas duas irmãs tendo filhos pequenos, eles os quereriam em casa. Hennessy & Co não existiria mais. Ela gemeu e pressionou o rosto contra o encosto do banco do passageiro.

A maneira como Roth olhou para ela como se ela fosse uma coisa e nem mesmo uma pessoa... Ela engoliu bile e passou as mãos pelo rosto úmido. Por causa de sua mãe, ela sempre sentiu a necessidade de minimizar sua sexualidade e feminilidade. Roth foi o primeiro homem que a encorajou a abraçar suas necessidades... apenas para jogá-las na cara dela anos depois. Se seu objetivo era fazê-la se sentir suja, ele conseguiu.

Quando eles pararam na porta da frente da propriedade, ela foi direto para a cozinha. Ela tomou remédio para dormir e algo para o estômago e subiu as escadas para seu quarto. Ela aproveitou o tempo para tomar banho para tirar a camada de sujeira da pele. Enquanto secava o cabelo, ela evitou contato visual com seu reflexo. Ela apagou a luz, deslizou para baixo das cobertas e chorou.

Capítulo 11

Cinco anos atrás

Sua viagem a Londres para surpreender Roth foi um desastre absoluto. Cinco horas atrás, ela saiu de um táxi perto do Hyde Park em frente a uma monstruosidade impressionante de vidro e concreto que gritava exclusividade. Ela entrou no saguão mais bonito que já tinha visto e sentiu uma sensação estranha na boca do estômago. Este lugar gritava riqueza. Certamente, Roth não estava indo tão bem a ponto de morar aqui, não é?

Quando ela disse ao concierge que era casada com James Roth, ela recebeu olhares inexpressivos e indagadores em troca. O concierge não confirmou nem negou que Roth morava lá. Eles não se importaram que ela tivesse vindo dos Estados Unidos ou que quisesse surpreendê-lo. Mesmo mostrar sua identidade não lhe concedeu privilégios especiais. Ela foi forçada a sentar no sofá em frente a uma cachoeira enorme enquanto tentava entrar em contato com Roth. Ele não respondeu. Conforme as horas passavam sem nenhuma palavra, sua expectativa e excitação começaram a diminuir.

Algo estava muito errado em tudo isso. Como ele poderia se dar ao luxo de viver aqui? Ele não mencionou que havia se recuperado financeiramente ou que seus investimentos estavam dando resultado. Ele não discutiu dinheiro de forma alguma, e ela nunca tocou no assunto, já que era um assunto muito delicado entre eles. Depois que se formou, ela escolheu um apartamento modesto. Roth lutou contra ela, mas cedeu quando ela insistiu que era em uma boa localização e conveniente para ela. Ele pagou o aluguel e as contas, embora ela tenha se oferecido para ajudar. Ela presumiu que suas visitas pouco frequentes à Filadélfia eram devido ao quão apertados eles estavam financeiramente, mas se era aqui que ele morava... que porra é essa?

Seus olhos percorreram o luxuoso saguão feito de vidro, mármore cinza e estátuas de ouro. Nas cinco horas em que ela esperou, ninguém passou pelo saguão. Nem. Uma. Pessoa. Foi a coisa mais estranha ver centenas de pessoas passando pela estrutura impressionante, mas ninguém entrou. Ela esperava encontrar Roth entrando, mas essa esperança morreu por volta da segunda hora. Uma rápida olhada no balcão da portaria lhe disse que eles estavam se preparando para expulsá-la. Eles estavam lançando olhares desconfiados para ela durante o dia todo, e parecia que tinham perdido a paciência. Ela não estava acostumada a se sentir uma impostora. Ser uma Hennessy garantia que ela tivesse acesso imediato a tudo o que desejasse. Ser uma Roth não significava nada, aparentemente. Um mês atrás, ela o convenceu a lhe dar seu endereço para enviar um presente de aniversário. Talvez ele tivesse dado esse endereço enquanto estava hospedado com um parceiro de negócios, e ela estava perdendo seu tempo.

Quando o gerente começou a ir em sua direção, ela mexeu no telefone para encontrar um hotel. O gerente estava a alguns metros de distância quando o elevador parou. As portas se abriram para revelar Roth parecendo elegante, gostoso e todo tipo de maravilhoso. Ela se levantou de um salto e correu até ele. Ela estava quase chorando quando se jogou em seus braços e se enrolou nele.

“Graças a Deus,” ela respirou. “Eles não me disseram se você morava aqui ou não, e eu não ouvi nada de você.”

“Sr. Roth, você precisa de ajuda?”

Ela virou a cabeça e viu que o gerente a havia seguido e parecia extremamente desconfortável.

“Assistência?” Roth ecoou.

O gerente gesticulou para ela, perguntando claramente a Roth se ele precisava de ajuda para retirá-la do local.

“Ela é minha esposa,” Roth disse friamente. “Presumo que você a deixou confortável enquanto ela esperava por mim?”

Os olhos do gerente se arregalaram. Ele olhou para ela antes de abaixar a cabeça e murmurar algo ininteligível sob sua respiração.

“D-deixe-me pegar a bagagem dela”, disse o gerente e correu até sua mala abandonada.

Quando ela olhou para cima, viu Roth com uma expressão feroz.

“O que você está fazendo aqui?” ele perguntou.

“Você não pôde vir para casa para comemorar seu aniversário, então pensei...” O alívio que ela sentiu ao vê-lo começou a diminuir tão rápido quanto havia surgido. Ele não era ele mesmo. Ele estava bravo e distante, e a maneira como ele a olhava a fez se desvencilhar dele e dar um passo para trás.

“Este não é um bom momento”, ele disse brevemente.

“Mas...” Ela lhe deu um sorriso hesitante e abriu bem os braços. “Você não está nem um pouco animado para me ver? Já faz três meses.”

Ele olhou para ela por um longo momento antes de voltar sua atenção para o gerente, que se aproximou rapidamente.

“Eu cuido disso daqui”, disse Roth enquanto pegava a bagagem dela.

“Mas, Sr. Roth, por favor, permita-me...” o gerente se humilhou.

“Você está dispensado.”

O gerente entregou sua bagagem e fez uma reverência antes de recuar lentamente. Quando Roth foi até o elevador, ela ficou onde estava. Ela se sentiu mais perdida do que nunca.

Ele segurou a porta e olhou para ela. “Entre.”

Ela entrou no elevador e juntou as mãos na frente do corpo enquanto ele digitava um código. Um momento depois, as portas se fecharam.

“Eu esperava poder encontrá-lo enquanto você caminhava pelo saguão”, ela disse.

“Há uma garagem no subsolo para os moradores, então não precisamos ser vistos.”

“Que lugar é esse?”

“Uma residência exclusiva para as pessoas mais ricas do mundo.”

“Mas como você pode pagar por isso?”

O elevador se abriu em um hall de entrada que era tão impressionante quanto o saguão. Ele entrou com a mala dela, deixando-a para segui-lo em um silêncio atordoado. A sensação de inquietação que ela vinha experimentando desde que chegou começou a se espalhar. Ela envolveu os braços em volta de si mesma enquanto seus tênis rangiam no mármore polido. A cobertura estava completamente mobiliada. Havia livros nas prateleiras, um vaso com orquídeas na ilha da cozinha e papéis espalhados sobre uma escrivaninha no canto da sala grande. A cobertura era moderna, chique, extravagante e claramente habitada.

“Não entendo”, ela disse fracamente.

Ele caminhou até o bar molhado. “O quê?”

“Isso tem que valer milhões.”

“Sim.”

Ele inclinou a cabeça para trás enquanto bebia uma bebida. Ela olhou para suas costas rígidas e tentou fazer sua mente exausta funcionar. Ela estava animada por se reunir com seu marido, mas isso já havia desaparecido há muito tempo. Agora, ela estava com jet lag e fatigada e tinha uma sensação de afundamento no estômago de que estava prestes a pular da beira de um penhasco.

“Achei que você não estivesse bem”, ela disse cuidadosamente.

Ele não respondeu.

“Você disse que meu pai te arruinou.”

Ele se virou com um copo meio cheio na mão. Ela nunca o tinha visto beber antes, então ver a quantidade generosa de bebida a fez se sentir ainda mais desconfortável. Ela sentiu como se estivesse olhando para um estranho em vez de seu marido de dois anos. Roth tendia a ser mais reservado, mas sua expressão estava longe de ser impassível. As linhas de seu rosto estavam definidas em linhas duras, e algo em seu olhar fez seu estômago revirar.

“Ele me arruinou.”

“Mas...?” Ela acenou com a mão para o ambiente.

“Ele causou danos severos aos meus ativos americanos a ponto de não valer a pena reconstruí-los. Ele não conseguiu destruir os investimentos que fiz aqui no Reino Unido. Este é um deles que deu certo.”

“Você foi um investidor desta propriedade?”

Ele assentiu e tomou um gole de sua bebida sem tirar os olhos dela. “O que você está fazendo aqui, Jasmine?”

“Eu...” Sua voz soou baixa e hesitante para seus próprios ouvidos. “Achei que você não poderia voltar para casa por causa de dinheiro, então usei o meu para vir e te surpreender.”

Eles se encararam através da extensão da grande sala. O silêncio pulsava com algo horrível e feio. Ela queria ir até ele, para acalmar o que quer que o estivesse comendo, mas ela ficou onde estava. Ela não tinha ideia de como lidar com ele nesse humor. Sempre que ele voltava para casa na Filadélfia, ele agia como se não se cansasse dela, mas agora... Ele nem a tinha beijado e a estava tratando como uma visitante indesejada.

“Por quê...?” Ela engoliu em seco e se recompôs. “Por que você não me disse que estava indo bem?”

Um músculo se contraiu em sua mandíbula. “Tenho um longo caminho a percorrer.”

“Mas...” Ela tentou pisar com cuidado. “De quanto você precisa?”

“O suficiente para pagar seu pai.”

Ela piscou. “Desculpe?”

“Um acordo não deu certo hoje”, ele disse enquanto balançava o líquido em seu copo de um lado para o outro.

Ela teve uma ideia do que ele iria dizer e se preparou.

"Seu pai ainda está brincando comigo."

Seu coração afundou. “Sinto muito, Roth. Talvez... talvez eu possa falar com ele—”

"Não."

A boca dela se fechou com aquele sibilo cruel.

“Ele está aposentado e doente, mas ainda consegue encontrar tempo para me ferrar sempre que pode.”

Ela vasculhou o cérebro em busca de uma solução. “Mantive contato com alguns amigos da faculdade que estão fazendo coisas incríveis na indústria de tecnologia. Se você está procurando investir, eles seriam—”

“Eu não preciso da sua ajuda.” Seus lábios se curvaram. “Vocês, pessoas ricas, com todas as suas conexões. Vocês não precisam merecê-las. Vocês estão aglomerados com futuros políticos, magnatas da tecnologia, CEOs e bebês de fundos fiduciários em suas escolas particulares. Vocês fazem todas as conexões que precisarão antes de se formar. O resto de nós tem que se apressar e pagar nossas dívidas.”

“Não sou rica”, ela disse calmamente. “Tenho alguns investimentos e meu dinheiro para escrever. É isso.”

“Você é minha esposa.” Sua voz estava tão morta quanto sua expressão. “Isso te faz rica.”

“Mas eu nem sabia que você estava bem!”

“Não estou nem perto de ser rico como Hennessy, mas ficarei.”

Ela esfregou as têmporas latejantes. “Não me importo com isso, Roth. Nunca me importei.”

"Eu me importo."

Ele se virou para ela e encarou as janelas do chão ao teto. Sua visão de Knightsbridge iluminada à noite era uma visão linda.

“Por dois malditos anos, ele tem sido um espinho no meu lado. Tudo que eu construo, ele tenta derrubar. Cada conexão de negócios que eu faço, ele tenta minar.”

Ele esvaziou o copo. A cobertura estava tão silenciosa que ela o ouviu engolir.

“Não sei se vale a pena.”

Algo afiado e frio perfurou seu coração e começou a se espalhar por seu peito.

“Maximus não ficará satisfeito até que me despoje de tudo. Ele nunca me deixará chegar onde eu quero.”

Ela abriu a boca para dizer algo, mas sua mente parecia uma tela de TV branca como a neve. Pânico e medo rolavam dentro dela, e ela deu um passo em direção a ele com a mão estendida, determinada a impedir que isso avançasse mais.

“Alguns dias, eu queria nunca ter visto você.”

Ela parou no meio do caminho e abaixou a mão quando as palavras dele a atingiram. Ele se virou para encará-la. Sua raiva cobriu o quarto e tornou difícil para ela respirar.

“Vou fazer seu pai pagar por tudo que ele fez comigo.”

O jeito que ele olhava para ela a fez querer recuar, mas suas pernas não se moviam.

Ele encolheu os ombros para trás e olhou para o relógio. “Estou atrasado para uma reunião. Você deveria ter me avisado que viria. Eu teria dito para não se incomodar. Estou ocupado.”

Ele passou por ela em direção ao hall de entrada, mas suas palavras chegaram até ela.

“Fique na Filadélfia. Eu vou te visitar quando eu quiser.”

Ela o ouviu entrar no elevador, deixando-a em um silêncio sufocante. Ela estava atordoada demais para se mover, para até mesmo cair no chão. Ela ficou parada como uma estátua enquanto sua mente tentava processar o que tinha acontecido.

Ela pensou que estava indo contra a corrente ao se casar com Roth, mas se casou com um homem tão motivado e implacável quanto seu pai. Para homens como eles, nada vinha antes do sucesso e da riqueza. Em vez de seu nome ajudar Roth, ele o estava segurando, então ele queria se livrar dela. Ela não tinha mais valor para ele. Ele a havia usado.

Quando o impacto total das ramificações a atingiu, seus joelhos cederam. Ela agarrou o encosto do sofá para se equilibrar. Ela olhou para a bela cobertura através de uma névoa de umidade que ela se recusou a deixar cair. Apesar da interferência de seu pai, Roth estava bem. Melhor do que, mas ele não via dessa forma. A obsessão de seu pai por ele provavelmente tinha menos a ver com ela e mais a ver com trazer Roth para o calcanhar, o que nunca aconteceria. Roth não desistiria. Seu pai e seu marido estavam travados em uma batalha que não tinha nada a ver com ela... e ela não queria fazer parte disso.

Eu irei te visitar quando eu quiser.

Ela estremeceu quando as palavras dele atravessaram sua mente. Ele não a tratava como uma esposa. Era esse o único motivo pelo qual ele a visitava? Sexo? Originalmente, ele a deixou na Filadélfia para terminar seu curso. No entanto, já fazia um ano desde que ela se formou, e ele nunca a convidou para Londres. Sua desculpa era que ele estava trabalhando e viajando. Ela entendeu que ele estava tentando se recuperar financeiramente, então descobri-lo vivendo tão luxuosamente foi um choque. Ele era dono de uma

cobertura multimilionária, e ela não tinha ideia. O que mais ela não sabia? Estava abundantemente claro que ele não a via como uma parceira. Ela não tinha ideia de que tipo de vida ele estava vivendo em Londres. Ele não confiava nela e não queria dividir uma casa com ela. Seu olhar se concentrou nas flores na mesa. Seria fácil esconder outras mulheres dela. Ele vivia sua vida do jeito que queria, sem nenhuma contribuição dela. Ela era uma nota lateral, um adereço que não o estava ajudando, então ele a ignorou.

Ela era uma idiota do caralho. Ela girou para longe da sala grande e correu para o elevador. Felizmente, nenhum código foi necessário para sair da cobertura. Ela envolveu os braços em volta de si mesma enquanto começava a tremer. Quando ela andou pelo saguão, seu foco estava nas portas que davam para a rua.

“Sra. Roth!”

Ela estremeceu, mas não parou.

“Sra. Roth!”

A gerente derrapou para dentro da vista. Ela desviou o rosto, mas isso não o deteve.

“Sinto muito, senhora, pelo tratamento que demos a você antes. Não tínhamos ideia de que o Sr. Roth era casado.”

Ele não demoraria muito mais. “Não se preocupe com isso.”

“Existe alguma maneira de compensar nosso erro?”

“Um carro.”

“Claro. Imediatamente, Sra. Roth.”

Capítulo 12

Jasmine estava deitada no sofá sob seu cobertor pesado e observava o jogo de luzes no lago. Ela acordou sentindo que estava começando a pegar uma gripe. Ela evitou seu telefone enquanto se forçava a comer e então desabou no sofá da biblioteca onde estava há horas. Enquanto ela entrava e saía do sono, ela tentava descobrir o que dizer às suas irmãs. Talvez ela devesse mentir e dizer que não tinha conseguido se encontrar com ele de jeito nenhum... Ou ser honesta e dizer a elas para se prepararem para o pior.

Putá . Ela enterrou o rosto no travesseiro e puxou as pernas até o p localizar eito enquanto se enrolava na posição fetal. Ele era um mestre em fazê-la se sentir inútil, e o fato de ela ter chorado em seu peito no Colorado a deixou doente. Ela confiou nele para confortá-la enquanto ele apenas via isso como uma oportunidade de gozar e fazê-la se sentir barata e suja.

Ela não escreveu. Ela não tentou fazer nada. Manter as portas da biblioteca fechadas a fazia se sentir isolada e segura. A princesa estava trancada em seu castelo, e ela não queria ter nada a ver com o mundo exterior. Ela imaginou o pai sentado em sua mesa. Ela quase podia ouvir as páginas virando enquanto ele lia. Ela sentia tanta falta dele que não conseguia suportar. Ele saberia o que fazer. Ele seria capaz de lidar com Roth, mas ela e suas irmãs não eram páreo para ele. Ele iria para as companhias de Lyle e Rami também? Sua cabeça latejava. Ela puxou os cobertores sobre a cabeça e adormeceu novamente.

Quando ela acordou, o sol estava se pondo. Hora de acabar com as esperanças de suas irmãs. Ainda deitada de lado, ela pegou seu telefone na mesa lateral e o ligou. Ela contaria a verdade a elas. Elas tinham que tomar cuidado. Roth faria o que fosse preciso para aniquilá-las. Ela ouviu os bipes de mensagens de voz e mensagens de texto antes de olhar para a tela. As mensagens excessivas sob o texto do grupo de irmãs chamaram sua atenção. Ela leu algumas e se levantou de um salto.

"Porra, porra, porra", ela gritava enquanto ligava para Ariana.

"Onde você esteve?"

"Ela está bem?" Jasmine perguntou, agarrando o telefone com força.

"Por enquanto. Ela está em trabalho de parto prematuro. Lyle está voltando da Austrália. Eu—"

Ela estava apenas ouvindo pela metade enquanto corria para fora da biblioteca e pegava as chaves do Land Rover. Não havia tempo para chamar Sunny para uma escolta.

"Kye está doente, então estou em casa com as crianças. Rami não vai voltar por mais dois dias. Ela está sozinha no hospital."

"Estarei aí em quarenta minutos", ela disse enquanto acelerava o motor. "Se alguma coisa mudar, me avise."

Ela pisou fundo no acelerador enquanto descia a estrada de cascalho. Os altos níveis de estresse de Colette a fizeram entrar em trabalho de parto prematuro. Droga. Ela rezou baixinho enquanto se dirigia para a cidade. O trânsito acrescentou vinte minutos ao seu trajeto. Quando chegou ao hospital, levou alguns minutos para sua irmã. A governanta de Colette e duas assistentes estavam do lado de fora do quarto de hospital. Ela entrou e encontrou Colette na cama com uma máscara de oxigênio sobre a boca e uma intravenosa no braço. O cabelo loiro de sua irmã estava escuro de suor, e ela estava tão branca quanto os lençóis. No momento em que Colette a viu, seus olhos se arregalaram e ela levantou a mão. Ela contornou a cama e a pegou.

"Você está bem?" ela perguntou.

"A pressão arterial da sua irmã precisa baixar imediatamente", disse a enfermeira rapidamente. "Ela tem pré-eclâmpsia, o que pode ser fatal para a mãe e a criança se não a monitorarmos."

"Roth?" Colette perguntou por trás da máscara.

Jasmine a ignorou e se concentrou na enfermeira. "O que ela precisa?"

A enfermeira lançou um olhar severo para Colette. "Para permanecer calma e relaxar."

"Roth", disse Colette com urgência.

"Onde está o pai?" perguntou a enfermeira.

"Fora do país. Ele deve chegar aqui em breve."

"Eu já volto", disse a enfermeira e saiu do quarto.

Colette apertou a mão dela. "Roth!"

"Eu ouvi você," Jasmine disse e esfregou sua barriga proeminente. "A última coisa em que você deveria estar pensando é em negócios."

"Você falou com ele?", perguntou Colette.

"Eu fiz."

"E?"

Ela olhou para o rosto esperançoso de Colette e sentiu Polara se mover sob sua palma. Seu coração se encheu de emoção, e sua garganta começou a fechar.

“Minnie?”

Seus olhos se encheram de lágrimas enquanto ela sussurrava: "Vai ficar tudo bem. Eu falei com ele, e ele está disposto a falar com você." E ela faria o que fosse preciso para garantir que ele negociasse a favor deles.

A boca de Colette tremeu. “Sério?”

“Sim”, ela disse e deu um sorriso trêmulo.

Colette se jogou contra os travesseiros. “Minnie, você é uma salva-vidas. Eu sabia que você conseguiria falar com ele. Qualquer coisa que você precisar, não hesite. Hennessy & Co é meu tudo. Eu morreria se perdesse.”

“Eu sei,” ela sussurrou enquanto suas entranhas se contorciam. “Você descansa e se prepara para Polara. Ele não fará nada até que o bebê nasça.”

"Mas..."

“Descanse”, ela ordenou. “Ou então.”

Colette assentiu e respirou fundo. “Sei que deve ter sido difícil falar com ele. Obrigada. Devo uma a você.” Ela se mexeu e soltou um suspiro agudo.

"Você está com dor?"

“Outra contração”, ela disse com os dentes cerrados.

Depois que a contração passou, ela foi procurar a enfermeira. Uma hora depois, Lyle chegou.

“Você não parece bem,” Lyle disse enquanto observavam Colette dormir. “Descanse um pouco. Eu te aviso se algo mais acontecer.”

Ela o abraçou e ofereceu sua bochecha para um beijo antes de sair da sala. Quando voltou para o Land Rover, sentou-se no banco do motorista e olhou para frente.

Ela ia vender sua alma ao diabo. O pânico percorreu seu sistema. Ela inclinou a cabeça para trás enquanto ofegava por ar. Quando o ataque de ansiedade passou, ela descansou a testa contra o volante e tentou organizar seus pensamentos.

O preço a negociar com Roth era sexo. Ela poderia realmente deixá-lo tocá-la depois de tudo o que ele fez? Sua mente lhe disse que não, mas seu corpo tinha outras ideias. Como ele apontou, ela já tinha bancado a prostituta antes. Se algumas transas com Roth garantissem que Hennessy & Cia sobreviveriam e que Colette pudesse ter Polara em paz, isso valeria a pena. Isso mataria algo dentro dela, mas ela tinha escolha? Se ela não tivesse escolhido Roth em vez de Ford, nada disso estaria acontecendo. Sua família não deveria pagar o preço por seus erros. Ela terminaria isso de uma vez por todas.

Ela pegou o telefone. Seu polegar hesitou sobre o nome dele antes de pressioná-lo. O telefone tocou uma, duas, três vezes. Ela não esperou que fosse para o correio de voz. Ela desligou e pulou do carro. Ela andava de um lado para o outro com as mãos nos quadris enquanto um fluxo constante de veículos entrava e saía da garagem. Seu estômago embrulhou quando ela ouviu uma chamada chegando. Ela se aproximou cautelosamente e olhou para a tela. Roth. Ela se afastou e passou a mão no rosto quando ficou silencioso. Ela estava brincando de roleta russa com o telefone. Assim que atendeu, sua vida acabou. Ela ficou tensa

quando o telefone começou a tocar novamente. Ela deixou cair no correio de voz. Na terceira ligação dele, ela atendeu.

“Por que você não atendeu o telefone?” ele gritou.

“Eu...” Sua garganta fechou.

"Jasmim?"

Ela balançou a cabeça. “Tem que haver outro jeito.”

“Não há.”

“Mas o dinheiro—”

“Não é esse o acordo na mesa. Sim ou não? Não tenho tempo para isso.”

Ela levantou o queixo. “Eu tenho condições.”

“Você não está em posição de negociar.”

Seu coração já pesado afundou até os dedos dos pés. Ela não tinha nada para negociar porque não tinha nada que ele quisesse além de uma boceta sob demanda. Ela afastou o telefone do ouvido e olhou para ele enquanto os segundos passavam. Ele queria puni-la por deixá-lo. Estava em suas palavras e na maneira como ele olhava para ela. Ela poderia realmente fazer isso? Ela podia ouvir o zumbido de sua voz, mas não estava ouvindo. Talvez ela—

"Jasmim!"

Ela colocou de volta no ouvido. “Não importa. Eu não acho—”

“Quais são as suas condições?”

“Não importa”, ela disse com voz rouca.

"Diga-me."

Ela colocou uma mão sobre o rosto enquanto sua cabeça girava. “Você... Eu não acho que consigo fazer isso. Você pede demais.”

“Quais são as suas condições?”

A voz dele era estranhamente gentil, mas isso poderia ser imaginação dela.

Ela respirou fundo para se acalmar. “Você devolve às minhas irmãs uma participação controladora na Hennessy & Co.”

Ele não disse nada.

“E quando terminarmos, você não poderá ir atrás deles novamente.”

Ainda nada, mas isso não a impediu.

“C-quanto tempo eu tenho que...” Ela lutou para encontrar as palavras certas e não conseguiu nada. “Quanto tempo?”

“Quanto tempo o quê?”

“Por quanto tempo eu tenho que me prostituir?” Quando ele não respondeu, ela perguntou, “Você tem um número em mente ou é por um certo período?” Deus, não poderia ser muito tempo. Ela não duraria.

“Onde você está?” ele perguntou.

“Estou em uma garagem de estacionamento. Você concorda?”

“Que garagem?”

“Você concorda ou não?”

“Dê às suas irmãs uma parte controladora, e eu não poderei ir atrás delas no futuro. Essas são suas condições?”

Ela deve estar esquecendo de mais alguma coisa. “E você também não pode vir atrás do meu negócio de escrita.”

“Não tenho interesse nisso.”

Ela não confiava nele. Pneus cantaram quando um carro passou em disparada. “Quantas vezes, Roth?”

“Não vou falar sobre isso por telefone”, ele retrucou.

E ela não ficaria perto dele até que tudo estivesse resolvido. “Só me responda.”

“Não será um número definido de vezes.”

“Então eu devo ficar por aqui até você se cansar de mim?”

“Vou mandar o Mo buscar você.”

“Estou ocupado.”

“Seu tempo agora é meu tempo.”

“Não até eu ver um contrato.”

“Você está me provocando”, ele disse com uma voz gélida.

“As prostitutas sempre se certificam de que serão pagas primeiro.”

Ele não respondeu. Ela não tinha certeza do que aquilo significava, mas sentiu que era um ponto para ela.

“Envie-me um contrato prometendo vender as ações de volta e que você não virá atrás delas novamente”, ela disse apressadamente enquanto começava a perder a coragem. “E eu quero por escrito quanto tempo eu devo aturar você. Vou lhe enviar meu endereço de e-mail.”

Ela desligou e se deixou cair contra o carro. Quando o telefone começou a tocar novamente, ela recusou a ligação e enviou seu endereço de e-mail para ele. Ele imediatamente mandou uma mensagem para ela.

Roth: Pegue seu telefone .

Ela bloqueou o número dele de novo. Ele não conseguiria um contrato antes de amanhã, no mínimo. Ela não queria falar com ele mais do que o necessário, e precisava de tempo para se conformar com o que tinha feito.

Entre Colette, seus negócios com Roth e o quão doente ela se sentia, não havia como ela voltar para Tuxedo Park. Em vez disso, ela fez check-in em um hotel e pediu ao serviço de quarto remédio para resfriado, um caderno e sopa. Assim que entrou no quarto, ela encheu a banheira com água fervente e molhou seus músculos doloridos. Quando a batida veio, ela atendeu a porta em seu robe. Ela aceitou seus pedidos e ignorou a comida e os remédios e pegou o caderno. Ela se jogou na cama e levou um momento para admirar a caneta chique do hotel que deslizava facilmente sobre a página.

Por uma hora, o único som na sala era o de uma caneta arranhando o papel. Escrever era um mecanismo de defesa que ela havia desenvolvido quando criança. Sempre que as coisas ficavam difíceis na vida real, ela se recolhia em seu mundo imaginário. Em vez de se deter em suas escolhas e nas consequências futuras de suas ações, sua mente mudava de marcha e se concentrava no trabalho. No meio de seu inferno pessoal, ela vislumbrou um possível enredo para o livro cinco e saltou sobre ele. De repente,

reorganizar palavras em uma página não parecia tão difícil. Isso ela podia controlar. Isso fazia sentido. O mundo real não.

Quando seus dedos ficaram tensos, ela bebeu a sopa e tomou pílulas antes de voltar para a página. Ela pensou em pedir ao serviço de quarto para comprar um computador para ela, mas descartou esse pensamento quase imediatamente. Ela estava cautelosa em interromper seu fluxo, e havia algo sobre ir à velha escola com caneta e papel que liberava uma parte diferente de seu cérebro. Quando ela finalmente parou, ela tinha mais de doze páginas de diálogo e seu antebraço estava doendo. Enquanto os remédios faziam efeito e ela deslizava para baixo das cobertas, ela flutuava na mente de sua personagem, não na sua. As vozes da personagem ecoavam em seus ouvidos enquanto ela adormecia. Ela se agarrou a elas, querendo desesperadamente fazer parte do mundo deles em vez do seu.

J

asmine acordou ao meio-dia. Antes de sair da cama, ela checkou seus e-mails, mas não viu nada de Roth. Ela não sabia se isso era bom ou ruim, mas decidiu ver isso como uma suspensão da execução. Talvez ele fosse demorar para fechar o contrato. Isso estava bom para ela, desde que ele não fizesse nada para Hennessy & Co nesse meio tempo. Ela ficou tentada a desbloquear o número dele para ver se tinha alguma mensagem de texto ou correio de voz, mas não queria discutir mais sobre isso. Foi uma transação direta. Sexo para expiar seus pecados e garantir o legado de sua família. Não complicado e um clichê de homem rico. Esta foi uma transação comercial e nada mais. Conversar só pioraria as coisas. E se eles tivessem que negociar, poderiam fazê-lo por meio de advogados.

Enquanto ela saía da cama para jogar água no rosto, ela ligou para Lyle. “Como ela está?”

“Eles estão monitorando ela.”

“Você quer que eu vá aí?”

“Nada para fazer aqui. Trouxe meu laptop e estou trabalhando um pouco. Te ligo se algo mudar.”

“Ok, amo vocês.”

“Mesmo.”

Ela ligou para o serviço de quarto para uma refeição e pediu roupas antes de tomar banho e voltou para seu caderno. No momento em que ela colocou a caneta no papel, os personagens ganharam vida. Ela começou a documentar a conversa em sua mente e estava começando a perder o contato com a realidade quando houve uma batida na porta. Ela empurrou um carrinho e voltou para o caderno. Em momentos como esse, quando cenas se desenrolavam em sua mente, escrever se tornava uma descarga de adrenalina viciante. Sua mão se movia sobre a página por conta própria, e ela lia a história conforme ela aparecia na página. Na maioria das vezes, ela se sentia mais como uma transcritora do que uma criadora. Ela não sabia de onde as palavras vinham e não tentava analisar o processo muito de perto.

Quando a fome tomou precedência sobre a história, ela fez uma pausa. Ela experimentou o jeans e a camisa de botões entregues pelo serviço de quarto. Seu mundo de sonho desapareceu em uma nuvem de

fumaça quando o jeans não abotoou completamente, e a camisa abriu sobre seus seios. Ela se despiu e verificou as etiquetas. Aparentemente, ela tinha engordado um pouco. Ela estava envergonhada demais para chamar o serviço de quarto novamente, então ela deixou a parte de cima do jeans desabotoada e puxou sua jaqueta sobre a camisa mal ajustada antes de sair do quarto.

Ela recebeu alguns olhares de soslaio enquanto caminhava pelo saguão chique. A brisa fria deu um salto em seus passos enquanto ela contornava a fila de táxis e seguia para a 59th Street e Lexington. Seu domínio sobre seu mundo de sonho se dispersou enquanto a cidade exigia sua atenção total. O outono na cidade era tão deslumbrante quanto no campo. O toque de árvores vermelhas, laranjas e amarelas justapostas aos prédios de tijolos, vidros e concreto era deslumbrante. O pulso acelerado da cidade a revigorou enquanto a debandada de pessoas a forçava a acompanhar. As vitrines festivas e chamativas a lembravam de que os feriados estavam se aproximando a uma velocidade alucinante, e ela ainda não tinha comprado nenhum presente para sua família. Ela encolheu os ombros contra o frio e olhou com inveja para o sobretudo xadrez de uma mulher. A moda de outono estava a todo vapor, e todos ao seu redor exibiam orgulhosamente as cores e tendências da estação. Ela precisava urgentemente de uma atualização de guarda-roupa.

Quando ela parou na faixa de pedestres, as pessoas se aglomeraram ao seu redor. Ninguém olhou para ela duas vezes. Ela amava ser anônima. Depois de crescer sob os holofotes, ela adorava poder se perder na multidão. A maioria das pessoas ao seu redor reconheceria seu sobrenome, já que estava estampado em boa parte da cidade. Saber quem era seu pai criaria automaticamente uma imagem em suas mentes de quem ela deveria ser... e ela não era essa pessoa. Ela nunca foi. Quando Roth lhe ofereceu uma saída, ela aceitou. Ela esperava ser uma esposa melhor do que uma filha e funcionária de Hennessy, mas ela falhou nisso também, então se tornou Thalia Crane. Ela se sentia mais ela mesma como Thalia do que como Jasmine Hennessy. Ela nunca obteria o mesmo nível de sucesso que seu pai, e ela estava bem com isso. Ela não queria fama ou riquezas. Ela só queria ser capaz de criar em paz.

Ela olhou para os prédios se elevando acima. Nova York nunca deixou de fazê-la se sentir pequena. Era assustador e libertador ao mesmo tempo. Seu avô viveu o sonho americano quando emigrou da Irlanda e fez seu nome. Ela não tinha certeza de como ele reuniu força e determinação para ter sucesso na cidade mais cruel do mundo. Seu avô fez coisas incríveis e passou o bastão para seu pai, que realizou feitos ainda maiores. O nível de expectativa colocado em seus ombros em uma idade tão jovem foi paralisante. Ela não conseguiu corresponder a isso, mas suas irmãs conseguiram. Ela pode não fazer parte da Hennessy & Co, mas poderia garantir que sua empresa não terminasse com a terceira geração.

Quando o sinal abriu, ela atravessou a rua com a multidão. Ela teve que fazer um trabalho de pés extravagante para entrar na Bloomingdale's. Era movimentado, agitado e despertava memórias de sua infância enquanto ela caminhava pelo chão xadrez preto e branco. Geralmente, ela não se importava em fazer compras. Quando criança, uma ênfase tão grande era colocada na imagem que ela passou a odiar fazer compras de roupas. Mas os tempos mudaram. Agora, ela podia usar o que quisesse até certo ponto. Desde a morte de seu pai, ela tinha sido o foco de alguma atenção da mídia, então ela tentava parecer um pouco apresentável para o bem de suas irmãs. Ser forçada a comprar roupas quando sua autoestima estava em baixa não era a melhor combinação, mas ela não tinha escolha a menos que quisesse dirigir de volta para o Tuxedo Park.

Quando ela entrou na seção feminina, ela foi até uma vendedora sorridente e disse: "Ajude-me".

A vendedora não perdeu o ritmo. Ela estava alegre, otimista e, aparentemente, sabia exatamente o que precisava. A vendedora a colocou em um provador e começou a trazer roupas que combinavam com seu formato de corpo. Uma hora depois, ela tinha uma nova chance de vida. O jeans muito pequeno, a camisa e os tênis sujos tinham sumido. Em seu lugar, estavam botas de camurça de cano alto, uma saia e um casaco cor de camelo. Ela parecia chique e elegante e pronta para enfrentar o mundo. A vendedora encaminhou seus pacotes para o hotel enquanto ela se movia pelas seções de crianças e bebês.

Ela não resistiu e checkou seu e-mail mais três vezes. Nada de Roth. Quando enviou a segunda carga de pacotes para o hotel, ela estava chapada de compras e ansiosa por mais. Desesperada por mais distrações, ela pegou um táxi para a Madison Avenue. As chances de ser reconhecida nessa área eram maiores, já que seu pai tinha um prédio naquele quarteirão. Ela atravessou a rua para evitar o hotel de sua família e continuou até as lojas de grife. Vários funcionários da loja a reconheceram e saíram de seu caminho para atendê-la. Ela encontrou alguns presentes para suas irmãs antes de sair da Madison Avenue e entrar na Black Jade, uma boutique de luxo.

"Jasmim?"

Ela parou na entrada e tirou os óculos escuros. "Dai?"

Daiyu Wu era filha de uma das maiores montadoras da China e de um designer de moda que fez sucesso na Semana de Moda enquanto ela ainda estava na faculdade. Elas cresceram nos mesmos círculos e frequentaram a mesma faculdade por um curto período antes de Dai ir para Paris para seguir a moda. Jasmine ouviu de suas irmãs que Dai havia aberto esta boutique, mas não tinha conseguido visitá-la até agora.

A pequena mulher se jogou em Jasmine e lhe deu um abraço devastador.

"Oh meu Deus! Como você está?" Dai perguntou.

Antes que ela pudesse responder, Dai se afastou e agarrou ambas as mãos dela.

"Sinto muito pelo seu pai."

"Obrigado."

"Estou tentando entrar em contato com você."

"Tirei um tempo para mim."

Dai assentiu pensativamente e então voltou sua atenção para as roupas de Jasmine. Sem preâmbulo, ela abriu o casaco.

"Isso é varejo?", perguntou Dai.

"Sim."

O lábio de Dai se curvou. "Você está usando *varejo*?"

"Sim," ela falou lentamente. "Eu vivo no campo a maior parte do tempo. Não preciso de peças personalizadas."

"Seu pai não aprovaria", disse Dai.

Ela riu. "Provavelmente não."

"Você pode fazer melhor do que isso", disse Dai, puxando sua blusa.

Ela deu um tapa na mão. "Ei! Eu gosto dessa roupa, e fui assediada três vezes no caminho para cá."

"Você pode arrasar, mas isso..." Ela puxou a bainha da saia. "Se fosse só uma polegada mais longa, ficaria melhor, e se eu colocasse aqui" — ela beliscou as laterais e então deu um tapa na própria bunda —

“sua bunda ficaria incrível.”

Aparentemente, a idade não havia amenizado a personalidade escandalosa de Dai. “Sério, Dai?”

“Escute-me. Você não ouviu que eu sou um gênio? Saiu na *Vogue deste mês*, página trinta e seis.”

“Parabéns. O que você está fazendo na sua loja? Eu não achei que você realmente estaria aqui.”

“Eu tinha um pedido de uma celebridade, então eu entrei. Estou indo para o mercado de casamento. Você viu?” Dai a empurrou em direção ao manequim no meio da loja e gesticulou para o vestido em exposição. “Ela não é linda?”

“É”, ela concordou.

O vestido de noiva etéreo era uma mistura de tradicional e moderno e adequado para uma princesa. Conhecendo Dai, ele era costurado à mão, único e custava uma fortuna. A saia de tule dos sonhos farfalhava quando uma cliente entrava na loja, trazendo uma brisa fria com ela.

“Você se saiu bem. Estou orgulhosa de você”, ela disse.

“E você? O que está fazendo?”, perguntou Dai.

Ela hesitou. Embora Dai fosse uma amiga, ela também era uma fofqueira notória e prosperava no drama. Contar a ela sobre seus livros seria equivalente a colocar um artigo no jornal. Como todos no círculo do bilionário, Dai conhecia bem o passado dela e de Roth e descobriria em quem a série era baseada em um piscar de olhos.

“Estou cuidando de algumas coisas para meu pai”, ela disse.

“De volta ao mundo dos negócios, hein?”

Ela soltou um ruído evasivo e olhou ao redor da boutique. “Esta é minha primeira vez aqui.”

“Você é uma péssima amiga,” Dai advertiu antes de ir até a entrada e abrir bem os braços. “Quando você entrar, quero que fique deslumbrada e importada para outro mundo. Você ficou deslumbrada?”

“Absolutamente.”

“Bom,” ela disse secamente e deu dois passos para frente. “Eu quero desenhar tudo. Roupas de rua ousadas até vestidos de noiva elegantes. Eu não quero ser colocada em uma caixa. Eu quero ser tudo e nada, entende?”

Dai personificava a atitude de uma artista de Nova York — desafiadora, vulnerável, poética e vibrante. A blusa preta de Dai era dois tamanhos maior que ela e pendia de um ombro. Ela usava calças de ioga rasgadas e tênis sujos com uma pochete dourada metálica como cinto que se projetava em seu quadril minúsculo. Ela tinha um corte curto com franjas irregulares que caíam sobre os olhos e brincos de argola enormes. Jasmine apostaria dinheiro que os óculos de meia-lua na ponta do nariz não eram de grau.

Black Jade foi lindamente feito com lustres, pisos brilhantes e iluminação incrível. As grandes vitrines da loja exibiam de tudo, desde roupas grunge e punk até peças de vanguarda. As roupas eram categorizadas por cor, que combinava peças formais ao lado de jaquetas cobertas de spikes ou franjas.

“Vamos tirar essas roupas horríveis”, disse Dai e a empurrou em direção a uma explosão de cores.

“Eu não-”

“Sim, você tem. É por isso que você foi atraído para minha loja. Seu senso de moda sabia que precisava de mim. Certo, o que você está procurando?”

“Eu não sou-”

“Não importa. Você não sabe o que precisa. Eu sei.”

Dai caminhou entre as prateleiras e começou a tirar coisas aleatoriamente, sem olhar os tamanhos.

“Ganhei algum peso.”

Dai olhou para ela por cima dos óculos de meia-lua. “Eu sou um gênio ou não?”

“Sim?”

“Sim, eu sou. Eu sei exatamente qual é o seu tamanho. Agora, entre no provador.”

Ela a encarou por trinta segundos antes de decidir obedecer. O provador nos fundos da loja era tão glamoroso quanto o resto da Black Jade. No meio de quatro cômodos havia um pufe enorme que podia acomodar até seis pessoas e uma plataforma para modelar roupas em frente a um enorme espelho triplo. O provador luxuoso tinha um pufe exclusivo coberto de cetim branco e tachas douradas. Ela se examinou no espelho. Ela não parecia mal.

Dai abriu a porta com força e jogou as roupas na almofada. “Tire esse casaco feio. Vou trazer veludo de volta.”

Ela levantou um casaco cranberry que Jasmine teve que admitir que parecia divino. Ao contrário da Bloomingdale's, as roupas de Dai eram todas sobre os detalhes e texturas. Dai trouxe para ela uma cascata de cores de uma jaqueta de veludo cotelê verde-oliva a um sobretudo de vinil cor de cereja. Apesar da mandona de Dai, ela estava se divertindo muito e teve que admitir que as roupas estavam incríveis nela.

“Talvez você seja um gênio”, ela refletiu enquanto olhava para seu reflexo.

“Não há talvez. Eu sou,” Dai disse e inclinou a cabeça para o lado enquanto a examinava. “Você precisa de alguns vestidos.”

“Acho que estou bem.”

“Você não está. Vou pegar minha fita métrica.” Dai saiu correndo da sala, gritou para um de seus funcionários e então correu de volta. “Entendi.”

Enquanto ela abria os braços obedientemente, Dai começou a trabalhar.

“O que há com você e seu ex?” Dai perguntou enquanto media Jasmine da virilha ao tornozelo.

“O que?”

Dai olhou para cima. “O ex-marido.”

“E ele?”

“Você e ele tiveram um pequeno destaque na mídia algumas semanas atrás.”

“Coincidência. Nós nos encontramos.”

Dai levantou uma sobrancelha. “Sério? Ele jantou com meu pai na outra noite.”

Seu estômago se apertou. “Ele fez?”

“Sim. Papai gostava dele.”

Claro que sim. Um empresário implacável reconheceu outro.

Dai se endireitou e deu um tapinha no lábio. “Se você sabe que vai ser fotografada com ele no futuro, eu farei as peças personalizadas de graça. Será uma excelente publicidade para mim.”

“Eu pago por eles”, ela disse com um sorriso forçado.

Dai pareceu desapontada. “Que pena.” Sua expressão ficou astuta. “Então você não se importa se eu der uma chance a ele?”

“Roth? Fique à vontade.”

Dai sorriu. “Ele gosta de garotas chinesas loucas?”

“Você terá que descobrir por si mesmo.”

“Talvez eu vá”, disse Dai enquanto saía do provador.

Jasmine balançou a cabeça e se virou para examinar o zíper dourado exposto na saia de couro envernizado preto que ela usava, que destacava a curva de sua bunda. Ela tinha um cachecol ridiculamente grande, mas aconchegante, pendurado em volta do pescoço e um top curto que Dai de alguma forma a convenceu a usar. O top cruzado estava de alguma forma segurando seus seios e os fazendo parecer incríveis. O triângulo de pele exposta em seu abdômen não parecia nada mal. O estilo de rua de Dai era impecável. Até suas irmãs usariam algumas dessas peças.

Depois de dez minutos, ela saiu do provador e viu que a boutique estava um pouco movimentada. Dai estava em uma conversa profunda com duas mulheres, e ambas as vendedoras estavam ocupadas com clientes. Outras olhavam enquanto esperavam para serem atendidas. Ela aproveitou a oportunidade para examinar sem a orientação de Dai. Ela passou as mãos sobre as roupas, que eram realmente extraordinárias. De acordo com Dai, as roupas deveriam ser uma experiência multissensorial. Atraentes aos olhos e agradáveis ao toque — até mesmo o cheiro de couro pode melhorar o humor de alguém.

Ela não esperava encontrar Dai ou ser forçada a comprar um guarda-roupa totalmente novo, mas não podia negar que estava feliz por ter vindo. Dai sabia das coisas, e Jasmine estava pronta para a passarela. Enquanto admirava um top dourado brilhante, ela olhou por cima do cabideiro e viu um homem parado na calçada observando-a. Ele tinha uma mão no bolso do terno. Quando ela levantou uma sobancelha para ele, sua boca se curvou. Ele tinha um sorriso bonito. Ele estava na casa dos trinta e poucos anos e, pela expressão em seu rosto, ele gostou do que estava vendo. Ele acenou para ela. Ela não tinha decidido como reagir quando outro homem apareceu atrás dele. Seu olhar se voltou para o outro homem, e seu coração bateu forte contra suas costelas. Roth olhou para ela, e ela lentamente se afastou do vidro. O que diabos ele estava fazendo aqui? E como ele a encontrou?

Quando ele se aproximou da entrada do Black Jade, ela foi direto para os vestiários. Seu último encontro com ele a deixou ferida e sangrando, e ela não estava preparada para vê-lo cara a cara. Ela estava fazendo o máximo para esquecer o acordo sórdido pendente e estava fazendo um ótimo trabalho antes que ele aparecesse.

Ela derrapou em saltos de camurça ao entrar no provador e se virou para fechar a porta, mas era tarde demais. Ele abriu caminho enquanto ela tentava desesperadamente colocar seus escudos no lugar.

Capítulo 13

“O que você está fazendo aqui?” ela sibilou.

Ele trancou a porta e se virou. Ela pensou em gritar por ajuda, mas o orgulho lhe disse que ela poderia lidar com ele... e o que ele poderia fazer com ela em um lugar público?

Quando ele deu um passo à frente, as costas dela bateram no espelho. “Saia.”

"Você gosta de atenção, Jasmine?" ele perguntou com uma voz que fez os pelos da nuca dela se arrepiarem.

"O que?"

"Você teria saído para encontrá-lo?"

Ela levantou o queixo. "Eu posso fazer o que diabos eu quiser."

"Você acha?" ele murmurou enquanto estendia a mão e agarrava o queixo dela.

Quando ela tentou agarrar sua mão, ele se inclinou para ela, prendendo-a no espelho. Sua raiva atingiu, embora nada tenha aparecido em seu rosto. Ele balançou contra ela, e ela ficou rígida.

"Essa buceta é minha. Comprada e paga."

Ela bateu no peito dele com força suficiente para fazer sua mão arder. "Você está alugando."

A mão dele moveu-se para a garganta dela e agarrou-a enquanto ele pressionava os lábios contra a orelha dela. "Eu sou o dono disso."

"Não vejo um contrato."

"Por que você não atendeu o telefone?"

"Eu bloqueei você."

Ele deu um passo para trás. Ela sentiu um momento de alívio antes que ele a puxasse para frente e a obrigasse a se curvar. As mãos dela se espalmaram no pufe de cetim branco. Antes que ela pudesse se afastar dele, ele puxou o zíper na parte de trás da saia, que caiu, deixando-a em uma tanga e botas de camurça até a coxa. Ele deu um tapa na bunda dela, quase mandando seu rosto primeiro para o chão. O som agudo de palmas foi levado para a loja, mas foi abafado pela multidão de vozes.

"Porra, Roth, pare!"

"Bloqueie-me de novo e eu vou te dar uma surra", ele disse calmamente enquanto mantinha uma mão presa na nuca dela, mantendo-a no lugar enquanto a outra mão acariciava sua bunda dolorida.

Os olhos dele permaneceram nos dela no espelho enquanto ele colocava dois dedos na boca. Ela observou com fascinação horrorizada enquanto ele os retraía, e eles viajavam para sua bunda. A sensação dos dedos dele sondando a fez voltar aos seus sentidos. Ela tentou fugir, mas aquela mão em volta do seu pescoço apertou, avisando-a para ficar parada. Sua calcinha não era barreira, e os dedos dele deslizaram direto para dentro. Ela saltou sobre os calcanhares e teria chutado para trás como um burro se ele estivesse atrás dela, mas ele estava do lado, controlando-a e tornando impossível para ela causar qualquer dano.

Ela agarrou a perna da calça dele e cravou as unhas nas coxas dele. "Você não pode fazer isso." Quando ele não respondeu e continuou a trabalhar nela, ela acrescentou, "Tem gente aqui."

"Parece que me importo?"

O polegar dele entrou em ação, e ela abaixou a cabeça para frente. "Roth, pare."

"Você gosta de fazer isso em público. Você gosta da possibilidade de ser pego. Isso te deixa excitado, certo?"

"Com outra pessoa, não com você."

Ele puxou o cabelo dela, forçando sua cabeça para trás e cegando-a com as luzes do teto.

"Você vai pagar por isso, princesa", ele sussurrou contra sua têmpora. "Você não tem ideia do que se inscreveu." Ele esfregou seu clitóris, fazendo-a se contorcer e cravar as unhas no cetim esticado. "Isso é

meu, e eu vou usá-lo com frequência. Sempre que eu disser a palavra, você se abre. A qualquer hora, em qualquer lugar."

"Você não pode fazer isso", ela sibilou.

"Eu já estou fazendo isso. É isso que você tem desejado, princesa. Eu. Ninguém mais. Você não está no controle; eu estou."

Quando ele soltou o cabelo dela, ela caiu sobre os cotovelos no pufe. Seu corpo tremia como uma corda dedilhada. Seus sentidos elevados se concentraram no som de sucção que seu corpo estava fazendo enquanto agarrava os dedos dele. Ela podia ouvir a conversa e as risadas das mulheres na loja. Ela estava indignada, excitada e irritada.

"Você não pode fazer isso comigo!" ela disse enquanto seu corpo traiçoeiro balançava contra sua mão perversa.

"Você me deu direitos, Jasmine. Direitos no Colorado, direitos pelo telefone. Você se devolveu a mim, o que significa que você se rende."

"Contrato", ela ofegou, incapaz de criar frases coerentes naquele momento.

"Se você tivesse atendido minhas ligações, estaríamos discutindo isso no meu escritório e não em um provador."

Ela levantou a cabeça para encará-lo no espelho através de um olho enquanto o outro tremulava. Ele era tão bom em... Ela gemeu e então mordeu os lábios quando ouviu alguém dizer, "Você ouviu isso?"

Roth estava completamente imperturbável pela atmosfera, escândalo iminente ou audiência potencial. Seus olhos pretos e taciturnos lhe diziam que ele não dava a mínima. Nada iria pará-lo.

"Nós não estamos d-discutindo," ela gaguejou e agarrou a perna da calça dele novamente enquanto sua mente se fragmentava. "Roth."

Até ela ouviu o apelo inadvertido em sua voz e estava longe demais para se importar.

Ele se posicionou atrás dela. Ela ouviu o tilintar do cinto dele antes de sentir a cabeça do pau dele deslizando por sua umidade.

"Esta é a única maneira que conheço de me comunicar com você", disse ele.

Os olhos dele brilhavam maniacamente em seu rosto inexpressivo. A visão dele atrás dela com as mãos em seus quadris enquanto ela o sentia empalá-la fez seus seios doerem. Ela não deveria estar excitada. Ela não deveria estar encharcada, mas estava. Ela odiava esse cara, mas sua agressividade e arrogância trouxeram à tona algo nela que a fez querer se submeter. Seu corpo não se importava que ele a estivesse usando. Ele queria ser usado e dominado.

Sob as luzes implacáveis, ela podia ver as ondulações em suas nádegas enquanto ele começava a empurrar. Ela enrijeceu ao ouvir várias mulheres entrando no provador. Os olhos dele a desafiaram a fazer um som. Enquanto ele se esfregava contra ela, ela mostrou os dentes. Suas pernas não iriam segurá-la por muito mais tempo. Ela pressionou o rosto contra o pufe para não ter que vê-lo. Ela bloqueou o som das vozes das mulheres e se concentrou nas sensações. Não demorou muito. Sua frustração e raiva alimentaram sua luxúria enquanto a realidade do que elas estavam fazendo e com quem ela estava fazendo a empurrava para o limite. Ele a sentiu tensa e se plantou profundamente quando ela gozou. Ela abafou o pior de seus gemidos no pufe. Roth acelerou. Quando ela pôde ouvir acima do rugido surdo em seus ouvidos, ela ouviu seu gemido alto. Ele não estava tentando ficar quieto. As vozes femininas pararam abruptamente. Ele estava

perto. O rosto dele estava virado para o teto, e ele estava completamente perdido no momento. Ela chamou a atenção dele quando tentou se levantar. Ele a empurrou para baixo e tentou continuar a fodê-la, mas ela lutou até ficar de pé.

Ela o empurrou para o canto e agarrou seu pau, que vazava pré-sêmen. Enquanto ela o acariciava, suas mãos saíram e massagearam seus seios enquanto ele se concentrava em seus lábios. Quando ele soltou um gemido baixo, ela agarrou um punhado de seu cabelo e puxou sua cabeça para baixo para que pudesse cobrir sua boca com a dela. Ela fechou os olhos para evitar seu olhar investigativo e o beijou enquanto o trabalhava. No último segundo, ele cobriu a mão dela com a dele e apontou seu pau para sua vagina. Ela tentou engolir seu gemido alto enquanto o esperma quente encharcava sua calcinha. Quando ele terminou, ela deu um passo para trás. Seus olhos a seguiram enquanto ele recuperava o fôlego.

“Jasmine? Como você está?” A voz excessivamente educada de Dai veio de fora da porta do provador.

“Estou bem. Saio em um minuto,” ela gritou enquanto olhava feio para Roth.

Ele fechou o zíper da calça, passou a mão no cabelo e parecia repugnantemente equilibrado. Filho da puta.

Ela cerrou os dentes enquanto vestia seu vestido da Bloomingdale's. Não havia como ela sujar as roupas de alta costura de Dai com esperma. Ela se virou para o espelho e limpou o que restava de seu batom, alisou o cabelo e piscou rapidamente em uma tentativa de fazer seus olhos parecerem menos vidrados. Quando ela pegou suas roupas do chão e destrancou a porta, ele não tentou impedi-la. Quando ela saiu do provador, uma multidão de seis mulheres a cumprimentou. Mais espectadores olhavam da loja. Isso era humilhante de outro nível.

Houve uma pausa significativa antes que ela dissesse: "Estou pronta para ir embora".

“Aposto que sim”, Dai falou lentamente.

Ela sabia quando Roth decidiu fazer sua estreia, já que a atenção de todos se desviou dela.

Dai correu para frente com a mão estendida. “Daiyu Wu, uma grande fã,” ela respirou.

“Prazer”, ele resmungou.

Então, ele podia ser educado e cortês com os outros, mas não com ela. Ela saiu do provador e caminhou em direção ao balcão da frente enquanto a loja explodia em sussurros.

“Vou levar tudo isso”, ela disse enquanto empilhava suas roupas no balcão.

Dai e Roth conversaram sobre conhecidos mútuos. Ela não conseguia acreditar nos nomes que ele falava tão casualmente. Ele estava associado não apenas aos maiores jogadores de Nova York, mas também em escala global. Ele estava trabalhando horas extras para garantir que estava bem conectado. Não era de se admirar que ele tivesse conseguido comprar os outros parceiros da Hennessy & Co. Se esse era o grupo em que Roth estava jogando, ele poderia fazer o que bem entendesse.

Ela silenciosamente pediu para a vendedora se apressar, o que era uma causa perdida, já que a atenção da garota estava em Roth.

“Você tem uma loja linda”, ele disse enquanto caminhava em direção a ela com Dai ao seu lado.

Dai juntou as mãos e as pressionou contra a bochecha como uma garotinha. “Fico feliz que você tenha gostado. Sempre que qualquer uma de vocês precisar de alguma coisa, me ligue.” Dai abriu o zíper da pochete e entregou um cartão preto com letras douradas. “Tem meus números pessoais nele.”

Dai estava dando em cima de Roth enquanto seu esperma escorria pela perna dela. *Que. Porra* . Não que ela quisesse Roth, mas Dai não se importava que ela os tivesse flagrado transando na loja dela ou que Roth tivesse um relacionamento ferrado com a ex-esposa? Ela estava dividida entre dar um empurrão em Dai ou arranhar o rosto de Roth com as unhas. Claro, ela não fez nenhuma das duas coisas e observou sua escalada total com cada peça de roupa escaneada.

"Vou deixar isso com Jasmine", ele disse e estendeu o cartão para ela, uma resposta sutil que a fez olhar para ele.

O olhar dele estava nela, e como sempre, ela não conseguia ler sua expressão. Quando ela não pegou o cartão de visita, ele o deslizou em uma das bolsas dela e entregou ao vendedor seu cartão de crédito preto.

"Não, eu..." ela começou, mas o olhar cortante dele a fez parar. Se ele queria gastar uma fortuna com as roupas dela, tudo bem.

"Vou fazer algumas peças personalizadas para Jasmine. Você tem algum evento próximo?" Dai perguntou a ele.

Ela olhou feio para Dai. "Não vamos a nenhum evento juntos."

Roth pressionou-se contra ela enquanto se abaixava para assinar o recibo de crédito. Ela se afastou dele e viu Dai olhando para sua bunda. Ela acenou com a mão, e Dai piscou.

"É mesmo?" Dai perguntou casualmente enquanto fazia um V com os dedos e enfiava a língua entre eles atrás das costas de Roth. Jasmine arrastou o dedo pela garganta. Dai fez um movimento de estocada com os quadris e então apontou o dedo para ele e depois para ela, mas ela limpou a expressão quando Roth se virou.

"Bem, estou disponível para qualquer ocasião", disse Dai enquanto sacudia seu brinco de argola e piscava para ele.

"É bom saber", disse Roth.

"Senhorita Hennessy."

Ela se virou a tempo de ver Mo pegar suas malas.

"Ah, entendi", ela disse e estendeu a mão, mas ele saiu em direção a um Bentley familiar estacionado no meio-fio. "Ei!"

Uma grande mão envolveu a dela. "Tenho certeza de que nos veremos novamente, Daiyu," Roth disse.

"Sim. Nós deveríamos jantar! Jasmine tem meu número."

Antes que ela pudesse responder a isso com um "Claro que não", Roth a arrastou para fora do Black Jade. Pelo canto do olho, ela viu três homens disputando posição e sentiu seu coração afundar. Mais paparazzi. Ela levantou a mão para bloquear o rosto e não teve escolha a não ser se abaixar no banco de trás do Bentley enquanto Roth contornava o carro para entrar do outro lado.

"Você pode me deixar no meu hotel", ela disse e deu o endereço a Mo.

Ela se virou para Roth e apertou suas coxas trêmulas. Ela não sabia o que diabos tinha acontecido. Péssima ideia, pensar que ele não faria nada em público. Ele realmente não dava a mínima. Bem, ele não se importou desde o começo. Por que ele mudaria agora que era ainda mais poderoso? Sua mente enlouquecia sempre que ele estava por perto.

"Mo, estamos indo na direção errada", ela disse.

Nenhum dos dois homens disse uma palavra. Quando ela se virou para Roth, ele estava fazendo algo no telefone. Ele a ignorou enquanto o carro a levava para longe da segurança do hotel.

"Eu preciso de—"

Ele olhou para cima e a perfurou com seu olhar. "Precisamos conversar."

"Achei que tínhamos acabado de fazer isso", ela disse com os dentes cerrados.

Os olhos dele mergulharam nos seios dela e depois voltaram para os olhos dela. "Precisamos conversar mais."

"Contrato", ela sibilou para que só ele pudesse ouvir.

"Eu tenho isso."

"Por que você não me enviou?"

"Temos algumas coisas para discutir que eu não queria falar pelo telefone. Eu te passo quando chegarmos lá."

"Lá" era o número 432 da Park Avenue na Billionaire's Row, a menos de um quarteirão da Hennessy Tower, onde suas irmãs moravam. Quando os porteiros se aproximaram, ela se virou para Roth com os olhos arregalados.

"Não posso entrar aí com você! Pensei que íamos para o seu escritório! Eu—" Ela se calou quando ele saiu e bateu a porta.

"Uh, não, obrigada," ela disse ao homem que se ofereceu para ajudá-la a sair do carro. "Mo, me leve para—"

Roth estendeu a mão e a agarrou. Ele não foi gentil quando a tirou do carro. A equipe atenciosa, que era bem versada na elite de Nova York, não conseguiu esconder seu choque enquanto olhavam dela para Roth. Ele passou um braço em volta dos ombros dela e beijou sua bochecha.

"Faça uma cena e você vai se arrepender", ele alertou.

Ele a levou para um dos endereços mais exclusivos de Nova York. O impressionante saguão estava cheio de pessoas entrando e saindo. Ela desviou o rosto na esperança de, de alguma forma, passar despercebida, o que era ridículo considerando o quão grande Roth era. Eles estavam quase chegando aos elevadores quando o pior cenário aconteceu. Duas esposas dos sócios de seu pai pararam de repente ao vê-los. Ela tentou disfarçar o constrangimento com um sorriso e um aceno.

"Olá, Sra. Pearson, Sra. O'Leary."

Nenhuma das mulheres respondeu. Ela tentou se afastar de Roth, mas ele não permitiu. Quando estavam no elevador, ela sentiu como se tivesse morrido mil vezes e estava quase chorando. Ela não conseguia dizer nada com um membro da equipe no elevador com elas, mas no momento em que entraram na cobertura dele, ela arrancou a mão da dele e o empurrou com toda a força que tinha.

"Você está louco?" ela gritou. "O que diabos você pensa que está fazendo?"

"Acalme-se", ele ordenou.

"Foda-se a calma! Você me fode num provador na Madison Avenue, e depois me traz aqui! O que você está pensando? Se minhas irmãs descobrirem, elas vão—"

O elevador se abriu, revelando Sarai e dois carregadores com seus pacotes de Black Jade.

Sarai sorriu para ela. "Sra. Hennessy, é tão bom ver você de novo."

Ela engoliu sua ira e assentiu porque se abrisse a boca, ela iria perder a cabeça. Ele estava assumindo o controle novamente, atropelando-a, e ela não conseguia suportar.

“Eu te encontro no meu escritório,” Roth disse a Sarai enquanto dava gorjeta aos carregadores e pegava suas malas. “Venha.”

Ela não teve escolha a não ser segui-lo pela enorme cobertura. Ela imaginou escalar suas costas e colocá-lo em um mata-leão enquanto ele entrava em uma suíte master cercada por paredes de vidro e vistas de cair o queixo. Ele largou as malas dela na cama e gesticulou para o banheiro de conexão.

“Tomar banho. Tenho uma reunião com Sarai, e depois podemos conversar”, ele disse.

“Roth, você não pode continuar me arrastando para todo lugar.”

“É a única maneira de colocá-lo onde você deveria estar.”

“Kaia está aqui?”, ela perguntou, esperando por algum reforço. Ela estava pensando sobre a mãe dele, mas não ousou ligar para ela, sabendo que ela estava com Roth.

“Não, ela se recuperou e voltou para casa. Ela sentia falta de suas montanhas.”

No momento, ela daria tudo para estar em qualquer lugar, menos ali, até mesmo no congelante Colorado. “Você vai arruinar minha vida, não vai?”

Mesmo sob a luz forte do sol, seus olhos eram dois buracos negros implacáveis, sem nenhum traço de marrom.

“Isso depende de você. Tome um banho e depois me encontre no meu escritório.”

Ele saiu sem dizer mais nada. Filho da puta autocrático. Ele era frio como gelo, a menos que estivessem transando. Uma imagem dele no provador com a cabeça jogada para trás em êxtase passou pela mente dela, mas ela a afastou resolutamente.

A cama e o banheiro ficavam de frente para o sul. Ela conseguia distinguir o Empire State Building, o Chrysler e várias das estruturas azuis características de seu pai. Ela teve a sorte de ver a cidade de alguns pontos exclusivos, mas isso era outra coisa. O panorama dramático a deixou sem fôlego. Ela não tinha medo de altura, mas estava hesitante em caminhar em direção à parede de vidro, que estava nivelada com a lateral do prédio.

No banheiro principal havia uma elegante banheira em formato de ovo de onde se podia apreciar a vista, separar as vaidades dele e dela contra cada parede e um chuveiro de vidro com portas duplas que acomodava confortavelmente até quatro pessoas. Seu banheiro pessoal era abastecido como um hotel com toalhas enroladas e um roupão pendurado no armário. Quando ela tirou os olhos da vista, ela se despiu. Vários chuveiros removeram todas as evidências do que eles tinham feito no camarim. O vapor obliterou sua visão da cidade enquanto a água morna caía em cascata sobre seu corpo usado.

Parecia que tinha sido há uma vida que ela descobriu seu fetiche por fazer isso em público. Eles estavam caminhando para casa, e ela estava de bom humor e o provocava durante todo o jantar. Quando ela "acidentalmente" o agarrou, ele se cansou e a arrastou para um beco e a prendeu contra uma parede suja. Ela se tornou a iniciadora então, dizendo a ele em detalhes gráficos exatamente o que ela queria que ele fizesse com ela. Ele fez tudo e mais um pouco. Depois, ele a carregou pelo último quarteirão para casa porque suas pernas não estavam funcionando direito. Isso foi logo depois que eles se casaram e logo antes de ele se mudar para Londres. Ele provavelmente considerou aquele momento o fundo do poço, já que estava no meio de ver suas empresas ruírem. Mas para ela, essas eram suas memórias mais felizes. Ser rejeitada foi

libertadora para ela. Chega de expectativas, padrões e jantares chatos. Ela poderia ser quem quisesse ser e transar em um beco se quisesse. Ela pensou que estava deixando o escalão superior para trás, mas aqui estava ela... Naquela época, nunca lhe ocorreu quem Roth se tornaria. Ele era pior que o pai dela e ainda mais poderoso.

Ela vasculhou as roupas que comprou da Black Jade. Dai não tinha nada tão mundano quanto jeans, a menos que estivessem rasgados em pedaços, decorados com cristais ou ostentando franjas escandalosas. Ela vestiu uma saia longa que lhe caía como uma luva e o top curto (já que ela não precisava de sutiã para usá-lo). Para completar o visual, ela vestiu um casaco preto e branco que a fez se sentir como Cruella de Vil. Seus sapatos de camurça não combinavam mais, mas a saia era tão longa que eles apareciam apenas quando ela andava.

Secar o cabelo na altura dos ombros não demorou muito. Ela passou os dedos pelos fios. Ela deveria visitar seu cabeleireiro enquanto estivesse na cidade. Quando terminou de se preocupar, ela pegou seus pacotes e os carregou de volta pelo corredor até o saguão. Ela podia ouvir o estrondo da voz de Roth vindo de alguma sala em outro corredor, mas ela não foi até lá. Em vez disso, ela examinou seu covil, que era soberbamente feito em cores claras que faziam o espaço já enorme parecer ainda maior. A vista do Central Park daquela altura era deslumbrante. Era uma explosão de laranja bem no meio da cidade. Ao longo de uma parede havia assentos recortados na janela que formariam um recanto de leitura épico.

Na maior parte do tempo, ela preferia o campo pelo consolo e silêncio, mas isso era quente e acolhedor. Se ela tivesse uma escavação como essa, ela poderia ficar mais na cidade. Apesar de sua vastidão, parecia seguro e isolado e seu próprio mundo de tranquilidade, o que era irônico, considerando o proprietário.

O pai dela tinha a mão no mercado imobiliário, entre outras coisas. Ela sabia quanto valiam as coberturas das irmãs, mas isso era outro nível. O espaço, a vista, o tamanho... Essa coisa devia custar mais de oitenta milhões.

"Jasmim."

Ela pulou e o viu parado a menos de dois metros de distância.

"Venha", ele disse e se virou.

Ela o seguiu por um corredor forrado de obras de arte e entrou em seu escritório. Era tão grandioso quanto o que ela visitou no distrito comercial.

"Você usou o mesmo designer para os dois lugares?" ela perguntou distraidamente.

O escritório dele ficava de frente para o East River e o Oceano Atlântico. Era um dia lindo, e ela mal conseguia se concentrar, estava tão deslumbrada com as vistas.

"Isso é incrível", ela disse reverentemente.

"É um investimento."

O lábio dela se curvou. Era mais do que um investimento; era uma casa, mas os homens de negócios nunca se apegavam emocionalmente a nada que pudesse lhes render dinheiro. Ela andou pelo escritório dele e admirou várias peças interessantes.

"Venha, sente-se."

Ela enrijeceu. "Não sei de onde você tira essa ideia de que pode me dar ordens. Eu não entreguei minha vida a você."

“É sobre isso que precisamos conversar.”

Ele era intratável. Ela esperava outra coisa? Não querendo que ele colocasse as mãos nela novamente, ela se aproximou da mesa e sentou-se na ponta da cadeira. Involuntariamente, seus olhos voltaram para a vista até que um baque alto chamou sua atenção de volta para ele. Roth pousou a mão em uma pilha grossa de papéis. Ela olhou dele para a pilha e depois de volta para ele. A compreensão surgiu, e ela empalideceu.

“Esse é o contrato? Por que ele é tão grande? Vai levar alguns dias para meu advogado analisá-lo.”

Ele não disse nada. Ele apenas ficou ali, olhando para ela.

“O quê?” ela perguntou.

Ele empurrou os papéis para ela. Ela lhe lançou um olhar desconfiado antes que a curiosidade a vencesse. Ela se inclinou para frente, leu o título e quase caiu da cadeira. “Não.”

Ele não reagiu ao sussurro horrorizado dela.

“Um acordo pré-nupcial?” ela engasgou.

Ela se levantou de um salto e tirou a pilha de papéis da mesa. Eles caíram no carpete com um baque surdo.

“Como você ousa!”

“É sobre isso que precisamos conversar”, ele disse placidamente.

“Não há nada para falar! Casamento não entra nisso. Isso é sobre sexo e proteger minha família do seu esquema de vingança.”

Ele cruzou os braços e se empoleirou na beirada da mesa. “E como você acha que podemos continuar esse caso sem que as pessoas percebam?”

“Se você não tivesse me fodido em Black Jade e me levado pelo saguão, ninguém saberia que estamos envolvidos!”

“Você tinha paparazzi te seguindo hoje. Foi assim que eu te encontrei. E onde diabos está sua segurança? Não sei o que Lyle está pensando, deixando você vagar sozinha.”

“Lyle não é o responsável pela minha segurança, eu sou.”

“Isso explica muita coisa. Segurança não é opcional. Você pode estar em negação sobre seu status e o interesse do público em você, mas eu não. Como a filha que desistiu de seus direitos à fortuna Hennessy e que foge dos holofotes, você é mais interessante e notável do que suas irmãs. Em algum momento, alguém certamente nos verá juntas.”

“Por quê? Eu passo a maior parte do meu tempo no Tuxedo Park, e venho à cidade a cada duas semanas ou algo assim...”

Sua voz sumiu porque, pela primeira vez, ela conseguiu ler a expressão dele claramente. Ele estava olhando para ela como se ela tivesse perdido a cabeça.

“A cada duas semanas?”, ele repetiu. “Em vinte e quatro horas depois de te ver, eu te fodi cinco vezes e me masturbei duas vezes.”

Seu corpo formigava com a lembrança. Ela andava de um lado para o outro inquieta com os braços em volta de si mesma. “E daí?”

“Então não vou me controlar para transar com você a cada duas semanas.”

“Quando nos casamos, não nos víamos por meses a fio.”

“Nós morávamos em países diferentes e eu trabalhava 24 horas por dia.”

“Você ainda não trabalha 24 horas por dia?”

“Agora posso me dar ao luxo de reservar um tempo para fazer o que quero.”

Seu peito apertou. “Não posso me casar com você.”

“Não vamos ficar escondidos como fazíamos antes. Mais cedo ou mais tarde, as pessoas nos verão juntos, incluindo sua família. Imagino que você não tenha contado às suas irmãs sobre o nosso acordo?” Quando ela balançou a cabeça, ele disse: “Se elas decidirem ficar protetoras, isso causará drama desnecessário e atenção da mídia. Quero que apresentemos uma frente unida. Se nos casarmos, elas aceitarão, e a sociedade seguirá o exemplo delas.” Ele se levantou e enfiou as mãos nos bolsos. “Isso também me dá direitos legais sobre você, caso decida renegar nosso acordo.”

“Eu não renegaria!”

“Você desapareceu de mim muitas vezes. Se eu arriscar meu pescoço por suas irmãs, não vou aceitar meias medidas de você. Eu quero tudo.”

Ele pegou o acordo pré-nupcial, colocou-o de volta na mesa e empurrou-o na direção dela.

“Olhe para isso. Um ano. Eu te dou uma indenização generosa quando nos separarmos. Prometo não ir atrás da Hennessy & Co e até mesmo ajudar Colette a sair dessa rotina em que ela está. Por enquanto, eu mantenho o controle da Hennessy & Co até que restauremos a confiança das pessoas de que ela está no comando. Eu a direcionarei para alguns investimentos sólidos e, quando ela estiver de pé, eu a deixarei comprar minha parte.”

A proposta dele era muito generosa, mas, “Um ano?” Ela não conseguia entender esse período de tempo. “Achei que três meses no máximo... e apenas nos fins de semana”, ela disse fracamente.

Ele andou em direção a ela e segurou seu queixo. Ela estava chocada demais para dar um tapa na mão dele enquanto ele levantava seu rosto.

“Não o suficiente,” ele disse enquanto seu polegar roçava o lábio inferior dela. “Eu nunca perdi meu gosto por você. Eu acho que um ano deve ser tempo suficiente para tirá-la do meu sistema, e em troca, seu legado familiar continuará, e você nunca mais terá que se preocupar comigo.”

Era mais do que ela poderia esperar, mas... um *ano* ?

“Não será como da última vez”, ele disse calmamente.

“Vai ser pior”, ela sussurrou.

Ele não disse nada enquanto seus dedos se moviam para o cabelo dela e começavam a brincar com os fios. Ele ficou quieto enquanto ela tentava processar o que ele estava propondo.

“Quero ficar no Tuxedo Park”, ela sussurrou.

“Não. Você estará comigo.”

“Preciso escrever”, ela disse desesperadamente.

“Eu não vou interferir.”

Ele iria. Ela não conseguia pensar quando ele estava por perto. “Preciso de silêncio.”

“Você pode escrever aqui.”

Seu olhar voltou para a vista multimilionária. Ela não conseguia acreditar que estava contemplando isso, mas ela tinha escolha? “Mantemos nossos ativos separados?”

“Sim.” Ele inclinou a cabeça. “Por que você se importa com o acordo pré-nupcial? Você se recusou a tirar qualquer coisa de mim na primeira vez.”

Os segundos se passaram e então sua expressão ficou mais séria.

“Papai deixou alguma coisa para você, não é?”, ele perguntou suavemente. “É isso que você ia usar para comprar as ações de volta?” Ele balançou a cabeça. “Suas irmãs não merecem você.”

“Eles não deveriam ter que pagar pelos meus erros. Se não fosse por mim, vocês não teriam ido atrás da empresa.”

“Culpe Máximo.”

“Mas meu pai não teria escolhido você em primeiro lugar se não tivéssemos um caso.”

“Maximus fez muitos inimigos, princesa. Se não fosse eu, outra pessoa tomaria meu lugar. Suas irmãs pagarão pelos pecados do pai delas de uma forma ou de outra. Você tem sorte que eu intervim.” O dedo dele deslizou pela bochecha dela. “E eu tenho um incentivo para ajudá-las em vez de deixá-las se afogar. Você não deve nada a elas.”

“Então eu deveria ir embora agora mesmo e cancelar tudo isso”, ela blefou.

Ele se inclinou para que seus rostos ficassem a centímetros de distância.

“Mesmo que você não assine, toda vez que eu te vir, vou encontrar um jeito de te colocar de costas. Pelo menos, desse jeito, você vai tirar algo disso além de um clímax e material para seus livros.”

“Seu idiota!”

A mão dela balançou, mas não atingiu o rosto dele, pois ele a segurou pelo pulso.

“Você me quer mesmo que diga que me odeia. Eu lutei muito e arduamente por você, e você me deixou. Eu quero meu prêmio.”

“Você—” ela começou, mas parou quando ouviu o toque distante do seu celular. O telefone dela estava no modo não perturbe, o que significava que a pessoa que ligou tinha discado o número dela duas vezes em cinco minutos. Uma emergência. Colette.

Capítulo 14

E la se livrou do aperto dele e correu pelo corredor. Ela vasculhou as sacolas de compras até encontrar sua bolsa. Ela atendeu a ligação no último toque.

“Lyle? Ela está bem?”

“Ela vai ter o bebê agora. Chegue aqui,” ele gritou e desligou.

Ela não pegou sua bolsa ou sacolas de compras. Ela correu para o elevador e bateu a mão no botão antes de perceber que não estava funcionando.

“Roth!” ela rugiu.

“O que está acontecendo?” ele perguntou tão perto dela que ela pulou.

“Colette vai ter o bebê. Preciso estar lá agora! Chame o maldito elevador.”

Ele digitou alguns números no teclado enquanto falava ao telefone: “Traga o carro”.

Ela entrou no elevador e então mandou uma mensagem para Ariana enquanto desciam. Ariana também estava a caminho e tinha deixado as crianças com uma babá. Rami ainda estava fora do país. Desta vez, quando ela andou pelo saguão, ela não se importou com quem a viu. Tudo o que ela se importava era chegar lá a tempo. Deus, ainda era muito cedo...

Mo sentou-se ao volante de um SUV dessa vez. Ela correu em direção à janela aberta do passageiro e deu o endereço antes de subir no banco de trás. Quando Roth entrou, ela olhou para ele.

“O que diabos você está fazendo?”

"Estou chegando."

"Não, porra, você não vai."

Ele se inclinou para frente e deu um tapinha na divisória de vidro fumê que dividia a frente da parte de trás. Mo se afastou do meio-fio.

“Estamos preparando o terreno agora”, disse Roth enquanto digitava em seu telefone. “As fotos dos paparazzi ajudarão nossa história.”

“Eu não concordei!”

“Você vai. Você fará qualquer coisa pela sua família.”

Ela não conseguia acreditar na autoconfiança dele. “A única razão pela qual estou pensando no seu acordo idiota é por causa da Colette. Ela entrou em trabalho de parto prematuro ontem por causa do estresse, por *sua causa* ! Ela está tão preocupada com Hennessy & Co que está colocando a vida dela e do bebê em perigo. Se não fosse por isso, eu diria para você se foder.”

Seus olhos se estreitaram. “Esse estresse vem de ser um CEO, não só de mim.”

“Mas você iniciou a aquisição e então se recusou a falar com ela. O que você achou que aconteceria?”

“Não é meu trabalho me preocupar com a oposição. Todo mundo sabe que sua irmã não tem se mostrado tão bem ultimamente. Ela tem perdido constantemente que a notícia se espalhou.”

Ela cortou o ar com a mão. “Você não pode entrar de repente em um momento como esse. Esta é a vida real. Esta é minha família.”

Ele agarrou a mão dela. “Nós apresentamos uma frente unida, Jasmine.”

Ela olhou para ele. “Como você pode ser tão sem coração?”

"Prática."

Ela se afastou. “Não posso lidar com você agora. Só quero ter certeza de que minha irmã está bem e que Polara está saudável.”

“Polar?”

“Minha sobrinha.”

“Nome interessante.”

Quando chegaram ao hospital, ela saiu correndo do carro. Roth a acompanhou enquanto entravam na maternidade. Enquanto ela recebia instruções para o quarto de Colette, Roth recuou, pelo que ela ficou grata. Ela não precisava que ele interferisse em um momento como esse. Quando ela se aproximou do quarto, uma equipe médica saiu, e ela parou na soleira. Lyle e Ariana estavam de pé, um de cada lado de Colette, que estava sentada na cama com um pequeno embrulho nos braços. Colette levantou a cabeça. Seu rosto brilhava de suor, mas foi a expressão de espanto atordoado em seu rosto que fez Jasmine correr para frente.

"Ela está aqui?" ela sussurrou e se pressionou contra o lado de Ariana para que ela pudesse ver.

O embrulho na dobra do braço de Colette tinha os olhos abertos e olhava ao redor com os olhos semicerrados. Polara tinha uma boca pequena em forma de botão de rosa e nem um fio de cabelo em sua cabeça perfeita. Jasmine colocou os punhos sob o queixo para se impedir de agarrá-la e sufocar sua nova sobrinha com beijos.

"Estávamos pensando em chamá-la de Maxine para o papai", disse Colette.

Ariana colocou a mão sobre a boca e assentiu porque não conseguia falar.

"Polara Maxine," Jasmine disse e balançou a cabeça. "Putá merda. Ela parece um terror."

"É melhor você acreditar", disse Lyle enquanto pegava sua filha e começava a andar pela sala.

"Aconteceu tão rápido", disse Colette fracamente.

Colette estava emocionalmente abalada e tentando desesperadamente manter a compostura. Jasmine conteve um sorriso e esfregou o braço.

"Está tudo acabado agora."

Colette respirou fundo, trêmula, e acenou com a mão na frente do rosto enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. "Não sei o que há de errado comigo."

"Hormônios", Ariana disse com simpatia e entregou-lhe um lenço de papel.

Os olhos de Colette seguiram Lyle por um momento antes de dizer: "Lyle, eu a quero."

Colette, a sargento instrutora de cabeça fria, estava desesperadamente apaixonada, e era uma visão linda. Ariana saiu do quarto quando seu telefone tocou. Jasmine observou Lyle devolver o bebê para Colette. Ele pressionou sua testa contra a dela e sussurrou para ela enquanto acariciava seus cabelos. O coração de Jasmine se apertou com uma felicidade dolorosa. Ela deu um passo para trás para dar a eles um momento.

Os últimos dois meses foram uma montanha-russa de provações, mas isso... Isso era bom e puro. Polara começou uma nova fase para todos eles. Ela estava tão envolvida no momento que não percebeu que Ariana estava de volta até que agarrou seu braço e a arrastou para fora da sala.

"Ariana, o quê—?"

"Ele está aqui. Acabei de vê-lo," Ariana sibilou.

"Quem?"

"James Roth!"

Os sentimentos calorosos em seu peito começaram a se dissipar. "Ele é?" Ela esperava que ele já tivesse ido embora.

"O que ele está fazendo aqui?"

Ela lambeu os lábios. "Ele... eu..." Ela deu a si mesma um tapa mental de vadia. "Eu estava na Madison Avenue e o encontrei na Black Jade. Você conhece a loja do Dai?"

Ariana piscou. "Sim, eu sei."

"É, então Dai e eu estávamos nos atualizando, e ele apareceu, e então recebi a ligação, então ele me trouxe aqui," ela disse o mais casualmente possível. Ela não estava mentindo, apenas mexendo com a linha do tempo e não contabilizando tudo no meio.

As sobranceiras de Ariana se juntaram. "Vocês estão bem? Eu pensei..."

"É, estamos bem", ela mentiu e sentiu seu jorro de alegria se amassar em uma bola e afundar no fundo do estômago. A realidade era uma merda. "Eu não sabia que ele ainda estava aqui. Vou dizer para ele

ir embora.”

Ariana agarrou seu braço. “Colette me disse que Roth está disposto a falar conosco.”

“Sim”, ela disse cautelosamente.

“Talvez eu deva ir com você e ver quais termos ele quer negociar.”

O estômago dela embrulhou. Ela ainda não tinha assinado o acordo pré-nupcial. Ele não negociaria até que ela o fizesse. “Não acho que seja o momento certo. Além disso, Colette quer estar lá também.”

Ariana hesitou e então assentiu. “Você está certa.” Ela segurou a bochecha de Jasmine. “Obrigada por falar com ele em nosso nome. Você não sabe o quanto isso significa para nós.”

Ela deu um sorriso fraco para Ariana enquanto sua irmã voltava para a sala de parto. Ela olhou pela janela para sua família antes de andar pelo corredor. Roth estava sozinho em uma pequena sala de espera. Ele andava pela sala com o telefone no ouvido. Ele a viu e parou, observando-a através do vidro.

Roth era destrutivo, egoísta, emocionalmente abusivo e inflexível diante de probabilidades imbatíveis. Ele não era o mesmo homem com quem ela se casou. Aquele homem era reservado, mas não frio. Maximus o endureceu, ou ele sempre foi assim e ela ignorou? O homem que a observava através do vidro tinha uma qualidade distante, semelhante à de Hannibal, proibitiva o suficiente para fazer qualquer pessoa sair embora. Em vez disso, ela ficou lá enquanto ele continuava a ligação, os olhos fixos nos dela.

Eles tinham um vício doentio um pelo outro. Começou no momento em que se conheceram e não tinha diminuído nem agora. Naquela época, ela se entregou a ele sem reservas, ingenuamente acreditando que ele a amava. Ela deu desculpas para ele até que aquela noite em Londres a forçou a encarar a verdade. Ela nunca planejou se casar novamente. Uma vez era o suficiente. Ela não queria se preparar para a dor que vinha ao se entregar a alguém e ficar aquém. Ela não tinha um filtro quando se tratava daqueles que amava. Um exemplo disso, o quanto ela estava disposta a ir por suas irmãs e o que ela havia desistido para estar com Roth pela primeira vez. Ela era idiotamente leal e construída para proteger... mas quem a protegeria de Roth desta vez?

Ele desligou o telefone e o colocou no casaco. Ele não foi até ela; ele apenas esperou. Ele havia orquestrado tudo isso com a precisão de um coronel militar. O que mais ele tinha na manga? Um relógio invisível estava correndo, forçando-a a decidir. Ela poderia fazer isso? Colocar-se à mercê dele? Ela tinha escolha? Se ela fosse embora, eles perderiam tudo pelo que seu pai e avô trabalharam tanto. A vida continuaria, mas eles nunca seriam capazes de reconstruir enquanto Roth tivesse uma posição em Nova York. Ele havia virado o jogo contra eles e, como da última vez, ela estava presa no meio. Um ano e tudo estaria acabado. Ela celebraria sua liberdade na festa de primeiro aniversário de Polara.

Ela entrou na sala de espera, que estava cheia de revistas e tinha um cheiro estranho e desagradável.

“Preciso de férias”, ela anunciou.

Ele franziu a testa. “Com licença?”

“Época de férias”, ela disse secamente. “Todo mundo tira férias enquanto trabalha, certo? Eu quero um mês de férias.”

“Se você precisar de férias, nós as tiraremos juntos.”

“Você? Férias?” Antes que ele pudesse responder, ela dispensou as perguntas. “Não, estou falando de um tempo longe de você se eu precisar... me recuperar.”

“Recuperar?” ele repetiu com uma carranca.

Ela rolou as mãos enquanto tentava encontrar uma maneira educada de dizer que a presença dele era sufocante. Não só isso, mas ela tinha certeza de que precisaria de tempo para fortalecer suas paredes. "Se eu precisar de uma pausa mental... ou até mesmo uma física se você exagerar." Ela tomou analgésicos por dois dias seguidos depois que voltou do Colorado.

"Eu nunca te machuquei."

Ela cruzou os braços. Isso foi uma mentira do caralho. Ele a destruiu há cinco anos.

"Algumas viagens de trabalho você virá comigo, mas outras eu posso ir sozinho", ele disse. "Qualquer hora que você quiser, você precisará aproveitar minha agenda."

Ela torceu a faixa do casaco enquanto dizia baixinho: "Você não pode me chamar de prostituta."

Esse era um limite rígido para ela. Ela podia ser uma no sentido bíblico, mas jogar isso na cara dela quando ele a chantageava... Não. Ele já tinha pisoteado todo o orgulho dela, mas ela não era um saco de pancadas. Ela era uma pessoa foda, e uma vez, ela tinha sido uma esposa de verdade (na mente dela), e ele não tinha permissão para zombar dela por isso.

Ele assentiu.

Ela torceu as mãos enquanto tentava pensar em qualquer outra coisa. "Sabe, se a gente só dissesse que estamos namorando, talvez a gente conseguisse se safar. Não tem necessidade de casar."

"Ex não namoram."

"Talvez sim", ela argumentou, embora ele tivesse razão.

"Pessoas em famílias como a sua não namoram. Você namora com intenção e então se casa. O casamento cala todo mundo, e eu não quero ninguém questionando nosso relacionamento. O casamento é claro, legal e se encaixa no nosso acordo pré-nupcial."

Não havia como discutir esse ponto, mas... "Se você se cansar de mim antes do ano acabar, se você quiser sair, então o que acontece?"

Os olhos dele passaram por ela antes de dizer: "Se isso acontecer, você cumpriu sua parte do acordo. Eu ainda cumprirei todas as minhas obrigações."

"E se você ficar bravo comigo", ela disse timidamente, "você não pode atacar ou ameaçar ir atrás da minha família".

Ele diminuiu a distância entre elas e segurou sua nuca.

"Você está planejando me deixar bravo?" ele perguntou.

"Não, mas eu vou. Há muita merda entre nós para vivermos em harmonia."

Ele enterrou o rosto no cabelo dela e inalou. "Você usou meu xampu."

Ela agarrou a lapela dele. "Roth, concentre-se."

"Depois que você assina, nós dois mantemos nossas partes. Sem renegação, não importa o que aconteça no meio do caminho."

Havia um pôster na parede sobre antibióticos e asma. Ela olhou para ele por alguns segundos e respirou fundo, sentindo o cheiro dele. Ela virou o rosto para o pescoço dele e o sentiu enrijecer.

"Você cheira como eu", ela disse e tentou se afastar, mas a mão em sua nuca a impediu.

"Algo mais?"

Ela olhou para a garganta dele enquanto tentava pensar.

"Vou oficializar", ele rugiu. "Vou falar com Colette e fazer o dia dela ainda melhor do que já é."

"Você é um bastardo arrogante."

"Mas eu estou certa, não estou? Sua irmã vive e respira negócios, assim como eu. Ela pode ser mãe agora, mas nunca vai parar de se preocupar com a empresa ou com o que as pessoas pensam dela. Pesa sobre ela, ter que manter sua reputação como uma Hennessy e se defender contra seu marido. Maximus escolheu Lyle para estimulá-la."

Ela ficou chocada com sua análise precisa.

Ele massageou sua nuca enquanto vários segundos passavam. "Eu conheço sua família melhor do que você pensa. Eu sei o quão próxima você é de Lyle, que você costumava vê-lo quando eu estava em Londres. Ele vai ser o maior problema. Suas irmãs vão acreditar em você porque elas querem, mas ele não vai."

Ela estava tão focada em como isso a impactaria que não considerou o fato de que teria que agir pelo bem de sua família e fazê-lo de forma convincente. "Meu Deus. Isso não vai funcionar."

"Vai", ele disse. "Você concorda?"

Ela olhou para cima, seu olhar colidindo com os olhos diabólicos dele. "Eu tenho escolha?"

"Não. Você concorda?"

Seu coração batia forte contra suas costelas enquanto ela lutava contra seu bom senso e sussurrava: "Sim".

Os olhos dele passaram por cima da cabeça dela e voltaram para os dela. "Hora do show."

"Que porra é essa?"

Ela pulou e girou. Lyle estava parado na porta, e ele parecia furioso. Ele avançou para dentro do quarto e estendeu a mão para ela.

"Minnie, venha", ele disse imperiosamente.

A mão em sua nuca apertou, mas ela não precisava do aviso.

"Está tudo bem, Lyle", ela disse.

Ele balançou a cabeça. "Não, não é. Roth, solte-a."

Roth se inclinou e beijou sua têmpora. "Você quer contar a ele as boas novas, princesa?"

"Boas notícias?" Lyle cuspiu. "Não é bom se envolve você. Minnie, eu quero falar com você."

"Vamos nos casar de novo", Roth anunciou, e seu coração disparou.

"Não, porra nenhuma", Lyle retrucou.

"Você parece Maximus." Roth parecia divertido.

Ela deu uma cotovelada na lateral do corpo dele.

Lyle apontou um dedo para ele. "Maximus me disse que se alguma coisa acontecesse com ele, você apareceria, e aqui está você, porra."

"Ele sabia que não importava quanto tempo demorasse, eu a traria de volta, e ela finalmente concordou", disse Roth.

Ela olhou para cima enquanto ele acariciava seu cabelo. Ela não sabia que ele era um ator, mas, por outro lado, ele a havia enganado antes, então por que ela estava surpresa?

"Porra, Minnie, você sabe que ele não é bom para você", disse Lyle.

A preocupação dele era fácil de ler, e ela se sentiu uma merda. Quando ela ia até ele, Roth se abaixou, acariciou sua têmpora e a lembrou baixinho, "Frente unida."

"Quando isso aconteceu?" Lyle perguntou.

“No Colorado e isso vem acontecendo desde então”, disse Roth sem rodeios.

Ela queria pisar no pé dele. Ele tinha que contar tudo? Deus!

“Isso é verdade, Minnie?” Lyle perguntou.

A mão em sua nuca parecia um laço. “É.”

Lyle passou a mão pelos cabelos. “Quando é o casamento?”

“Nós—” ela começou, mas Roth a interrompeu.

“Dentro de algumas semanas.”

Ela estremeceu, mas ele disfarçou o movimento trazendo-a contra seu corpo.

“Não queremos esperar, não é, princesa?” ele perguntou.

Ela abriu e fechou a boca e não disse uma palavra. Casamento?

“Esperamos que Colette esteja recuperada até lá, para que todos vocês possam comparecer”, Roth disse suavemente. “Queremos incluir a família dessa vez e consertar as coisas.”

Que porra ele estava fazendo? A família dela não fazia parte do acordo. Eles não tiveram um casamento na primeira vez — eles tinham um juiz — então por que seria diferente dessa vez?

“Min, suas irmãs sabem?” Lyle perguntou.

Ela balançou a cabeça.

“Por que você não nos contou?”

“Eu... eu sabia que isso iria agitar o passado, e eu queria manter isso em segredo o máximo possível, mas...”

“Mas não vamos nos esconder como da última vez”, Roth concluiu.

Lyle suspirou. “Você tem certeza sobre isso?”

Ele não conseguia esconder seu ceticismo, e ela não podia culpá-lo. Ela estava muito além de sua cabeça.

“Sim”, ela disse com uma confiança que não sentia.

Lyle sacudiu o polegar por cima do ombro. “É melhor você contar para suas irmãs. Preciso falar com Roth.”

“Lyle.”

“Isso é conversa de homem, Min.”

Quando Roth a soltou, ela caminhou em sua direção. Embora ele estivesse parado como um soldado pronto para a batalha, ela o abraçou.

“Eu não queria te machucar”, ela disse calmamente.

Os braços dele a envolveram. “Você não fez isso. Eu só queria que fosse qualquer outra pessoa.”

Eu também, ela pensou. Ela saiu da sala de espera. Ela parou no corredor e olhou para eles através do vidro. Ambos estavam observando-a, mas Roth comandou sua atenção. Ele não se importava que Lyle estivesse prestes a criticá-lo. Não importava o que ele enfrentasse, ele sempre se mantinha firme e nunca vacilava. Antigamente, ela o admirava por essa característica, mas agora, isso fazia seu estômago revirar. Ele nunca pararia, nunca desistiria. Esta era a única maneira de proteger sua família dele. Ele passaria a vida punindo sua família por tentar proteger um dos seus. Um ano e tudo isso acabaria.

Quando ela entrou no quarto de Colette, ela encontrou suas irmãs arrulhando sobre Polara que dormia profundamente nos braços de sua mãe. Ela parou no pé da cama e se esforçou para encontrar as palavras

certas.

“Minnie?”

O tom preocupado de Ariana fez seus olhos arderem com lágrimas. Ambas as irmãs a observavam, claramente percebendo que algo estava acontecendo. Ela queria confiar nelas e desabafar seus medos, desejos e necessidades, mas elas não entenderiam. Seu relacionamento com Roth era um emaranhado de luxúria, raiva, amargura e satisfação envolto em uma história de chantagem, manipulação e silêncio. Embora ela se odiasse por isso, ela ansiava pelo que Roth poderia lhe dar, e suspeitava que fosse o mesmo para ele. Nenhuma delas queria a outra, mas elas não conseguiam se conter. O sexo tinha sido uma força motriz em seu relacionamento desde o início, e sete anos depois, nada havia mudado. Seus corpos não se importavam com sua história ruim. Pelo próximo ano, elas saciariam sua luxúria uma pela outra, e esperançosamente, ela acabaria e morreria. Em troca, sua família estaria segura, e ela nunca mais teria que lidar com ele.

Ela colocou um sorriso no rosto e levantou os dois braços em um encolher de ombros culpado enquanto anunciava: "Vou me casar".

"Você é o quê?" Ariana engasgou.

O sorriso satisfeito desapareceu do rosto de Colette. “Roth?”

Ela cruzou as mãos atrás das costas enquanto tentava pensar em algo para dizer.

"Eu dormi com ele no Colorado", ela deixou escapar e imediatamente desejou poder voltar atrás quando os olhos deles se arregalaram.

“O quê?” A voz de Colette estava escandalizada.

Ela ficou na linha entre fato e ficção. “Estamos nos vendo de vez em quando desde então. Ele está tentando me convencer a dar outra chance a ele, mas eu achei que era muito complicado de resolver. Eu não sabia que tudo isso estava acontecendo com Hennessy & Co. Ele mantém negócios e pessoais separados, então quando você me contou sobre isso, eu fiquei puta. Quando me encontrei com ele, nós conversamos.”

“E?” Colette sondou.

"Ele ainda estava focado em retribuir o passado do papai, mesmo que ele tivesse partido", ela disse, dando de ombros e tentando agir como se esse fosse um comportamento normal, quando não poderia estar mais longe da verdade.

“Era o que eu suspeitava”, Colette disse calmamente. “Papai não deveria ter ido atrás dos negócios dele ou virado tantas pessoas contra ele.”

Jasmine piscou. Isso foi inesperado.

“Agora, o que ele pensa?” Colette insistiu.

“Ele percebe que não pode me ter e ainda buscar vingança, então... ele vai ajudar.”

Houve um silêncio zumbidor.

“Ele vai ajudar você a recuperar suas perdas e provavelmente deixar você comprá-lo por um preço ridiculamente inflacionado no futuro.” Ela juntou as mãos atrás das costas. “Eu... eu acho que é um bom negócio, certo?”

Ariana e Colette se entreolharam, se comunicando em sua linguagem secreta. Ela não sabia dizer se estavam aliviadas ou insultadas.

“Ele está fazendo isso por você?” Ariana parecia atordoada. “Ele deve realmente amar você.”

Seu peito doía de tanto segurar todas as coisas que ela queria dizer, mas não conseguia.

“Você realmente vai resolver as coisas? Depois de tudo que aconteceu?”

Ela assentiu.

“Por que casamento?”, perguntou Colette.

“Ele quer fazer as coisas direito dessa vez”, ela disse com a voz rouca.

“Uau”, Colette disse e se sacudiu um pouco. “Se é isso que você quer, nós te apoiaremos.”

A aquiescência fácil de sua irmã foi surpreendente. Durante toda a sua vida, ela desejou ouvir essas palavras de sua família, e quando finalmente recebeu o apoio que ansiava, foi por uma farsa. Uma voz cínica no fundo de sua mente se perguntou se eles seriam tão receptivos se Roth não tivesse uma participação controladora na Hennessy & Co. Ela afastou a voz desagradável enquanto Ariana lhe dava um abraço.

“Parabéns! Estávamos preocupados com você morando sozinha no Tuxedo Park. Sei o quão próximos você e papai eram. Espero que Roth lhe dê o que você precisa.”

“Eu também”, ela sussurrou.

“Talvez seus livros tenham causado impacto nele,” Ariana refletiu. “Talvez ele faça as coisas de forma diferente dessa vez.”

Ele definitivamente estava fazendo as coisas de forma diferente. Ele estava começando com chantagem. Ela ficou aliviada quando Polara se mexeu, distraindo-os de suas núpcias iminentes. Ela teve uma chance com o bebê e enterrou o rosto contra o recém-nascido que cheirava a novos começos e sol. Ela tinha acabado de devolvê-la a Colette quando a porta se abriu e Lyle e Roth entraram.

Vê-los juntos foi surreal. Além da função onde se conheceram, ela nunca tinha visto Roth com seus familiares. Seus mundos estavam colidindo, e ela não gostava disso.

O maxilar de Lyle estava cerrado e seus olhos estavam fixos em Roth, que não demonstrava sinais externos de raiva ou angústia.

“Parabéns”, Roth disse a Colette, que conseguiu parecer majestosa mesmo uma hora depois de dar à luz. Suas costas estavam eretas como uma vara, e mesmo sem maquiagem, ela estava um arraso.

“Obrigada”, disse Colette e olhou para Jasmine enquanto dizia: “Parece que você também merece parabéns.”

“Obrigado.”

A conversa estranha e excessivamente educada deles a fez querer se contorcer. Roth não demonstrou sinais de que estava desconfortável com a tensão na sala. Ele andou em direção a ela. Ele não tentou dar uma olhada no bebê ou mesmo fingir interesse em Polara. Homens, em geral, não eram conhecidos por se preocupar com bebês, mas agora ela sabia que Roth não se importava com crianças. Foi um momento infeliz para ela se lembrar de sua vasectomia quando ele estendeu a mão para ela. Desgraçado.

Ela ignorou a mão estendida dele e foi até a cabeceira de Colette para fazer ooh e aah sobre Polara enquanto ela bocejava. Quando ela olhou para cima, viu Lyle e Colette observando-a atentamente e interiormente xingando. Ela estendeu a mão para trás, e a mão musculosa dele fechou-se em volta da dela.

“Quando é o casamento?” Lyle perguntou secamente.

“Ainda temos alguns detalhes para resolver. Manteremos você informada”, disse Roth enquanto passava a mão pelas costas dela e então agarrava seu quadril. “Temos que ir. Tenho algumas reuniões para ir.”

Colette assentiu. “Mantenha-nos informados.”

"A tia vai ver vocês mais tarde esta semana, ok?" ela murmurou para Polara antes de abraçar Colette e Ariana.

"Me ligue se precisar de alguma coisa", Lyle disse enquanto ela o beijava no rosto.

Ela assentiu e se irritou interiormente quando Roth agarrou sua mão e a levou para o corredor, longe dos olhares curiosos de sua família. Ele ligou para Mo e disse para ele trazer o carro. Embora os corredores estivessem lotados, Roth abriu caminho facilmente. Ela andou ao lado dele, olhando para frente. Estava feito. Ela havia concordado, e sua família estava a bordo. Um peso pesado estava em seu peito. Era a mesma sensação que ela teve depois que seu pai morreu.

"O que suas irmãs disseram?" ele resmungou.

"Você estava certo. Eles fizeram algumas perguntas, mas eles queriam acreditar, então eles acreditaram."

"Bom."

"Você é bom em prever as reações das pessoas", ela disse.

"Faz parte do meu trabalho."

"Você sabia que eu concordaria", ela disse.

"Sim."

Quando ela tentou soltar a mão dele, ele a segurou com mais força.

"Deixe-me ir, Roth."

"Não."

Ele a tirou do hospital. O confiável Mo estava no meio-fio. Ele parou no ato de sair do assento do motorista quando Roth abriu a porta para ela. Ela subiu e o observou dar a volta para o lado oposto. Por que ele não sentou na frente?

"Park Avenue", ele disse a Mo antes de fechar a porta.

"Quero ser deixada no meu hotel", ela disse. Ela precisava de um quarto escuro e de se enfiar debaixo das cobertas e esquecer o que tinha combinado.

"Não."

Ela virou a cabeça e viu Roth observando-a. "Você não pode me dizer não. Ainda tenho algumas semanas de liberdade."

"Você concordou verbalmente, mas tem que assinar."

"Não até que meu advogado analise."

"Me dê as informações deles. Nós as enviaremos por fax."

Seu estômago se revirou quando ela puxou as informações do advogado no telefone. Roth ligou para Sarai para que o acordo pré-nupcial fosse enviado por fax, forçando-a a ligar para o advogado e explicar o que diabos estava acontecendo.

"Quero voltar para o meu hotel", ela disse novamente depois de terminar a ligação.

"Suas coisas foram transferidas para Park Avenue."

Sua boca caiu. "O quê? Por quê?"

"Você concordou."

"Vinte minutos atrás! Quando você deu essa ordem?"

"Antes de ir buscá-lo na Madison Avenue."

“Eu não tinha concordado!”

“Eu sabia que você faria isso.”

Ele era um babaca tão arrogante! “Ainda preciso ir para o hotel. Meu carro está lá.”

“Você não precisa de um carro. Ou Mo ou Johan serão designados para levá-lo aonde você precisa ir.”

“Meu advogado levará pelo menos um dia para analisá-lo, talvez dois—”

Os olhos dele se estreitaram. “Está feito, Jasmine. Pare de lutar comigo.”

“Preciso de um tempo antes—”

“Você teve tempo. Cinco anos disso.”

As paredes estavam se fechando ao redor dela. “Me dê mais uma noite.”

“Não. Você tem o hábito de desaparecer.” Os olhos dele se desviaram para os lábios dela antes de voltarem para os olhos dela. “Isso não vai acontecer de novo.”

“Preciso das minhas coisas do Tuxedo Park. Assim que meu advogado analisar o acordo pré-nupcial, voltarei para Nova York e assinarei.”

“Não.”

“Preciso do meu laptop!”

Ele encolheu os ombros para olhar o relógio antes de rolar para baixo da divisória e dizer: “Tuxedo Park”.

“Não preciso que você me deixe lá”, ela disse enquanto a divisória voltava ao lugar. “Você tem reuniões.”

“Eu tenho tempo.”

Ele nunca tinha arranjado tempo para ela no passado, então por que agora? Trezentos e sessenta e cinco dias com o ex-marido. Como ela iria manter a farsa? “Por que você disse a eles que faríamos um casamento?”

“Porque nós somos.”

“Por que?”

“Casamentos sempre impactam os negócios, e este vai mandar uma onda de choque por Wall Street. Tiraremos fotos do nosso casamento para mostrar a todos que a rixa acabou e que somos aliados.”

Assim como da última vez, ele estava misturando negócios e pessoal e se beneficiaria dessa aliança de mais de uma maneira. Em termos de negócios, se ele ajudasse as irmãs dela a recuperar a empresa, ele lucraria financeiramente quando elas o comprassem por mais do que ele pagou pelas ações. Estar associado a uma Hennessy lhe daria acesso aos seus extensos contatos. Combine isso com Rami e Lyle, e Roth tinha uma arena totalmente nova para jogar e seria indestrutível. Sem mencionar que ele a tinha em sua cama... Não havia desvantagens para ele, mas havia uma porrada de merda para ela.

“Como isso funciona?” ela perguntou.

“O que?”

Suas unhas cravaram-se em suas coxas enquanto ela tentava suprimir suas emoções. “Nós. Até onde vamos com isso? Onde está o limite?”

“Não há fila.”

“Tem que haver uma linha. Regras...”

Ele estendeu a mão e agarrou a mão dela. “Respire.”

Ela torceu a mão para fora da dele. “Regras, Roth.”

“Olhe para mim.”

Ela não queria. Ela também não queria que ele a tocasse. Ela não sabia em que direção ele a empurraria em seguida. Ele mudou de babaca psicótico para cavalheiro educado em um piscar de olhos. Ele era um camaleão, adaptando-se facilmente àqueles ao seu redor enquanto a conduzia para uma gaiola dourada. O fato de ele ter assumido tão facilmente a vida dela em poucos dias a assustou. O que ele queria dela?

“Jasmim.”

“Só me diga.”

Ele puxou o cabelo dela, um movimento brincalhão que a surpreendeu a ponto de se virar para ele. Olhos negros se fixaram em avelã.

“Você cumprirá todos os papéis como minha esposa. Você vai a eventos comigo, viaja comigo, me fode.” Ele segurou o queixo dela enquanto se inclinava. “Nenhum outro homem. Se eu ao menos vir você olhar para outro homem, eu vou...”

Ele passou o polegar sobre o lábio inferior dela e balançou a cabeça.

“Simplesmente não faça isso.”

Dedos acariciaram seu maxilar e depois sua garganta.

“Temos história, a maior parte dela ruim, mas isso é passado. Começamos daqui.”

“Começar o quê?” ela perguntou.

“O que teríamos se Maximus não tivesse nos separado.”

“Papai não me fez te deixar,” ela disse calmamente. “Você fez.”

Um músculo saltou em seu maxilar, mas sua carícia permaneceu leve.

“Eu estava puto com seu pai, e descontei em você. Não vai acontecer de novo.”

Ela não acreditou nele. “Limites, Roth.”

“Uma coisa que nenhum de nós gosta são regras”, ele disse pensativamente. “Seu pai lhe deu um ultimato, e você se opôs a ele. As pessoas me dizem não, e eu reajo da mesma forma. Você e eu somos mais parecidos do que você pensa.”

“Até onde devemos levar isso?” ela perguntou.

“Pegar o quê?”

“O ato.”

Seus olhos se estreitaram. “Agir?”

“O PDA. O que você estava fazendo no hospital.” Ela deu um tapa na mão dele que vagava. “O que você está fazendo agora.”

“Você acha que é uma encenação?”

“O que mais é? Você não era assim antes.”

Ele se inclinou. Ela cerrou os punhos no colo enquanto resistia à vontade de recuar.

“Passei cinco anos sem você e então você me deu sinal verde no Colorado. Você é melhor do que eu me lembrava. Uma provada e eu estou viciado, pior do que antes.”

A mão dele pousou no peito dela com precisão infalível. Ela caiu para trás para se afastar dele, e ele a seguiu, prendendo-a contra a porta. Seus olhos escuros estavam queimando e famintos.

“Estou me masturbando pensando em você há três semanas.” A mão dele apertou dolorosamente em volta do seio dela. “Você quer saber por que casamento? Eu quero direitos legais sobre você. Eu quero você à minha mercê. Eu quero que todos saibam que estou transando com a princesa Hennessy. Eu quero que aqueles garotos da fraternidade saibam que eles nunca estarão onde eu estou. Eu quero que Maximus se revire no túmulo.”

“Sai de cima de mim!”

“Você me quer também. Você admitiu. Você tem sonhos molhados comigo.”

"Cale-se!"

“Você gosta de como eu dou a você. Você gosta quando eu assumo, quando eu te forço a se curvar. Você foi feita para mim. Ninguém se encaixa em mim como você.”

A cabeça dele abaixou, e quando ela virou o rosto, ele a forçou a ficar parada para o beijo. A língua dele exigiu entrada e lambeu a dela. Quando ele se afastou para examiná-la com os olhos de pálpebras pesadas, ela ofegou por ar.

Ele deixou sua testa cair sobre a dela e inalou. “Um ano de você. Esse é meu preço para me impedir de reivindicar minha vingança. Seu pai me fez escravo por sete anos. Você será minha por um.” Ele pressionou um beijo casto contra seus lábios pulsantes. “Certamente, isso é justo?”

“Não é.”

Ele estalou a língua. “A vida não é justa, princesa. Você já deveria saber disso.”

“Deixe-me levantar”, ela sussurrou.

O peso dele desapareceu. Ela ficou no lugar, tentando encontrar forças para mover seus membros pesados.

"Eu não sou seu inimigo", ele disse enquanto a ajustava no assento e a prendia com o cinto. "Eu sou a única coisa entre suas irmãs e o resto dos lobos que gostariam de ter uma chance de derrubá-las do trono."

Enquanto ela tentava pensar em algo para dizer, ele enfiou a mão no bolso para pegar o telefone e atendeu, mesmo que ela não tivesse ouvido o toque.

“Roth,” ele disse e fez uma pausa. “Você tem os números para mim?”

Ela olhou pela janela sem ver porcaria nenhuma. Ele podia mudar de sexo para negócios num piscar de olhos. Por que ela não podia ser assim? O batimento cardíaco dela não tinha voltado ao normal, e ele estava cuspidando números como se tivesse uma folha deles na frente dele.

Ela ouviu seu pai mencionar Roth uma vez de passagem antes de conhecê-lo. Roth fez seu primeiro milhão antes de se formar na faculdade. Ele era um gênio com dinheiro e tinha um talento especial para escolher as empresas certas para investir. Ele era um gênio matemático com memória fotográfica. Sendo criada em torno de seu pai, que tinha um conjunto semelhante de habilidades, ela sabia o que esperar. Suas mentes estavam sempre pensando em algum problema, sempre pesquisando e analisando. Ligações frequentes, reuniões intermináveis, não estavam mentalmente presentes. Quanto mais trabalhavam, mais energia tinham. Seu pai tinha dificuldades em relacionamentos, evidenciado por seus dois casamentos fracassados e três mães de bebês. Homens como eles não sabiam como desacelerar e se cansavam das coisas rapidamente. Roth não era diferente. Ela suspeitava que parte de seu apelo ainda vinha de uma necessidade

de superar seu pai recuperando a filha de seu inimigo. Talvez depois que estivessem casados por alguns meses, a novidade de tê-la de volta passasse, e ela estaria livre.

Capítulo 15

Quando chegaram à propriedade, ela deixou Roth no carro. Ela perdeu a conta de quantas ligações ele havia recebido. Como ele conseguiu reter todas essas informações sem anotar nada era um mistério.

Suas mãos tremiam enquanto ela arrumava uma mala. *Este não é o fim do mundo*, ela disse a si mesma. Isso era temporário, não era grande coisa. Depois que ela carregou sua mala escada abaixo, ela entrou na biblioteca. Ela desviou o rosto ao passar pela mesa de seu pai. Ela podia imaginar sua fúria se ele soubesse que ela estava quebrando sua promessa a ele. Ela não só tinha posto os olhos em Roth, mas também tinha fodido com ele, e agora ela estava legalmente se vinculando a ele mais uma vez. Roth estava certo. Seu pai provavelmente estava se revirando em seu túmulo, mas que escolha ela tinha?

Ela estava em sua mesa quando Roth entrou na biblioteca. Vê-lo cruzar a soleira do santuário que ela dividia com seu pai era como se ele estivesse profanando solo sagrado.

"Estou quase terminando", ela disse secamente.

Ele a ignorou e olhou ao redor. A maneira como ele estava avaliando o lugar a deixou irritada. Ela podia imaginá-lo calculando o que conseguiria pela propriedade. Não havia a mínima chance de ele colocar as mãos no castelo dela. Ela garantiria que o acordo pré-nupcial protegesse seus bens.

Ele andou em direção às janelas enormes e olhou para Tuxedo Lake. Ela terminou de arrumar os últimos cadernos e canetas favoritas.

"Estou pronto."

Quando ele não se moveu, ela verificou as mesas laterais para ver se havia deixado algo lá. Thea obviamente tinha passado para limpar, já que os lenços usados e as garrafas de água tinham sumido.

"Não era isso que eu esperava", disse ele.

Ela não tinha certeza do que ele queria dizer com isso. "É o lar," ela disse simplesmente.

Ele assentiu. "Eu posso ver isso."

Um pouco da tensão aliviou-se dela. "É um lugar especial."

"Devíamos ter a cerimônia aqui."

Ela enrijeceu. "Não."

"Por que não?"

"Porque." Depois que eles se divorciassem, ela voltaria para cá. Ela não queria que o lugar fosse abarrotado de pensamentos sobre ele ou sobre o casamento falso deles.

"Por quê?" ele insistiu.

"Tenho certeza de que podemos encontrar algum lugar na cidade", ela disse.

Ele a examinou por um longo momento. "Você não gosta de mim no seu espaço, não é?"

Obviamente.

O canto da boca dele se curvou. “Que pena, princesa.”

Ela soltou um rosnado quando ele beijou sua testa e pendurou a bolsa do laptop no ombro.

“Não vamos deixar isso acontecer aqui, Roth!” ela gritou enquanto ele saía da biblioteca.

Quando ele não respondeu, ela correu atrás dele. Ele pegou a bagagem dela ao sair pela porta. Mo pegou as coisas dela e as colocou no porta-malas.

“É só isso?” Roth perguntou a ela.

“Por enquanto, mas—”

“Entrem.”

Ela abriu a boca para discutir, mas ele entrou no carro e bateu a porta. Ela correu para o lado dela e entrou.

“Não deveríamos ter um casamento. Papai acabou de falecer e agora isso? Vai parecer...” Ela procurou a palavra certa. “Cafona!”

“Está ficando com medo, Jasmine?”

Ela torceu as mãos no colo. “Não quero fazer um escândalo sobre isso.”

“Você nunca gostou de ser o centro das atenções, não é?” Ele balançou a cabeça. “Você não tem escolha. Vamos ter um casamento, e sua família estará presente. Você usará um vestido digno de um Hennessy, e o cenário será um que somente a elite reconheceria. Tuxedo Park... Dinheiro antigo, exclusivo, privado. Uma imagem vale mais que mil palavras, e nossa foto de casamento será melhor do que qualquer declaração que qualquer um de nós pudesse dar.”

Ela entendeu, mesmo que desejasse não ter entendido. Sua mente deslizou em uma dúzia de direções.

“Peça para Daiyu fazer seu vestido.”

Sua boca se abriu.

“Ela disse que estaria disposta a te vestir para qualquer evento.”

Instantaneamente, sua mente foi para o vestido de sonho no manequim. Era de tirar o fôlego, mas não para ela. Não seria certo reivindicar aquele vestido para um casamento falso... “Eu vou encontrar alguma coisa.”

“Se você não ligar para ela, eu ligo.”

Ela fez uma careta. “Eu não posso escolher meu próprio vestido?”

“Não se você for usar preto.”

Ela olhou pela janela.

“Faça isso, Jasmine.”

“Ela está ocupada e suas coisas custam uma fortuna”, ela murmurou.

“Dinheiro não é problema.”

Ele não estava satisfeito em ter acesso ao corpo dela. Não, ele queria laços legais, e ainda estava pressionando por mais. Uma cerimônia com a família dela presente, um vestido de noiva... Seu estômago apertou.

“Lyle queria saber se há um acordo pré-nupcial”, ele disse calmamente.

“Claro que sim.” Ela se virou para ele. “O que você disse?”

“Não tenho interesse no que Maximus deixou para você.” Ele inclinou a cabeça. “Quanto o papai deixou para você, Jasmine?”

Ela não disse nada.

“Seus bens precisam ser revelados no acordo pré-nupcial. Se você não me contar agora, eu descubro depois.”

Ela debateu por um momento antes de revelar: “Seus ativos restantes, que incluem imóveis e algumas ações, valem mais de trezentos milhões.” Ela levantou uma sobrancelha. “Isso teria comprado as ações de volta?”

Ele deu de ombros. “Talvez.”

“Você tem interesse em vender?”

A mão dele pousou na coxa dela. “Não.”

Ela deu um tapa na mão dele, mas ele não a retirou. “É muito dinheiro.”

Ele a examinou por um momento antes de dizer: “Para cada cem milhões que você tiver, eu lhe darei dez bilhões.”

“O que?”

“Trabalhar como um cão compensa”, ele disse calmamente. “Seu advogado vai aconselhá-lo a pedir um acordo maior.”

Ela fechou os olhos e caiu contra o assento quando a magnitude do poder que ele exercia a atingiu. Ela estava fodidamente ferrada. “Não vou pedir nada.”

“Você receberá cem milhões no final do ano.”

Os olhos dela se abriram de repente. “O quê? Por quê?”

“É esperado.”

“Eu não preciso disso!”

“Você vai ficar com ele.”

“Vou doar para caridade.”

“Faça o que quiser com isso. Enquanto isso, não toque na sua herança. Enquanto estiver comigo, eu pago o seu caminho.”

“Guarde seu dinheiro, Roth. Você vai precisar dele para a próxima mulher que comprar.”

“Vamos ver se você é tão corajoso esta noite.”

A mão dele alisou a coxa dela e então voltou para descansar perto demais da virilha dela para ser confortável.

“Ainda não assinei o acordo pré-nupcial.”

“No Colorado, não havia contrato, e você se abriu muito para mim.”

“Isso foi antes de eu lembrar que babaca você é.”

“Eu posso ser”, ele concordou. “Ser legal não me levou a lugar nenhum na vida.”

Ela abriu a boca para responder, mas as próximas palavras dele a impediram.

“Mas agora tenho tudo o que quero, então vou tentar.”

Ela ficou aliviada quando ele atendeu outra ligação para que ela pudesse fortalecer seus escudos. Ela não podia deixá-lo atingi-la. Ele era um valentão e chantagista e estava disposto a derrubar empresas com milhares de funcionários por sua necessidade mesquinha de vingança. Ele podia bancar o cara legal às vezes, mas ela não podia se permitir esquecer que ele a havia destruído uma vez. Ela não o deixaria fazer isso de novo.

Desesperada por uma distração, ela se refugiou em seu mundo de ficção. O novo enredo que ela descobriu na noite passada ainda pulsava com vida, mas estava ficando mais escuro a cada segundo. Muita merda da vida real. Se ela não encontrasse tempo para escrever, sua ideia escaparia, e ela estaria perdida novamente. Ela queria seu laptop, fones de ouvido com cancelamento de ruído e algumas horas para fazer algum progresso.

Ela tentou explorar seu enredo, mas não conseguia pensar sem uma caneta na mão. Ela não percebeu que estava rabiscando em sua perna com o dedo até que Roth deixou cair um pequeno livreto e uma caneta em seu colo. Ele parecia absorto em seu telefonema, mas o caderno e a caneta sugeriram algo diferente. *Isso não significa nada*, ela disse a si mesma novamente enquanto folheava ansiosamente as páginas listadas com figuras, siglas e nomes. Suas anotações pareciam fórmulas matemáticas de um cientista louco. Quando ela encontrou uma página nova, ela começou a escrever.

Quando eles pararam na 432 Park Avenue, ela estava completamente imersa em sua história. Ela saiu do SUV e foi parada por Roth.

“Tenho uma reunião em Boston”, disse ele.

“Ok”, ela disse distraidamente.

“Há um restaurante onde você pode pedir ou um chef cinco estrelas de plantão para o jantar. Não sei quando voltarei.”

Quando ela tentou se afastar, ele passou um braço em volta da cintura dela e a puxou para si.

“Beije-me”, ele ordenou.

Ela olhou para cima, os olhos estreitados. “Você não pode simplesmente exigir—”

Ele cobriu a boca dela com a dele. Ele a arrancou do mundo fictício e a jogou de volta no mundo real com tanta velocidade que ela se sentiu tonta. Quando ele separou a boca da dela, ela ficou excitada e irritada, sabendo que ele não faria nada a respeito.

“Não se incomode em vestir nada para dormir”, ele disse antes de voltar para o SUV.

Ela o observou ir embora antes de se virar e encontrar Johan e uma pequena multidão observando-a. Ela limpou a garganta e marchou para o saguão. Johan a seguiu, sobrecarregado por todos os seus pertences. Porra, Roth. Ele estava tentando mexer com a cabeça dela.

Johan não disse uma palavra enquanto andava de elevador com ela. Quando chegaram à cobertura, ela entrou na sala de estar enorme e ficou encantada com o pôr do sol.

“Sra. Hennessy?”, disse Johan.

“Jasmine,” ela disse calmamente.

“Jasmine, você precisa de alguma coisa de mim?”

Ela se virou e viu que suas malas tinham sumido. “Onde estão minhas coisas?”

“Eu os coloquei no quarto principal. A governanta já desempacotou suas coisas que trouxemos do hotel.” Quando ela fez uma careta, ele deu um passo em direção ao corredor. “Eu deveria...?”

“Não, tudo bem. Vou movê-los. Obrigado.”

Ele apontou para um telefone. “Meu número está no bloco de notas, junto com o do restaurante. Pressione zero se quiser pedir alguma coisa e número dois para a governanta. Ela tem um apartamento no prédio e está de plantão.”

Ela assentiu. “Obrigada.”

Ele inclinou a cabeça e entrou no elevador. Ela se empoleirou no assento da janela e observou o sol se pôr. Um dia fez uma grande diferença. Polara havia nascido, e agora estava noiva do ex-marido. Ela tirou o telefone do bolso e ligou para Colette.

“Como você está?” ela perguntou.

“Estou exausta. Mal posso esperar para sair daqui,” Colette disse cansada.

“Como está o dínamo?”

“Dócil”, disse Colette. “Estou agradavelmente surpresa.”

“Ela está fingendo.”

Colette riu. “É o que Ariana continua me dizendo.” Ela fez uma pausa. “Como você está?”

“Tudo bem. Nós vamos ser vizinhos.”

“Nós somos?”

“Roth mora na 432 Park Avenue.”

Uma pausa e então, “Droga”.

“Um dos andares mais altos. Achei que já tinha visto o melhor de Nova York, mas essa vista vale qualquer preço ridículo que ele pagou por ela.”

A voz de Colette caiu para um sussurro. “Você tem certeza, Minnie? Casamento?”

Roth podia ser um babaca de primeira classe e definitivamente era ruim para seu bem-estar mental e emocional, mas ela podia fazer isso. “Sim.”

“Lyle não está feliz.”

“Eu sei.”

Colette suspirou. “Ele vai superar isso.”

“Espero que sim. Só queria saber. Como está sua pressão arterial? Está tudo bem?”

“Eles podem me manter por mais um dia.”

“Ok, bem, mantenha-me informado e envie-me fotos do Polara.”

“Vai fazer.”

Ela desligou e foi para a suíte master. O closet de Roth era tão grande quanto os apartamentos da maioria das pessoas e projetado com cantos e fendas personalizados. As roupas que ela havia comprado na Bloomingdale's e na Black Jade estavam penduradas no lado oposto do closet de um cabideiro de ternos de Roth. Eles eram todos implacavelmente pretos e pendurados com precisão militar. Ele tinha uma gaveta de gravatas e relógios e um exército de sapatos polidos. As peças coloridas de Daiyu eram uma explosão de cor no closet monótono. O caderno do hotel onde ela havia esboçado sua última ideia estava em uma prateleira de vidro. Ela colocou o caderno debaixo do braço antes de pegar as coisas que havia trazido do Tuxedo Park e colocá-las no quarto de hóspedes. Depois de pegar seu laptop, ela foi para a cozinha, que tinha a melhor iluminação.

Ela sentou-se na ilha enorme em um banco almofadado e apoiou seu caderno contra uma tigela de frutas enquanto começava a digitar o que havia escrito na noite passada. Quando terminou, foi até a geladeira e selecionou uma água com gás e limão e pegou o telefone fixo e discou zero.

“Sra. Hennessy, o que posso fazer por você?”

A voz fria e assexuada do outro lado da linha a fez pular. O telefone nem tocou.

“Olá?”

“Sra. Hennessy, sim, o que posso fazer por você? O Sr. Roth disse que você viria para o jantar. O que podemos preparar?”

Ela olhou ao redor. “Não vejo um menu, então não tenho certeza do que você tem.”

“Tudo o que você quiser, nós faremos, Sra. Hennessy.”

Ela franziu os lábios. “Ok, posso comer salmão grelhado com purê de batata e couve de Bruxelas?”

“Será enviado assim que estiver pronto. Alguma sobremesa?”

“Hum, não, tudo bem. Obrigada.”

“O prazer é nosso, Sra. Hennessy.”

Ela colocou o telefone de volta no gancho e olhou para ele por um momento. Uau. O 432 Park Avenue estava fazendo a coisa certa. Ela já tinha sido tratada com um serviço excelente antes, mas este era o próximo nível. Enquanto esperava sua comida chegar, ela tomou banho e se trocou.

Ao caminhar de volta para a sala de estar principal, mais uma vez, ela foi atraída pela vista. A noite havia caído, e a cidade de Nova York se estendia abaixo dela. Ela estava tão acostumada a estar no meio do labirinto de prédios que olhar para eles daquela altura era inquietante.

Ela estremeceu quando o elevador apitou. Uma mulher vestida com um uniforme branco saiu do elevador com um carrinho prateado.

Ela sorriu. “Srta. Hennessy?”

Ela assentiu.

“Eu tenho seu jantar. Se precisar de alguma coisa, estamos disponíveis 24 horas por dia.”

“Obrigado.”

“Aproveite seu jantar.”

E tão rapidamente, a mulher entrou no elevador e foi embora. Jasmine balançou a cabeça. Ela poderia se acostumar com isso. Ela se sentiu culpada por pedir para Thea cozinhar para apenas uma pessoa, mas isso era perfeito. Ela empurrou o carrinho para a cozinha e descobriu sua refeição. Estava tão artisticamente empratada que ela teve que tirar uma foto antes de comer. Entre mordidas de peixe que derretiam em sua língua, ela ditou as anotações que havia feito durante a viagem de carro e então começou a trabalhar.

Ela apertou as teclas timidamente. Seu olhar vagou pela cozinha e então para a vista magnífica antes de bater mais um pouco. Quanto mais ela escrevia, melhor ela se sentia até que todas as suas emoções se esvaíram, deixando-a agradavelmente vazia. Quando sua visão ficou turva e seu pescoço ficou tenso de tanto se curvar sobre seu laptop, ela olhou para o relógio. Duas da manhã.

Ela fechou o laptop e cambaleou pelo corredor. Não estava a fim de procurar pasta de dente no banheiro de hóspedes, então foi até o banheiro de Roth e usou o dele. Não precisava acender nenhuma luz quando tinha a cidade como luz noturna.

Ela caminhou sobre o piso aquecido até o quarto de hóspedes e deslizou para baixo das cobertas. O edredom era tão pesado que parecia seu cobertor pesado no Tuxedo Park. Os lençóis tinham um cheiro cítrico e doce. Ela inalou profundamente e sorriu enquanto se aconchegava.

S

Eu mundo virou de cabeça para baixo. Ela gritou e estendeu as mãos para se apoiar, mas elas pedalararam pelo ar vazio.

“Eu não te disse para não usar nada para dormir?”

Sua mente nublada mal teve tempo de deduzir a quem pertencia aquele estrondo profundo quando ela estava caindo novamente. Ela soltou um grito abafado ao pousar em algo macio. Mãos grandes agarraram os tornozelos de seu moletom e os arrastaram para fora de suas pernas. Ela gemeu quando sua carne quente tocou lençóis frios. Um corpo úmido rastejou sobre ela e agarrou a frente de sua camisa. O brilho prateado das luzes da cidade ricocheteou nas feições rígidas de Roth.

“Não—” ela começou um momento antes que ele puxasse e botões voassem em todas as direções. “Droga, Roth!”

Ele enterrou o rosto no pescoço dela, e ela sibilou, irritada.

“Você está molhado!”

“Acabei de sair do chuveiro”, ele disse enquanto chupava o pescoço dela.

“Que horas são?”

“Hora de foder.”

Ele não deu tempo para ela se preparar. Ele deslizou para dentro dela e não parou quando ela gritou e arrastou as unhas pelas costas dele. Ele ronronou e roçou beijos no rosto dela enquanto ela o xingava. Ele balançou lentamente para dentro e para fora dela até que ela se acalmou. Ele olhou para ela enquanto a fodia, comandando sua atenção sem dizer uma palavra. O desejo floresceu dentro dela, e suas mãos deslizaram pelos braços dele até o cabelo úmido. Bêbada de luxúria e ainda meio adormecida, ela agarrou um punhado de seu cabelo e puxou até que ele abaixou a cabeça. Suas bocas se fundiram. Ele plantou os punhos em ambos os lados dela enquanto seu ritmo mudava. Ela gemeu, incitando-o. Ele começou a se mover mais rápido, mais áspero. Ela sussurrou o que precisava contra os lábios dele, e ele deu a ela, cutucando-a para o clímax. Ele forçou as pernas dela a se enrolarem alto em volta da cintura dele enquanto ele se saciava, fazendo a bunda dela pular no colchão macio até ele gozar, gritando o nome dela nos lençóis e inundando-a com esperma. Ela acariciou o pescoço dele enquanto ele caía sobre ela. Ele se inclinou para o lado e a ajustou contra ele. Ele disse algo enquanto afastava o cabelo dela do rosto, mas ela já estava voltando a dormir.

J

asmine olhou de soslaio para o ambiente. As cortinas brancas transparentes não eram um obstáculo para a luz do sol escaldante. Ela gemeu e rolou. Seu olhar descontente percorreu o quarto. Ela estava na suíte master de Roth. Ela se sentou e olhou para seu corpo nu. Fragmentos de seu encontro sexual deslizaram por sua mente.

Ela rolou para fora da cama e passou sua camisa rasgada no caminho para o banheiro. Roth não estava lá. Talvez ele já tivesse ido trabalhar. Se era assim que o ano seria, ela definitivamente poderia lidar com isso. Que garota não ficaria feliz com serviço de quarto, uma ótima foda e excelente Wi-Fi? Ela tomou banho e vestiu um roupão porque estava com preguiça de vasculhar suas coisas. Sua história estava na frente e no centro de sua mente. Tudo o que ela queria era café e seu laptop. Ela estava vasculhando os armários da cozinha procurando por café e filtros quando alguém disse seu nome.

"Jasmim."

Ela deu um pulo e girou com um grito para encontrar Roth parado na porta, vestido com um terno e uma gravata de seda azul-marinho. Ela pressionou uma mão no peito e caiu contra o balcão.

"Você quase me deu um ataque cardíaco!"

Quando ele se aproximou, ela o olhou cautelosamente. Ela piscou quando ele a beijou.

"Manhã."

"Olá," ela disse sem jeito e então se pressionou contra o peito dele para ter um pouco de espaço para respirar. "O que você está fazendo aqui?"

"Eu moro aqui."

Ela fez uma careta. "Você não mora no seu escritório? Que horas você voltou ontem à noite?"

"Você já parece uma esposa."

Ela se afastou dele. "Estou procurando um café."

"Chame o serviço de quarto."

Ela fez a ligação, e aquela voz assexuada mais uma vez a cumprimentou. Foi só quando a operadora perguntou se ela queria café da manhã que ela pediu aveia. Como Roth estava ali, observando-a, ela perguntou se ele queria alguma coisa. Ele balançou a cabeça. Quando ela desligou, ela disse: "Essas pessoas são incríveis."

"Incrível é o que eu pago", ele disse e encolheu a manga para olhar o relógio. "Meu avião sai em duas horas. Faça uma mala. Tenho negócios na Alemanha e quero você comigo."

Ela olhou para ele. "Você não pode estar falando sério."

"Parece que estou brincando?"

"Mas... eu nem desempacotei."

"Bom. Você não precisa. E por que você estava dormindo no quarto de hóspedes?"

"Precisamos do nosso próprio espaço."

Ele gesticulou ao redor deles. "Não é espaço suficiente?"

"É! Mas por que usar o mesmo quarto quando há tantos?"

"Não daremos nada para a equipe falar. Dividiremos o mesmo quarto."

"Ok, mas não posso ir para a Alemanha."

"Por que?"

Ela apontou para seu laptop. "Estou no flow! Finalmente!"

"Você pode escrever enquanto eu trabalho."

Ela lutou por mais desculpas. "Quero ver Polara, e meu advogado pode me ligar para assinar." Quando ele ainda não pareceu convencido, ela acrescentou: "E você não quer que eu ligue para Dai sobre a coisa do vestido?"

Ele levantou uma sobrancelha. “Coisa de vestido?”

Ela fez uma careta e acenou com a mão. “Você sabe...” Ela não queria dizer “casamento” porque tornaria muito real. No momento, sua mente estava permitindo que ela flutuasse parcialmente na realidade e parcialmente na ficção, então ela não estava nem aqui nem ali, e era assim que ela queria ficar.

Ele inclinou a cabeça enquanto a examinava. “Você está diferente hoje.”

“Eu escrevi ontem à noite.”

Os olhos dele se voltaram para o laptop dela. “O livro cinco está chegando?”

Ela enrijeceu. “Sim.”

“Você já descobriu o que acontece com meu personagem?”

Ela se inclinou contra a ilha e cruzou os braços. “Uma prostituta armada com uma faca corta seu pênis, e você sangra até a morte em um motel sujo no Vietnã?”

Ele caminhou em sua direção e se inclinou para sussurrar em seu ouvido: “Você não quer decepcionar seus fãs, quer?”

Ela o empurrou. “Este é meu livro, não seu!”

Ele deu um tapinha na bunda dela. “Estarei em casa logo. Não se acostume a ficar para trás. No futuro, você viajará comigo.”

“Sim, claro, tanto faz.”

Ele agarrou a bunda dela. “Da próxima vez que eu voltar para casa, quero você nua na minha cama, entendeu?”

“Sim.”

Ela estremeceu quando ele a soltou.

“Ligue para Dai. Me avise se tiver alguma dúvida sobre o acordo pré-nupcial. Precisa de alguma coisa de mim?”

Quando ela balançou a cabeça, ele levantou seu queixo para um beijo profundo.

“Entrarei em contato.”

Com isso, ele embarcou no elevador. Ela ficou ali por vários segundos antes de deixar todas as perguntas zumbindo de lado e checar seu telefone. Havia várias atualizações de Colette, que estava sendo mantida no hospital por mais um dia, e várias fotos adoráveis de Polara. Quando o café da manhã foi entregue, ela se sentou na ilha, que estava rapidamente se tornando seu lugar favorito.

A manhã passou num borrão enquanto ela escrevia rápido e furiosamente, determinada a continuar sua sequência. Quando ela fez uma pausa, ela checkou seu e-mail e cuidou de alguns negócios. Quando ela não conseguiu mais adiar, ela ligou para Dai.

O telefone tocou uma vez e então ela ouviu: “Finalmente”.

“Dia?”

“Deixei pelo menos três mensagens de voz para você.”

“Você fez? Por quê?”

“Por quê?” Dai ecoou perigosamente. “Você tem a coragem de foder na minha loja e nem me ligar para me dar os detalhes sujos? É o mínimo que você pode fazer, especialmente porque ele não está interessado em garotas chinesas loucas.”

Ela revirou os olhos enquanto andava de um lado para o outro na cozinha. “Tenho um trabalho para você.”

“Não tente me distrair! Você me diz que terminou com aquele seu ex lindo e então transa com ele no meu camarim.” Dai respirou fundo e então soltou o ar. “Eu poderia gozar só de lembrar como ele soava. Eu amo um homem que faz barulho. Diga que ele tem o corte do Brad Pitt em *Troy*. Ou se não tiver, minta para mim. Ou melhor ainda, diga que ele não se cansa de você e te fode por toda Nova York.”

“Dai,” ela disse bruscamente. “Saia dessa. Eu quero falar de negócios.”

“E eu quero falar sobre sexo.”

“Aquele vestido de noiva na loja é o único que você tem?”

Houve uma pausa e então: “Cale a boca.”

Ela franziu a testa, afastou o telefone do ouvido e o colocou de volta. “Com licença?”

“Cale -se !”

“Eu só perguntei—”

“Você vai *se casar novamente* ?”

Ela esfregou as têmporas. “Esse é o único vestido que você tem ou não?”

“O que importa? Eu posso fazer um personalizado para você.”

“Não tenho tempo.”

Outra pausa. “Você está grávida?”

“Não, e não ouse espalhar esse boato.”

“Mas você *vai* se casar?”

“Você tem mais vestidos ou não?” ela retrucou.

“É o único que está completo. Em quanto tempo estamos falando?”

“Semanas.”

“Pare com isso”, disse Dai categoricamente.

Ela tamborilou os dedos no balcão enquanto pensava no que pedir para o almoço.

“Por favor, me diga que você está brincando”, disse Dai fracamente.

“O que?”

“Venha aqui agora mesmo.”

Ela franziu a testa. “Mas eu—”

“Agora!”

A linha caiu. Ela olhou para o telefone por um momento e então suspirou. Tudo o que ela queria fazer era escrever, mas agora ela tinha que provar um vestido de noiva falso para fotos de casamento falsas. Ugh.

Ela discou para Johan, que atendeu no primeiro toque. “Preciso falar com Black Jade em Madi—”

“Estou subindo”, ele disse.

“Posso encontrá-lo no saguão.”

“Subo em um minuto”, ele insistiu.

Ela vestiu jeans preto e uma blusa e acrescentou o sobretudo de vinil cor de cereja de Dai, que a fez se sentir uma durona. Quando ela entrou na sala de estar, Johan estava parado na frente do elevador.

“Eu poderia ter te encontrado lá embaixo”, ela disse.

“Não precisa, Srta. Hennessy”, ele disse enquanto digitava no teclado.

“Roth não me deu o código. O que é?”

As portas do elevador se abriram, e ele gesticulou para que ela entrasse. “Mo está trazendo o carro, senhora.”

Ela entrou e estreitou os olhos para ele. “O código, Johan.”

Ele olhou para frente. “Qual é o endereço para onde estamos levando você?”

Quando ela invadiu seu espaço, ele enrijeceu. “Você está falando sério, não vai me contar o código?”

Ele se afastou dela e manteve o rosto virado para o outro lado. “Sra. Hennessy, acho que isso é algo que você precisa falar com o Sr. Roth.”

Ah, ela faria. Ele não tinha dado o código para ela, então ela não podia sair. Que babaca. O que ele achava que ela faria? Quando o elevador abriu no saguão, ela mandou uma mensagem para Roth.

Eu: Qual é o código do elevador?

Johan abriu a porta do Bentley, e ela deslizou para o banco de trás. Ela olhou para os dois guardas no banco da frente.

“Vocês dois estão designados para mim?” ela perguntou.

“Sim, Sra. Hennessy”, disse Mo.

“Quem está com Roth?”

“Os outros.”

“Quantos de vocês são?”

“Tantos quantos ele precisar.”

Ela se recostou balançando a cabeça e verificou suas mensagens. Seu correio de voz estava completamente cheio, e ela deixou assim. Ela mandou uma mensagem para Colette, que disse que estava descansando e não se sentindo bem. Suas redes sociais estavam fora de controle, mas ela fez o melhor que pôde para responder às mensagens e agradecer aos leitores que estavam gostando de seu trabalho enquanto Mo parava no meio-fio em frente à Black Jade. Ela pegou a mão de Johan e pisou na calçada enquanto terminava sua correspondência. Ela estendeu a mão para a maçaneta da porta e puxou. Nada aconteceu. Ela ergueu os olhos do telefone e viu que a loja estava escura. Que diabos? Ela estava prestes a recuar quando viu movimento lá dentro. Dai correu em sua direção. Hoje, ela estava vestida com um macacão de seda preto e uma manga longa branca justa com cinco fios de pérolas em volta do pescoço. Dai abriu a porta, agarrou seu braço e a rebocou pela loja escura.

“O que está acontecendo?” ela perguntou.

“O que está acontecendo”, Dai rosnou enquanto a empurrava para o pedestal no provador, “é que você está me dando apenas algumas semanas para deixá-la pronta para ser uma noiva.”

“Mas por que a loja está fechada?”, ela perguntou enquanto o assistente de Dai isolava o provador do resto da loja e começava a despi-la.

“A loja está fechada porque não quero me distrair”, Dai disse secamente. “Agora, vamos ver se isso serve.”

Jasmine olhou para o lindo vestido que as assistentes seguravam para que ela pudesse vesti-lo. “Eu não estava pedindo por esse vestido em particular. Eu só estava pensando—”

“Fique quieto e entre”, ordenou Dai.

Ela lançou um olhar repreensivo para a amiga, mas fez o que lhe foi dito. Ela apoiou as mãos nos ombros das mulheres, vestiu o vestido e respirou fundo enquanto elas o puxavam para cima. Dai ficou na frente dela, com as mãos juntas em prece enquanto ela observava. Cuidadosamente, Jasmine deslizou os braços nas delicadas mangas de renda e observou o rosto de Dai enquanto as assistentes subiam as costas e depois recuavam.

Dai a empurrou de volta para o pedestal e então andou ao redor dela. Jasmine olhou para seu reflexo e sentiu seu estômago gelar. O vestido tinha sido de tirar o fôlego no manequim, mas em um corpo vivo, o vestido ganhava vida. Strass brilhavam enquanto ela respirava fundo. O padrão de renda intrincado nas mangas longas e no pescoço alto a faziam parecer majestosa e elegante. A saia de tule caía ao redor dela em ondas suaves e... estava tudo errado.

“Este não é o vestido certo”, ela disse categoricamente.

“Mas é perfeito”, disse um dos assistentes.

Ela balançou a cabeça e tentou descer do pedestal, mas Dai a empurrou de volta para ele.

“Não é isso, Dai!”

Este vestido era especial. Foi feito com amor e cuidado e tão lindo que ela não conseguia olhar para ele. Este vestido era o que os sonhos de uma garotinha eram feitos. Seria desrespeitoso roubar o sonho de alguém para promover um casamento empresarial com um limite de tempo.

“Este vestido é demais. Preciso de algo simples e—”

“Você está brincando comigo, certo?” Dai estalou os dedos. “Você é uma Hennessy, e ele é o cara do outro lado dos trilhos que fez sucesso no mundo dos negócios. Você desiste de tudo por ele, se divorcia dele por algum motivo que eu gostaria de saber, e então magicamente vocês voltam a ficar juntos? Esse vestido grita conto de fadas, e é isso que você está vivendo, sua vadia.”

“É muito pequeno para mim.”

Dai tirou uma fita métrica do bolso. “Ela fica justa no busto e pode ser ajustada na cintura. Eu posso consertar isso.”

“Quero experimentar outra coisa.”

“Quando está certo, está certo. O vestido escolhe a princesa, Srta. Jasmine. Você já ouviu essa?”

Ela bufou. “Não.”

“Bem, agora você tem.”

O telefone dela tocou, e ela acenou para os assistentes. “Alguém pode atender isso, por favor? Estou esperando uma ligação.”

Ir até Dai foi um erro. Dai a forçaria a caminhar até o altar da forma que ela achasse adequada, e nada a dissuadiria.

Quando a assistente trouxe o telefone para ela, ela viu o nome de Ariana. Ela respondeu com, “Ariana, é uma emergência?”

“Hum, não, eu só estava—” Ariana começou quando o telefone foi arrancado dela.

“Ari,” Dai disse em um tom prático. “É Daiyu. Uh-huh. Sim. Me diga por que sua irmã está aqui sozinha experimentando vestidos de noiva. Claro, é meu vestido! Onde você está? No trabalho? Você precisa dar um tempo. Você precisa ver isso, e eu quero saber o que diabos está acontecendo com Jas e Roth, já que ela está sendo mesquinha e não me contando nada. Ok, até mais.”

Quando Dai ofereceu o telefone, ela o pegou e viu que Ariana tinha desligado. “Ela está vindo?”

“Claro que sim. A irmã dela vai se casar. Ela não vai querer perder isso, especialmente porque a segunda vez é um charme, certo?”

Ela cerrou os dentes. “Quero ver outro vestido.”

“Você não vai ganhar uma,” Dai disse secamente. “Agora, me conte tudo.”

“Sobre o quê?”

Dai olhou para cima com três alfinetes na boca. “Se você não começar a falar, eu vou te esfaquear com um desses.”

Isso era um inferno. Ela não queria discutir sobre ela e Roth. Não *havia* ela e Roth, e quando acabasse, ela pareceria uma idiota por cometer o mesmo erro duas vezes. Mas ela não podia deixar ninguém perceber que ela estava vendendo seu corpo, então...

“Nós nunca superamos um ao outro.” Ela fez uma careta para si mesma no espelho e ficou feliz quando todos permaneceram focados no vestido e não nela.

“Eu ouvi isso por mim mesmo,” Dai murmurou. “Então ele te persegue ontem e te fode no provador e te pede em casamento?”

Isso soou insano, mas o que mais ela poderia dizer? “É.”

“E agora você vai se casar no final do mês?”

“Sim.”

“O que sua família acha?” Dai perguntou enquanto media seu busto.

“Eles estão dispostos a lhe dar uma chance.”

“Os tempos mudaram”, disse Dai sarcasticamente.

“Sim. Isso precisa ser mantido em segredo. Estamos mantendo tudo em segredo por enquanto.”

“Claro.”

O acordo fácil de Dai foi extremamente suspeito. “Estou falando sério, Dai.”

“E eu disse tudo bem.”

Ela observou Dai no espelho enquanto a mulher menor se movia ao redor dela. “Para quantas pessoas você ligou depois que eu saí ontem?”

Dai lhe deu um sorriso lascivo. “Só algumas das minhas melhores amigas.”

Os “melhores amigos” de Dai poderiam ser qualquer um. Ela queria perguntar, mas decidiu que era melhor não saber. “Eu apreciaria se você não contasse a mais ninguém.”

“Eu ouvi você. O que você acha que eu sou?”

“Uma das maiores fofoqueiras do planeta.”

“Estou ofendida”, disse Dai, parecendo tudo menos isso.

Ariana chegou logo depois. Ela empurrou as cortinas para o camarim e parou morta. O coração de Jasmine afundou quando Ariana levou as mãos à boca e seus olhos se encheram de lágrimas.

“Oh, meu Deus. Você é linda,” Ariana suspirou.

“Viu?” Dai disse sarcasticamente.

Ela viu, e não gostou. “Eu quero algo mais simples. Roth quer fazer no Tuxedo Park. Isso é demais.”

“É exatamente disso que você precisa”, declarou Dai. “Só porque você está tendo um casamento no campo não significa que você tem que ser simples. Você precisa se destacar, e neste vestido, você brilha.”

Ela não queria brilhar porra nenhuma. “Eu estava pensando...”

“Deixe comigo,” Dai ordenou e empurrou Ariana para o pufe de cetim. “Ela não é linda?”

“Ela é,” Ariana disse e deu um sorriso trêmulo. “É perfeito.”

Ela não sabia o que dizer, então ficou quieta enquanto Dai e Ariana conversavam sobre a vida. Ela suportou as cutucadas e provocações de Dai e se distanciou mentalmente do que estava acontecendo ao se concentrar no livro. Ela pulou quando Dai deu um tapa em seu punho fechado.

“Relaxa!”, ordenou Dai.

Ela desdobrou a mão e fez o melhor que pôde para ignorar o peso pesado em seu peito. Ela ficou aliviada em sair do vestido e vestir suas roupas normais.

“Volte em dois dias”, Dai ordenou enquanto beijava suas bochechas no ar.

Ela grunhiu quando Ariana passou o braço pelo dela.

“Este casaco fica ótimo em você”, disse Ariana.

“É da Dai.”

Ariana olhou ao redor da loja enquanto se aproximavam da porta. “Talvez eu precise dar uma olhada neste lugar.”

Eles pisaram na calçada.

“Você não precisava deixar o trabalho para isso”, ela disse.

“Claro que sim. Estamos virando uma nova página e estando lá uma para a outra. Esse vestido é perfeito para você”, disse Ariana.

Ela assentiu enquanto Johan se aproximava. “Podemos te dar uma carona?”

“Claro.”

Eles voltaram para o Bentley. Ela ficou aliviada quando Ariana recebeu uma ligação que durou todo o caminho até o distrito comercial.

“Está tudo bem com você e Roth?” Ariana perguntou.

Ela piscou. “Sim. Por quê?”

“Só checando.” Ariana lhe deu um sorriso excessivamente brilhante. “Me ligue se precisar de alguma coisa, ok?”

Jasmine observou sua irmã correndo para dentro do prédio e olhou para o outro lado da rua, onde sabia que ficavam os escritórios de Roth. Ariana estava preocupada. Porra. Ela olhou para o telefone e viu que Roth não havia respondido sua mensagem. *Provavelmente ainda no ar*, ela pensou.

“Casa,” ela disse a Mo e mentalmente gritou para parar. 432 Park não era casa. Era um lugar onde ela ficaria por um tempo. Ela não conseguia esquecer isso.

Capítulo 16

“A oferta do Sr. Roth é mais do que generosa.”

Ela olhou para o advogado de Roth, Mason, um bulldog agressivo que havia interferido várias vezes durante sua reunião com seu advogado para discutir os termos do acordo pré-nupcial. Seu cabelo liso, terno risca de giz e ar de autoridade arrogante fizeram seus pelos se arrepiarem.

De acordo com seu advogado, o acordo pré-nupcial era direto. Seus bens permaneceriam separados e se (quando) eles se divorciassem, ela receberia cem milhões de dólares no acordo. Além dos valores exorbitantes sendo discutidos, não houve surpresas.

Quando ela pegou a caneta para assinar, ela hesitou. Ela havia concordado verbalmente, mas isso era legalmente vinculativo, uma declaração de que ela pretendia se casar com ele novamente. Um ano com Roth...

“Qual é o problema?” Mason perguntou, sua voz tingida de impaciência. “Você está esperando por um acordo maior?”

Henry, seu advogado de setenta e dois anos, irritou-se ao seu lado. “Sr. White, se a Sra. Hennessy tiver mais alguma pergunta, entraremos em contato com seu escritório.”

Mason o ignorou e manteve o olhar fixo nela. Ele girou o telefone na mesa e disse: “O Sr. Roth deixou claro que quer isso resolvido hoje. Se você quiser renegociar, preciso saber o que você quer para que eu possa ligar para ele e resolver isso.”

Então Roth atendia a ligação de sua advogada, mas não podia mandar uma mensagem de texto com o código do elevador. Típico. Ela olhou para Mason enquanto inclinava a caneta de um lado para o outro sobre o acordo pré-nupcial, o que claramente estava dando nos nervos dele. Aparentemente, ele sentia que ela estava desperdiçando seu tempo, e não estava feliz com isso.

“Considerando o fato de que o Sr. Roth agora possui uma participação majoritária na Hennessy & Co, você não acha que é sensato agir com cuidado?”, perguntou Mason.

Exteriormente, ela não reagiu, mas seu estômago se contraiu.

“Isso não tem nada a ver com isso”, disse Henry com forte desaprovação.

Mais uma vez, Mason o ignorou. Sentindo o desconforto dela, ele partiu para a matança.

“O Sr. Roth deixou bem claro que ele achava que esse era um acordo justo”, Mason falou lentamente, “considerando seu histórico.”

Henry enrijeceu-se e a caneta dela parou de bater.

“Fui eu quem iniciou nosso primeiro divórcio, e não aceitei nada”, ela disse calmamente. “O que te faz pensar que estou esperando por um acordo maior?”

“Você não tem mais ninguém para quem correr agora que Maximus se foi,” Mason disse sem rodeios. “E suas irmãs também não estão muito bem.”

“Você pode—” Henry começou a falar com veemência, mas ficou em silêncio quando ela tocou sua manga.

“Roth é um homem ocupado,” Mason continuou, imperturbável pela explosão de Henry. “Você não quer testar a paciência dele pedindo mais agora, quer? Meu conselho é aceitar o que ele oferece e ser grata por isso.”

Ela largou a caneta no acordo pré-nupcial e se levantou. Olhou para seu advogado, que estava vermelho e visivelmente chateado com os insultos de Mason. Ela apertou seu ombro. “Obrigada, Henry. Entrarei em contato.”

Mason se levantou de um salto. “Você não vai assinar? Ele me disse que quer que isso seja resolvido.”

“Quando ele perguntar por que não assinei, diga que foi porque não gostei de ser insultada ou de ouvir de um advogado insistente que não conhece seu lugar que eu não mereço um acordo maior.”

Ela teve a satisfação de ver o sangue sumir do rosto dele antes de sair da sala. Era bom fazer uma saída dramática. Ela não tinha intenção de pedir um acordo maior ou desistir do acordo, mas deixaria Mason suar pensando que tinha estragado os planos de Roth. Bem feito. Com quem ele pensava que estava falando? Se era assim que Roth conduzia os negócios, ele faria muitos inimigos. Ela estava muito envolvida para recuar, mas não deixaria ninguém falar com ela daquele jeito. Foda-se ele. O acordo pré-nupcial poderia esperar até o dia do casamento dela. Se Roth deu ordens a Mason para intimidá-la para que ela assinasse, ele estava muito errado. Os insultos sarcásticos de Mason só a deixaram mais determinada a dar trabalho para ele.

Mo se materializou ao seu lado enquanto ela pegava o elevador para o térreo. Quando ela entrou no Bentley, seu telefone tocou. O nome de Roth apareceu na tela. Dane-se ele. Ela não estava com vontade de ouvir suas ameaças. Mason já tinha feito um trabalho exemplar ao apontar o quão pouco poder ela tinha. Ela colocou o telefone no silencioso e olhou pela janela enquanto voltavam para a cobertura.

“Sra. Hennessy.”

Mo estava virado no banco da frente, segurando seu telefone. Ela não o pegou.

“É o Sr. Roth”, disse Mo, estendendo o telefone até que ele estivesse a centímetros de seu rosto.

“Eu ligo de volta para ele”, ela disse, sabendo muito bem que Roth podia ouvi-la.

“Senhora, eu não acho—”

Ela estendeu a mão e apertou o botão para encerrar a ligação. Os olhos de Mo se arregalaram.

“Não quero falar com ele”, ela disse com firmeza.

Quando eles pararam na 432 Park Avenue, Mo a acompanhou até o elevador e digitou o código enquanto bloqueava o teclado propositalmente para que ela não pudesse ver. Roth deixou bem claro que não confiava nela. Ela era um ativo temporário e não teria rédea solta.

Mo tirou o telefone do bolso e olhou para ela antes de guardá-lo sem responder. Ela saiu do elevador, jogou o casaco no sofá e foi até o computador para apagar o gosto ruim da boca. Quando ela pegou o manuscrito, mensagens de texto do telefone apareceram na tela.

Roth: Quanto?

Ela desligou as mensagens, colocou os fones de ouvido e começou a trabalhar.

S

e ele estava tentando entrar na Terra da Fantasia, mas a porcaria da vida real enchia sua mente. Ela tinha acabado de voltar de sua prova final com Dai, o que a deixou completamente esgotada. O vestido era sublime. Se isso não fosse ruim o suficiente, Dai insistiu em um véu... e foi aí que o inferno desabou. Ela

entrou em pânico e quase rasgou o vestido na pressa de tirá-lo, fazendo Dai ter um colapso épico causado por dias de pouco sono para completar o vestido que ela estava convencida de que a lançaria no mercado de noivas. Levou duas horas para acalmar a designer perturbada. A única coisa que apaziguaria Dai era a promessa de Jasmine de que ela usaria o véu. Ambos os itens agora estavam pendurados no armário do quarto de hóspedes.

Havia palavras para escrever, mas ela não conseguia se concentrar. Mason ligou várias vezes desde que ela saiu da reunião. Foda-se ele. O correio de voz dela estava cheio, então ele não podia deixar uma mensagem. Ele enviou algumas mensagens de texto para ela. O tom dele mudou significativamente, mas ela não acreditou. Roth também enviou mensagens de texto ordenando que ela ligasse, mas ela não ligou. As palavras de Mason continuavam martelando em sua cabeça. O fato de ele ter mencionado Roth assumindo a Hennessy & Co. incomodava no fundo de sua mente. As pessoas presumiriam que ela estava se casando com ele por gratidão por salvar sua empresa ou que ela estava em extrema necessidade de fundos e se humilhava para ser sua esposa novamente? Mesmo quando ela disse a si mesma que não importava o que os outros pensavam, ela se preocupava com isso.

Ela tinha visitado Colette várias vezes na semana passada e passou horas aninhada com Polara enquanto Colette tirava uma soneca. A única desvantagem foi encontrar Lyle, que não estava acreditando no noivado dela. Ele estava desconfiado e determinado a fazê-la contar o que realmente estava acontecendo, mas ela o bloqueou. Seu cunhado era um homem bem-sucedido e formidável em sua área, mas os ativos de Roth eram diversos e excediam em muito seu patrimônio líquido, então lutar contra ele seria um esforço inútil. O curso de ação mais fácil era jogar junto com a charada. Havia um limite de tempo para isso, e então todos eles estariam livres de suas maquinações.

Ela bateu os dedos no balcão enquanto contemplava a tela do computador e congelou quando ouviu o barulho do elevador, anunciando a chegada de alguém na cobertura. Ela observou a entrada da cozinha com cautela, esperando que Roth entrasse e a agarrasse pela garganta.

“Sra. Hennessy?”

A voz suave e feminina era a última coisa que ela esperava. Ela escorregou do banco e encontrou Sarai na sala de estar com uma bolsa de trabalho estilosa pendurada em um ombro.

“Parabéns!” ela disse com tanta exuberância que Jasmine deu um passo para trás.

“Desculpe?”

“Sobre o noivado, é claro.” Sarai saltou para cima e para baixo em seus saltos e bateu palmas. “Eu sabia que os livros iriam juntar vocês dois de novo.”

Ela escondeu o punho fechado atrás das costas. Ela não podia bater no próprio fã agora, podia? “Posso ajudar com uma coisa?”

“Sim, preciso de informações”, Sarai disse prontamente e se empoleirou na beirada do sofá e brandiu seu iPad. “Qual tema você tinha em mente?”

“Tema?” ela repetiu, completamente perdida.

“Para o casamento.”

Foi preciso um esforço concentrado para impedir que seu lábio se curvasse. “Para que precisamos de um tema?”

Sarai piscou. “Seu buquê? O bolo? Queremos que combinem, certo?”

Ela franziu os lábios para se impedir de dizer que não dava a mínima para um tema para seu casamento falso. Isso estava ficando cada vez pior. Já era ruim o suficiente que ele tivesse gasto uma quantia ridícula em um vestido de princesa, mas agora ele mandou Sarai perguntar a ela sobre *temas* ?

“Que tal cores modernas de outono?” Sarai disse. “Ameixa e rosas suaves? O que você acha disso?”

Ela assentiu e Sarai começou a rabiscar.

“Ótimo. Já tenho o fotógrafo reservado...” ela disse distraidamente.

“Para que data?”

Sarai acenou com a mão. “Ainda não tenho certeza. A agenda de Roth ainda está em fluxo. Eles estão em espera.” Ela olhou para cima e apontou para ela. “Não se preocupe com os detalhes. Esse é o meu trabalho.”

Ótimo porque ela não iria se preocupar com nada disso.

“Eu tenho um ministro,” Sarai continuou. “Além da sua família, tem mais alguém que você gostaria de convidar?”

“Não”, ela disse e então emendou: “Kaia”.

“Ótimo, ótimo,” Sarai disse enquanto fazia mais anotações. “Preferência pelo menu?”

“Menu?”

“Uma pequena distribuição depois da cerimônia.” Sarai olhou para cima, viu sua expressão e acenou com a mão. “Eu cuido disso. Você tem seu vestido?”

“Sim.”

“Goodie.” Sarai fez uma anotação no iPad. “Tenho certeza de que é *lindo*. Daiyu Wu é um gênio.”

“É o que diz *a Vogue*”, ela murmurou.

Sarai sorriu. “*A Vogue* não mente.”

“Você não costuma viajar com Roth?”, ela perguntou, percebendo tardiamente que eles normalmente eram unidos pelo quadril.

“Sim,” Sarai disse distraidamente enquanto continuava a rabiscar. “Acabei de voltar. Eu tinha algumas outras coisas para cuidar aqui. Ele vai voltar logo. Qual é sua flor favorita?”

“Jasmim.”

Sarai piscou. “Te peguei. Tem mais alguma coisa que você quer que eu organize para o seu grande dia?”

“Hum, não. Obrigado.”

Sarai se levantou e guardou seu iPad. “Estou tão feliz por vocês dois.”

Ela não tinha energia para sorrir, então assentiu. “Obrigada.”

Sarai inclinou a cabeça para o lado e a examinou por um momento. Sua expressão suavizou. “Você está bem?”

“Claro.”

“Eu sei que isso é muita coisa, e vocês tiveram alguns meses difíceis, mas acho que esse é um passo na direção certa. Se o que vocês escreveram é verdade, vocês tinham algo especial. Vocês não querem deixar isso passar. Vocês estão tendo uma segunda chance, e isso é uma coisa linda.”

Sarai irradiava sinceridade. Ela não tinha coragem de destruir suas ilusões.

“Roth guarda tudo para si, mas ele é um bom homem,” Sarai continuou enquanto colocava sua bolsa no ombro. “Ninguém pode forçá-lo a fazer nada. Ele sabe o que quer, e não para até conseguir.” Ela inclinou a cabeça para o lado. “Ele é diferente com você.”

Ela não disse nada.

“Você está se adaptando bem?” Sarai perguntou, mudando de assunto com tato.

“Sim.” Ela acenou vagamente. “Tenho passado muito tempo na cozinha.”

“Você é cozinheira?”

“Não. Eu estava trabalhando lá.”

Os olhos de Sarai se iluminaram. “Você está escrevendo?”

“Estou tentando, mas tem muita coisa acontecendo.”

Sarai lançou-lhe um olhar simpático. “Aposto. Talvez depois do casamento, você possa realmente começar a trabalhar. Você está escrevendo o livro cinco?”

“Sim.”

Sarai colocou uma mão no peito e respirou fundo. “Mal posso esperar para ver como você vai encerrar tudo isso. Se precisar de alguém para ler para você, me ligue, ok?”

Ela assentiu. “Eu vou. Obrigada.”

Sarai olhou para o relógio. “Vou resolver tudo. Enquanto isso, se precisar de alguma coisa, eu sou sua garota.”

“Eu vou.”

Sarai andou até o elevador. Foi coincidência ela ter bloqueado o teclado ou ela estava sendo paranóica? E como diabos Sarai tinha um código e ela não? Jasmine rangeu os dentes.

“A propósito, Roth disse para ligar para ele quando tiver oportunidade”, disse Sarai por cima do ombro enquanto entrava no elevador.

Foda-se ele.

Capítulo 17

Sete anos atrás

El e estava atravessando o campus quando ela o viu. Ele estava parado embaixo de uma árvore, com as mãos nos bolsos, e recebendo muita atenção das garotas que passavam. Ele usava óculos escuros, jeans, uma camisa azul-clara e um paletó cinza. Ele fazia os universitários parecerem estar passando pela puberdade. A visão dele fez seu coração já pesado afundar até os dedos dos pés. Ele não deveria estar ali.

Por um momento, ela pensou em ignorá-lo. Ela deveria. Estava acabado, e qualquer outra interação com ele só levaria a mais dor, mas ela não se afastou. Ela ficou paralisada no lugar com os alunos correndo ao seu redor. Ele não foi até ela; ele apenas a observou firmemente, esperando que ela fosse até ele. Ele exalava confiança. Era algo que ele tinha de sobra, e algo que ela não tinha. Ela queria se jogar em seus

braços e chorar, mas ela tinha feito muito disso ultimamente. O que ele estava fazendo aqui? Ele tinha vindo para se despedir? Mesmo enquanto o pensamento a enchia de pavor, ela cambaleou em movimento porque era uma gluttona por punição. Ela parou a vários metros de distância, bebendo-o e tentando imprimir essa imagem dele em seu banco mental para babar mais tarde.

“Precisamos conversar”, ele disse.

Ela piscou. Não era isso que ela esperava. “Não é uma boa ideia.”

“Eu não estou perguntando.”

Ela franziu a testa. “Você não recebeu minha mensagem?”

“Meu pai sabe”, ele citou. “Não posso mais te ver. Sinto muito.”

“Então, o que você está fazendo aqui?”

“Preciso de mais do que isso.”

Ele agarrou o braço dela e a empurrou na direção do apartamento dela, que ficava a um quarteirão de distância.

“Eu tenho aula!”

“Você pode inventar.”

“Alguém vai ver!” ela sibilou enquanto tentava se afastar.

“Deixe-os.”

Ele parecia extremamente despreocupado.

“Precisamos parar com isso,” ela sussurrou desesperadamente. “Meu pai vai destruir você.”

“Deixe que eu me preocupe com seu pai.”

“Ele disse que vai te tirar do acordo com Langdon se eu não—”

“Ele já fez isso.”

“Mas...” Ela se sentiu mal. “Mas eu terminei com você.”

Ele olhou para ela, mas ela não conseguiu ler sua expressão, já que ele ainda estava de óculos escuros.

“Sinto muito, Roth. Você trabalhou tanto naquele acordo.”

Ele a arrastou para dentro do prédio e não a soltou, mesmo quando eles receberam um olhar de soslaio do casal no elevador. Seu estômago balançou enquanto ela olhava para frente. Seu pai cumpriu sua ameaça, embora ela tivesse cumprido seus desejos. O acordo com Langdon deveria levar Roth para o próximo nível, e agora ele tinha acabado.

Sua mão tremia enquanto ela tirava as chaves da mochila. Roth as tirou de suas mãos e destrancou a porta. Ela o precedeu para dentro do apartamento, colocou a bolsa no chão e caminhou até as janelas.

“Sinto muito,” ela disse com voz rouca. “Ele prometeu que não faria...”

Ele a puxou para encará-lo. “Diga-me o que aconteceu.”

Ela abaixou o rosto enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. Ela deu dois passos inquietos para trás e deu de ombros, olhos abaixados. “Tenho certeza de que você pode adivinhar.”

“Eu quero ouvir isso.”

Ela engoliu em seco e envolveu a cintura com os braços. “Ele me disse para vir para Nova York.” Ela olhou para os sapatos dele enquanto tentava pensar em uma maneira de tornar isso o mais indolor possível. “Ele sabia.”

Ela arrastou o sapato no carpete, tentando se concentrar no padrão que estava fazendo em vez dos insultos que tinham sido lançados contra ela. Ela nunca tinha visto seu pai daquele jeito antes. Ele estava furioso e enojado ao vê-la. Ela tinha sido uma idiota. Por dois meses felizes, ela tinha suspenso a realidade e, pela primeira vez na vida, ela fez o que queria. Ela se apaixonou por um cara e se entregou ao máximo. Ela se convenceu de que Filadélfia estava a mundos de distância de Nova York, e o caso deles ficaria apenas entre eles. Ela estava errada.

“Não sei quem contou a ele”, ela disse e agiu como se estivesse puxando o cabelo para trás para poder enxugar uma lágrima disfarçadamente. “Ele me disse que iria atrás dos seus negócios se eu não terminasse.”

“E?” ele perguntou quando ela ficou quieta.

Ela cobriu a boca quando ela começou a tremer. Quando ele deu um passo em sua direção, ela levantou uma mão e cambaleou para trás. “Não.”

Ela não podia deixá-lo tocá-la. Ela estava pendurada por um fio. Um toque e ela se despedaçaria.

“Diga-me o que ele disse.”

Uma lágrima escorreu por sua bochecha, e ela a enxugou com a manga. “Não importa.”

“Sim.”

Ela se encolheu quando a voz do pai a cortou. *Você realmente é filha da sua mãe.* Ela sempre soube que era uma decepção, mas as coisas que Maximus atirou nela destruíram a realidade alternativa em que ela estava vivendo. Ele a atacou, insultando-a. Cada palavra que saía da boca dele parecia um golpe físico, e ela ficou na cama por dias depois. Pela primeira vez na vida, ela chorou na frente dele. Isso não o impediu, mesmo quando ela implorou para que ele parasse. Ela se desculpou, prometendo que nunca mais faria algo assim, mas ele não a ouviu. Nenhum pedido de desculpas seria suficiente para reparar o que ela havia feito. O que ela estava pensando para começar um caso com outro homem quando estava noiva de Ford?

Uma mão deslizou sobre seu cabelo. Ela se afastou e levantou ambas as mãos.

“Não, Roth”, ela sussurrou.

“O que ele disse, princesa?”

“Não me chame assim,” ela disse asperamente enquanto cobria o rosto com as duas mãos. “Eu não sou uma princesa.”

“Você é para mim.” Ele puxou as mãos dela para baixo, e quando ela tentou virar o rosto, ele segurou suas bochechas molhadas. “Olhe para mim.”

“Não.”

Ela tremia enquanto tentava conter tudo.

“Tudo bem.”

“Não, não é. Não deveríamos ter... e você perdeu seu acordo.”

“Haverá outros acordos.”

“Não, não vai. Você não conhece meu pai.”

“Não se preocupe comigo.”

A voz calma dele acalmou os nervos em frangalhos dela. Ele enxugou as lágrimas dela com a manga do casaco e afastou o cabelo dela do rosto.

“Não seja legal comigo”, ela disse com voz rouca.

"Por que?"

"Eu não mereço isso."

Ele levantou o queixo dela, forçando-a a olhar para ele. A raiva que ele não permitiu vaziar em sua voz estava em seus olhos. As piscinas negras estavam nadando com emoções obscuras.

"Não dê ouvidos a ele", ele disse.

Ela deu uma risada fraca enquanto mais lágrimas deslizavam por seu rosto. "Isso não é possível."

"O que você quer, Jasmine?" ele perguntou enquanto seu polegar roçava seu lábio inferior.

Ela deu um passo para trás enquanto um raio de calor afugentava a culpa e a tristeza. Ela tocou o lábio, que pulsava, implorando para ser beijado. "Do que você está falando?"

"Isto é sobre a Ford, certo?"

Ela torceu as mãos juntas. "Ele ainda não sabe."

"Você quer se casar com ele?"

As sobrancelhas dela se juntaram. "Estamos noivos."

"Não foi isso que eu perguntei."

Ela procurou o rosto dele. "Eu não entendo."

"Você quer se casar com ele?"

"EU..."

"Se você o quisesse, não teria dormido comigo."

Ela estremeceu. "Eu não—"

"Seja honesta, Jasmine."

Ela levantou as mãos e andou de um lado para o outro. "Meu relacionamento com Ford não é assim!"

"Você não tem um relacionamento com ele. Você o vê uma vez por mês para jantar com a família. É tudo negócio."

"É o que minhas irmãs têm."

"Você não é eles."

"Como você sabe?"

"Você não é construída como eles." Ele gesticulou para a estante de livros dela. "Você é uma artista. Você deveria estar escrevendo, não indo para a escola de negócios e economia. É por isso que você tem tanta dificuldade nas aulas. Seu coração não está nisso."

Ela enrijeceu. "Estou tentando."

"Você não deveria. Você não é bom nisso. Sua família está tentando te encaixar no molde deles, e você não se encaixa."

Os olhos dela se encheram de lágrimas. "Eu quero me encaixar."

"Existem outros moldes. Você não precisa se encaixar nos deles."

Ela olhou para ele. "O que você está dizendo?"

"Estou dizendo que você pode escolher outro caminho."

"Qual é?"

"Meu."

O coração dela parou.

"Eu não tenho o dinheiro que sua família tem, mas trabalho duro. Eu me caso com você."

Ela balançou a cabeça, com os olhos arregalados.

“Isso é um não?”

“Meu pai vai arruinar você e me renegar”, ela sussurrou.

“Eu tenho dinheiro.”

“Mas...” Sua mente estava zumbindo. “Meu pai...”

“Deixe-o comigo.”

Ela balançou a cabeça. “Você não o conhece como eu.”

“Eu sei como ele trabalha.”

“Mas ele fala sério. Ele vai te destruir.”

“Não se preocupe com isso. Você quer se casar com Ford?”

Antes de conhecer Roth, ela achava que queria Ford. Agora ela não tinha certeza. Ela pairava no precipício.

Roth trouxe à tona um lado dela que ela não sabia que existia. Ela não precisava fingir. Ele gostava dela pelo que ela era. Pela primeira vez na vida, ela realmente entendeu o que significava ser feliz. Durante toda a vida, ela seguiu o caminho que seu pai traçou para ela. Ela estava contente porque não sabia que nada existia além do esboço de seu pai e então conheceu Roth. Ela amava o jeito como ele a fazia se sentir — poderosa, desejável, forte. Ele a ouvia e pedia sua opinião. Ele a fazia ansiar por um caminho diferente. Com Ford, ela já sabia como seria sua vida e onde terminaria. Com Roth, as possibilidades eram infinitas. Ela não tinha ideia de como ele se sentia sobre ela, mas ele estava oferecendo casamento. Talvez ele a amasse.

“Jasmim.”

Sua voz era concisa e impaciente.

“O que?”

“Pare de pensar no que os outros querem para você. Você o quer ou não?” Roth retrucou.

Enquanto ela lutava para responder, ele diminuiu a distância entre eles.

“Você não o quer. Você me quer.”

Seus lábios tremiam enquanto ela tentava conter suas emoções.

“Você me quer, não é?”

Com tudo nela. “Não podemos.”

“Por que não?” ele perguntou gentilmente.

“Meu pai vai...”

“O que você quer?”

Ela hesitou.

“Vamos”, ele persuadiu.

“Eu... eu quero você,” ela disse apressadamente. “Mas eu não posso ter você!”

Ele a prendeu contra ele. “Você pode.”

Ele estava disposto a arriscar seu sustento por ela? Ela não conseguia acreditar. “Não.”

“Não se preocupe com seu pai ou com o que as pessoas vão dizer.”

Uma lágrima escorreu pela sua bochecha. “Não quero que você se arrependa disso.”

“Eu não vou.”

“Promessa?”

“Prometa.” Ele acariciou sua bochecha. “Você vai se casar comigo?”

Todos os ferimentos que seu pai infligiu começaram a sarar instantaneamente. Seu coração inchou tanto que ela não conseguia respirar. “Você tem... Você tem certeza?”

Ela queria pular do penhasco, queria tanto que podia sentir o gosto. Liberdade. Era isso que ele estava oferecendo. Ela estava tonta de terror e esperança. Ela não tinha percebido que estava em uma gaiola até conhecê-lo. Ele era seu cavaleiro de armadura brilhante, disposto a matar dragões por ela.

Os olhos dele percorreram o rosto dela antes que ele dissesse: “Sim, tenho certeza.”

“Eu não terei dinheiro para a faculdade.”

“Desista. Seja uma escritora.”

“Não. Estou tão perto de conseguir meu diploma.” Ela mordeu o lábio inferior. “Talvez... talvez eu consiga um emprego e faça faculdade...”

“Eu pago por isso.”

“Você não pode fazer isso!”

“E o apartamento.”

“Roth—”

Ele a beijou. “Diga sim.”

“Mas ...”

“Diga.”

Seu rosto estava escorrendo lágrimas enquanto ela sorria. “Sim.”

“Seu pai vai mudar de ideia”, ele disse enquanto a beijava e a empurrava para a cama. “Não se preocupe. Eu cuido de tudo.”

Capítulo 18

Jasmine abriu os olhos com a garantia de Roth ecoando em seus ouvidos. Mesmo deitada na cama, olhando para o teto, ela podia sentir as mãos dele se movendo sobre ela. Ele consumou o noivado transando com ela até ela gritar. Mesmo enquanto ela se entregava às memórias gráficas que não conseguia esquecer, seu crítico interno começou a apontar todas as coisas que ela havia ignorado. Ele não havia dado uma razão clara para querer se casar com ela. Ele havia proposto (mais ou menos) e ela havia concordado. Ela estava tão desesperada por amor que se arriscou e pulou. Garota estúpida. Ela havia pronunciado a palavra com L muitas vezes ao longo dos dois anos em que foram casados. Ele nunca havia feito isso. Roth presumiu que Maximus mudaria de ideia. Ele não mudou, então ele considerou desistir dela porque ela era ruim para os negócios.

Ela rolou para fora da cama, foi até o banheiro e jogou água no rosto. A melhor coisa que veio de seu relacionamento com Roth foi sua carreira de escritora. Ele a encorajou a investir em seu sonho em vez de entrar no mundo dos negócios para ser espancada e constantemente sabotada por seu pai. Roth pagou as contas enquanto ela escrevia os livros de Thalia Crane que mais tarde a ajudaram a construir uma vida sem

ele. Escrever a ajudou a lidar com seus demônios, deu a ela um propósito e uma comunidade de pessoas que lhe deram o apoio que ela nunca teve na vida real. E ela não podia decepcioná-los agora. Sua vida pessoal pode estar em ruínas, mas ela ainda tinha sua escrita.

Ela caminhou penosamente até a cozinha escura e ligou a cafeteira que havia pedido. Depois de tomar uma xícara fumegante com a quantidade certa de creme, ela se empoleirou no assento da janela com um caderno equilibrado no joelho. Sua mente era uma bola de estresse de ansiedades. Conforme o sol nascia, ela listou todos os medos que a atormentavam. Isso continuou por páginas, mas assim que ela colocou no papel, a ponta afiada da faca imaginária pressionada contra sua garganta desapareceu.

Roth a fez se sentir presa, vulnerável, carente... Ele a fez se sentir como aquela universitária insegura de novo, e ela o odiou por isso. Ela era dona do próprio negócio e tinha mais dinheiro do que podia gastar nesta vida, mas ainda assim não conseguia vencer uma luta contra ele.

Uma massa fervente de tristeza, fúria e luxúria pulsava dentro dela. A morte de seu pai combinada com o cerco implacável de Roth de volta à sua vida estava cobrando seu preço. Além disso, havia preocupações profissionais. Todos estavam esperando pelo quinto livro. A breve explosão de inspiração havia perdido o brilho há muito tempo, e ela estava à deriva novamente. Ela tinha que levar a história a uma conclusão sólida e satisfatória. Todos esperavam que a história fosse épica. O que isso significava? Entre os dois pseudônimos, ela tinha quase vinte livros em seu currículo, mas ainda não sabia por que alguns livros faziam sucesso e outros não. Milhares de mensagens chegaram, dando-lhe conselhos sobre como sua história deveria terminar. Antes de seu sucesso, era apenas ela e os personagens. Agora havia dezenas de milhares de pessoas que queriam algo diferente. Ela não podia escrever para eles; ela tinha que escrever para si mesma. Ela viu muitos autores cederem sob pressão, e ela estava sentindo isso agora. O conhecimento de que Sarai, Roth e até mesmo suas irmãs leriam o livro a paralisou. Ela tentou dizer a si mesma que eram apenas palavras. Seu trabalho não era ciência de foguetes, mas ainda assim... Elas não eram apenas palavras, assim como música não era apenas barulho. Histórias eram feitas para transportar as pessoas para um mundo diferente e fazê-las sentir. Para realizar esse feito, cada palavra e parágrafo tinham que ser estabelecidos com propósito, precisão e cuidado.

Ela saiu do assento da janela, encheu sua xícara e ligou seu laptop. Ela colocou as mãos nas teclas, fechou os olhos e respirou fundo para se acalmar. Havia uma conexão direta entre seu estado emocional e sua escrita. O que quer que ela estivesse sentindo, o que quer que estivesse acontecendo em sua vida real afetava as ações/decisões/processos de pensamento dos personagens. A razão pela qual os livros de Thalia Crane fizeram tanto sucesso era porque não havia filtro entre ela e o personagem. Eles eram um e o mesmo. Os leitores podiam sentir sua dor e se identificar com suas lutas. Os leitores estavam torcendo por ela. Ela pensou que tinha seguido em frente com um estrondo (bem, muitos estrondos), mas a vida lhe deu uma bola curva e ela não sabia como girar e colocar sua mente de volta no jogo. Seu passado estava bem na sua cara, forçando-a a perceber que ela não o havia superado, ela o havia evitado. Como ela poderia dar ao seu personagem o encerramento de que precisava quando ela estava de volta ao começo?

Ela olhou fixamente para o cursor piscando. Ela não tinha nada a oferecer ao livro agora, além de sua própria dor e confusão. Teria que servir. A vida não era uma trajetória ascendente. Havia altos, baixos e longos platôs. Havia apenas uma maneira de escrever o livro, e isso iria doer pra caramba.

As pessoas achavam que escrever era divertido. Às vezes, era. Mas os livros que emocionavam o leitor eram aqueles em que o escritor costurava pedaços de sua alma em seu trabalho e pingava seu sangue na página para dar vida aos personagens. Grandes escritores abriam suas cicatrizes, peneiravam sua dor e as transcreviam no papel para o mundo ler e julgar. Seu trabalho era misturar fato e ficção tão perfeitamente que ninguém conseguia distinguir um do outro. Era um trabalho brutal e exaustivo, mas, se feito corretamente, podia curar outras pessoas e dar-lhes esperança.

Os dedos dela batiam nas teclas. *O filho da puta estava de volta*. Ela mordeu o lábio inferior e então desligou a voz crítica no fundo da mente e continuou. *Os anos entre eles o transformaram em um estranho*.

Conforme o sol nascia e enchia a cozinha de luz, manchas prateadas nas bancadas de quartzo brilhavam ao redor de seu laptop. Ela escolheu acreditar que eram brilhos mágicos e que estava sendo ungida para um ótimo dia de escrita. Palavras enchiam a tela, não em um fluxo constante, mas em jorros agitados enquanto ela lutava com a história. Coisas que ela não se permitia pensar na vida real se infiltravam na heroína. Ela se entregou aos personagens para deixá-los moldá-la como quisessem. Horas se passaram. Ela fez uma pausa e decidiu pedir comida. Ela fez algumas anotações, checkou as redes sociais e então perdeu duas horas conversando com os fãs e agradecendo por seus votos de melhoras. Ela os tranquilizou dizendo que estava trabalhando enquanto mastigava uma salada e batatas fritas. Ter sua heroína chutando a bunda de Roth na página foi terapêutico e levantou seu ânimo. Na história, a heroína mostrou o dedo do meio para ele enquanto dirigia para longe, deixando-o abandonado. Deus, se ela pudesse ter feito isso no Colorado, teria sido a melhor coisa do mundo. Não importava que ele transasse como um deus ou que ela gostasse de seu rosto áspero ou mesmo de sua fachada de calma que desaparecia se ela o provocasse. Ele era um valentão.

E agora?

Ela tentou alguns cenários, nenhum dos quais deu certo. Seus dedos caíram em um prato vazio. Ela tinha terminado todas as batatas fritas, então ela pegou o garfo e espetou um crouton. Com o canto do olho, ela viu seu telefone acender. Ela não se levantou para ver quem estava ligando. Ela voltou sua atenção para a tela e leu o que escreveu. Ela mudou algumas coisas e pulou de um lado para o outro, cutucando ideias para ver se elas tinham alguma vida. Mais horas se passaram. Ela andou de um lado para o outro, verificou seu e-mail e mergulhou mais uma vez nas redes sociais, republicando memes hilários antes de pular novamente. Ela puxou um fio de história, seguindo o caminho antes de bater em uma parede. Seus dedos pararam de dançar sapateado sobre as teclas.

Um homem estava parado perto do lago. Quando ela se aproximou, ele se virou. O pai dela não sorriu. Ele não conseguia mais, mas estendeu a mão para ela em convite.

“Venha, filha, conte-me uma história.”

Ela retraiu as mãos. Elas caíram como pesos de chumbo em seu colo. O mundo da fantasia desapareceu, deixando-a sem proteção contra a dor. Maximus não tinha sido um pai perfeito ou mesmo admirável, mas ele era dela. Ela abanou o rosto enquanto as lágrimas vinham e quando isso não fez nada, ela foi até a grande pia dupla e jogou água fria no rosto. Ela apoiou as mãos no balcão enquanto tentava controlar suas emoções turbulentas, mas escrever abriu as comportas, permitindo que a tristeza tomasse conta.

Ela caiu no chão e cobriu o rosto com as mãos enquanto soluçava. Ela ainda conseguia ouvir a máquina cardíaca, sentir o cheiro estéril do quarto de hospital dele e sentir a mão dele ficando fria na dela.

Ela se balançou, tentando se acalmar, mas sabia que não adiantaria. A culpa devastava seu interior. A voz dele sussurrava em seus ouvidos, o que a fez chorar mais. Ela teve seus altos e baixos com o pai, mas ele era o único pai que ela já conhecera e, no final, ele estava lá quando ela mais precisava dele. O tempo que passaram juntos foi um presente, mas foi muito breve.

Quando a tempestade passou, ela se forçou a levantar e saiu mancando da cozinha. Ela roubou um edredom de um dos quartos e o arrastou para a sala de estar. Ela deitou no sofá de frente para as janelas e soltou um suspiro trêmulo. Nessa altura, nenhum prédio obstruía sua visão. Ela era parte do azul infinito. Ela poderia estar em qualquer lugar do mundo. Ninguém acreditaria que ela estava no coração da cidade. Ela enterrou o rosto no travesseiro enquanto outra onda de tristeza se aproximava dela. Ela chorou até que seus olhos estivessem inchados e fechados e ela estivesse mole.

Quando ela foi rejeitada, doeu, mas não foi nada comparado a isso. Não falar com suas irmãs e seu pai não era uma façanha impossível porque eles não tinham um relacionamento, mas agora... Agora, ela sabia o que estava perdendo — apoio, orientação, amor... Tudo se foi, assim mesmo. Perder Maximus foi um golpe cruel que a deixou de joelhos. A série Thalia Crane estava intrinsecamente interligada com sua vida, o que significava que ela teria que reviver a morte de seu pai na página. Os leitores pensariam que era uma reviravolta cruel na trama, mas era apenas a vida. Seu pai era um favorito dos fãs com todas as suas falhas orgulhosamente expostas. Os leitores iriam lamentá-lo com ela. Maximus tinha sido um pai extremo, mas o que se esperava de um homem que tinha sido criado para se destacar em tudo o que fazia? Ele queria o que era melhor para ela e presumiu que sabia o que era. Talvez soubesse. Talvez se casar com Ford a tivesse levado a um caminho muito mais contente. Ela não seria uma escritora, mas talvez ela tivesse encontrado alegria em seus filhos ou em algum outro hobby. Quem diria?

O céu ficou dourado quando o sol começou a se pôr. Atraída pela beleza, ela deixou sua posição no sofá e se aninhou no assento da janela e observou as nuvens se aproximando, escondendo a cidade abaixo. Se ela pudesse passar por esta janela, ela cairia direto no céu... Ela abriu a mão no vidro, querendo fazer parte de algo deslumbrante e tranquilo em vez de ser ela mesma. Ela preferia estar em um universo alternativo porque não se encaixava naquele em que havia nascido. Roth era a única pessoa que fazia valer a pena viver no agora, e ele a havia danificado tanto que uma parte dela ainda estava tentando se recompor. Por um curto período, ela teve seu pai, e agora estava sozinha novamente.

Sua mão caiu da janela. Uma lágrima escorregou do canto do olho enquanto ela descansava a cabeça no braço e se aconchegava o mais perto possível do vidro. Ela fechou os olhos e imaginou que o suave roçar do ar central eram nuvens acariciando seu rosto.

O barulho do elevador interrompeu seu cochilo. Estava escuro agora, e quando as luzes se acenderam, o reflexo da janela mostrou uma figura grande entrando na cobertura. Roth estava de volta. Ela desejou que ele fosse para o escritório ou para o quarto, mas ele veio direto em sua direção. Ela fechou os olhos e tentou regular sua respiração. Ele afastou o edredom.

"Jasmim."

O som do seu suave murmúrio quase a quebrou. Para cobrir a queimadura recente das lágrimas, ela fez um barulho de grunhido e se pressionou contra o vidro para esconder o rosto. Ele não estava aceitando. Ele agarrou o ombro dela e puxou, então ela rolou para os braços dele. Ela manteve os olhos fechados enquanto ele a pegava com o edredom ainda enrolado em volta dela. *Me deixe em paz*, ela cantava em sua

cabeça. Ela tinha se voltado para ele no Colorado, mas nunca faria isso de novo. Ela não lhe daria a oportunidade de jogar sua dor de volta na cara dela quando ele quisesse. Não importa o quão atencioso ele parecesse às vezes, era apenas superficial. Ele realmente não sentia nada por ela. Era uma lição dolorosa que ela finalmente tinha aprendido.

Ele a acomodou no sofá e pairou sobre ela. O que diabos ele estava procurando? Sua respiração falhou quando ele roçou o dedo em seu cílio úmido. Que porra é essa? Ela sentiu uma lufada de ar enquanto ele se afastava. Ela relaxou e tentou pensar no que fazer quando ouviu seus passos voltando. Ela se empurrou quando ele se sentou ao lado dela. Ela ouviu um zumbido familiar quando seu laptop inicializou.

"Sim?"

Quando ela estremeceu, a mão dele pousou em seu cabelo.

"Sim", ele disse novamente.

Ah, ele estava no telefone. A pessoa do outro lado parecia o Mickey Mouse. A mão dele desapareceu enquanto ele digitava e então voltou a brincar com o cabelo emaranhado dela.

"Mm. Me responda."

Ela ouviu um baque quando ele colocou o telefone na mesa. Era assim que ele terminava suas ligações? Ela se fingiu de morta quando sentiu os olhos dele deslizarem sobre ela. Dez segundos depois, ela o ouviu digitando.

A presença dele diluiu a dor, e os pensamentos sobre o pai dela começaram a se dissipar enquanto sua mente se concentrava no ritmo da digitação dele. Ela não sabia como sair disso. Se ela abrisse os olhos, ele veria o quão inchados e injetados eles estavam. Não haveria como esconder o fato de que ela teve uma festa de choro. Seus pensamentos vagavam enquanto ele trabalhava, atendendo mais dois telefonemas e dando respostas monossilábicas. Ela não tinha certeza se era assim que ele normalmente falava ou se ele estava tentando ser atencioso. Entre as ligações, ele trabalhava em seu laptop e ocasionalmente acariciava seu cabelo.

Quando ela calculou que trinta minutos tinham se passado, ela fingiu se mexer. Instantaneamente, a digitação parou.

"Jasmim?"

Ela moveu o edredom para cobrir o rosto. "Você voltou."

Mais uma vez, a mão dele pousou no cabelo dela. "Há pouco tempo."

Ela se afastou e sentou-se com o rosto virado para longe dele. "Vou tomar banho."

Antes que ela pudesse se levantar, ela foi arrastada para o colo dele.

"Deixe-me ir, Roth", ela disse e manteve os olhos fechados.

Ele apertou o rosto dela. "Olhe para mim."

Ela abaixou a cabeça enquanto seus olhos ardiam. "Por quê?"

Ele forçou o rosto dela a virar. Ela estendeu a mão cegamente para empurrá-lo para longe.

"Você teve um dia difícil", ele murmurou.

Com toda a atenção que ele lhe dera, ela começou a suspeitar que ele sabia, mas a confirmação a fez engolir em seco.

"Como?" ela sussurrou.

"Câmeras de segurança."

“Johan e Mo me observam?”

"Não."

Os olhos dela se abriram. Ela olhou para ele enquanto uma lágrima escorria por sua bochecha. " *Você me observa?*"

Ele a observou por um momento antes de enxugar sua lágrima. “É a única maneira de descobrir o que está acontecendo com você. Você não atende minhas ligações.”

Ela tentou escorregar do colo dele, mas as mãos dele agarraram os quadris dela, mantendo-a no lugar. Ela desviou o olhar daqueles olhos inquisitivos e viu o laptop dele na mesa lateral.

“Você realmente o amava, não é?”

Outra lágrima escorreu por sua bochecha. “Sim.”

“Ele te machucou.”

“Eu o perdoei por isso.”

“E ele reconheceu você como seu, dando-lhe sua herança”, ele disse calmamente.

Sua boca tremeu e ela olhou para baixo enquanto mais lágrimas escorriam por suas bochechas. “Eu desistiria de tudo por mais um dia — não, preciso de pelo menos um mês. Eu precisava de mais tempo...” Ela balançou a cabeça e enxugou os olhos. “Ele deixou cartas para Colette e Ariana. Eu preferiria ter um adeus do que o dinheiro que ele deixou. Eu não entendo.”

“Ninguém entendeu aquele homem.”

Ela enrijeceu e abaixou a mão para encará-lo. “Ele mudou, diferente de você! Você continua sendo um babaca. Você compra uma ação controladora na Hennessy & Co e depois me chantageia—”

A mão dele deslizou em seu cabelo e agarrou um momento antes de sua boca pousar na dela. Ela tentou se afastar, mas ele a segurou enquanto a arrebatava. Ela envolveu sua mão em seu terno e a torceu enquanto mais lágrimas vazavam de seus olhos. Ele suavizou o beijo e correu sua mão para cima e para baixo em suas costas antes de se afastar. Ela enterrou seu rosto em seu ombro enquanto sua respiração engatou.

“Não me arrependo de ter chantageado você, porque eu tenho você onde eu quero.”

“Não consigo fazer isso”, ela disse com a voz rouca.

“Você pode”, ele disse enquanto a levantava.

Ele andou para algum lugar, mas ela não se importava onde. Quando ele a colocou no chão, ela abriu os olhos e viu que eles estavam no chuveiro. Quando ele pegou sua blusa, ela deu um tapa fraco em sua mão, que ele ignorou. Ele a despiu e depois a si mesmo e a empurrou para baixo do jato. Ela abaixou a cabeça enquanto a água morna lavava suas lágrimas. Roth espremeu xampu na palma da mão e massageou seu couro cabeludo dolorido. Ela apoiou a mão em seu estômago e sentiu os músculos se contraírem sob seus dedos. Ele estava excitado, mas não agia. Ela o observou por baixo dos cílios abaixados enquanto ele ensaboava um pano e começava a limpá-la como um carro. Ela franziu os lábios para impedi-los de se curvarem. Ele era um *cara*. Ele a limpou do jeito que fazia tudo — *completamente*. Ele levantou seus seios para deslizar o pano por baixo e agarrou sua mão e limpou cada dedo individualmente. Ele continuou descendo por seu corpo, mas parou quando chegou em sua boceta.

“Aqui”, ela disse e estendeu a mão para pegar a toalha.

“Eu entendi”, ele rosnou. “Espalhe.”

Mais por curiosidade do que qualquer outra coisa, ela fez o que lhe foi dito. Ele nunca tinha dado banho nela, nem mesmo na fase de lua de mel do relacionamento deles. Assistir ao colapso dela hoje deve ter causado um impacto nele.

Ela esperava que ele a seduzisse, mas ele permaneceu todo profissional, mesmo com o maxilar travado. Ele parecia quase aliviado em se mover para o resto do corpo dela. Ela teve que apoiar uma mão nas costas dele enquanto ele se abaixava e limpava a sola dos pés dela como cascos de cavalo. Ela estava triste, incrédula e divertida. Quando ele se endireitou, ele a empurrou para baixo da água novamente e passou as mãos sobre ela para ter certeza de que ela enxaguasse bem, até mesmo abrindo sua bunda e coxas.

“Você tem TOC?” ela perguntou.

Ele franziu o cenho. “Por que você pergunta?”

Ela levantou as sobrancelhas. “Nenhuma razão.”

Ele resmungou e começou a se limpar. “Se você vai fazer uma tarefa, você deve fazê-la direito.”

Ela ficou ali por um momento, observando a água deslizar sobre ele. Seu corpo estava longe de ser perfeito. Havia uma grande cicatriz em sua coxa e outras espalhadas por seus braços e costas. Seu corpo era poderoso, mas não era nada comparado à sua mente, que não funcionava como a de todos os outros. Ele viu oportunidade onde ninguém mais viu e foi capaz de fazer o impossível acontecer por pura força de vontade.

Ela o observou ensaboar o pênis eficientemente antes de prosseguir. Ele agiu como se sua ereção fosse uma ocorrência comum, e estava claro que ele não iria se masturbar para aliviá-la. Era porque ela estava aqui? Ela se imaginou ajoelhada na frente dele, chupando-o. O calor se espalhou em sua barriga, mas ela se virou. Este era um acordo de negócios, não um caso romântico.

Ela se enxugou antes de vestir um pijama confortável e assexuado e voltar ao banheiro para começar sua rotina noturna.

“O que você quer comer?” ele perguntou.

“Não estou com fome.” Ela desviou o olhar de seu reflexo sem vida com olhos inchados e injetados de sangue.

“Você deveria comer alguma coisa.”

Ela balançou a cabeça. “Eu só quero dormir.”

“Tudo o que você comeu foi uma salada e batatas fritas horas atrás.”

Ela o examinou no espelho enquanto ele enrolava uma toalha na cintura. “Você não tem coisas melhores para fazer do que me ver comer uma salada?”

“Foi um voo longo.”

Depois de escovar os dentes, ela escorregou para a cama. Ela abraçou um travesseiro contra o peito e olhou pela janela para o céu estrelado. A única fonte de luz era o brilho prateado da cidade e da lua.

Quando o colchão afundou, ela enrijeceu. Um braço enorme a puxou de volta contra ele. Suas curvas se encaixavam nos planos duros do corpo dele. Minutos se passaram, mas nenhum dos dois falou. Ela se viu subconscientemente tentando copiar sua respiração constante. A lua destacava as nuvens enquanto elas passavam preguiçosamente.

“Estou bem”, ela disse calmamente.

Ele não disse nada.

Enquanto sua mente inevitavelmente voltava para seu pai, ela tentou esconder seu fungado. O braço em volta de sua cintura apertou.

“Vai passar”, ela sussurrou.

Ela enterrou o rosto no travesseiro, fechou os olhos e se entregou à sua mágoa.

E

Ela apertou a mão do pai dela entre as suas. Ela silenciosamente implorou para que ele acordasse enquanto o médico a orientava sobre o que estava prestes a acontecer. Seu pai parecia estar dormindo. Ele ainda estava aquecido, ele ainda estava aqui, mas eles disseram a ela que era animação suspensa e não realmente ele. O pai não queria essa meia-vida, mas egoisticamente, ela o segurou por vários dias enquanto lutava com essa decisão. Isso parecia tão errado.

Seu coração disparou quando o médico se aproximou do ventilador. Ela teve que se impedir de atacá-lo. Ela estava tonta de pânico quando o médico ligou o interruptor da máquina. Sua mente flutuou para fora de seu corpo enquanto ela tentava se distanciar do que estava acontecendo. Ela olhou para seu pai enquanto sua respiração parava. Ela parou também, mas então seu peito começou a se mover novamente, e ela quase perdeu o controle.

As enfermeiras disseram algo a ela, mas ela não olhou para elas. Ela não conseguia. Seus olhos estavam fixos em seu pai. Quando a deixaram sozinha, ela afundou na cadeira ao lado da cama.

“Estou aqui, pai. Você consegue me ouvir?” Ela pressionou a bochecha contra a pele quente dele. “Você consegue me sentir?”

Ele recolheu lágrimas na palma da mão enquanto ela começava a lhe contar uma história. Era um jogo que eles tinham desenvolvido. Ela começava uma história, e ele tentava adivinhar a sequência de eventos. Ela tinha que lançar o máximo de informações erradas possível para que ele não conseguisse adivinhar o final. Desta vez, não houve interrupções, previsões ou críticas no final, apenas o som de sua respiração rápida. Ela terminou a história e começou outra, convencida de que ele podia ouvi-la e, talvez, ele chocaria a todos e faria uma volta milagrosa.

Ela estava no meio do terceiro andar quando percebeu que a pele dele havia mudado de cor, e seus lábios tinham um tom azulado. Sua voz falhou. Ela tentou desesperadamente controlar sua voz vacilante para que ele pudesse ouvir o final, mas ela nunca conseguiu.

“Ele se foi.”

Ela não reagiu além de esfregar a mão fria dele entre as suas.

“Sra. Hennessy, ele se foi.”

Ela parou seus cuidados e assentiu, reconhecendo o médico. Ele recuou. Ela deveria dizer algo significativo e pungente, mas nada lhe veio à mente. Mais tempo passou. Ela não se moveu.

“Temos que levá-lo, senhora”, disse alguém.

Ela assentiu, mas não o soltou.

“Você precisa deixá-lo ir”, disse a enfermeira gentilmente.

“Não sei como”, ela sussurrou.

A enfermeira colocou a mão sobre a deles. “Querida, tem alguém que eu possa ligar?”

“Não”, ela sussurrou.

Ela contou até dez, respirando fundo e trêmula enquanto fazia isso. No décimo, ela soltou a mão dele e a colocou na cama. Ela se levantou e beijou sua testa antes de dar um passo para trás com lágrimas escorrendo pelo rosto.

A enfermeira deu um tapinha em suas costas. “Vai ficar tudo bem.”

E

La estendeu a mão para o pai para tocá-lo uma última vez. Os dedos dela pousaram em carne quente e musculosa. Ela abriu os olhos e olhou para Roth.

Ele acariciou sua bochecha molhada. “Acorde, princesa.”

Ela olhou para ele enquanto seu coração se partia novamente. “Ele nunca ouviu o final da história,” ela disse asperamente.

“Está tudo bem, Jasmine.”

Ela balançou a cabeça enquanto engolia as lágrimas.

“Sinto muita falta dele. Não tenho ninguém,” ela sussurrou desolada.

“Você me conquistou”, ele murmurou enquanto depositava beijos no rosto dela.

“Eu nunca tive você.”

Ele beijou o canto da boca dela. Ela agarrou seu cabelo e o segurou enquanto o beijava, despejando sua tristeza nele. Ele a deixou ditar o ritmo enquanto ela o empanturrava. Quando ela empurrou contra seus ombros, ele tombou de lado. Ela o empurrou de costas. Não havia necessidade de despi-lo, já que ele estava nu. Ela fechou a boca em volta do pênis dele. Ele sibilou, e seus membros estremeceram.

“Jasmim.”

Ela o ignorou enquanto o trabalhava do jeito que deveria ter feito no chuveiro. Ele a teria fodido até um sono sem sonhos, e ela não teria revivido essa memória. Ela não queria pensar, não queria se deter na dor. Quando ele estava pronto para ela, ela arrancou as calças e subiu pelo corpo dele até ficar montada em seu rosto. Ela não precisava dizer a ele o que fazer. Ele a comeu enquanto ela arrancava a blusa, estourando botões na pressa de tirá-la. Ela agarrou a cabeceira da cama enquanto o cavalgava. Quando ela precisava de um pau, ela deslizava pelo corpo dele e o enfiava dentro dela.

Ele mostrou os dentes enquanto ela se movia, os olhos brilhando enquanto ele a deixava usá-lo. O som de seus gemidos baixos encheu o quarto enquanto ela alcançava o êxtase. Uma mão envolveu seu cabelo e a puxou para baixo. Sua boca se fechou sobre a dela. O beijo foi carnal e interrompeu seu ritmo. Ela tentou se afastar, mas ele não permitiu. Uma mão pesada a achatou sobre ele enquanto ele começou a empurrar. Ela pensou que estava no controle porque estava por cima, mas era apenas uma ilusão que ele a

permitiu acreditar. Ele surgiu por baixo dela, batendo nela com força de revirar os olhos. Seus braços envolveram sua cintura, mantendo-a no lugar.

“Roth,” ela ofegou.

“Você está comigo?” ele perguntou asperamente.

“Estou sempre com você, mesmo quando não quero”, ela disse enquanto olhava para o rosto dele, metade do qual estava mergulhado na escuridão.

“É aqui que você pertence.”

Ele sussurrou coisas sujas no ouvido dela. Não demorou muito para nenhum dos dois. Ele rugiu alto o suficiente para fazer os ouvidos dela zumbirem quando ele chegou ao clímax. Quando ela caiu em cima dele, ele deu um tapinha na bunda dela.

“Você me pegou”, ele declarou.

Quando ela não respondeu, ele agarrou sua bunda com força suficiente para fazê-la gemer.

“Você me ouviu?”

Ele parecia um sargento irritado em vez de um homem confortando sua amante perturbada.

“Sim”, ela murmurou enquanto ouvia o batimento cardíaco rápido dele.

“Diga”, ele ordenou.

“Eu tenho você.”

Ele passou a mão pela espinha dela e apertou a parte de trás do pescoço dela. “Você sempre fez isso.”

Capítulo 19

Ela acordou com um peso no peito. Literalmente. Roth dormia de bruços com ela parcialmente enterrada sob ele. Os resquícios da tristeza de ontem pairavam sobre sua cabeça junto com uma sensação de desgraça iminente. Ela se sentia como Meredith Grey naquele episódio de Grey's Anatomy em que ela não queria ir trabalhar. “Preciso de uma razão para continuar, preciso de alguma esperança. E na ausência de esperança, preciso ficar na cama e sentir que posso morrer hoje.” Era assim que ela se sentia. Claro, ao contrário de Meredith, quando ela fosse trabalhar (na cozinha), ela não correria o risco de ser explodida.

Mas ela não conseguia ficar na cama e bloquear o mundo. Ela tinha merda para escrever. Ela examinou o que podia ver do rosto de Roth. Mesmo dormindo, ele parecia bravo. Ela tentou se lembrar de quando eles eram casados. Ele nunca foi de ficar aconchegado. Se ela se lembrava corretamente, ele deixou claro que gostava do seu espaço e sempre foi rápido para se desligar depois do sexo. Então, o que era essa merda de conchinha?

Ele não se mexeu quando ela saiu de baixo dele. Ela tomou banho e passou creme nos olhos inchados antes de se vestir. Ela preparou café fresco e se encostou no balcão enquanto observava as gotas escuras escorrendo para dentro da cafeteira. Apesar do balde de lágrimas que derramou ontem, ela ainda não se sentia bem. A foda da meia-noite e as tentativas de Roth de confortá-la não eram um elixir mágico que bania a melancolia. A dor iria persistir, e ela teria que lidar com isso.

Ela sentou-se em frente ao seu laptop e abriu seu manuscrito mutilado. Ela não queria cutucar a fera novamente, então ela pulou para outra cena e deixou a do pai inacabada. Algum dia, quando ela estivesse mais forte, ela daria vida a ela, mas esse dia não era hoje. Não seria preciso muito para derrubá-la em outra rodada de soluções inconsoláveis.

Como fazia na maioria dos dias, ela orava por orientação porque não sabia o que diabos estava fazendo. Ela cutucava palavras na tela e esperava a cafeína fazer seu efeito, torcendo para que a musa aparecesse, já que ela estava sendo uma boa discípula.

Ela estava tão absorta em suas palavras que não ouviu Roth entrar na cozinha. Quando ele jogou uma pilha de papéis no balcão ao lado dela, ela quase caiu do banco. Ela olhou para o acordo pré-nupcial, lançou-lhe um olhar letal e voltou sua atenção para o computador, embora agora estivesse completamente distraída. Ele usava moletom e nada mais. A luz da manhã transformou sua pele escura em um tom quente que o fez parecer o deus que ele pensava que era. Idiota.

“Quanto?” ele perguntou.

Ele não podia esperar até que ela terminasse sua primeira xícara de café antes de começar a falar sobre dinheiro? Ela apagou uma palavra e substituiu por outra.

“Duzentos milhões?”

Quando ela pegou sua caneca, ele a agarrou. Ela olhou para cima a tempo de vê-lo tomar um gole e então fazer uma careta. Ele não era de bebidas doces. Não, ele gostava de coisas amargas, assim como ele.

“Bem feito para você”, ela murmurou.

“Diga-me quanto você quer.”

Ela soltou um bufo irritado e pegou sua caneta azul-petróleo e assinou onde todas as abas estavam. Ela não se permitiu analisar demais. Isso era apenas superficial. Um ano e então ela seguiria em frente. Quando terminou de assinar, ela olhou de volta para seu manuscrito.

“Por que esperar se você não quer mais dinheiro?”

Ela manteve sua atenção soldada à tela do computador. Ele pressionou contra o lado dela e puxou seu cabelo. Quando ela ainda não olhou para ele, ele agarrou seu rosto e o virou para si. Antes que ela pudesse explodir, ele cobriu sua boca com a dele. Ela não estava preparada para seu beijo gentil. Quando ele se afastou, ela agarrou o fundo do banco para se apoiar.

“Eu disse que não gosto de ser ignorado”, ele disse.

“Não gosto de ser interrompida”, ela rebateu.

“Diga-me por que você não assinou.”

Ela cruzou os braços. “Da próxima vez que você sentir vontade de me colocar no meu lugar, faça isso em particular, em vez de mandar seu advogado fazer o trabalho sujo.”

A mão em seu rosto ficou tensa antes que ele a soltasse. Quando ela ia voltar para seu laptop, ele o fechou e forçou o banco a girar para que ela ficasse de frente para ele.

“Explique”, ele ordenou.

“Você não precisa continuar jogando seu peso por aí, me dizendo que não tenho escolhas. Eu sei que não tenho poder, mas você—”

“O que Mason disse?” ele perguntou.

“Ele presumiu que eu estava procurando um acordo maior e ressaltou que não tenho a quem recorrer agora que meu pai se foi e minhas irmãs não estão bem. Ele também deixou claro que sua oferta foi generosa, considerando meu histórico.” Ela cutucou seu peito nu com o dedo. “Dane-se, Roth. Você age como se eu tivesse fugido porque encontrei outra pessoa e—”

“Ele está demitido.”

Ela se afastou. “O quê?”

“Eu disse a ele para garantir que você assinasse. É isso.”

Ela procurou os olhos dele. “Mas ele mencionou Hennessy & Co.”

“Isso é de conhecimento público. Eu não discuti isso com ele. Eu disse a Mason que queria o acordo pré-nupcial assinado o mais rápido possível. É o trabalho dele saber quais táticas usar com seu oponente. Ele calculou mal você. Ele deveria ter pensado melhor. Você é um Hennessy.”

“Então?”

“Você foi criado por Maximus. Coerção e ameaças não vão funcionar com você.”

“Então por que diabos estou nessa posição?” ela exigiu.

“Porque eu jogo sujo. Você não teve chance contra mim.”

Ela empurrou o peito dele. “Você é irritante.”

“Vou demiti-lo hoje”, disse ele calmamente.

Ela deu de ombros. “O que está feito está feito.”

“Não está feito. Ele te irritou e me fez pensar que você ia recuar. Eu não preciso dessa merda. Eu preciso de você doce, não hostil.”

Ela fez uma careta. “Doce?”

“Doce como ontem à noite. É assim que eu quero você o tempo todo.”

Sua boceta pulsava. “Não vai acontecer.”

“Vamos ver sobre isso.”

Ele a beijou lenta e profundamente, saboreando-a. Todo o resto desapareceu enquanto ele a arrastava para baixo de uma maré de sensações.

“Doce”, ele confirmou contra os lábios dela.

“Eu não sou doce.”

“Você não pode evitar”, ele disse enquanto levantava a cabeça e olhava para ela. “Tenho algumas ligações para fazer.”

“O que?”

“Você tem que me deixar ir.”

Ela estava tão afundada nele que envolveu seus braços e pernas ao redor dele. Horrorizada, ela se afastou bruscamente enquanto ele lhe dava um sorriso satisfeito.

Ela mostrou os dentes para ele. “Não leia nada nisso. Eu odeio você.”

Ele deu um tapinha no queixo dela. “Você não pode resistir a mim.”

Ela tentou mordê-lo, mas ele retraiu a mão. Os dentes dela estalaram no ar enquanto ele pegava o acordo pré-nupcial e saía da cozinha.

“Tenho que ir a algum lugar”, ela disse. Ela precisava ficar bem longe dele.

Ele parou na porta. “Temos uma excursão hoje.”

“Eu tenho planos”, ela mentiu e então retrucou: “Por que diabos você não me dá o código do elevador, idiota?”

“Eu te darei amanhã.”

“Por que amanhã?”

“Você estará legalmente vinculado a mim então.”

Ela sentiu o sangue sumir do rosto. “Com licença?”

“Vamos nos casar esta tarde no Tuxedo Park”, ele disse em um tom calmo que a fez querer atirar algo na cabeça dele.

“O quê? *Por quê?* Eu pensei que Sarai tinha dito que não havia uma data definida.”

“Eu estava te dando tempo.”

Ela tropeçou do banco. “Tempo? Tempo para quê?”

“Para se acostumar com a ideia.”

“Mas você mentiu para mim.”

Ele levantou uma sobrancelha. “Você pode me culpar?”

“Sim, eu posso! Não posso fazer isso hoje! Nada está pronto! Rami e Lyle não estão na cidade. Não posso me casar sem eles lá. Você queria que parecêssemos uma família grande e feliz. Bem, se eles não estiverem lá, as pessoas vão se perguntar—”

“Rami chegou de avião esta manhã, e Lyle pegou uma carona de volta comigo ontem à noite.”

Sua boca caiu. Lyle e Roth? O inferno tinha acabado de congelar. Aquele sentimento de destruição iminente estava ficando mais forte. “Vocês são amigos agora?”

“Somos civilizados.”

Isso não podia estar acontecendo. “E o fotógrafo? E a Kaia? Eu a quero lá.”

“Todo mundo sabia a data real, exceto você, incluindo Daiyu. Entrei em contato com ela para garantir que ela terminasse o vestido a tempo. A única coisa que não foi acertada foi esse acordo pré-nupcial.”

Os olhos dela foram para os papéis debaixo do braço dele. “E se eu não tivesse assinado?”

“Você nunca saberá.”

Porra! “Eu acho que deveríamos fazer isso em outro dia.”

“Não.”

Ele deliberadamente escondeu a data do casamento dela, sabendo que ela surtaria. Uma coisa era concordar, outra era assinar o acordo pré-nupcial e outra bem diferente era seguir adiante com a farsa de um casamento. “Preciso de mais tempo.”

“Você não.”

“E meu cabelo? Olha meu rosto! Meus olhos estão inchados!”

“Colette vai trazer alguém para fazer seu cabelo e sua maquiagem.”

Ele cuidou de tudo com a ajuda da família dela e bloqueou todas as desculpas que ela conseguiu pensar.

“Partiremos em uma hora. Faça uma mala. Passaremos o fim de semana lá”, ele disse enquanto a deixava ali parada em completo choque.

Ela deveria ter ficado na cama hoje. Ela deveria ter alegado que estava mortalmente doente, mas não, ela se vestiu e começou a trabalhar, mostrando a ele que ela era um ser humano totalmente

funcional, o que ela não era. Sua mente deslizou em um milhão de direções diferentes, mas não adiantou. Ela havia assinado o acordo pré-nupcial. Tudo o que restava era a cerimônia, mas era o que ela mais temia. Se um juiz os casasse, seria tudo profissional, mas se vestir de noiva e ter sua família envolvida tornava isso pessoal. Sete anos atrás, ela teria feito qualquer coisa para ter sua família e Roth juntos na mesma sala, mas agora a ideia de todos se reunindo para testemunhar sua farsa de casamento a deixava doente.

Ela guardou o manuscrito antes de limpar a cozinha. Era um lindo dia em Nova York, sem uma nuvem no céu. Ela desejou que estivesse uma tempestade do caralho. Ao sair da cozinha, ela ouviu o estrondo da voz de Roth enquanto ele falava ao telefone. Como ele tinha tempo para comandar um império e encurralá-la tão ordenadamente? Filho da puta.

A única coisa que ela precisava levar eram seus artigos de higiene, já que tinha roupas no Tuxedo Park. Ela se concentrou no positivo. Este era o começo do fim. Quanto mais cedo essa merda acontecesse, mais cedo acabaria. Ela estava feliz em dar um tempo da cidade e ficar no campo por um tempo. Ela iria ver Kaia. Seria ótimo vê-la recuperada da cirurgia.

Ela estava de joelhos no armário, mexendo em sua bolsa de higiene quando Roth entrou.

“Por que suas coisas estão no chão?”

“Não tive tempo de resolver tudo,” ela murmurou enquanto ele tirava a calça de moletom e pegava a calça. Pelo canto do olho, ela admirou sua bunda esculpida.

“Você não precisa fazer isso. Esse é o trabalho da governanta.”

“Eu...” Para se manter ocupada, ela começou a se certificar de que todas as tampas de seus produtos estavam bem fechadas. “Eu não queria que ninguém entrasse enquanto eu estivesse trabalhando. É uma distração.”

“Ela pode desfazer as malas enquanto estivermos fora”, ele disse enquanto fechava o zíper das calças.

“Prefiro fazer isso sozinho.”

“Você ainda está resistindo”, ele disse calmamente.

Ela acenou com a mão para seus artigos de higiene. “Parece que estou resistindo?”

“Você resiste em sua mente.”

Claro que ela estava. O que ela deveria fazer? Entregar-se a ele para que, quando ele se livrasse dela, daqui a um ano, ela estivesse destruída de novo? Foda-se.

Ela pegou seu vestido de noiva e véu no quarto de hóspedes e empilhou tudo perto do elevador antes de ir para a cozinha para arrumar sua bolsa de trabalho. Quando terminou, encontrou Johan perto do elevador com suas malas de roupas erguidas e sua mão em sua mala. Roth saiu do quarto com uma pequena bolsa no ombro. Ele estava falando ao telefone e estendeu a mão para ela. Um olhar para seu rosto lhe disse que não era hora de testá-lo. Ela deixou os dedos dele envolverem os dela e entrou no elevador.

Ela manteve a cabeça erguida enquanto eles andavam pelo saguão. Como nas outras vezes em que ela tinha passado, estava movimentado e cheio de pessoas. Havia um leve barulho no nível de ruído enquanto eles passavam, mas Roth não se importava nem um pouco. Ele ainda estava em sua ligação com a mão dela firmemente segura na dele. Ela manteve os olhos fixos à frente.

Mo estava no meio-fio. Ela subiu no banco de trás com Roth e viu que a divisória estava levantada novamente. Ela afivelou o cinto e olhou pela janela enquanto Roth encerrava uma ligação e atendia outra. Apenas mais um dia, que acabou sendo o dia do casamento dela. Nada demais, certo? As pessoas se

casavam o tempo todo. Algumas até se casavam com a mesma pessoa duas vezes, que era o que ela estava prestes a fazer... Eles se divorciavam da mesma pessoa duas vezes? Agora essa era a verdadeira questão.

Eles deixaram a cidade para trás e cruzaram o país. Folhas laranja e amarelas ainda decoravam as árvores. *Pelo menos as fotos serão legais*, ela refletiu.

Ela estremeceu quando Roth agarrou seu pulso. Ela virou a cabeça, viu o anel na mão dele e tentou se afastar.

"Não", ela disse com firmeza.

"É esperado."

"Mas-"

"Não discuta."

Ela tentou fechar os dedos em punho, mas ele achatou a mão dela e enfiou o anel enorme em seu dedo. Era um diamante de lapidação almofada impecável em uma faixa delicada incrustada com mais diamantes impecáveis. Era enorme, ridículo e tão lindo que seu coração já pesado afundou até os dedos dos pés. O anel dominava sua mão. Era uma declaração, uma que ninguém ignoraria.

"É demais", ela disse fracamente.

"É perfeito." Ele inclinou a mão dela de um lado para o outro, fazendo-a brilhar. "Combina com você."

Ele estava indo com tudo nessa farsa. "Isso deve ter custado uma fortuna."

"Não se preocupe com isso."

"Dai disse que você pagou a conta do vestido também."

"Estou ansioso para transar com você hoje à noite."

O olhar dela se voltou para o dele. Enquanto ela estudava as mãos deles, ele a observava. As pálpebras dele estavam abaixadas sobre os olhos famintos. A pele dela formigava quando o polegar dele roçava a pele dela.

"Decidi na Alemanha que tenho uma fantasia de noiva", ele disse calmamente enquanto seu dedo cutucava o anel de diamante. "Você vai fazer isso se tornar realidade."

Ela tentou desembaraçar sua mão da dele. "Arrogante."

"Arrogante descreve alguém que *pensa* que é um chefe. Eu *sou* o chefe de merda."

"Você não é meu chefe", ela retrucou.

"Veremos."

Os olhos dele mergulharam em sua virilha, e os dela automaticamente seguiram. Ele estava excitado.

"Quero ver você me dando um soco com meu anel no seu dedo."

"Você teve muito tempo para pensar na sua viagem de negócios." Ela tentou soar altiva, mas saiu ofegante.

"É por isso que você viajará comigo no futuro. Não terei que pensar em fantasias porque poderei representá-las imediatamente."

"Você foi privado sexualmente, Roth?"

O olhar dele estava fixo na boca dela quando ele disse: "Eu nunca fui de aceitar o que me oferecem só porque é de graça."

"Você prefere pagar e ter um parceiro relutante?" ela perguntou causticamente.

“Eu pago pelo melhor, princesa,” ele disse suavemente. “E você só luta comigo porque acha que deve. Eu permito porque isso torna minha vitória muito mais doce.”

Ela arrancou a mão da dele. “Você é tão—”

“Parece que minha mãe chegou antes de nós.”

Eles passaram pelos portões da frente da propriedade sem que ela percebesse. Quando se aproximaram da casa, ela viu um carro alugado estacionado na frente. Roth atendeu o telefone enquanto Mo estacionava na porta da frente. Ela saiu do SUV e entrou para encontrar Thea e Kaia no saguão.

“Você vai se casar, senhorita?” Thea perguntou com os olhos arregalados.

Ela esperava que nenhum deles notasse o tropeço em seu passo. “Sim, estou. Sinto muito por não ter avisado.”

“Uma mulher, acho que o nome dela era Sarai? Ela me ligou há uma hora para me avisar que vocês viriam hoje e para ter certeza de que eu estava aqui para dar as boas-vindas ao bufê e aos convidados. Quem mais vem?” Thea perguntou.

“Minhas irmãs e suas famílias. Sinto muito, Thea. Eu deveria ter te avisado.” Bem, ela teria avisado se soubesse *que* ia se casar hoje.

“Vocês todos vão passar a noite aqui?” Thea perguntou.

“Eu acredito que sim.”

“Vou dar uma refrescada nos quartos”, disse Thea e correu escada acima.

Ela abraçou Kaia, que estava vestida casualmente com jeans e jaqueta. “Estou feliz que você esteja aqui. Como está se sentindo?”

Ela se afastou para encontrar Kaia olhando para ela com uma expressão estranha no rosto. “Você está bem?”

Kaia olhou para trás. “Onde está Roth?”

“Ele está lá fora atendendo uma ligação.”

Kaia agarrou sua mão. “Preciso falar com você.”

“Okay,” ela disse e foi junto de bom grado enquanto Kaia a levava para a biblioteca. “Aconteceu alguma coisa no voo?”

“Não é isso.” Kaia parou no meio da sala e se virou para ela. “Preciso que você me responda honestamente.”

Um arrepio de pressentimento percorreu sua espinha. “Ok?”

“Você está se casando com ele por vontade própria ou ele está te forçando de alguma forma?”

Ela sentiu o sangue sumir do rosto. “Desculpe?”

“Eu sabia.” Kaia se afastou e puxou sua trança enquanto murmurava baixinho. “Isso é tudo culpa minha. Eu deveria ter deixado você ir embora quando teve a chance.”

“Do que você está falando?” ela perguntou.

Kaia se virou para ela com uma expressão quase assustada.

“Você não pode se casar com ele, Jasmine. Ele vai te arruinar.”

O coração dela pulou uma batida. “O quê?”

“Ele é meu filho. Eu deveria amá-lo, mas...”

Deveria amá-lo? Que diabos? “Kaia, do que você está falando?”

“Eu deveria ter percebido que quando ele te visse de novo, ele não te deixaria ir. O jeito que ele te observa...” Kaia estremeceu. “Ele é um mestre estrategista, sempre um passo à frente de todos os outros. Ele espera anos antes de fazer um movimento, e quando ele executa, ele nunca comete um erro. O psicólogo diz que ele não tem empatia. Isso permite que ele se concentre em seus objetivos sem deixar ninguém atrapalhar. Ele sempre foi frio, mesmo quando criança. Uma vez que ele começa um caminho, nada pode pará-lo.”

“Psicólogo?” ela sussurrou.

Kaia inclinou a cabeça para o lado. “Você não sabe?”

“Mãe.”

Os dois pularam. Roth estava parado na entrada da biblioteca. Sua expressão era tão inescrutável como sempre, mas havia algo errado com seus olhos. Eles brilhavam como diamantes negros em seu rosto, que de outra forma seria imóvel.

“Você terminou”, ele disse em uma voz suave que fez o estômago dela revirar.

“Ela não sabe, sabe?” Kaia conseguiu soar desafiadora e nervosa ao mesmo tempo.

“Isso não lhe diz respeito.”

“Você não mudou”, Kaia sussurrou.

“Nem você”, ele disse friamente enquanto cruzava as mãos atrás das costas.

“Você está segurando algo contra ela. Ela não está disposta”, disse Kaia.

Os olhos dele cortaram para ela. Sua pele começou a coçar enquanto ela sentia a vontade dele pressionando-a. Ela sentiu como se estivesse recebendo pequenos cortes de papel por todo o corpo. A ansiedade discreta que ela vinha alimentando na viagem até aqui havia se transformado em pânico total.

“Você não sabe nada sobre meu relacionamento com Jasmine, Johan,” Roth disse, e o guarda apareceu ao seu lado. “Minha mãe precisa de uma carona de volta para o aeroporto.”

“Não, Roth!” ela disse e se colocou protetoramente na frente de Kaia.

“Está tudo bem, Jasmine”, disse Kaia.

“Não, não está. Eu não entendo o que é—”

Ela não percebeu que Roth tinha se movido até que fosse tarde demais. Ele a puxou para longe de Kaia, que recuou apressadamente como se estivesse com medo de que ele fosse ficar físico com ela.

“Espere, Roth, você não pode deixá-la ir embora!”

Kaia parou na porta e abriu a boca para dizer algo, mas seus olhos se voltaram para Roth, e ela rapidamente desviou o olhar. Johan gesticulou para fora da porta, e ela saiu.

“Espere!” Jasmine gritou, mas Johan fechou a porta, rebatendo o grito dela na cara dela.

Roth segurou o rosto dela. “O que ela disse para você?”

Ela olhou para ele. “O que diabos há de errado com você?”

Se ela não estivesse grudada nele, ela poderia não ter percebido a maneira como ele ficou tenso.

“O que você quer dizer?” ele perguntou com uma voz completamente desprovida de qualquer emoção.

“Ela disse que você vai me arruinar.”

Os olhos dele se moveram sobre o rosto dela enquanto ele considerava suas palavras. O fato de ele não ter contradito Kaia imediatamente fez seu coração bater forte contra suas costelas.

“O que você vai fazer comigo?” ela sussurrou.

“Eu não vou te machucar.”

Ela não acreditou nele. “Cai fora.”

“Ela era seu único pedido, então eu a deixei vir. Eu sabia melhor,” ele disse suavemente como se ela não estivesse lutando com cada grama de força que tinha para se afastar dele. “Não dê ouvidos a ela.”

“Sua própria mãe me disse para não me casar com você!”

“Seu pai lhe disse a mesma coisa, mas você fez mesmo assim.”

“Isso foi diferente.”

“Como assim?” Ele a forçou a olhar para ele, dedos cravando em sua pele. Seus olhos eram buracos negros que levavam ao abismo. “Eu sou o mesmo homem.”

Não, porra, ele não estava. “Você está me machucando.”

Instantaneamente, seu toque suavizou-se como se ele não reconhecesse sua própria força.

“Não acredite nela”, ele disse.

Ela não conseguia olhar para ele, não com o aviso de Kaia soando em seus ouvidos. “Eu preciso...” Ela tentou pensar em uma desculpa, qualquer coisa para fugir dele. “Eu preciso...”

“Você está segura comigo.”

Ela fechou os olhos para bloqueá-lo. “Roth, por favor.”

Ele estava tão perto que ela não conseguia respirar. Havia atividade em seus olhos, muita atividade. Mais do que ela já tinha visto. Ela sentiu como se estivesse na beira do penhasco, e ele estivesse tentando persuadi-la a sair da saliência. Ela não estava convencida de que ele era a opção mais segura.

“Minha mãe e eu nunca concordamos.”

“Você precisa me deixar ir.”

Sua expressão endureceu. “Não há como voltar atrás.”

Houve uma batida rápida antes que a porta da biblioteca se abrisse. Rapidamente, ele estava ao lado dela, mão apertada na dela enquanto Ariana entrava na biblioteca com Kye em seu quadril.

“Aí está você! Tenho a maquiadora e a cabeleireira comigo!” ela disse alegremente.

Quando ela começou a andar em direção à irmã, Roth a fez parar.

“Dê-nos um minuto, sim?”, ele pediu tão educadamente que Ariana assentiu e foi em direção à porta sem um murmúrio de protesto. Claramente, Ariana não percebeu que estava deixando sua irmã com um psicopata. Jasmine foi encorajada pelo fato de Ariana ter deixado a porta aberta.

“O que quer que minha mãe tenha dito, esqueça”, disse Roth.

Ela assentiu imediatamente, mas não conseguiu encará-lo. Sua mente estava correndo enquanto ela tentava pensar em todas as maneiras que ele poderia ferrá-la.

"Jasmim."

“Hum-hum?”

“Olhe para mim.”

Ela se preparou mentalmente enquanto obedecia. O rosto dele estava calmo, mas algo maligno espreitava nas profundezas escuras de seus olhos.

“Você me conhece”, ele disse em voz baixa, vibrando com alguma emoção que ela não conseguia definir.

“O que diabos vocês dois estão fazendo?” Lyle perguntou bruscamente, interrompendo a disputa de olhares.

Ela se afastou de Roth, e dessa vez, ele a deixou ir. Ela caminhou até seu cunhado, que lhe deu um abraço. Quando ele a segurou à distância de um braço e examinou seu rosto, ele franziu a testa.

"O que está errado?"

Ela pode ter cometido o segundo maior erro de sua vida com o mesmo homem.

“Você tem certeza disso?” Lyle perguntou enquanto seu olhar passava por cima do ombro dela.

Ela sentiu Roth se aproximar um segundo antes de dizer: "É claro que sim."

A mão dele roçou a parte inferior das costas dela, lembrando-a de que ele estava observando, ouvindo, esperando.

"Estou feliz que você esteja aqui", ela disse com a voz rouca.

“Você nunca me convidou para a primeira”, Lyle disse, com os olhos em Roth. O dedo dele esbarrou no novo anel de noivado dela. Ele levantou a mão dela para ver melhor. “Você não conseguiu um maior?”

“Não”, disse Roth.

Lyle a empurrou em direção à porta. “Prepare-se. Roth e eu temos coisas para discutir.”

Ela saiu da sala sem olhar para trás. O saguão estava cheio de pessoas. Kye correu por entre as pernas dos fornecedores que estavam chegando com comida. Rami segurou Polara em um braço enquanto gritava com seu filho, e Ariana tentou consolar Bailey, que estava chorando por causa de uma faixa de cabeça quebrada.

“Hoje é o dia!” Colette disse e lhe deu um abraço. “Você está pronta?”

Jasmine olhou para Mo, que estava parado casualmente em frente à porta, mas teve a sensação de que ele faria algo se ela tentasse passar.

“Vamos, Min.” Ariana entrelaçou os braços. “Precisamos colocar esse show na estrada!”

Suas irmãs a conduziram até um quarto de hóspedes, onde a maquiadora e cabeleireira assumiu o comando.

“Parabéns, Sra. Hennessy. Que look vamos usar neste dia especial?” perguntou a maquiadora.

Ela tentou pensar em algo, mas sua mente estava em branco.

“Qual é a cor do seu buquê?”, perguntou a maquiadora.

“Eu... eu tenho um buquê? Eu nem sei.” Seu coração batia forte em seus ouvidos enquanto todos a encaravam. Ela olhou para suas irmãs em busca de ajuda.

Colette deu um passo à frente. “O buquê dela tem roxos escuros, rosas suaves e branco. Vamos prender o cabelo dela. Ela está com um vestido de gola alta, e dá para ver o véu ali.” Ela apontou para uma das bolsas de roupas. “Quanto à maquiagem, vamos mantê-la leve e clássica com um batom ousado. Minnie?”

Ela assentiu, e todos entraram em ação. O cabeleireiro puxou seu cabelo enquanto a maquiadora cobria seu rosto e dizia para ela inclinar a cabeça para um lado e para o outro. Suas irmãs sentaram na cama com as crianças e conversaram. O clima no quarto era leve e festivo enquanto ela estava sentada ali, paralisada pelo choque. A histeria se espalhava a cada segundo que passava. Ela se sentia completamente desligada de tudo o que estava acontecendo ao seu redor. Kye e Bailey estavam empoleirados em seu colo,

mas ela não ouviu uma palavra do que eles disseram. Quando a maquiadora e a cabeleireira recuaram para que ela pudesse ver o efeito total do trabalho delas, ela não reagiu por vários segundos.

“O que você acha, Srta. Hennessy?”

“Ótimo trabalho”, ela disse.

A maquiadora era tão habilidosa que não havia nenhum traço de medo em seu rosto. O suor frio tinha sido enxugado, e o suave rubor em suas bochechas dava a impressão de que ela estava alegre e animada, em vez de em pânico e pronta para perder a cabeça. Seu cabelo era liso e brilhante, e o lindo véu caía ao redor dela em ondas suaves. Ela tinha um lábio roxo escuro fosco incomum, um toque pessoal que a fazia se sentir mais como Jasmine e menos como uma Barbie brincando de se vestir.

Enquanto os cabeleireiros e maquiadores arrumavam suas coisas, ela se virou para Colette, que estava sentada na cama amamentando Polara.

“Você está animada?”, Colette perguntou, mas sua atenção estava na maquiadora e cabeleireira enquanto elas saíam da sala. Assim que a porta fechou, ela se virou para Jasmine.

“Eu comecei”, ela confidenciou em um sussurro alto.

Jasmine piscou. “Desculpe?”

“Seus livros.”

“Oh.” Ela não sentiu a onda normal de nervosismo ou insegurança sobre seu trabalho. Ela não sentiu nada.

“Eles são muito quentes”, disse Colette e se mexeu desconfortavelmente.

“Eu disse que eles seriam.”

“Tudo isso é real?”, perguntou Colette.

“O que é real?”

“O personagem principal. Como ela se sente sobre ele? É assim que você se sente sobre Roth?”

Ela queria mentir, mas não adiantava. “Sim.”

Colette assentiu. “Eu posso ver por que você deixou Ford se era isso que você sentia por ele. Lyle e eu não temos isso.” Ela balançou Polara e olhou pensativamente para o lago. “Eu não sei se eu gostaria de ter isso, honestamente. O jeito que ele olha para você...”

“Como ele olha para mim?” ela perguntou bruscamente.

Colette acenou com a mão. “Você sabe.”

Não, ela não sabia. “Como?”

“Ele é...” Colette limpou a garganta. “Completamente focado em você, observando cada expressão sua. Ele é realmente intenso. Não sei se eu conseguiria lidar com um homem tão apegado a mim.”

Apegados? Durante a maior parte do casamento, eles viveram separados.

“Não sei como você funciona com alguém que sente isso por você. Isso toma conta de você, não é?”

Ela assentiu. A última vez que ela jogou esse jogo com Roth, ela saiu em pedaços.

“Estou feliz que vocês dois estejam tendo essa segunda chance”, Colette continuou. “Ariana tem trabalhado com ele. Ele foi para a Alemanha para fechar um acordo e nos contou.”

“Espera, o quê?”

“Você não sabia?”

Ela não sabia de muita merda, aparentemente. “Não.”

Colette deu de ombros. “Provavelmente é melhor manter negócios e pessoal separados. Quando você mistura tudo, coisas ruins acontecem. É por isso que estou feliz por termos resolvido isso sem Lyle se envolver.”

“Você deveria estar em licença-maternidade”, ela a lembrou.

“Estou!” Colette gesticulou para a Polara que amamentava. “Ariana está cuidando de tudo e fazendo um excelente trabalho. Tenho comido, dormido e lido sobre o caso de amor da minha irmã. A empresa está se recuperando, e Polara é linda. Está tudo dando certo.”

Ariana entrou e fechou a porta para os gritos de sua filha. “Vamos, vamos te colocar nesse vestido.”

Depois que Colette fez Polara arrotar, suas irmãs a ajudaram a vestir o vestido. Elas conversavam animadamente enquanto abotoavam e afofavam sua saia. Enquanto o tule se acomodava ao redor dela, ela olhou para o projeto finalizado e sentiu seu estômago embrulhar. Isso era completamente errado.

Ariana agitou uma mão na frente do rosto. “Meu Deus.”

Colette enxugou uma lágrima e tirou um lenço bordado com suas iniciais. “Esses malditos hormônios.”

“Vamos fazer a cerimônia em frente ao lago”, disse Ariana, espiando pelas janelas. “Thea disse que assistiria Polara e então a levaríamos para tirar fotos. A luz está perfeita agora.”

“Eu...” Ela limpou a garganta. “Posso ter um minuto?”

“Claro.”

Suas irmãs sorriram para ela enquanto se retiravam e fechavam a porta. Ela se olhou no espelho. Parecia uma noiva. Entre o anel e o vestido, ela estimou que estava usando mais de um milhão de dólares. Se ela tivesse planejado, não poderia estar melhor, mas era tudo fachada para o ganho dele.

Você não pode se casar com ele, Jasmine.

Suas mãos subiram até a gola alta do vestido enquanto sua garganta começava a fechar. Ela se sentiu como um coelho olhando por cima do ombro em busca do lobo. Ela poderia realmente fazer isso? Sua própria mãe a havia avisado para não se casar com ele. Se ela estava procurando um sinal, era isso, certo?

Ele vai te arruinar.

Os dedos dela percorreram o decote recortado. Ela passou os dedos sobre a renda delicada antes de agarrar e se preparar para puxar.

Uma batida suave interrompeu seu devaneio sombrio. Antes que ela pudesse gritar, a porta se abriu para admitir Thea, que parecia menos do que polida depois de correr para acomodar todos eles.

“Sinto muito, senhorita, mas eu precisava vê-la”, Thea começou, mas ficou em silêncio quando Roth apareceu ao seu lado.

Ele estava de smoking com uma rosa roxa escura presa no bolso. “Preciso falar com minha noiva.”

Thea imediatamente abaixou a cabeça e saiu da sala. “Claro, senhor!”

Roth fechou a porta e a trancou antes de enfiar a mão nos bolsos. Ela tirou a mão do decote do vestido.

“Você está linda.” Seus sapatos estalaram no piso de madeira enquanto ele andava em direção a ela. “Suas irmãs tentaram me impedir de te ver. Dizem que dá azar ver a noiva antes do casamento.”

Ele parou atrás dela, tão perto que ela sentiu o cheiro de sua colônia.

“Eu não acredito em sorte. Eu acredito que você faz seu próprio destino.” Houve uma pausa tensa e então, “Está pensando melhor, Jasmine?”

Os olhos dela colidiram com os dele no espelho.

"Menina má", ele murmurou enquanto afastava o véu dela para o lado e dava um beijo em sua nuca exposta. "Está tudo no lugar. Tudo que preciso é você." Ele deu um beijo no topo de sua espinha e a segurou firme com um aperto em seus quadris quando ela tentou se afastar. "Não há lugar onde você possa se esconder de mim. Eu te caçaria."

Seu peito estava tão apertado que ela mal conseguia respirar.

“Você acha que tem escolha, mas não tem”, ele sussurrou enquanto uma mão se espalmou sobre a barriga dela. “Tudo já está em movimento. Você está muito envolvida, princesa.”

“Roth” ela disse.

“Eu não dou a mínima para o que ela disse,” ele disse enquanto sua mão deslizava para baixo, sondando as camadas de tule. “Ela é veneno.”

Ela agarrou o pulso dele. “O que você está fazendo?”

“Lembrando você do que importa.”

O aperto dela em seu pulso não o impediu, enquanto seus dedos se enterraram na saia em camadas até que ele encontrou o coração dela.

“Espalhe para mim.”

"Foda-se."

“Eu vou se você quiser. Eu vou abrir aquela porta e deixar sua família assistir.”

Ela cerrou os dentes e abriu as pernas. “Eu odeio você.”

Ele esfregou o tule grosso contra ela. O sol brilhava sobre a cena perversa. Ela, a noiva adequada e clássica com o noivo debochado lidando com uma sensação antes da cerimônia. Os olhos dele perfuraram os dela no espelho enquanto ele a despertava habilmente, enterrando seu medo e ansiedades sob uma onda de sensações.

Ela cerrou os dentes para conter o gemido. “Pare, Roth.”

“Preciso que você diga duas palavras para mim, e tudo estará acabado. Você pode fazer isso por mim, não pode?”

Ela estremeceu enquanto ele a trabalhava rudemente. Sua mente ficou branca enquanto ela se concentrava na crista logo fora de alcance.

“Você sabe por que fugiu de mim?” ele perguntou asperamente.

Ela agarrou o pulso dele para mantê-lo parado para que ela pudesse se foder em seus dedos. O braço dele veio em volta da cintura dela e a segurou parado enquanto ele se esfregava contra sua bunda.

“É porque você sabe que pertence a mim. Você anseia pelo que eu te dou. Você não é forte o suficiente para lutar comigo, então você corre. Essa porra acaba agora.”

Os dedos dele se moveram em tesoura, e ela soltou um gemido áspero.

“Você não tem ideia do que eu fiz para nos trazer aqui. Ninguém fica entre nós. Nossos pais não têm voz.”

Sua respiração engatou quando ela sentiu seu orgasmo chegando. “Jamie.”

“Sim, Jamie,” ele sussurrou em seu ouvido. “Você está comigo, Jasmine?”

“Sim”, ela gemeu.

A mão dele desapareceu, e ela se inclinou para a frente. Ele a pegou antes que ela caísse e a virou para encará-lo. Ela ficou ali, pulsando e dolorida enquanto ele alisava o tule amontoado e fixava seu véu com uma pose que a fez querer arranhar o rosto dele com as unhas.

Ele encontrou o olhar fervilhante dela. “Hoje à noite,” ele prometeu e estendeu a mão.

Havia muito a dizer, mas ele estava certo sobre uma coisa. Ela estava muito envolvida, e não havia como voltar atrás. O aviso de Kaia tinha chegado tarde demais.

“Pegue minha mão”, ele ordenou.

Ela respirou fundo e saiu do penhasco. Ela colocou a mão na dele.

Capítulo 20

Quando eles saíram da sala, um flash disparou em seu rosto. Quando sua visão clareou, ela viu uma mulher em um terninho branco segurando uma câmera.

“O fotógrafo também tirará fotos espontâneas”, disse Roth.

“Estamos todos prontos?” Lyle perguntou enquanto se aproximava.

“Sim.”

Ariana entregou a ela um lindo buquê com rosas roxas profundas, blush e brancas com jasmim. Antes que ela pudesse admirá-lo, Roth a levou para fora com todos marchando atrás deles. Ela pegou a frente do vestido e ficou feliz que seus sapatos tinham um salto quadrado para que não afundasse no chão macio. Um homem estava parado ao lado do lago enquanto o sol começava a se pôr, riscando o céu com cores. Quando pararam diante do ministro, o fotógrafo os posicionou de frente um para o outro e tirou uma rodada de fotos. Ela olhou para Roth enquanto o frio penetrava em seus ossos. Os olhos dele estavam firmes nos dela. O som das vozes felizes de Bailey e Kye era um contraste chocante com o pesado conflito acontecendo dentro dela.

Assim que o fotógrafo ficou satisfeito, Jasmine entregou seu buquê para Ariana, e o ministro começou a falar, sua voz ecoando facilmente no silêncio abafado. Seus nervos começaram a se desgastar quando as palavras do ministro começaram a penetrar sua névoa. Seus dedos cravaram na carne de Roth, mas ele não reagiu. Sua expressão era impassível quando ele começou a falar. Ela não conseguia ouvir suas palavras, não por causa do som de seu coração batendo em seus ouvidos. Ela estava vagamente ciente do fotógrafo pulando e dos flashes ofuscantes ocasionais, mas ela não desviou o olhar dele.

“Sra. Hennessy”, o ministro solicitou.

Ela piscou e viu Lyle segurando um anel para ela. Ela pegou a aliança de platina e olhou para Roth, que estendeu a mão. Ela a enfiou no dedo dele, imaginando por que ele tinha se dado ao trabalho de não ter usado uma na primeira vez.

“Agora, Sra. Hennessy, repita depois de mim.”

O conhecimento de que sua família estava testemunhando essa união e o fotógrafo estava capturando as fotos mais dramáticas para o mundo ver fez sua voz vacilar algumas vezes, mas os olhos de Roth a

comandaram a seguir em frente. Quando chegou a hora, Roth produziu uma delicada aliança de diamante, que complementava o já deslumbrante anel de noivado.

“Você pode beijar a noiva!”, disse o ministro com um sorriso.

Roth puxou o véu para trás. Ele levantou o queixo dela, e então sua boca estava na dela. Foi um beijo breve e forte, um lembrete de a quem ela pertencia. Ela era a Sra. James Roth mais uma vez. Ele recebeu um tapinha de congratulações nas costas de Rami, e suas irmãs aplaudiram enquanto Lyle observava com os olhos estreitos. Estava claro que ele ainda tinha sentimentos confusos sobre Roth. Ele não estava sozinho nesse ponto.

“Fotos, rápido! O céu está perfeito!” gritou o fotógrafo.

As famílias de suas irmãs as flanqueavam de ambos os lados. Kye se inclinou para ela e agarrou suas saias.

“Tia?” Kye chamou.

“Sim?”

“Você é casado?”

Ela colocou a mão na cabeça dele. “Sim.”

“Você vai ter filhos?”

A mão de Roth em sua cintura apertou. Ela manteve a voz leve. “Nem todo mundo tem bebês, Kye.”

“A tia Col fez”, ele disse.

“Agora não, Kye”, disse Ariana enquanto o fotógrafo pulava para cima e para baixo para fazer as crianças olharem para ela.

“E agora algumas fotos do casal feliz”, disse o fotógrafo.

“Comida!” Bailey gritou enquanto puxava Lyle em direção à casa. “Vamos, tio! Eles têm bolo!”

“Ok, vocês dois fiquem de frente um para o outro”, disse o fotógrafo.

Eles fizeram o que ela pediu.

“Vocês acabaram de se casar”, disse a fotógrafa enquanto os perseguia como um atirador de elite. “Vocês estão tão felizes. Sorriam, sorriam, sorriam. Ou... não. Vocês podem fazer isso também. Certo, olhem para o lago. Rosto suave, olhos suaves. Pensem na nova vida de vocês juntos. Queixo erguido, querida. Sim! Aí está.”

Ela estava tremendo. Não tinha certeza se era por causa da temperatura baixa ou do fato de que agora ela estava legalmente ligada a ele novamente.

“Você foi longe demais”, ela disse.

“É necessário”, ele murmurou.

“Rostos felizes!”, gritou o fotógrafo.

Os rostos de ambos assumiram expressões apropriadas para fotos de casamento.

“O que vai acontecer com Kaia?”, ela perguntou enquanto o fotógrafo tentava encontrar o ângulo certo.

A mão dele flexionou em volta da dela. “Nada.”

“Você promete?”

“As negociações terminaram.”

Ela balançou a cabeça e imediatamente parou quando ouviu o fotógrafo xingar. Ela tentou suavizar sua expressão enquanto a mulher mexia em seu véu e até mesmo o colocava sobre Roth para dar a impressão de que estavam em seu próprio mundo.

“Ok, olhem um para o outro e *sorriam*”, gritou o fotógrafo.

Isso estava além da compreensão dela naquele momento, e Roth só sorria quando estava ganhando dinheiro, então suas expressões permaneceram neutras, mas intensas.

“Ok, acho que conseguimos!”, anunciou o fotógrafo e correu para a casa.

Roth se desenrolou do véu e sustentou o olhar preocupado dela.

“Ela não tinha o direito de interferir”, disse ele.

"Eu não entendo."

“Você não precisa.” Ele entrelaçou as mãos deles. “Vamos entrar. Você está com frio.”

“Roth.”

Ele apertou a mão dela. “Não, acabou.”

Ela queria discutir esse ponto, mas viu Thea observando-os da janela e fechou a boca. Hora de tirar o pó de suas habilidades de atuação.

A sala de jantar formal que eles nunca usavam era decorada com louças que Thea havia desenterrado Deus sabe onde. Eles se sentaram ao redor da mesa enquanto a comida era servida, mas eventualmente migraram para a cozinha, onde se sentaram em bancos. Ela não se sentia confortável com as fotos pessoais e espontâneas que o fotógrafo continuava a tirar.

“Ela sabe o que está fazendo”, Roth a tranquilizou.

Quando ela se sentou, Bailey imediatamente subiu em seu colo. “Você parece uma princesa.”

"Obrigado."

“Posso ficar com seu buquê?”

“Claro que pode.”

Bailey espiou Roth que estava a alguns metros de distância falando com Rami. “Ele é seu marido agora?”

Seu estômago se apertou. “Sim.”

“Ele é legal?”

“Sim.” É melhor que ele seja legal com as sobrinhas e o sobrinho dela.

“Tia?”

Ela se concentrou novamente. “Sim?”

"Eu te amo."

Ela a abraçou. “Eu também te amo.”

As coisas podem estar ferradas entre ela e Roth, mas todos pareciam estar se divertindo. Lyle estava sendo civilizado, e suas irmãs estavam descansando no sofá perto da lareira com seus filhos empilhados em cima delas. Ela roubou Polara de Colette e Lyle o máximo possível e não conseguia se cansar de seus brilhantes olhos azuis. Ela observou suas irmãs que estavam mais relaxadas do que ela já tinha visto. Elas podem ser chefes, mas sua intuição lhe disse que estavam aliviadas por Roth ter intervindo. Elas estavam gratas por sua assistência e orientação. Roth tinha feito sua parte. Agora, ela tinha que fazer a dela.

Sarai fez um excelente trabalho com a comida servida e o bolo, que foi decorado com flores de açúcar que combinavam com seu buquê. Jasmine conversou com sua família, comeu e permitiu que Roth segurasse sua mão, a puxasse para seu colo e a deixasse alimentá-la com uma fatia de bolo de casamento. Ela sorriu para as câmeras enquanto seu interior permanecia congelado.

A noite caiu e muito em breve as crianças estavam prontas para dormir. Os fornecedores fizeram as malas, e a fotógrafa finalmente se despediu deles. Ela recebeu abraços de suas irmãs e cunhados que foram para outra ala da casa enquanto ela foi para a dela. Roth ficou lá embaixo no telefone.

Ela encontrou Thea em seu quarto. O cômodo estava decorado com um cobertor de pétalas de rosas brancas, a lareira estava acesa e velas tremeluziam ao redor do cômodo.

“Meu Deus, Thea”, ela disse.

“É o mínimo que eu poderia fazer.”

“O que eu faria sem você?” ela perguntou enquanto lhe dava um abraço apertado.

“Há algo que eu estava querendo—” Thea começou quando seus olhos foram para algo sobre seu ombro, e ela recuou. “Sr. Roth.”

Ele entrou na sala, os olhos observando as flores e velas. Se ele dissesse algo desagradável, ela iria—

“Obrigado pela sua ajuda hoje”, disse ele.

Thea não conseguiu esconder sua surpresa. “Claro, senhor. Qualquer coisa.” Ela deu um beijo na bochecha de Jasmine. “Parabéns, minha querida.”

Roth olhou ao redor da sala, que era um choque de infância e idade adulta. Ela tinha de tudo, de Susan Cooper e Harry Potter a Stephen King, Stephanie Laurens, Kristen Ashley e Charlaine Harris em suas prateleiras. Ela era louca por bugigangas, especialmente as de vidro, o que significava que ela tinha muitos pesos de papel em formas de animais ou flores. Ela também tinha gatos chineses acenando e outras coisas excêntricas que ela havia pegado em suas viagens.

Quando a porta se fechou atrás de Thea, ela tirou os saltos e ficou em frente à lareira, olhando para uma pintura de Rapunzel descansando em uma janela de sua torre, o cabelo caindo em cascata para um príncipe imaginário que não estava na moldura. A vida não era um conto de fadas. Ela entendeu esse conceito antes de completar cinco anos. Ela deveria ter jogado a pintura fora há muito tempo.

Ela fechou os olhos e deixou o cobertor de calor afastar o frio. O cheiro da madeira queimada e o ruído branco a acalmaram, mas aquela expressão no rosto de Kaia antes de ela ir embora a incomodava. O que faria uma mãe olhar para o filho daquele jeito? Ela pensou no Colorado e naquela longa disputa de olhares que Roth e Kaia tiveram em seu quarto de hospital. Na época, ela presumiu que Kaia tinha ficado chocada porque não o via há anos, mas agora ela não tinha tanta certeza.

Ela ouviu o farfalhar de roupas e enrolou os dedos dos pés no cobertor de pétalas de rosas ao senti-lo se aproximando atrás dela. Ela esperou que ele falasse, mas ele ficou quieto. *Esperando que ela fizesse o primeiro movimento*, ela pensou cinicamente.

“Conte-me sobre Kaia”, ela disse.

“Não.”

Quando ela ia se virar para encará-lo, ele a abraçou e a puxou firmemente contra ele.

“Você não pode me dizer não,” ela sibilou. “Não depois disso.”

“Isso é entre eu e ela.”

“Aparentemente não, se ela sentiu a necessidade de me avisar. Ela disse que você vai me arruinar. Que diabos, Roth?”

Ele enterrou o rosto no cabelo dela e inalou. “Eu fiz coisas que ela não aprova.”

“O que você fez, Roth?”

“Isso não é sobre ela. É sobre nós. *Isso* .” As mãos dele se espalharam sobre a barriga dela antes de subirem até os seios e apertarem enquanto ele a pressionava por trás. “Isso é tudo o que importa.”

“Sexo não resolve nada!”

Ele encontrou aquele ponto no pescoço dela e o lambeu com a língua.

“Não há nada para resolver. Você está de volta onde pertence, e tudo está como deveria ser.”

Seus olhos se fecharam contra sua vontade. “Isso está errado.”

“Pela primeira vez em anos, tudo está certo. Você sabe, mas continua lutando contra isso, lutando contra mim.” Os dentes dele arranharam sua nuca, e ela estremeceu. “Você pode lutar o quanto quiser. Você não vai vencer.”

Ela lutou contra o feitiço dele e olhou para as chamas enquanto perguntava: “Quando estávamos no Colorado, você já estava perseguindo Hennessy & Co?”

“Sim.”

A raiva venceu o desejo. Ela pisou no sapato dele com o calcanhar. Ele sibilou e, um segundo depois, levantou-a bem alto contra o peito, de modo que os pés dela ficaram balançando no ar.

“Comporte-se”, ele sibilou em seu ouvido.

“Eu tenho *me comportado* o dia todo. Você tem mexido nas cordas por semanas, me manipulando, me encurralando. Você tomou conta da minha vida, ameaçou minha família, *me ameaçou* . Estou farto. Me deixe ir.”

“Não.”

Quando ela tentou machucar sua canela, ele a carregou até a cama e a jogou em cima dela. Enquanto ela se debatia no mar de saias, ele a virou de costas e a puxou para a beirada da cama. Enquanto ela lutava para se sentar, ele abriu suas coxas. Ela congelou quando ele pressionou sua virilha contra a dela.

“Você quer começar nossa noite de núpcias comigo dando uma surra na sua bunda?” ele perguntou enquanto se aproximava dela.

“Esta não é uma noite de núpcias de verdade. É uma charada cara para que você possa solidificar seu governo em Nova York mostrando que tem o apoio da minha família.”

“É isso que você pensa?”

“Sim. Isto é sobre vingança.”

“Uma parte disso.”

“E as outras partes?”

Os olhos dele caíram para onde ele estava pressionado intimamente contra ela. “Você sabe o resto.”

Ele a puxou para uma posição sentada. Ela ficou tensa, pronta para socar seu pau. Ele a desarmou enfiando as mãos em seu cabelo e gentilmente puxando os grampos. Ela fechou os olhos enquanto lutava contra a onda de conforto causada pela simples ação. Isso era muito mais sedutor do que carícias sexuais. Ela balançou em direção a ele antes de se conter.

Ela cresceu sem abraços ou beijos. Afeição era algo que ela recebia em pequenas doses de Thea quando seu pai não estava olhando. Todos a mantinham à distância, com medo de incitar a ira de seu pai. No internato, os professores os pressionavam muito, sabendo que seus empregos seriam perdidos se os alunos não se destacassem. Quando ela estava noiva de Ford, ela ficava tonta com mãos dadas e beijos na bochecha. Ela estava faminta por toque. Roth parecia sentir isso e usou isso para prendê-la a ele. Ele se lembrava? Era por isso que ele passava a mão pelos cabelos dela lentamente, acalmando-a quando ela queria lutar? Quando ela tentou se afastar, ele pressionou o rosto dela contra seu abdômen e massageou sua nuca, persuadindo-a a relaxar. Como ela poderia resistir a ele? Ela não sabia como lutar contra seu ataque terno.

Ele vai te arruinar.

Seus olhos se abriram enquanto as palavras de Kaia ecoavam em sua mente. "Por que ela acha que você vai me arruinar?"

"Por que eu faria isso?"

"Para me punir por ter te abandonado?"

"Isso parece um castigo?"

Ela engoliu em seco. "Eu não sei como fazer isso."

Ela não sabia como compartimentar quando se tratava dele. Eles tinham história, então ele não era um foda sem rosto. Era uma vez, ele tinha sido seu melhor amigo e salvador, e agora... Ela não tinha a mínima ideia do que eles eram. Inimigos? Parceiros? Passaram-se apenas algumas horas do primeiro dia, e ele a tinha completamente fodida.

"Você não precisa fazer nada."

Ela fechou os olhos enquanto ele inclinava o rosto dela para o dele. Ele aliviou a tensão dela ainda mais cobrindo o rosto dela de beijos.

"Pare", ela disse enquanto seus olhos ardiam de lágrimas.

Os dedos dele viajaram pela garganta dela. "Minha mãe te contou que ela me chama de monstro?"

Os olhos dela se abriram e colidiram com os dele. "O quê?"

"Minha mãe acha que tem algo errado comigo. Ela costumava me levar a psicólogos para me internar." Ele se inclinou e deu um beijo sobre seu pulso acelerado. "Talvez ela esteja certa."

Ela agarrou um punhado do terno dele. "Roth."

"Eu não sou o que ela queria em um filho. Isso é algo que você e eu temos em comum. Nós nunca nos encaixamos em nossas famílias." Ele chupou seu pescoço e sorriu contra sua pele quando sua respiração engatou. Ele seguiu o tendão em seu pescoço até sua mandíbula e então sua orelha. "Você é uma Hennessy, herdeira de um dos maiores impérios do país. Você foi noiva de um Baldwin, um garoto de ouro que cresceu como você. Por fora, sua vida era perfeita, mas você estava procurando por outra coisa. Você encontrou em mim."

Ele levantou a cabeça e olhou para ela.

"Você me deu o que ninguém mais tem", ele disse.

"O que?"

A mão dele circulou a garganta dela. "Você me aceitou como eu sou. Você me escolheu quando ninguém mais o fez."

Quando ela tentou se afastar, a mão dele apertou sua garganta.

“Você me deu tudo. Como alguém pode se comparar a isso?”

“Pare com isso, Roth.” Ele estava abrindo velhas cicatrizes que nunca haviam cicatrizado completamente.

“Se você se casasse novamente, eu o teria destruído.”

Ela percebeu que ele falava sério.

“Se eu tivesse os nomes dos homens nos seus livros, os homens que você usou para me esquecer, eu os foderia.” Os olhos dele viajaram pelo rosto dela. “Tenha cuidado com quem você coloca entre nós.”

“Você disse—”

A mão dele se flexionou, interrompendo as palavras dela.

“Você perdoou seu pai por tudo o que ele fez. Por que não eu?”

“E-ele me amava.”

Os olhos dele se moveram sobre o rosto dela. “Você quer que eu te ame?”

“Não.”

“Por que não?” ele perguntou enquanto seu polegar acariciava seu pulso.

“Eu quero ser livre.”

“Sou um homem rico.”

“Dinheiro não é igual a liberdade, e você... você nunca estará satisfeito com o que tem. Eu já sei em que estrada você está. Eu já vivi essa vida. Eu não quero fazer parte disso.”

“Eu não sou como todo mundo.”

“Eu quero liberdade,” ela disse ferozmente. “Eu criei asas depois que te deixei. Eu voei sem você.”

“Vou queimar suas malditas asas.”

“Você me tem por um ano. Depois disso—”

A boca dele se fechando sobre a dela engoliu sua voz. Ele agarrou o cabelo dela, inclinando o rosto dela para ele. Sua mente ficou em branco enquanto ele inundava seus sentidos com ele — seu gosto, seu toque, sua vontade. Havia uma escuridão em Roth que a atraíu como uma mariposa para uma chama. As maneiras impecáveis de Ford não fizeram isso por ela. Foram a agressividade e as arestas de Roth que a atraíram. Ela queria autenticidade, uma mercadoria rara em seu mundo. As pessoas estavam constantemente protegendo suas apostas ou beijando a bunda de alguém por um favor. Roth não se curvou aos decretos de seu pai. Ele queria chegar ao topo por meio do trabalho duro. Naquela época, ele deixou claro que a desejava e nunca fez falsas promessas. Foi por isso que ela acreditou nele em Londres. Ele nunca mentiu.

A mão dele foi até o meio das pernas dela. A calcinha dela não era barreira. Ela agarrou o casaco dele e o puxou para perto dela. Ela não sabia como se sentir em relação a ele, mas o calor amargo que ele acendeu anulou sua raiva e mágoa. Ele estava certo. Isso era tudo o que importava. Ela só rezou para que queimasse antes que ela fosse chamuscada.

Ele gemeu quando descobriu o quão molhada ela estava. Quando ela balançou os quadris contra sua mão, ele xingou e se atrapalhou com as calças. Levou segundos para ele libertar seu pênis e afundar nela como se não pudesse suportar ficar longe dela. Ele separou suas bocas e pressionou sua testa contra a dela.

“Olhe para mim.”

Ela abriu os olhos. Ele olhou para ela enquanto deslizava até o punho. Ela envolveu o braço em volta do pescoço dele e pressionou a testa contra a dele. As camadas da saia dela estavam uma bagunça amassada

entre elas.

“Ninguém além de mim”, ele rosnou.

Ela acariciou sua barba e tocou a cicatriz em seu pescoço. “Eu sei.”

A mão dele veio sobre a dela e roçou o anel enorme. Ela viu o brilho escuro de satisfação nos olhos dele.

"Você é meu."

E ele era dela. Eles tinham trocado de papéis. Agora ele era o único procurado e admirado. Ele era um solteiro cobiçado que qualquer uma de suas amigas adoraria reivindicar. A reação de Dai a ele deslizou por sua mente, e ela cravou as unhas na nuca dele. Ele era o bad boy que fodia como um deus e daria a elas sujo. As mulheres sentiam isso instintivamente e fariam qualquer coisa para provar. Foi por isso que Dai deu em cima dele minutos depois que ele a fodeu. Elas queriam um homem para destruí-las como ele podia... Pelo próximo ano, essa fera era dela.

Ele envolveu a mão em volta da garganta dela e a empurrou para trás. Ele se agigantou sobre ela, seu peso pressionando-a para forçar-se o mais fundo possível. Ela engasgou, os membros sacudindo enquanto ela processava a dor e o prazer.

“Diga que você é minha”, ele exigiu.

A turbulência em seus olhos negros lhe disse que seu controle estava em frangalhos. Sua fachada estava rachando como sempre acontecia no quarto. Depois de semanas jogando seu jogo, ela não estava disposta a acenar a bandeira branca. Ela poderia usar seu anel e carregar seu nome, mas não lhe daria tudo.

"Jasmine", ele disse asperamente enquanto investia dentro dela, o rosto se contorcendo de prazer enquanto ela flexionava seus músculos internos para torturá-lo.

Ela puxou a camisa dele e ficou satisfeita quando os botões se soltaram. A mão dela roçou a carne quente dele antes que a mão em seu pescoço a forçasse para baixo novamente.

“Você é minha”, ele disse novamente.

Quando ela levantou as sobrancelhas para ele, deliberadamente não repetindo sua exigência, ele congelou. Ela sibilou enquanto ele se plantava profundamente.

"Você quer jogar?" ele perguntou enquanto agarrava o lábio inferior dela e mordia.

Quando ela não bateu, a mão dele pousou em seu clitóris e aplicou pressão, fazendo-a se contorcer. Ele soltou o lábio dela, e ela imediatamente passou a língua sobre ele, certa de que ele havia rompido a pele. Ele não havia, mas doeu pra caramba.

"Diga que você é meu antes que eu te foda com a boca."

“Isso é uma ameaça?” ela zombou. Ela não soou tão durona quanto queria porque estava ofegante como uma cadela no cio.

Ele se endireitou e a puxou para fora da cama. Ele a carregou em direção à lareira e a colocou de joelhos sobre as pétalas de rosas brancas. Quando ela olhou para ele, ele torceu uma mão em seu cabelo.

“Mãos atrás das costas”, ele ordenou.

Ela fez o que lhe foi dito. Ele parou por um momento, mas ela não hesitou. Ela segurou seus olhos e viu algo se mover no abismo negro antes que ele dissesse: "Abra".

Mais uma vez, ela obedeceu. Ele segurou sua cabeça firme com ambas as mãos enquanto deslizava em sua boca.

“Desde que te vi usando essa cor, isso é tudo que eu conseguia pensar.” Seus lábios se afastaram dos dentes enquanto ele afundava em sua caverna úmida. “Aqueles lábios roxos envolveram meu pau. Sim.”

Ela manteve contato visual enquanto ele se afastava e deslizava para dentro novamente. Ele parecia hipnotizado pela visão de seu pau desaparecendo em sua boca. Quando ele tentou se afastar novamente, ela se inclinou para frente, empalando-o profundamente em sua garganta. Roth inclinou a cabeça para trás e soltou um gemido atormentado enquanto ela engasgava e então se retirava.

“Jasmine, *foda-se* .”

Ele não tirou os olhos dela enquanto ela assumia o controle. O aperto pungente em seu cabelo se transformou em carícias enquanto ela o chupava como se sua vida dependesse disso. Seus olhos se fecharam e ele se afastou, sibilando entre os dentes. Sabendo que ele estava perto do orgasmo, ela o perseguiu.

“Porra! Você não sabe quando parar, não é?”

Ela lhe deu um sorriso desleixado enquanto o recapturava e enfiava a língua em volta dele. Ela puxou as calças dele para baixo e raspou as unhas em suas nádegas sensíveis. Ele empinou, e ela o tomou por inteiro.

“Porra, eu não consigo.”

Ele a empurrou para trás. Ela caiu de costas e abriu os braços no carpete grosso como se estivesse prestes a fazer anjos de neve. Ela suspirou quando ele abriu suas pernas e a preencheu. Ele apoiou os braços em ambos os lados dela com suas saias flutuando ao redor deles.

Ela sabia que seria difícil, e não estava errada. Ela gritou quando ele a jogou no chão, que definitivamente não era tão macio quanto a cama. Ele se retirou até que apenas a ponta estivesse dentro e então usou todo o seu peso para bater de volta para casa. Ele agarrou o decote de renda do vestido dela e puxou até que pudesse chegar aos seios dela. Os braços dele engancharam sob os joelhos dela, mudando a sensação.

"Venha", ele disse enquanto mordida o mamilo dela.

Ela se enrolou nele e deslizou em suas saias até que ele a fodeu perfeitamente, cada estocada enviando raios através dela. Ela mordeu seu pescoço enquanto gozava, arranhando e lutando contra a onda excruciante. Roth a prendeu no carpete e a fodeu com força suficiente para fazê-la pensar em bater. Quando ele gozou, ele a enrolou embaixo dele, mantendo sua bunda empinada enquanto ele derramava.

Quando ele caiu em cima dela, ela soltou um gemido lamentável. Ele enterrou o rosto no cabelo dela espalhado no carpete.

“Você não deveria me testar”, ele ofegou.

“Eu posso aguentar.”

Os dedos dele deslizaram sobre a boca inchada dela. “Diga-me.”

Ela sabia o que ele estava pedindo. Ainda assim, ela resistiu. Ele levantou a cabeça. Sua expressão era tão gentil quanto sempre seria quando ele tinha as feições desgastadas de um pirata.

"Jasmim."

Ela olhou para ele e não disse nada.

“Você é minha.” A mão dele foi até a mão dela e roçou o anel. “Legalmente, você está ligada a mim. Sexualmente, você não pode resistir.”

“Emocionalmente? Você não tem poder,” ela sibilou.

Sua expressão endureceu. “Eu vou quebrar você.”

“Não se eu te quebrar primeiro.”

Seus lábios se curvaram em um sorriso cruel. “Estou ansioso por isso.”

Ele se levantou. Ela fechou os olhos e apertou as pernas trêmulas. Ela ouviu o som de água corrente e então Roth estava de volta. Ele afastou as pernas dela e passou um pano quente e úmido sobre ela. Ela ficou lá e permitiu que ele fizesse o que quisesse enquanto ela flutuava. Quatro vezes ele foi e voltou do banheiro, enxaguando o pano antes de voltar. Ela fez uma careta quando ele tentou limpar sua maquiagem com lenços umedecidos.

“Roth! Lenços demaquilantes!”

"Onde?"

Ela lhe deu instruções e, quando ele as trouxe, ela deu um tapa na mão dele quando ele puxou seus cílios postiços.

"Dai vai surtar se souber o que você fez com este vestido", ela disse enquanto passava a mão no corpete rasgado.

“Eu paguei por isso. Posso fazer o que eu quiser.”

Ele a pegou no colo e a colocou na cama. Quando ela tentou puxar o vestido para baixo, ele a impediu.

“Ainda não obtive o retorno do meu investimento.”

Ele se esticou ao lado dela, envolveu uma camada de cetim em volta do seu pau e fechou a mão dela em volta dele. Ela se inclinou para o lado e ficou confortável enquanto o acariciava. Os olhos dele percorreram o rosto dela, avaliando e catalogando. Quando ela não conseguiu suportar a avaliação dele por mais um segundo, ela deslizou para baixo e usou a boca nele novamente. Desta vez, quando ele gozou, ele mirou nas saias brancas como a neve dela. Ela fez uma careta quando os olhos dele se fecharam.

“Você não vai me ajudar a sair disso?”

Ele a aninhou contra seu lado. “Durma nela.”

“Não consigo dormir com isso! É apertado e desconfortável.”

A mão dele roçou nas saias fofas. “Me dê dez minutos. Quero te foder mais uma vez com isso. Então você pode dormir.”

Capítulo 21

Quando acordou, o quarto ainda estava escuro. O fogo já havia morrido há muito tempo, deixando um frio no ar. Ela rolou para longe de Roth, que estava de bruços e roncando levemente. Ela estremeceu ao se endireitar. Ele a havia colocado à prova na noite passada. Ela pisou no vestido rasgado e sujo a caminho do banheiro. Tomou banho antes de descer as escadas. A casa ainda estava silenciosa. Ela não podia ter dormido mais do que quatro horas, mas sua mente estava bem desperta. Ela preparou uma xícara de café e

foi para seu santuário. Parou em frente à mesa do pai e deu a ele um bom dia silencioso antes de acender o fogo. Ela se acomodou no sofá com seu caderno e ouviu o estalo e o estalo agradáveis.

As palavras de Kaia ainda flutuavam em sua mente, mas ela não conseguia pensar nelas. Estava feito. Ela se casou com ele. Roth podia ser um babaca implacável, mas um monstro? Apesar do fato de que ele a chantageou e gastaria centenas de milhões em nome da vingança, ela não achava que ele precisava ser internado. Se sim, seu pai também estaria nessa categoria. Homens como eles não reconheciam a palavra não e nunca esqueciam uma ofensa. Era isso que os levava a serem os melhores e a ter sucesso em um mundo que queria derrubá-los. Eles eram lutadores.

"Perder?"

Ela se virou e viu Thea pairando perto da porta. "O que você está fazendo aqui tão cedo?"

"Vim fazer café da manhã para todos e esperava encontrá-los sozinhos." Thea avançou para o quarto com as mãos atrás das costas. "Tentei falar com você ontem, mas fui a última a saber."

"O que você está falando?"

Ela levantou um envelope. "Isto é do seu pai."

O coração dela disparou. Ela se levantou de um salto e correu em sua direção. "Eu tenho uma carta? Por que você esperou tanto tempo para me entregar?"

Ela pegou o envelope pesado, que tinha seu nome escrito na frente, com a caligrafia ousada do pai.

"Eu tinha ordens."

"Que ordens?" ela perguntou enquanto quebrava o selo do envelope.

"Fui instruída a lhe dar isso somente se você se envolvesse com..." Thea olhou de volta para a porta antes de sussurrar, "Sr. Roth."

Quando ela congelou, Thea assentiu vigorosamente.

"Ele me disse para dar a você diretamente e não confiar a ninguém. Tentei dar a você antes do casamento, mas não consegui pegar você sozinha. Sinto muito."

"Não entendo", ela disse.

"Eu também não, senhorita. Espero... Espero que não seja tarde demais."

Ela enfiou a mão no envelope e tirou o papel timbrado pessoal do pai e um disco. Ela desdobrou a carta.

Jasmine,

Se você está lendo isso, você quebrou sua promessa para mim, e James Roth está de volta em sua vida. Não o deixe entrar. Ele vai tirar o que ele quer de você e te deixar sem nada. Ele não é o tipo de homem que você quer em sua vida. Ele—

"O que é isso!"

O silvo de pânico de Thea quebrou sua concentração. Ela levantou a cabeça para descobrir que Roth havia entrado na biblioteca e estava diminuindo a distância entre eles. Ela escondeu o disco e a carta atrás das costas enquanto Roth segurava seu rosto.

"Você não deve sair da cama antes de mim", ele disse antes de lhe dar um beijo profundo.

Ela não conseguia participar quando seu coração estava na garganta. Ele se afastou e olhou para ela com atenção.

"O que está errado?"

"Nada."

A mão dele foi para trás das costas dela e roçou na carta. Ela cambaleou para trás.

"Te encontro na cozinha", ela disse com um sorriso brilhante.

Seus olhos se estreitaram em fendas. "O que está acontecendo?"

"Nada. Só me deixe—"

Ele agarrou o braço dela e o forçou a girar. Ele arrancou a carta de suas mãos e a segurou no alto quando ela pulou para pegá-la.

"Roth! Isso não é para você!" ela gritou.

"Esta é a letra do seu pai", ele disse calmamente.

"Dê-me isso!"

Ele se virou para longe dela e começou a ler a carta. Ela ficou gelada de pânico e viu Thea observando com as mãos sobre a boca. Jasmine enfiou o disco na parte de trás das calças e foi atrás de Roth, que andava em direção à janela enquanto lia. Ela correu em direção a ele e mergulhou para pegar a carta.

"Roth, dá pra mim!"

Ele agarrou o pulso dela e torceu seu braço, forçando-a a cair de joelhos ou correr o risco de quebrá-lo.

"Roth!" ela gritou.

"Senhorita!" Thea gritou e correu em direção a eles.

"Onde diabos está esse disco?" ele rosnou.

Ela olhou para cima com os olhos marejados. A máscara dele tinha sumido. O que quer que seu pai tivesse escrito na carta o tinha deixado furioso. O aperto em seu braço não era uma ameaça, era uma promessa. O homem que ela tentou e provocou durante a noite se foi. Ela estava olhando para um estranho capaz de qualquer coisa.

Ele a soltou quando Thea os alcançou. Ela embalou seu ombro latejante enquanto lágrimas de dor escorriam por seu rosto. Ela o viu parar em frente ao fogo e fazer um movimento rápido.

"Não!"

Ela cambaleou em direção à lareira e caiu de joelhos na frente dela. A carta estava empoleirada em um tronco. Quando ela alcançou as chamas, ele a puxou de volta.

"Me solte! Essa é a última coisa que tenho dele!" ela gritou.

Ela observou com olhos horrorizados enquanto as chamas lambiam o canto da carta. Laranja rasgou as páginas finas. Ela viu a tinta sangrar um momento antes de o preto queimá-las, as palavras de seu pai desaparecendo para sempre em um piscar de olhos. Quando ele a soltou, ela se ajoelhou sobre as mãos e joelhos, olhando para a última mensagem de seu pai transformada em cinzas. Ela não conseguia respirar.

Ela sentiu seu suéter subir, e um momento depois, o disco foi puxado da parte de trás de suas calças. Ela girou enquanto Roth caminhava até a mesa de seu pai. Ela cambaleou para ficar de pé quando ele agarrou uma estátua de ouro e a derrubou no disco.

"Roth, pare!"

Ela correu pelo escritório enquanto ele derrubava a estátua mais três vezes. Quando ela arrancou a estátua danificada das mãos dele, o disco estava quebrado. Roth pegou os pedaços e voltou para a lareira e jogou os cacos antes de se virar para ela.

“De onde diabos veio essa carta?” ele perguntou suavemente.

Sua boca secou, e ela abriu a boca, mas nenhuma mentira veio à mente. Ele se virou para Thea, que tinha as mãos sobre a boca. Ele começou a andar em direção à mulher mais velha com um passo decidido. A governanta recuou, as mãos levantadas para se proteger de um golpe.

“Roth, não!”

Ele agarrou Thea pela garganta. Mesmo à distância, ela viu os olhos de Thea se arregalarem de terror enquanto ela envolvia as mãos em volta do pulso dele.

“Há mais evidências?” Ele a sacudiu como uma boneca de pano. “Responda-me!”

Jasmine bateu nele. “Roth, solte-a!”

Ele a ignorou e inclinou a cabeça de Thea em um ângulo que a fez congelar.

“Putá merda, Roth, você vai matá-la!”

“Diga-me se há mais evidências antes que eu quebre seu pescoço”, ele disse em uma voz que ela nunca tinha ouvido antes.

“Não,” Thea disse roucamente. “Não mais.”

“O que diabos está acontecendo aqui?”

Roth soltou Thea que caiu no chão, ofegante e engasgando enquanto sua família se aglomerava na porta. Jasmine caiu de joelhos ao lado de Thea enquanto Lyle avançava para dentro do quarto.

“Que porra é essa, Roth?” Lyle rugiu.

Polara começou a chorar, forçando Colette a recuar para fora do quarto. Ariana levou Kye e Bailey para longe também, enquanto eles a encaravam com olhos inchados do tamanho de pires.

“Thea, você está bem?” Jasmine sussurrou enquanto lágrimas de pânico escorriam por seu rosto. “Eu sinto muito.”

“O que aconteceu? Você—” Rami caiu de joelhos ao lado deles e viu as marcas na garganta de Thea. Ele lançou um olhar atordoado para Jasmine. “O que está acontecendo aqui?”

Ela o ignorou. “Thea, devo chamar uma ambulância? Você consegue falar? Há algum dano? Eu—”

Thea apertou a mão dela e balançou a cabeça enquanto sua mão trêmula roçava sua garganta.

“Você não pode falar,” ela percebeu. “Rami—”

“Roth, me diga o que diabos está acontecendo, ou eu chamo a polícia”, gritou Lyle.

Roth estava em pé na frente do fogo, com as mãos nos bolsos. Quando Lyle se aproximou, ele se virou. Estava claro que Roth estava pronto para uma briga física. Ela sabia que Lyle poderia se defender, mas havia algo sobre Roth... Ele não jogava limpo e não se importava com quem era seu oponente. Um exemplo: ele tinha acabado de atacar uma mulher idosa sem hesitação. *O psicólogo diz que ele não tem empatia. Isso permite que ele se concentre em seus objetivos sem deixar ninguém atrapalhar.* As palavras de Kaia passaram por sua mente enquanto ela se levantava. Os olhos de Roth se voltaram para ela. Era um aviso claro para ficar para trás. Ela ignorou o aviso. Era a família dela que ele estava atacando.

“Roth, não!”

Lyle parou a alguns metros de Roth e estendeu a mão, também indicando que ela deveria ficar para trás.

“Explique o que diabos está acontecendo aqui, Roth”, Lyle ordenou.

“A governanta deu a Jasmine algo de seu pai”, disse Roth.

“E o que foi isso?” Lyle exigiu.

Roth olhou para além dele e a perfurou com seu olhar. “Chantagem.”

Ela sentiu o fundo do estômago cair. Atrás dela, ela podia ouvir vozes e movimento, mas não conseguia se mover. Ela estava soldada ao local.

“Maximus me chantageou. Ele me disse que destruiria as evidências se eu concordasse com seus termos. Ele me enganou.”

“E ele entregou para a governanta?” Lyle perguntou, tentando seguir a lógica.

Houve cinco segundos de silêncio antes que eu percebesse.

“Ele deu à governanta provas contra você, caso você voltasse a aparecer”, Lyle supôs.

Roth olhou para ele sem expressão. Lyle se virou para ela.

“Cadê?”

“Ele destruiu”, ela sussurrou.

“Você viu isso?”

Ela balançou a cabeça.

Lyle se virou para Roth. “Não levou nem 24 horas para você estragar tudo. Estamos saindo daqui.” Ele virou as costas para Roth. “Vamos, Minnie.”

“Ela não vai a lugar nenhum”, disse Roth.

“Eu não vou deixá-la com você”, Lyle rosnou enquanto pegava seu braço.

“Toque nela e eu vou te dar uma surra.”

Lyle ficou tenso. “Gostaria de ver você tentar.”

“Lyle, pare!” Ela pressionou uma mão contra o peito arfante dele. “Você... você deveria ir embora.”

“Eu não vou deixar você com ele.”

Ela agarrou o braço de Lyle para chamar sua atenção. “Você precisa ir.”

“Eu não sou-”

“Estou bem”, ela disse com a voz morta.

“Você não está bem. Não vou deixar que ele abuse de você.”

“Ele não,” ela mentiu enquanto seu ombro latejava. “Por favor, Lyle. Apenas vá.”

“Eu posso te tirar dessa”, ele disse. “Você não precisa aturar ele. Se ele está te usando de alguma forma—”

“Ele não está,” ela resmungou e empurrou contra o peito dele. “Por favor.”

Lyle olhou para ela por um longo minuto antes de lançar um olhar assassino para Roth. “Se eu encontrar um hematoma nela, vou fazer o que Maximus nunca fez e chamar um golpe na sua bunda.” Ele beijou sua têmpora. “Prometa que vai ligar.”

“Eu vou”, ela disse instantaneamente.

“Levaremos Thea.”

“Sim, por favor, leve-a para um check-up. Certifique-se de que ela está bem,” ela disse roucamente.

Lyle lançou mais um olhar para Roth antes de sair da biblioteca. Ela olhou fixamente para a frente enquanto ouvia o som de sua família partindo. Quando a porta da frente bateu, e o som de carros descendo a calçada os deixou em um silêncio zumbidor, ela finalmente olhou para ele. Ele havia retomado sua postura em frente ao fogo. Sua máscara estava de volta no lugar, e ele parecia imperturbável pelo que havia acontecido. A ira que explodiu dele havia desaparecido como se nunca tivesse existido. O único sinal de destruição era a estátua quebrada e os novos cortes na mesa de seu pai.

“O que você fez?” ela sussurrou.

Ele não disse nada.

“Você orquestra essa farsa de casamento para convencer minha família de que estamos fazendo as coisas certas dessa vez, e então você fode tudo. O que diabos há de errado com você?”

“Isso foi lamentável.”

“Infelizmente”, ela repetiu e então gritou: “Você está falando sério?”

Ela correu pela biblioteca. Ele se virou quando ela parou ao lado dele. A mão dela doeu quando ela o esbofeteou com toda a força que tinha. A cabeça dele virou para o lado. Quando ela tentou acertá-lo novamente, ele agarrou seus pulsos e a segurou enquanto ela lutava com ele como uma coisa selvagem.

“Seu porco vil e nojento! Como ousa? Você destruiu a última coisa que meu pai me deu. Você machucou *Thea*. Como pôde fazer isso com ela? O que diabos há de errado com você?”

"Acalmar."

“Foda-se a calma! Sobre o que ele te chantageou, Roth?”

Seu olhar se afiou. “Você não leu a carta.”

“Não tive tempo de ler mais do que algumas linhas antes de você entrar! Me solte. Não quero que você me toque.”

Ele a soltou, e ela se afastou, braços em volta da cintura enquanto a bile subia. Ela sentiu como se uma bomba tivesse explodido em seu rosto. Ela estava atordoada e ainda tentando processar o caos. Ela parou em frente às enormes janelas e olhou para o lago. O sol havia nascido, espalhando luz sobre a bela e tranquila cena. Tudo parecia como deveria, mas seu mundo parecia ter virado de cabeça para baixo. Algo feio e maligno havia irrompido em seu santuário, e ela não sabia o que fazer a respeito.

Se você está lendo isso, você quebrou sua promessa para mim, e James Roth está de volta em sua vida.

Ela colocou a mão sobre a boca para abafar o soluço. Se seu pai pudesse vê-la agora, ele perderia a porra da cabeça. Mas que escolha ela tinha? Se não... Várias coisas colidiram em sua mente e seu sangue gelou. Ela se virou e o encontrou parado a vários metros de distância. Ele a observava atentamente, esperando.

“Você voltou depois que ele morreu”, ela disse entorpecida.

Sua expressão neutra não mudou. Não havia emoção em seus olhos; eles eram de um preto fosco que não revelava nada.

“É por isso que você voltou para os Estados Unidos.” Ela envolveu a mão em volta da garganta enquanto ela começava a inchar. “Se ele estivesse vivo, você não conseguiria chegar perto de mim.”

O silêncio fez sua pele arrepiar.

“Estou certa, não estou?” ela sussurrou.

Depois de vê-lo em ação, sua imobilidade fez os pelos da nuca dela se arrepiarem.

Ela deu um passo para trás. “Ele chantageou você para assinar os papéis do divórcio.”

Assim como fez naquele corredor vazio do hospital no Colorado, ele se moveu com ela, bloqueando a saída.

“Você deu a Maximus uma razão para cavar e descobrir algo que deveria ter permanecido enterrado”, ele disse calmamente.

O terror a atravessou. Ela levantou uma mão enquanto recuava. “Cai fora, Roth. Isso foi um erro.”

“Eu não vou te machucar.”

Ela soltou uma risada rouca que fez seus olhos se encherem de lágrimas. “Você espera que eu acredite nisso depois do que você fez com Thea? Depois que você quase quebrou meu braço?”

Ele estendeu a mão. “Venha, deixe-me colocar gelo.”

“Foda-se. Fique longe de mim.”

Sua expressão endureceu. “Isso não muda nada.”

Ela parou no meio do caminho e olhou para ele incrédula. “Como você pode dizer isso? Isso muda tudo. Primeiro sua mãe e depois um aviso do meu pai do túmulo.” Um pensamento passou por sua mente, e ela ficou tensa. “Ambos sabem do mesmo segredo?”

Ele parou de perseguir e foi até ela com um propósito. Ela congelou ao vê-lo correndo em sua direção e girou no último segundo, passando por ele e correndo em direção à porta. Ela não ouviu nenhum som atrás dela. Ela estava tão perto da porta. Talvez Mo ou Johan pudessem...

Um braço envolveu sua cintura, puxando-a para parar com tanta força que ela pensou que ia vomitar. Ele a puxou de volta para si e enterrou o rosto em seu cabelo.

"Não fuja de mim, porra."

Ela estava tão assustada que não se mexeu, mal respirava.

“Eu te disse, não vou te machucar.”

Ele a colocou no chão, agarrou seu braço e a levou para fora da biblioteca. Ela o seguiu em um torpor estupefato enquanto ele entrava na cozinha e vasculhava o freezer em busca de gelo. Ele a empurrou para a ilha de madeira e ficou de olho nela enquanto enrolava um pano de prato em volta de um saco de vegetais congelados. Quando ele cutucou seu ombro, ela sibilou e se afastou dele. Um músculo ficou tenso em sua mandíbula enquanto ele pressionava o saco em seu ombro.

"Desculpe."

Ela manteve os olhos baixos, incapaz de olhar para ele. Tudo o que conseguia pensar era na expressão aterrorizada de Thea. Ele estava a segundos de—

Quando ele segurou seu queixo, ela quase caiu de cara para fora da ilha em um esforço para se afastar dele. Ele soltou um rosnado baixo enquanto a colocava onde a queria e se colocou entre seus joelhos, encurralando-a.

“Agora você está com medo de mim?” ele sibilou.

“Eu seria um tolo se não fosse.”

Ela arriscou um olhar para o rosto dele. Ele estava carrancudo, e quando ela brevemente encontrou seus olhos, ela viu que a raiva selvagem ainda estava lá, apenas acumulada. Ela desviou o olhar.

Nenhum dos dois disse uma palavra enquanto ele ajustava a bolsa de gelo no ombro dela. O relógio na parede tiquetaqueava enquanto perguntas rolavam pela mente dela. Quando ela não conseguiu mais suportar o silêncio, ela falou.

“O que você fez de tão horrível que você mataria para manter esse segredo?” ela sussurrou.

Quando ele não respondeu, ela olhou para cima e o viu olhando para o lago pela janela.

“Você faz parte da máfia?”, ela perguntou, esperando uma reação.

Nenhuma resposta.

“Você roubou de alguém?”

Nada.

“Assassinato?” ela sussurrou com a voz rouca.

Ele se virou para ela, o rosto completamente inexpressivo. “Você nunca saberá.”

Ela balançou a cabeça. “Eu não consigo fazer isso.”

"Você vai."

Ela olhou para ele. “Você não pode estar falando sério.”

“Um ano, Jasmine.”

"Mas..."

“Eu esperava que pudéssemos ser civilizados dessa vez, mas Maximus interferiu de novo.” Seus olhos espetados nos dela. “Mas ele está muito atrasado.”

“Você acha que minha família não vai lutar com você depois que eles viram você atacar uma mulher indefesa? Quando eles sabem que o papai te chantageou sobre alguma coisa?”

“Eu não precisava da aprovação da sua família. Era só uma tática para facilitar as coisas, mas o dano já está feito.”

“Isso nunca vai funcionar!”

"Ele vai."

Em que diabos ela tinha se metido? “O que você vai fazer comigo, Roth?”

“Nada.” Ele passou a mão pela bochecha dela e travou o maxilar quando ela se afastou bruscamente.

“Eu não vou te machucar.”

O olhar dela caiu para a bolsa de gelo que ele segurava contra o ombro dela. “Você já fez isso.”

“Já fiz coisas muito piores.”

Gelo se espalhou pelo seu peito. “Você realmente é um monstro,” ela sussurrou.

“Eu sou,” ele concordou. “E agora você tem que viver com isso.”

Fim...